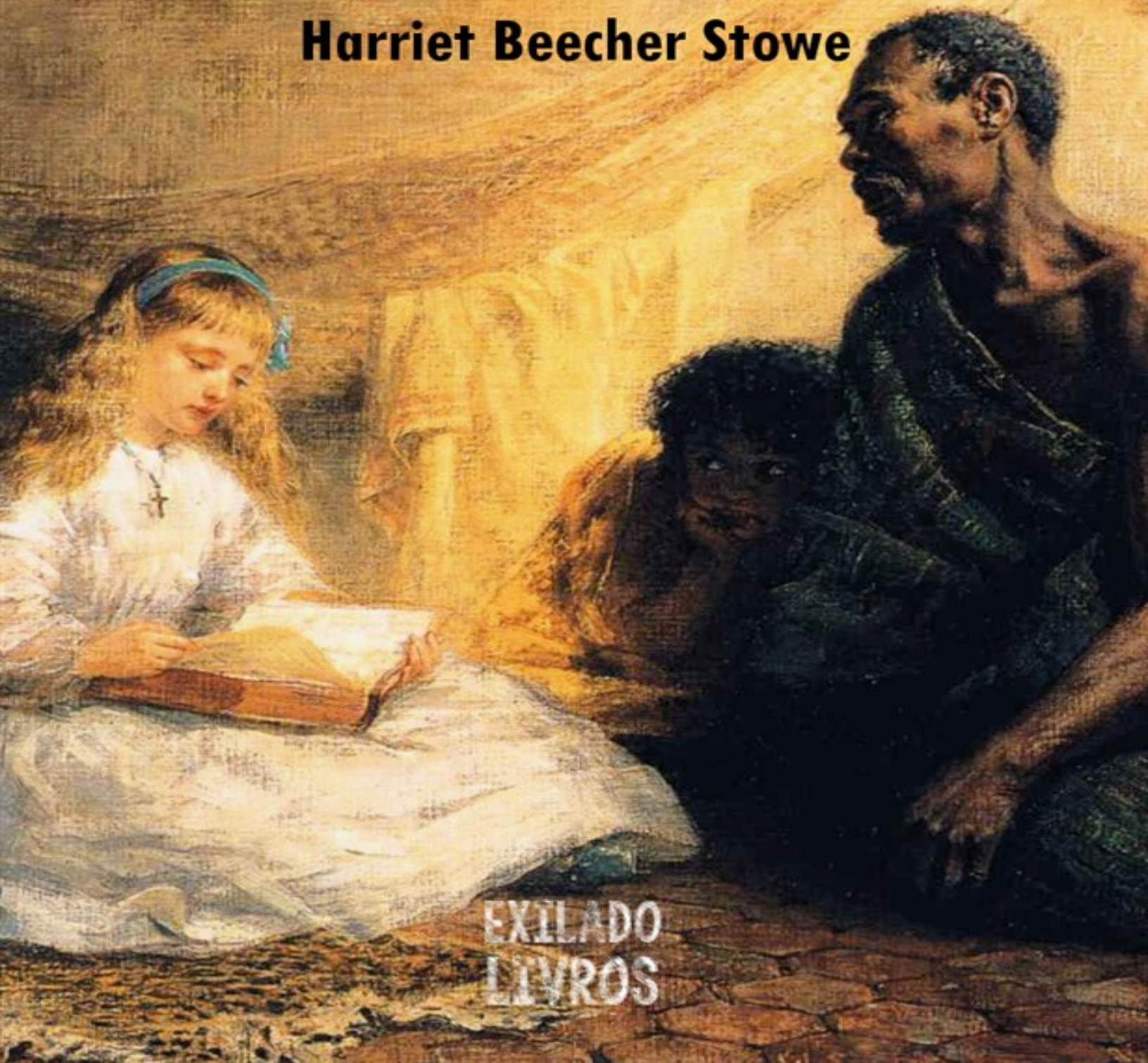


# A Cabana do Pai Tomás

**Harriet Beecher Stowe**



EXILADO  
LIVROS

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **A Cabana do Pai Tomás**

Harriet Beecher Stowe

Título original: Uncle Tom's Cabin

Versão portuguesa: Ricardo Alberty

Editorial Verbo

Clássicos Juvenis

## Sinopse

O Senhor Shelby viu-se forçado a vender Tom — o melhor dos seus escravos. O Pai Tomás, casado e pai de três filhos, dirigia a propriedade do patrão.

É o relato comovente da sua cruel separação da família e da vida repleta de sofrimento que teve de enfrentar que faz desta obra um verdadeiro manifesto contra a escravatura.

"A Cabana do pai Tomás" é uma história de fé, coragem, determinação, perseverança e luta.

Harriet Beecher Stowe, que conhece de perto a realidade do cenário que narra, passa ao leitor um sentimento de revolta e indignação ao apresentar detalhadamente o comércio "legal" de seres humanos e a forma bruta e selvagem com que os senhores tratavam os negros a fim de obterem mais lucros em suas propriedades.

Este registro literário contribui intensamente para a abolição da escravatura. Basta observar que, dois anos depois de seu lançamento, surgiu o Partido Republicano, que abraçou a causa abolicionista. A autora chegou até mesmo a merecer do presidente norte-americano, Abraham Lincoln, esta consideração:

— Foi a senhora que, com seu livro, causou essa grande guerra (a guerra entre os estados).

# Sumário

[Onde o leitor trava conhecimento com um homem](#)

[A mãe](#)

[Marido e pai](#)

[Um serão na cabana do Pai Tomás](#)

[Onde se vêem os sentimentos da mercadoria humana quando muda de proprietário](#)

[Descoberta](#)

[Angústias de mãe](#)

[Onde se vê que um senador não passa de um homem](#)

[Entrega da mercadoria](#)

[Em casa dos Quakers](#)

[Evangelina](#)

[O novo senhor de Tom](#)

[A Senhora de Tom e as suas opiniões](#)

[Como se defende um homem livre](#)

[Experiências e opiniões da menina Ofélia](#)

[Topsy](#)

[Kentucky](#)

[O ramo pende, a flor murcha](#)

[Henrique](#)

[Sinistros presságios](#)

[A morte](#)

[Tudo acaba](#)

[Reunião](#)

[Os abandonados](#)

[O mercado de escravos](#)

[A travessia](#)

[Lugares sombrios](#)

[Cassy](#)

[Penhores da ternura](#)

[Liberdade](#)

[Vitória](#)

[O mártir](#)

[O jovem senhor](#)

[Resultados](#)

[O libertador](#)

## Capítulo I

### Onde o leitor trava conhecimento com um homem

Ao cair da tarde de um fresco dia de Fevereiro, dois senhores estavam sentados em frente de uma bebida, numa casa de jantar bem mobilada, na cidade de P., no Kentucky. Não havia ninguém em volta, e os dois senhores muito perto um do outro, pareciam discutir qualquer assunto com grande interesse.

Por delicadeza, empregámos até aqui a palavra senhores. Mas um deles quando observado com atenção, não parecia merecer este título. Era baixo e gordo, tinha feições grosseiras e vulgares, e o seu ar ao mesmo tempo pretencioso e insolente revelava o homem de condição inferior que quer vencer na vida e abrir caminho à custa de empurrões. Vestia com exagero: colete de cetim brilhante e colorido, gravata azul salpicada de pintas amarelas, com o nó empolado, absolutamente de acordo com o aspecto do dono. Tinha as mãos curtas e grossas cobertas de anéis e usava uma corrente de relógio de ouro, com um molho de berloques gigantescos que, no entusiasmo da conversa, fazia tilintar com evidente satisfação. A sua maneira de falar era um constante e audacioso desafio à gramática de Murray, ornamentada de vez em quando com termos bastante profanos, que o nosso interesse em sermos exactos não nos permite contudo transcrever.

O seu companheiro, o Senhor Shelby, tinha, pelo contrário, todo o aspecto de um cavalheiro, e a disposição e os arranjos da casa indicavam uma vida desafogada e até opulenta. Conforme já dissemos, os dois homens travavam uma animada discussão.

— É assim que tenciono resolver — dizia o Senhor Shelby.

— Dessa maneira, não posso, Senhor Shelby, não posso! respondeu o outro, levantando o copo para ver o líquido através da luz.

— Mas, Haley, o facto é que o Tomás não é um homem vulgar; vale esse dinheiro em qualquer parte: é fiel, competente, e dirige a minha propriedade como um relógio.

— Honesto! Quer dizer, até onde um negro pode ser honesto — continuou Haley, servindo-se de mais brande.

— Não! Quero dizer verdadeiramente honesto, organizado, inteligente e religioso. Converteu-se há quatro anos, quando passou por aqui uma missão itinerante. E eu acredito que a sua fé seja sincera. A partir desse dia, confiei-lhe tudo quanto possuo: dinheiro, casa, cavalos, e deixo-o andar à vontade pela região. Sempre me deu provas de que é seguro e fiel. Tenho pena de me separar de Tom, confesso... Vamos, Haley, ficam saldadas as nossas contas... Será assim... se o senhor tiver um pouco de consciência.

— Tenho tanta consciência como qualquer outro homem de negócios. A suficiente para poder jurar sobre ela — disse o mercador em ar de graça —, e por isso estou pronto a fazer tudo o que seja razoável para agradar aos amigos... mas os tempos estão difíceis, muito difíceis.

O negociante suspirou com ar compungido, e serviu-se novamente de brande.

— Então, Haley, quais são as suas últimas condições? — perguntou o Senhor Shelby, após uns instantes de silêncio embaraçoso.

— Não tem qualquer coisa, um rapaz ou uma rapariga, que pudesse fazer um lote com o Tom?

— Hum! Em todo o caso, ninguém que eu possa dispensar. Para ser franco, só uma grande necessidade me obriga a vender. Não gosto de me separar dos meus ajudantes, esta é a verdade.

Nesse momento a porta abriu-se, e um rapazinho mestiço, de quatro ou cinco anos de idade, entrou na sala. Era extraordinariamente bonito e simpático. O cabelo preto, fino como seda, caía em caracóis reluzentes em volta do rosto redondo, com covinhas nas faces; dois grandes olhos negros, cheios de ternura e brilho, miravam através das pestanas fartas e longas. Olhou com curiosidade em redor da sala. Vestia uma túnica de xadrez amarelo e vermelho, cortada com esmero e justa ao

corpo, de maneira a pôr em relevo todos os pormenores da sua beleza de mulato; juntou-se a isto um certo ar de segurança cómica, misturada

de timidez, que revelava bem ser ele o favorito mimado do seu senhor.



— Anda cá, mestre Corvo — chamou o Senhor Shelby, dando um assobio e atirando-lhe um cacho de uvas... — Vá! Apanha!

O rapaz saltou com toda a força dos pequenos membros, e agarrou a presa, enquanto o senhor ria.

— Agora, Jim Corvo, mostra a este senhor como sabes cantar e dançar.

A criança começou uma daquelas canções grotescas e selvagens, bastante comuns entre os negros. Tinha a voz clara e timbrada, e acompanhava o canto com movimentos muito cómicos, das mãos, dos pés, e de todo o corpo, ao ritmo exacto da música.

— Bravo! — exclamou Haley, atirando-lhe um quarto de laranja.

— Agora, Jim, imita o andar do velho Cudjox quando está com reumatismo.

No mesmo instante, os membros flexíveis do garoto contorceram-se e deformaram-se, ao mesmo tempo que lhe aparecia entre os ombros uma corcunda, e, pegando na bengala do seu senhor, coxeou pela sala, mimando no rosto infantil a velhice dolorida, cambaleando da esquerda para a direita como um octogenário.

Os dois homens riam à gargalhada.

— Agora, Jim — disse o senhor —, mostra como canta o velho Eldec Bobbens na igreja.

A criança alongou desmedidamente a cara redonda, e com uma gravidade imperturbável, começou uma ladainha fanhosa.

— Viva! Bravo! Que rapaz tão engraçado! — disse Haley. — Está resolvido — E pondo a mão no ombro do Senhor Shelby, acrescentou:

— Levo este rapaz, e fica o assunto arrumado... Não sou uma pessoa condescendente, hã?

Naquele momento a porta abriu-se devagar, e uma jovem escrava mestiça, com cerca de vinte e cinco anos, entrou na sala. Bastava uma rápida comparação entre ela e a criança, para se ficar com a certeza de que eram mãe e filho.

Tinha os mesmos olhos pretos e brilhantes, com as mesmas pestanas compridas; os mesmos cabelos negros e sedosos... O traje, de um asseio impecável, fazia realçar toda a beleza da sua elegante figura. As mãos delicadas, os pés pequenos e os tornozelos finos não podiam escapar aos olhos sagazes do negociante.

— O que há, Elisa? — perguntou o senhor, quando ela parou e ficou a olhar com hesitação...

— Desculpe, senhor, vinha à procura do Harry...

A criança correu para ela, mostrando o prémio que juntara no regaço da sua túnica.

— Então leva-o — disse o Senhor Shelby. Ela saiu rapidamente, levando o filho nos braços.

— Por Júpiter! — exclamou o mercador —, isto é o que se chama um bom artigo! Com esta rapariga pode fazer uma fortuna em Orleães quando lhe apetecer! Já vi contar notas de mil por raparigas que não davam pelos calcanhares desta.

— Não preciso de fazer fortuna à custa dela — respondeu secamente o Senhor Shelby. E, para mudar de conversa, abriu outra garrafa de brande e perguntou ao companheiro que tal achava a qualidade.

— Excelente! De primeira ordem! — disse o negociante. Depois, voltando-se e batendo familiarmente no ombro do Senhor Shelby, acrescentou: — Vamos, quanto quer pela rapariga? Prefere que eu ofereça, ou prefere pedir?

— Senhor Haley, a rapariga não é para vender. A minha mulher não a dispensava nem pelo seu peso em ouro.

— Eh Eh As mulheres dizem sempre isso porque não sabem fazer contas. Mas mostrem-lhes quantos relógios, plumas e berloques poderão comprar com o peso em ouro de uma pessoa, e mudam logo de opinião, aposto.

— Repito, Haley: não vale a pena falar do assunto. Digo que não, e está dito! — respondeu Shelby com firmeza.

— Então ceda-me o rapaz — disse o mercador. — Concorde que bem o mereço...

— Mas, para que quer o garoto? — perguntou-lhe Shelby.

— Tenho um amigo que se dedica a esse ramo de negócio. Precisa de rapazinhos engraçados para os tornar a vender. São artigos de fantasia: as pessoas ricas pagam-nos bem. Nas grandes casas, gostam de ter um rapazinho bonito para abrir a porta, servir à mesa, para os recados. E este diabrete, com as suas músicas e imitações, serve à maravilha.

— Preferia não o vender — respondeu o Senhor Shelby, pensativo.

— O facto é que sou um homem de sentimentos: não gosto de tirar um filho à mãe, sabe?

— Ah, é isso? Histórias! Chamam-lhe a voz do sangue... Compreendo: há ocasiões em que é muito aborrecido lidar com as mulheres. Sempre embirrei com aqueles gritos e lamentos... São muito incómodos. Procuro sempre evitar essas situações. Se fizer desaparecer a rapariga um dia... ou uma semana, já facilita as coisas. Quando ela voltar, não há mais problemas... A sua mulher pode oferecer-lhe uns brincos, um vestido novo, ou qualquer outra bugiganga como compensação.

— Receio que não dê resultado!

— Bem sabe que estas criaturas não são como os brancos. Fazem o que a gente quer se forem bem dirigidos. Dizem para aí — continuou Haley, tomando um ar inocente, e em tom confidencial — que este género de negócio endurece o coração; mas eu não acho. A verdade é que eu não faria como fazem certas pessoas. Vi alguns que arrancavam à força um filho dos braços da mãe para o venderem. E a pobre mulher gritava como uma doída... É mau sistema... Dá cabo do artigo, e às

vezes deixa-o impróprio para consumo. Mais vale fazer as coisas com humanidade, senhor. Foi a experiência que me ensinou.

O mercador inclinou-se para trás no cadeirão e cruzou os braços, dando todos os sinais de uma virtude irrepreensível.

Havia qualquer coisa de tão curioso e original nestas demonstrações de humanidade, que o próprio Senhor Shelby não pôde conter o riso.

O riso do Senhor Shelby encorajou o negociante a continuar.

— É na verdade estranho mas não consegui meter isto na cabeça das pessoas. Tom Liker, sabe, o meu antigo sócio, na região dos Natchez: era um rapaz esperto, lá isso era, mas um verdadeiro carrasco para os pretos. Devia ser uma questão de princípios, porque nunca vi melhor coração entre os filhos de Deus. Eu costumava dizer-lhe: Então Tom, quando estas raparigas estão tristes e choram, que ideia é essa de lhes bateres e dares murros na cabeça? É ridículo, e nunca resulta. Deixa-as gritar! É a natureza! E se a natureza não se satisfaz de uma maneira, satisfaz-se de outra. Além disso, Tom", dizia-lhe eu outra vez, estragas-me as pequenas; adoecem, e às vezes ficam horríveis, principalmente as mulatas; e depois é o diabo para as fazer voltar ao que eram. Não podes convencê-las de outra maneira? Falar-lhes com mais suavidade? Pensa nisso, Tom. Um pouco de humanidade rende mais do que todos os teus murros e socos. Vale bem a pena. Pensa nisso, Tom!" Mas o Tom não tinha emenda. Estragou-me tanta mercadoria que eu tive de correr com ele, apesar de ter um bom coração e dedo para o negócio.

— E acha que o seu sistema é preferível ao dele? — perguntou o Senhor Shelby.

— Acho, sim senhor. Posso prová-lo. Sempre que posso, evito os aborrecimentos. Se tenciono vender uma criança, afasto-a da mãe, e sabe: longe da vista, longe do coração. E quando está feito e não há mais remédio, elas acabam por se conformar. Não é como os brancos, que são educados na ideia de conservarem os filhos, as mulheres e tudo o mais. Um preto que foi domesticado como deve ser, não conta com isso, e torna-se tudo mais fácil.

— Nesse caso, creio que os meus não foram domesticados convenientemente.

— Acredito. Vocês, os de Kentucky, estragam os vossos pretos. Tratam-nos bem de mais. Afinal, isso não é ser bom. Pegue num preto. Foi feito para girar de mão em mão, para ser vendido a Pedro, a Paulo, sabe-se lá a quem! Não é conveniente meter-lhe ideias na cabeça, dar-lhes esperanças, para ele depois sofrer misérias e maus tratos que lhe custam mais a suportar. Acho que mais valia os vossos pretos serem tratados como os das outras plantações. Sabe, Senhor Shelby, toda a gente pensa sempre

que está dentro da razão, e eu penso que trato os pretos da única maneira que eles devem ser tratados.

— Deve sentir-se muito satisfeito com isso — respondeu o Senhor Shelby, encolhendo os ombros, sem poder esconder uma desagradável impressão.

— Então — perguntou Haley após alguns segundos de silêncio, que responde?

— Vou pensar no assunto e falar com a minha mulher — respondeu Shelby.

Entretanto Haley, se quer que este negócio seja feito com a discrição de que falou, não deixe transpirar nem uma palavra na vizinhança; espalhasse a notícia entre a minha gente, e garanto-lhe que depois não será fácil acalmá-los.

— Oh, certamente! Nem uma palavra, claro! Mas por outro lado, juro-lhe que tenho uma pressa dos diabos, e que preciso saber o mais cedo possível com o que posso contar — disse ele levantando-se e vestindo o capote.

— Procure-me esta tarde, entre as seis e as sete — disse o Senhor Shelby —, e dou-lhe uma resposta.

O mercador fez uma vénia e saiu.

— Não poder eu atirá-lo pela escada abaixo! — pensou o Senhor Shelby quando viu a porta fechar-se completamente. — Que grande patife! Sabe os trunfos que tem na mão. Ah, se alguém me tivesse dito que um dia eu era obrigado a vender o Tom a um destes amaldiçoados mercadores, eu teria respondido: Um criado é algum cão para o tratarmos assim?" E agora vou fazê-lo, não há mais remédio. E o filho da Elisa! Vou ter de ouvir a minha mulher por causa disso e também por causa de Tom. Para pagar as dívidas! O patife sabe as suas vantagens e aproveita-se.

O Senhor Shelby era um homem de carácter, uma natureza condescendente e terna, indulgente para com todos os que o rodeavam. Não esquecia nada que pudesse contribuir para a saúde e bem-estar dos negros dentro da sua propriedade. Mas lançara-se em especulações audaciosas;

comprometera-se em somas consideráveis. O seu dinheiro estava nas mãos de Haley. É esta a explicação do diálogo que relatámos antes.

Elisa, ao aproximar-se da porta, ouviu o suficiente para compreender que o mercador estava a fazer ofertas por um escravo qualquer. Tinha querido ficar atrás da porta a ouvir, mas nesse instante a senhora chamou-a e teve de se ir embora.

Pareceu-lhe porém que se tratava do filho. Estaria enganada? Sentiu o coração bater-lhe com mais força. Apertou involuntariamente a criança contra o peito com tanta força que o pequeno olhou para ela muito espantado.

— Elisa, que tens tu hoje, minha filha? — perguntou a senhora ao vê-la trocar um objecto por outro, fazer tombar a mesa de costura, e dar-lhe uma camisa de noite em vez do vestido de seda que ela pedia. Elisa parou de repente.

— Oh, minha senhora — disse ela, levantando os olhos ao céu. Depois numa crise de choro, deixou-se cair numa cadeira, soluçando.

— Então, Elisa, minha filha! Vamos, que tens tu?

— Oh, minha senhora, minha senhora! Esteve cá um negociante a falar na sala com o senhor. Eu ouvi.

— E depois, minha tonta? Que tem que estivesse?

— Ah, minha senhora, acredita que o senhor era capaz de vender o meu Harry?

E a pobre mulher atirou-se de novo sobre a cadeira, soluçando convulsivamente.

— Vendê-lo? Não, minha tonta! Sabes perfeitamente que o senhor não faz negócios com os mercadores do Sul, nem costuma vender os seus escravos enquanto eles se portarem bem. E depois, minha tonta, quem podia querer comprar o teu Harry, e para quê? Julgas que ele vale para toda a gente o mesmo que para ti? Vamos, enxuga as lágrimas e abotoa-me o vestido. Agora penteia-me o cabelo para cima, como te ensinei o outro dia, e não tornes a escutar às portas.

— Prometo, mas, minha senhora, a senhora não consentia que... que...

— Que disparate! Claro que não! Para quê falar mais no assunto? Era o mesmo que vender um dos meus filhos. Mas na verdade, Elisa, começa a sentir demasiado orgulho nesse pequeno. Não pode entrar ninguém pela porta dentro, que não penses logo que é para o comprar.

Acalmada pelo tom confiante da sua senhora, Elisa acabou de a vestir rapidamente, e riu-se dos seus próprios receios.

A Senhora Shelby era uma mulher superior, tanto pelos sentimentos como pela inteligência. A esta grandeza de alma natural, a esta elevação de espírito, que é muitas vezes a característica que distingue as mulheres de Kentucky, aliava princípios altamente morais e sentimentos religiosos pelos quais se conduzia com grande firmeza e tática, em todas as circunstâncias da vida. O marido, que não professava nenhuma religião em especial, tinha contudo o maior respeito pela religião da mulher, e deixava-a dar livre curso à sua benevolência em tudo o que se referia ao aperfeiçoamento, instrução e bem-estar dos escravos, embora nunca interferisse directamente no assunto. Não acreditando muito na doutrina da eficiência das obras dos santos, dava a entender de uma maneira ou de outra que a mulher tinha virtude pelos dois, e que esperava ganhar o céu com o excesso das virtudes dela, dispensando assim qualquer atitude pessoal!

O que o preocupava agora, depois da conversa com o mercador, era a necessidade de pôr a mulher ao corrente do acordo feito, e ter de enfrentar todas as razões que ela não deixaria de apresentar.

A Senhora Shelby ignorava completamente as dificuldades do marido, e sabendo que ele era bom, não acreditou sinceramente nos receios de Elisa.

Nem sequer pensou mais no caso; estava a arranjar-se para fazer uma visita nessa noite, e tudo o resto lhe passou inteiramente da memória.

## Capítulo II

### A mãe

Educada desde a infância pela sua senhora, Elisa fora sempre a preferida a quem se dá demasiado mimo.

Quem tenha viajado pelo Sul pôde notar a elegância requintada, a suavidade da voz e das maneiras, que parecem ser o dom particular de certas mulatas. Essas graças naturais das mestiças estão muitas vezes ligadas a uma beleza verdadeiramente fascinante, e quase sempre realçada por encantos pessoais. Casara com um homem da sua condição, inteligente e hábil, que vivia numa propriedade vizinha. Chamava-se Jorge Harris.

Este jovem fora alugado pelo seu senhor para trabalhar numa fábrica de sacos, onde o seu talento e modéstia lhe haviam merecido um lugar de destaque. Tinha inventado uma máquina de limpar cânhamo que, dados os conhecimentos e a posição social do invento, revelara tanto engenho como Whitney ao inventar a sua descaroçadora de algodão.

Jorge era amável e simpático, e estimado por toda a gente da fábrica. Todavia, como este escravo, segundo a lei, não era um homem, mas uma coisa, todas essas qualidades superiores estavam sujeitas ao controle tirânico de um senhor vulgar, de ideias estreitas. Informado da invenção, dirigiu-se à fábrica para ver os resultados daquela engenhosa máquina. Foi recebido com entusiasmo pelo director, que o felicitou por possuir um escravo com tanto mérito.

Jorge fez as honras da casa, mostrou-lhe a sua máquina e, um pouco excitado pelos elogios que recebeu, falou tão bem, revelou-se tão superior, pareceu tão seguro de si, que o senhor começou a sofrer uma desagradável sensação de inferioridade. Porque havia o seu escravo de andar pela região a inventar máquinas, de cabeça levantada entre os senhores? Era preciso pôr termo àquilo e levá-lo outra vez para casa, obrigá-lo a cavar e a schar a terra... A ver se nessa altura se mostrava tão soberbo! Por isso, o fabricante



e todos os operários ficaram muito espantados ao ouvir aquele homem pedir a conta de Jorge, que, segundo disse, queria levar consigo.

— Mas, senhor — disse o fabricante —, não acha que é uma decisão muito repentina?

— E que interessa? Ele pertence-me ou não?

— Estamos dispostos a aumentar o que lhe pagamos.

— Não é razão para que ele fique. Não preciso de alugar os meus trabalhadores, se não me apetecer.

— Mas ele parece ter nascido para este trabalho.

— Acredito. Em contrapartida, nunca se adaptou aos trabalhos que lhe entreguei.

— E depois — disse por acaso um dos operários —, pense na máquina que ele inventou.

— Ah, sim Uma máquina para lhes tirar o trabalho das costas, não é? Foi o que ele inventou, aposto. Só um preto podia inventar uma coisa dessas. Eles próprios não passam de máquinas, todos eles. Está decidido: ele vem comigo.

Jorge ficou como petrificado ao ouvir esta sentença da boca de um homem que ele sabia inexorável. Cruzou os braços e apertou os lábios com força, mas sentiu arder-lhe no peito um vulcão de amargos sentimentos, e uma corrente de fogo nas veias. Respirou ofegante e os seus grandes olhos pretos brilharam como carvões em brasa. Teria talvez explodido se o dono da fábrica não lhe tocasse no ombro amigavelmente, dizendo-lhe em voz baixa:

— Calma, Jorge; vai com ele. Eu tentarei ajudar-te.

O tirano reparou nesta conversa, e depreendeu o sentido, embora não conseguisse ouvir o que diziam, e mais decidido ficou a exercer o poder que tinha sobre a sua vítima.

Jorge foi levado para casa e entregue aos trabalhos mais rudes da propriedade. Evitava qualquer palavra desagradável, mas os olhos cheios de brilho, o rosto sombrio e fechado, não são também uma linguagem, uma

linguagem à qual não se pode impor silêncio? Sinais demasiado evidentes, que provam que não se pode transformar um homem numa coisa!

Foi durante o tempo feliz do seu trabalho na fábrica que Jorge conheceu Elisa e casou com ela: durante esse período, gozando da confiança e amizade do seu chefe, tinha plena liberdade de entrar e sair quando lhe apetecia. Este casamento recebeu a aprovação da Senhora Shelby que, como todas as mulheres, gostava muito de fazer casamentos: sentia-se feliz por casar a escrava favorita com um homem da sua classe, que aliás condizia com ela em todos os aspectos. Casaram portanto no grande salão da Senhora Shelby, que quis ser ela própria a enfeitar com flores de laranjeira os cabelos da noiva e a pôr-lhe o véu nupcial. Nunca nenhum outro véu cobriu decerto cabeça mais encantadora. Nada faltou, nem as luvas brancas, nem os doces, nem o vinho.

Acorreu toda a gente para louvar a beleza da rapariga e a graça e liberalidade da sua senhora.

Durante um ou dois anos, Elisa viu o marido com frequência. Nada interrompeu a sua felicidade, a não ser a perda de dois filhos de tenra idade, a quem ela tinha muito amor. Deu tais largas ao seu desgosto que a senhora se viu obrigada a censurá-la com benevolência, levando-a com solicitude verdadeiramente maternal a conter os seus legítimos sentimentos dentro dos limites da razão e da religião.

Todavia, após o nascimento do pequeno Harry, ela conformara-se e acalmara-se a pouco e pouco: todos os laços de sangue se concentraram naquele pequeno ser e retomaram toda a sua força. Elisa foi então uma mulher feliz até ao dia em que o marido, arrancado violentamente à fábrica, ficou sob o jugo férreo do seu possuidor legal.

O fabricante, fiel à sua palavra, foi visitar Harris, uma ou duas semanas depois da partida de Jorge. Esperava que o ímpeto de cólera tivesse passado. Fez todos os esforços para conseguir que lhe dessem novamente o escravo.

— Não perca mais tempo a falar no assunto — respondeu Harris em tom brusco e irritado. — Sei muito bem o que faço, senhor.

— Não pretendo influenciá-lo; julguei simplesmente que achasse do seu interesse entregar-me este homem com a condição de...

— Compreendo... Surpreendi no outro dia as suas atitudes e segredos; mas não me deixo convencer com tanta facilidade... Estamos num país livre, não se esqueça. O homem pertence-me, faço dele o que quiser. Acabou-se.

E assim se desvaneceu a última esperança de Jorge... Agora só tinha na sua frente uma vida de trabalho e de miséria, mais amargurada ainda com todas as partidas mesquinhas, todos os vexames e ferroadas de uma tirania fértil em invenções.

Certo jurisconsulto bondoso disse uma vez: Não se pode fazer coisa pior a um homem do que enforcá-lo. " Enganava-se: pode fazer-se ainda pior!

## Capítulo III

### Marido e pai

A Senhora Shelby foi-se embora. Elisa ficou à varanda, seguindo com os olhos tristes a carruagem que se afastava. Sentiu a mão de alguém no ombro. Voltou-se, e um alegre sorriso iluminou-lhe o rosto:

— Jorge! Assustaste-me! Oh, estou tão contente por te ver! A senhora volta tarde. Vem ao meu quarto; temos muito tempo à nossa frente.

Dizendo estas palavras arrastou-o para um lindo quartinho que dava para o vestibulo, onde ficava normalmente, ocupada a coser, e ao alcance da voz da senhora.

— Oh, sinto-me tão feliz. Mas, porque não dizes nada? Olha para o Harry, como está crescido!... — A criança deitava ao pai olhares furtivos através dos caracóis dos cabelos fartos, agarrado às saias da mãe.

— Não é lindo? — perguntou Elisa, afastando-lhe os pesados caracóis e beijando-o.

— Mais valia que nunca tivesse nascido — disse Jorge amargamente. — Eu próprio nunca devia ter nascido.

Surpreendida e assustada, Elisa sentou-se, apoiando a cabeça no ombro do marido, e começou a chorar.

E ele disse-lhe com ternura:

— Fui mau em fazer-te sofrer assim, Elisa. Oh, muito mau. Porque me conheceste? Podias ter sido feliz!

— Jorge! Jorge! Como podes falar dessa maneira? Que coisa horrível te aconteceu? Que se passa? Temos sido felizes até aqui.

— Sim, querida, temos sido felizes — respondeu Jorge. Então, sentando a criança nos joelhos, fitou demoradamente os seus olhos pretos e

brilhantes, e passou-lhe a mão sobre os caracóis soltos.

— É a tua cara, Lizzy E tu és a mulher mais bonita que eu vi na minha vida e a melhor que eu podia desejar ter... e mesmo assim, eu preferia que nunca nos tivéssemos conhecido!

— Oh agora, meu caro Jorge, é que não devias dizer isso... Sei como te afligiu perder o teu lugar na fábrica... Sei que tens um senhor muito cruel... Mas peço-te que tenhas paciência... Talvez que...

— Paciência! — exclamou ele, interrompendo-a. — Não tive já bastante paciência? Disse uma só palavra quando ele me foi tirar, sem razão nenhuma, daquela casa onde todos eram bons para mim? O lucro do meu trabalho pertencia-lhe, e todos diziam que eu trabalhava bem.

— Ó Jorge Jorge Assustas-me. Nunca te ouvi falar assim. Receio que faças alguma coisa horrível... Compreendo o que sentes; mas tem cuidado, Jorge por mim e pelo Harry.

— Tenho sido prudente e suportado com paciência, mas de dia para dia as coisas pioram: a carne e o sangue já não aguentam mais. Ele não perde a ocasião de me insultar e atormentar. Julguei que podia fazer o meu trabalho, viver em paz, e estudar nas horas livres... Mas não! Quanto mais faço, mais ele carrega!... Afirma que, apesar de eu não dizer nada, percebe que eu tenho o diabo no corpo, e que é preciso fazê-lo sair cá para fora... Pois bem, um dia destes o diabo sai, mas, ou me engano muito, ou será de uma forma que não lhe vai agradar...

— Oh, querido! Que vamos fazer? — perguntou Elisa, banhada em lágrimas.

— Ainda ontem — continuou Jorge —, estava a carregar pedras para um carro. O senhor novo, o Senhor Tom, estava ali a fazer estalar o chicote tão perto do cavalo, que assustava o pobre animal. Eu pedi-lhe o mais delicadamente possível que parasse, mas ele não fez caso. Tornei a pedir, e ele voltou-se para mim e começou a bater-me. Eu segurei-lhe a mão, e ele gritou e deu-me pontapés, e correu para o pai, a dizer que eu lhe tinha batido. Ele ficou furioso, e disse que me ia ensinar quem era o meu senhor. Depois prendeu-me a uma árvore, cortou umas poucas de varas, e disse ao filho que podia bater-me até se cansar. E ele assim fez... Um dia, ele há-de lembrar-se disso!

O rosto do escravo transtornou-se. Passou-lhe um clarão nos olhos. A mulher estremeceu...

— Quem fez deste homem o meu dono? — murmurou ele ainda, isso é que eu gostava de saber!

— Mas — tornou Elisa —, eu sempre acreditei que para ser boa cristã, devia obedecer ao meu senhor e à minha senhora.

— No teu caso, talvez esteja certo: eles educaram-te como a uma filha, sustentaram-te, vestiram-te, trataram-te bem, instruíram-te. Isso dá-lhes direitos. Mas eu só tenho recebido socos e pontapés, insultos e palavrões. E na melhor das hipóteses, esqueceram-se de mim. É tudo quanto lhes devo! Paguei o meu sustento cem vezes... Mas acabou-se! Não, não quero sofrer mais... Não quero! — E fechou o punho, franzindo as sobrancelhas, com ar terrível.

Elisa estremeceu novamente e calou-se. Nunca tinha visto o marido naquele estado, e todo o seu poder de persuasão caiu por terra como um frágil junco sob a tempestade daquela paixão.

— Sabes — continuou Jorge —, aquele cão que me deste, o Carlo? Era a minha alegria: à noite, dormia comigo; de dia acompanhava-me para toda a parte: olhava-me com ternura, como se compreendesse o meu sofrimento... Outro dia, eu estava a dar-lhe uns restos que apanhei à porta da cozinha. O senhor viu e disse que eu sustentava o cão à custa dele... que não estava para gastar dinheiro com os cães dos negros, e mandou-me atar-lhe uma pedra ao pescoço e atirá-lo para o tanque.

— Ó Jorge, tu não eras capaz de fazer uma coisa dessas!

— Eu não! Mas ele fez! Chamou o filho, e ambos atiraram pedras ao pobre animal que se afogava... O Carlo olhava-me com tristeza, como se perguntasse porque é que eu não ia salvá-lo... Ainda apanhei chicotadas por não lhes ter obedecido. Não importa! O senhor vai ficar a saber que eu não sou daqueles que se deixam dominar pelo chicote... Há-de chegar a minha vez... Ele que tenha cuidado!

— Que vais fazer, Jorge? Não faças algum disparate. Se acreditas em Deus e procederes bem, ele há-de salvar-te.

— Eu não sou cristão como tu, Elisa. Tenho o peito cheio de amargura e não posso confiar em Deus... Eu queria ser bom... mas o meu coração arde em ódio, e não há nada que apague este fogo. Tu própria não conseguirias... e não conseguirás agora mesmo, quando souberes toda a verdade.

— Que mais pode haver ainda?

— Escuta. Ultimamente o senhor tem dito que fez mal em me deixar casar fora da propriedade dele; que odeia o Senhor Shelby e a família porque são orgulhosos e o olham com desprezo. Diz que tu me pegas o orgulho e que me vai proibir de cá vir, mas que eu terei de arranjar outra mulher e viver com ela nos seus domínios. Ao princípio contentou-se em insinuar estas coisas em voz baixa; mas ontem disse-me claramente que eu tinha de levar a Mina para a minha cabana, senão que me vendia para o outro lado do rio.

— Mas tu estás casado comigo pelo sacerdote; é como se fosses branco — disse Elisa ingenuamente.

— E não sabes que um escravo não pode casar? Não há nenhuma lei sobre o assunto neste país. Eu não posso continuar casado contigo se ele nos quiser separar... E é por isso que eu preferia nunca te ter conhecido; e é por isso que mais valia não nascer. Era melhor para ambos e melhor para esta pobre criança, a quem espera uma sorte semelhante.

— Oh, mas o nosso senhor é tão bom!

— Sim, mas quem sabe? Pode morrer e a criança pode ser vendida sabe-se lá a quem. De que lhe serve ser tão bonito, tão vivo, tão esperto? Digo-te, Elisa, deves sentir a alma trespassada cada vez que descobrires uma graça ou uma qualidade no teu filho... Será mais um motivo para o perderes um dia.

Estas palavras eram como punhaladas no coração de Elisa. A sombra do mercador de escravos passou-lhe diante dos olhos... Empalideceu e ficou quase sem fôlego. Lançou vista para o vestíbulo onde a criança brincava.

Alegre como um vencedor, o menino andava a cavalo na bengala do Senhor Shelby. Elisa desejou confiar os seus receios ao marido, mas não se atreveu.

— Não — pensou ela — já tem um pesado fardo... pobre homem! Não, não lhe digo nada... e depois, não é possível... a minha senhora nunca me enganou.

— Vamos, Elisa, filha — disse o marido com tristeza —, coragem, e adeus! Vou-me embora...

— Embora! Embora! E para onde vais tu, Jorge?

— Para o Canadá — disse ele, dominando a sua emoção. — E quando lá estiver, compro-te... É a última esperança que nos resta. Tens um bom senhor que não se recusará a vender-te... Eu compro-te, a ti e à criança... Sim, se Deus me ajudar, juro que o farei.

— Horror! E se te apanham?

— Não me deixarei apanhar, Elisa. Antes morrer. ou livre ou morto.

— Não serás capaz de te matar!?

— Não é preciso... eles encarregam-se disso. Mas não me entregarão vivo aos mercadores do Sul.

— Jorge, pelo amor que me tens, sê prudente! Não faças nada de mal... Não atentes contra a tua vida, nem contra a de ninguém! És impulsivo... demasiado impulsivo! Mas resiste... tem cautela... e pede a Deus que te ajude...

— Sim, sim, Elisa. Mas escuta o meu plano. O meu senhor lembrou-se de me mandar para estes lados com uma carta para o Senhor Symmer, que mora a uma milha daqui. Espera que eu tenha vindo aqui contar as minhas mágoas. Fica satisfeito em saber que os Shelby vão

ficar aborrecidos por minha causa. Mas eu tenciono voltar com um ar resignado, como se não houvesse nada a fazer. Tenho de preparar umas coisas. Vão ajudar-me, e dentro de oito dias falto à chamada. Reza por mim, Elisa. Talvez a ti Deus te ouça!

— Oh, reza tu também, Jorge, e confia-te a Ele. Assim, não farás nada de mal.

— E agora, adeus — disse Jorge, pegando nas mãos de Elisa, com os olhos fixos nos dajovem...



Ficaram um momento em silêncio, depois seguiram-se as despedidas, os soluços e as lágrimas amargas. Despedida daqueles cuja esperança de se tornarem a ver fica suspensa por um fio mais leve do que a teia de aranha...

E marido e mulher, separaram-se.

## Capítulo IV

### Um serão na cabana do Pai Tomás

A cabana do pai Tomás era uma pequena construção feita com troncos de árvore, junto à casa, como um negro chama geralmente à morada do seu senhor. Em frente da cabana havia um pedaço de pomar, onde todos os Verões, framboesas, morangos e outros frutos, de mistura com legumes, cresciam devido aos cuidados de uma cultura meticulosa. Toda a fachada estava coberta por uma enorme begónia escarlata e por uma roseira brava com os ramos entrelaçados e confundidos de tal forma, que mal deixavam ver aqui e acolá alguns restos do material grosseiro de que era feita a pequena construção. A família colorida e variada das plantas anuais, crisântemos e petúnias, tinha ali também um pequeno lugar para exhibir os seus esplendores, que fazia as delícias e o orgulho da mãe Cloé.

Mas entremos na cabana.

Ojantar dos senhores tinha acabado e a mãe Cloé, cozinheira-chefe da casa, depois de o preparar, deixando ao pessoal menor o trabalho de lavar os pratos, foi para os seus domínios preparar a ceia do seu velho marido. Era portanto ela que podíamos ver junto do lume, seguindo com olhos atentos os fritos que cantam na frigideira, ou levantando com mão leve a tampa das caçarolas, de onde se escapava um fumozinho anunciador de qualquer coisa de bom. Tinha a cara negra, redonda e brilhante; parecia esfregada com clara de ovo, como a sua chaleira reluzente. As faces gordas irradiavam segurança e alegria sob o turbante atrevido revelando a satisfação íntima de se saber a primeira cozinheira das redondezas. Tal era a reputação justamente merecida da mãe Cloé.

E lá boa cozinheira era ela. até ao fundo da alma! Não havia frango, pato ou peru que não ficasse apreensivo ao vê-la aproximar-se, porque adivinhava o seu triste fim. Ela própria pensava permanentemente na maneira de os assar, rechear ou cozer; não admira portanto que inspirasse

um certo terror à pobre criação. Os seus doces, de uma variedade infinita, eram um mistério impenetrável para quem não fosse versado como ela nos segredos da culinária; e no seu honesto orgulho, ria a bom rir quando contava os esforços inúteis das suas rivais para atingirem o seu nível.

A chegada de um grande grupo, a organização de um jantar ou uma ceia de cerimónia, excitavam as faculdades do seu espírito. Nada era mais agradável para ela do que ver uma fila de malas no vestibulo, com a chegada das visitas, previa a ocasião para novos esforços e novas vitórias.

Nesta altura da nossa narrativa, a mãe Cloé inspeccionava uma torteira. Deixemo-la nesse interessante trabalho, e acabemos a descrição da cabana.

A cama estava a um canto, coberta por uma colcha branca como a neve; ao lado da cama havia um tapete bastante grande: era ali que estava normalmente a mãe Cloé. O tapete, a cama, e toda aquela parte da habitação eram alvo do maior respeito, e protegidos contra as devastações e pilhagens da gente miúda. Aquele canto era o salão da cabana. No outro canto havia também uma cama, mas menos pretensiosa; era evidente que se serviam daquela.

A parte de cima da chaminé estava decorada com gravuras a óleo de assuntos bíblicos, e um retrato do general Washington, desenhado e pintado de tal maneira, que o herói ficaria espantado se alguma vez o tivesse visto.

Neste canto, sentados num banco grosseiro, duas crianças de cabelo encarapinhado, olhos brilhantes e caras redondas e luzidias, entretinham-se a ver as primeiras tentativas que um bebé fazia para andar...

O bebé limitava-se, aliás, a pôr-se de pé, balouçar-se um momento sobre as pernas, e depois cair. Cada queda era acompanhada de aplausos, como se tivesse havido um milagre.

Uma mesa, cujos membros não estavam livres de reumatismo, coberta por uma toalha, estava posta junto da chaminé. Viam-se os pratos e os copos, de modelo muito rebuscado, e outros sintomas de que se aproximava a hora da refeição.

A essa mesa estava sentado o pai Tomás, o melhor trabalhador do Senhor Shelby. Como Tom é o herói da nossa história, devemos descrevê-lo aos nossos leitores. Era um homem forte e bem constituído, com o peito

largo, membros fortes e rosto de ébano lúcido; um rosto de traços nitidamente africanos, caracterizado por uma expressão de bom senso grave e firme, aliado a uma grande ternura e bondade. Havia em todo o seu aspecto uma dignidade e um respeito por si próprio, unidos a uma simplicidade humilde e confiante.

Estava nessa altura muito ocupado: com uma ardósia na sua frente, esforçava-se, cuidadosa e lentamente, por escrever algumas letras. Era vigiado nesta operação pelo seu jovem senhor, o menino Jorge, rapaz de treze anos, vivo e petulante, que tomava naquela altura muito a sério o seu papel de professor:

— Para esse lado não, pai Tomás, para esse lado! — gritou ele, vendo que o pai Tomás desenhava para a direita a cauda de um g; assim fica um q. Está a ver?

— Na realidade — disse o pai Tomás olhando com respeito e admiração os q e os g, em conta que o seu jovem professor semeava pela ardósia com a maior das facilidades.

Pegou então na pena com os dedos grossos e pesados, e recomeçou pacientemente.

— Como estes brancos fazem tudo bem! — disse a mãe Cloé, ficando parada com o garfo no ar, que tinha espetado na ponta um pedaço de toucinho; olhou para Jorge com orgulho. -Já sabe escrever! E ler! E todas as noites, não se importa de nos vir dar lições... Como ele é bom!

— Mãe Cloé — disse Jorge — estou a morrer de fome... Aquele empadão que eu vejo daqui dentro da caçarola, não está quase pronto?

— Falta pouco, menino Jorge — disse Cloé levantando a tampa...

— falta pouco. Que coradinho! Bem coradinho! Nestas coisas, só eu. A senhora deixou o outro dia a Sally experimentar... para aprender. Ah minha senhora, disse eu, dói o coração ver estragar assim coisas tão boas. " O bolo só subiu de um lado... e mais duro que uma sola... Que porcaria!

E depois desta expressão de desprezo pela falta de jeito da Sally, a mãe Cloé levantou a tampa e pôs na mesa um bolo perfeito, de que se poderia gabar o melhor pasteleiro da cidade. No fim desta operação delicada, Cloé ocupou-se activamente da parte substancial do jantar.

— Vá, Pedro, Moisés, fora daqui, seus pretos! E tu também, Polly. A mãe já dá qualquer coisa à sua pequenina... Menino Jorge, deixe agora os livros e sente-se à mesa mais o meu velho... Sirvo-os em menos de um minuto.

— Queriam que jantasse em casa, mas eu bem sabia o que me esperava aqui, mãe Cloé.

— E por isso veio, meu amor! — disse a mãe Cloé pondo o bolo fumegante no prato de Jorge. — Sabe que a velha Cloé lhe guarda sempre os melhores bocados! O menino é que me compreende!... Lembra-se daquele grande empadão de frango, quando receberam o general Knox? Eu e a senhora discutimos por causa da cobertura. Não sei o que se passa às vezes com as senhoras, mas é quando uma pessoa tem às suas costas mais responsabilidades que elas vêm meter o nariz. A senhora queria ensinar-me como se fazia. Acabei quase por me zangar... e disse: Minha senhora, olhe para as suas lindas mãos brancas cheias de anéis... olhe agora para as minhas mãos grandes e pretas... não se vê logo que Deus nos criou, a mim, para fazer a cobertura do empadão, e à senhora para ficar na sua sala? É verdade, menino Jorge, estive quase a zangar-me...

— E o que respondeu a minha mãe?

— Fixou em mim os seus lindos olhos, e disse: "Está bem, mãe Cloé, acho que tem razão..." E voltou para a sala. Devia ter-me dado um soco na cabeça pelo meu descaramento. Mas cada um no seu lugar. Não sou capaz de fazer nada quando vejo senhoras na cozinha.

Entretanto, Jorge chegara àquele ponto em que até mesmo uma criança não consegue comer nem mais um bocado. Reparou então em todas as pequenas cabeças encarapinhadas que o fixavam de vários cantos da casa com olhos de gula.

— Vem cá, Pedro! Vem cá, Moisés — E cortou fatias de bolo que lhes deu. — Não querem? Vá, Cloé, dê-lhes também.

Jorge e Tom sentaram-se confortavelmente ao canto da chaminé, enquanto Cloé depois de fazer mais uma boa pilha de bolos, pegou no bebé ao colo, dando-lhe de comer e comendo também, e distribuindo com Pedro e Moisés, que devoravam rebolando por debaixo da mesa, igitando, dando beliscões um ao outro, e puxando os pés da irmãzinha.

— Vão para longe! — dizia a mãe, dando de vez em quando pontapés por debaixo da mesa, à maneira de aviso, se os movimentos se tornavam demasiado importunos... — Não sabem portar-se decentemente quando os brancos nos vêm visitar? Acabem com isso!

— Excitaram-se de tal maneira, que já não conseguem sossegar.

Nessa altura, as crianças saíram debaixo da mesa, e, com as mãos e a cara cheias de marmelada, começaram a abraçar com força a irmãzinha.

— Fazem favor de se ir embora! — disse a mãe, afastando as cabeças encarapinhadas. — Puseram-se em lindo estado. Ninguém os consegue trazer limpos! Vão já lavar-se à fonte!

E à descompostura acrescentou uma bofetada sonora, mas que não fez outra coisa senão excitar o riso das crianças, que caíram uma por cima da outra e saíram às gargalhadas.

— Nunca vi rapazes piores do que estes — disse Cloé, com certa satisfação maternal. Pegou num velho guardanapo destinado para esse fim, molhando-o com a água de uma chaleira rachada e limpou as mãos e a cara do bebé. Esfregou-os até ficarem luzidios, depois pôs a criança no colo de Tom, e fez desaparecer os restos do jantar. O bebé puxava o nariz de Tom, arranhava-lhe a cara e passava pelos cabelos do pai as mãos rechonchudas. Este último exercício parecia dar-lhe uma alegria especial.

— Não é um amor? — disse Tom afastando-o um pouco de si para o ver melhor; e, pondo-se de pé, sentou-o ao ombro e começou a gesticular e a dançar com ele, enquanto Jorge sacudia na sua frente o lenço de algibeira, e Moisés e Pedro davam cabriolas como pequenos ursos. Cloé declarou por fim que todo aquele barulho lhe fazia doer a cabeça; mas como esta queixa se ouvia na cabana a toda a hora, não impediu a alegria esfuziante: a dança, a brincadeira e os gritos continuaram, até ficarem todos cansados.

Enquanto se passava esta cena dentro da cabana do escravo, passava-se outra muito diferente na casa do senhor.

O Senhor Shelby e o mercador estavam sentados um em frente do outro na sala de jantar, junto de uma mesa onde havia papel e o necessário para escrever.

O Senhor Shelby contava vários maços de notas. Quando terminou, passou-as ao mercador, que as contou também.

— Está certo — disse este. — Agora basta assinar.

O Senhor Shelby pegou nervosamente nas notas e assinou, como quem quer terminar depressa uma penosa tarefa; depois estendeu ao mercador a escritura de venda e algumas notas. Haley tirou de uma velha mala um pergaminho que apresentou a Shelby depois de o examinar durante uns momentos. Este apoderou-se dele com uma ânsia que não pôde dissimular.

— Agora está feito — disse Haley levantando-se.

— Está feito — repetiu Shelby com ar sonhador e dando um profundo suspiro.

— Parece que não ficou satisfeito — disse o mercador.

— Haley, — disse o Senhor Shelby — lembre-se de que me prometeu sob palavra de honra não vender o Tom sem saber a que mãos ele irá parar.

— Ah, mas foi exactamente o que o senhor fez — respondeu o mercador.

— Bem sabe que a necessidade me obrigou.

— Também eu posso ser obrigado pela necessidade — continuou Haley. — Todavia farei os possíveis por arranjar um bom lugar para Tom. Quanto a maltratá-lo eu próprio, nesse aspecto não tem nada a temer. Se tenho a agradecer a Deus alguma coisa, é não me ter feito cruel.

## Capítulo V

### Onde se vêem os sentimentos da mercadoria humana quando muda de proprietário

O Senhor e a Senhora Shelby tinham-se retirado para os seus aposentos para dormir.

O marido havia-se sentado num confortável cadeirão: percorria com os olhos algumas cartas chegadas no correio da tarde; a mulher estava de pé diante do espelho, desenrolando os canudos e soltando as tranças dos cabelos arranjados graciosamente por Elisa. A Senhora Shelby, notando a palidez e o olhar angustiado de Elisa, dispensara os seus serviços nessa noite; aquilo em que se ocupava recordou-lhe a conversa dessa manhã, e voltando-se para o marido, disse-lhe des preocupadamente:

— A propósito, amor, quem era o homem mal-educado que sentaste hoje à nossa mesa?

— Chama-se Haley — respondeu Shelby vultando-se no cadeirão, evasivamente e continuou com os olhos fixos na carta.

— Haley! Quem é, e que queria ele?

— Meu Deus, é um homem com quem fiz uns negócios, a última vez que fui a Natchez — disse Shelby.

— E só por isso, julga-se autorizado a instalar-se na nossa casa e a pedir-nos para jantar?

— Mas não. Fui eu que o convidei. Tinha interesse nisso.

— É um mercador de escravos? — continuou a Senhora Shelby, que observava um certo embaraço nos modos do marido.

— Minha querida, quem te meteu essa ideia na cabeça? — respondeu ele levantando os olhos.



— Ninguém! Mas esta tarde a Elisa chegou aqui muito transtornada e lavada em lágrimas; disse-me que estavas em conferência com um mercador de escravos, e que o tinha ouvido fazer-te ofertas pelo filho dela!...

— Ah, ela disse-te isso? — continuou o Senhor Shelby; e pegou novamente na carta que parecia ler com a maior atenção, de pernas para o ar.

Isto tem de se saber, disse ele a si próprio. Tanto faz agora como mais tarde.

— E eu respondi à Elisa — tornou a Senhora Shelby, continuando a arranjar o cabelo —, que ela era tonta em afligir-se daquela maneira, e que tu nuncafazias negócios com gente dessa... e depois, que eu saiba, não tencionavas vender nenhum dos teus escravos... e ainda menos a pobre criança.

— Ouve, Emília. Foi isso que eu sempre disse e pensei. Mas hoje... os meus negócios chegaram a tal ponto que já não posso mais. e terei de vender alguns...

— A esse miserável? Vender... tu? Não é possível!... Não estás a falar a sério!

— Lamento ter de dizer que falo a sério. Concordei em vender-lhe o Tom.

— O quê? O nosso Tom. esse homem bom e fiel, teu escravo desde a infância?... Oh, Shelby! E tinhas-lhe prometido a liberdade... Tu e eu falámos-lhe nisso muitas vezes... Agora também posso acreditar que eras capaz de vender o Harry... o filho único da pobre Elisa...

A Senhora Shelby pronunciou estas palavras num tom de dor e indignação ao mesmo tempo.

— Pois bem, visto que é preciso que saibas tudo... é verdade. Concordei em vender o Tom e o Harry juntos... Não sei porque me olham como um monstro, só porque faço o que toda a gente faz todos os dias.

— Mas porquê esses dois? Se na realidade eras forçado a vender, porque escolheste logo esses dois?

— Porque me rendem mais. É esta a razão porque não podia escolher outros, já que queres saber. O homem ofereceu-me um bom preço pela Elisa, se preferires isso!

— O miserável — exclamou a Senhora Shelby.

— Não quis ouvir nem um momento. não. Por tua causa, não o quis ouvir. Devias estar-me agradecida.

— Meu amigo — disse a Senhora Shelby recompondo-se —, perdoame. Fui violenta. Mas fiquei tão surpreendida! Não esperava uma coisa dessas. Compreendes com certeza que defenda essas pobres criaturas. Tom é um negro, mas tem um nobre coração, e é um homem fiel. Estou certa de que, se fosse preciso, era capaz de dar a vida por nós.

— Também acredito... Mas que importa agora? Não posso fazer outra coisa.

— Porque não fazemos um sacrifício de dinheiro? Estou disposta a suportar a minha parte de boa vontade. Oh, Shelby, eu tentei, esforcei-me, como uma boa cristã, a cumprir o meu dever para com essas pobres criaturas, tão simples, tão desprotegidas. Interessei-me por elas, edu quei-os, tratei delas. Há uns poucos de anos que conheço as suas pequenas alegrias e as suas preocupações simples... Como poderei aparecer-lhes de cabeça levantada, se por um lucro miserável vendemos um homem tão digno e com tantas qualidades como o Tom? Roubamos-lhe num momento tudo quanto o ensinámos a amar e respeitar... Sim, eu ensinei-lhes os deveres da família, de pais e filhos, de marido e mulher: como posso suportar a ideia de que não há laços, relações, por mais sagrados que sejam, que não possamos quebrar em troca do dinheiro? Falei várias vezes com a Elisa a respeito do filho e dos deveres que tinha para com ele, como uma boa mãe cristã. Disse-lhe que devia protegê-lo, rezar por ele, educá-lo como cristão... e agora... que vou dizer-lhe, se tu lho roubas para o vender, corpo e alma, a um profano, a um homem sem princípios? E tudo isto por causa de um pouco de dinheiro! E disse-lhe que a alma vale mais do que todas as riquezas do mundo... Será possível que ela me acredite, ao ver que lhe vendem o filho? Vendido, para lhe explorarem o corpo e a alma.

— Tenho pena, Emília, que vejas as coisas dessa maneira, acredita. Respeito a tua maneira de sentir, embora não compartilhe dela inteira

mente. Mas digo-te agora sem rodeios: não vale a pena. Sou obrigado a fazê-lo. Não tencionava fazer-te isto, Emília, mas em poucas palavras, não tenho alternativa entre vender esses dois escravos ou ter de vender tudo. Ou os perco, ou perco todos os outros! Haley tem um documento de hipoteca assinado por mim. se não o saldo, ele leva-me tudo... Economizei, procurei por todo o lado, fiz empréstimos, fiz tudo, menos pedir esmola... e não consegui atingir a conta sem o preço desses dois... Agora, minha querida, espero que vejas a necessidade da minha resolução e concordes que agi da melhor maneira que as circunstâncias me permitiam.

— Sim, sim, com certeza — disse a Senhora Shelby, voltando o relógio de ouro entre os dedos febris e distraídos. — Não tenho nenhuma jóia de valor, mas este relógio deve valer alguma coisa... Custou caro. Para salvar o filho de Elisa, sacrifiquei tudo quanto tenho.

— Lamento, Emília, lamento que leves a coisa tão a peito. mas não serviria de nada. Já fiz o negócio. Os contratos de venda estão assinados e nas mãos de Haley. Dá graças a Deus que o prejuízo não seja ainda maior. Haley podia ter-nos arruinado, e agora está vendido. Se soubesses como eu a espécie de homem que ele é, verias que escapámos de boa.

— É assim tão cruel?

— Não é precisamente um homem cruel, mas um homem de negócios que só vive para o lucro: frio, inflexível, inexorável como a morte. Era capaz de vender a mãe, se o preço fosse bom, sem desejar com isso nenhum mal à pobre velha.

— E é esse miserável quem nos compra o nosso fiel Tom e o filho da Elisa!

— Minha querida, a verdade é que me custa muitn... Nem quero pensar nisso. Haley vem cá amanhã de manhã para fazer as suas disposições e levá-los. Eu vou dar ordens para terem o meu cavalo pronto muito cedo. Vou sair. Não poderia ver o Tom partir, não poderia. Tu, deves inventar um passeio a qualquer parte e levares a Elisa contigo. É melhor que as coisas não se passem na presença dela.

— Não, não! — exclamou a Senhora Shelby —, não quero de forma nenhuma contribuir ou ser cúmplice dessas crueldades. Vou falar com o Tom, e consolá-lo na sua desgraça. Ficarão pelo menos a saber que a sua

senhora sofre com eles e por causa deles. Quanto à Elisa, nem quero pensar. Que Deus nos perdoe! Mas que mal fizemos nós para sermos constrangidos a uma necessidade tão cruel?

Esta conversa era ouvida por uma pessoa cuja presença o Senhor e a Senhora Shelby estavam longe de suspeitar.

Entre o vestíbulo e o quarto deles, havia um grande gabinete. Elisa, com a alma transtornada e a cabeça em fogo, lembrara-se daquele gabinete: escondera-se ali, e com o ouvido na greta da porta, não perdera uma só palavra da conversa.

Quando as duas vozes se calaram, retirou-se sem fazer barulho, pálida e a tremer, as feições contraídas, os lábios apertados. Não se parecia nada com a suave e tímida criatura que tinha sido até aí. Deslizou com precaução pelo corredor, parou um momento à porta da sua senhora, levantou as mãos, comn para fazer um apelo mudo a Deus, depois voltou-se e entrou no seu quarto. Era um quartinho calmo e bem arranjado, no mesmo andar que o da senhora. Sobre a cama estava deitado o menino adormecido. Os seus longos caracóis caíam negligen temente em volta do rosto ainda despreocupado, e da boca entreaberta e cor-de-rosa; as mãozinhas gordas estavam pousadas sobre a culcha, e todo o seu rosto irradiava alegria, como uma manhã de sol.

— Pobre criança! Pobre alma! — disse Elisa. — Venderam-te, mas a tua mãe vai salvar-te.

Não deixou cair sobre o travesseiro nem uma só lágrima: em angústias semelhantes, o coração não tem lágrimas para verter... verte apenas sangue, chorando para dentro, sozinho e em silêncio!

Elisa pegou num lápis, num bocado de papel, e escreveu à pressa:

Minha senhora! Querida senhora!

Não me julgue ingrata: não pense mal de mim. de maneira nenhuma. Ouvi a conversa que o senhor e a senhora tiveram esta noite. Deixo-os para salvar o meu filho. Não me censurem. Deus vos abençoe e recompense da vossa bondade.

Dobrou rapidamente a carta e meteu-a num sobrescrito; depois foi a uma gaveta, fez um molho de roupas do filho e amarrou-o bem à cintura com um lenço; finalmente, porque uma mãe pensa em tudo, mesmo nas

grandes angústias, teve o cuidado de juntar um ou dois dos seus brinquedos favoritos, e reservou um papagaio de cores vivas para o distrair quando fosse preciso acordá-lo. Deu-lhe bastante trabalho acordar o menino adormecido. Por fim, depois de alguns esforços, ele espantou o sono e começou a brincar com o papagaio enquanto a mãe punha o xaile e o chapéu.

— Mãe, onde é que vamos? — perguntou ao vê-la aproximar-se da cama com um casaco e u boné dele.

A mãe apertou-o de encontro ao peito e olhou-o nos olhos, com tal expressão, que ele adivinhou de repente que se preparava qualquer coisa de extraordinário.

— Chiu, Harry! Não fales tão alto, que nos ouvem. Um homem mau vinha para tirar o Harry à sua mãe e levá-lo para muito longe, para um sítio muito escuro... mas a mãe não quer separar-se do Harry. Vai pôr o casaco e o boné ao seu menino e fugir com ele para o homem mau não o apanhar.

Dizendo estas palavras, abotoava o casaco da criança, e pegando-lhe ao colo, murmurou-lhe ao ouvido:

— Porta-te bem. — Depois, abrindo a porta do quarto que dava para o vestíbulo, saiu sem fazer barulho.

Estava uma noite luminosa, fria, cheia de estrelas. A mãe lançou o xaile sobre a criança que, completamente calma, embora sentindo um vago terror, se abraçou ao seu pescoço: O velho Bruno, grande cão da Terra Nova, que dormia ao fundo da varanda, levantou-se e aproximou-se, rosnando baixinho. Ela chamou-o em surdina pelo nome, e o animal, que a conhecia bem, abanou a cauda, disposto a segui-la, embora perguntasse a si próprio, no seu raciocínio de cão, que significava aquele indiscreto passeio de noite. Não lhe parecia próprio; estava com as ideias transtornadas; não sabia que resolver. A jovem seguiu, e o cão parou. Olhava alternadamente para a casa e para a escrava.

Finalmente, movido por qualquer pensamento íntimo, lançou-se atrás da fugitiva.

Passados alguns minutos, chegaram à cabana do pai Tomás. Elisa bateu de leve nos vidros.

— Meu Deus, quem será? — perguntou Cloé, levantando-se de um salto, e afastou a cortina. — Pela minha salvação se não é a Lizzy! Veste-te depressa, homem. Tom! O velho Bruno também veio. Está a arranhar a porta... Mas o que será? Vou abrir.

A acção seguiu de perto a palavra, e a porta abriu-se. A luz da candeia, que Tom acendera à pressa, bateu na cara transtornada e nos olhos aflitos de Elisa.

— Deus te abençoe, Lizzy! Metes medo... Estás doente? Que te aconteceu?

— Vou fugir, pai Tomás. Vou fugir, mãe Cloé... com o meu filho... O senhor vendeu-o.

— Vendeu... — repetiram em coro. E levantaram as mãos ao céu.

— Sim, venderam-no! — continuou Elisa com voz firme. — Esta noite escondi-me no gabinete da senhora. Ouvi o senhor dizer que tinha vendido o meu Harry... e a si também, pai Tomás. Foram vendidos ambos a um mercador de escravos... O senhor vai sair esta manhã, e o homem vem hoje mesmo para receber a mercadoria.

Entretanto, Tom continuava de pé, com as mãos caídas e os olhos fixos, como num sonho. Lenta e gradualmente, como se começasse a compreender, deixou-se cair na sua velha cadeira, e deixou pender a cabeça nos joelhos.

— Que Deus tenha piedade de nós — disse Cloé. — Ah, não posso acreditar que seja verdade! Mas que fez ele para o senhor o vender?

— Não é isso... ele não fez nada, e o senhor não queria vendê-lo. A senhora... Oh, ela é muito boa. Ouvi-a pedir e suplicar por nós; mas ele dizia que era inútil, que estava na dívida daquele homem, que esse homem tinha poder sobre ele... e que se não lhe pagava agora ia ser obrigado a vender mais tarde a casa e o pessoal... e ter de si ir embora também. Sim, eu ouvi-o dizer que era obrigado a vender estes dois para não ter de vender os outros... O homem é imperdoável... O senhor dizia que lhe custava muito. E a senhora, se a ouvissem! Se ela não é um anjo, então é porque não há anjos. Eu sou uma miserável em deixá-la assim, mas é superior às minhas forças... Ela própria dizia que uma alma vale mais do que tudo. E esta criança tem uma alma! Se deixo levarem-na, que será dessa alma? O que eu

vou fazer deve estar certo... E se não estiver, que o Senhor me perdoe, porque não posso deixar de o fazer.

— Então, meu pobre velho — disse Cloé —, porque não vais também? Ficas à espera que te levem para o outro lado do rio, onde matam os negros com trabalho e fome? Eu preferia morrer mil vezes do que ir para lá. Vamos, ainda estás a tempo... foge com a Lizzy. Tens um salvo-conduto para andares por onde quiseres... Vá, mexe-te. Eu arranjo um pacote com as tuas coisas.

Tom levantou a cabeça devagar, olhou em volta tristemente, mas com calma, e disse:

— Não, eu não vou. A Elisa que parta. Faz bem, não digo o contrário. A natureza manda-a partir. Mas ouviste o que ela contou: eu tenho de ser vendido, ou então tudo aqui, as coisas e as pessoas, ficam arruinadas. Acho que posso suportar isso tão bem como qualquer outro.

— E uma espécie de suspiro seguido de um soluço saiu-lhe do peito, que estremeceu convulsivamente... — O senhor — acrescentou —, encontrou-me sempre no meu lugar... vai-me encontrar mais uma vez. Nunca faltei à minha fé, nunca me servi do salvo-conduto contra a minha palavra. Não é agora que vou começar. Mais vale que eu parta sozinho do que ser o causador da venda da casa e da perda de todos. Não devemos censurar o senhor, Cloé. Ele tomará conta de ti e destas pobres crianças...

A estas palavras voltou-se para a cama grosseira onde se viam as pequenas cabeças encarapinhadas, e rompeu em soluços.

— E depois — disse Elisa, que continuava junto da porta —, falei hoje com o meu marido... Ainda não sabia o que ia acontecer... Já não aguenta mais, e disse-me que tencionava fugir. Dêem-lhe notícias minhas; digam-lhe como e porque parti. Digam-lhe que vou tentar chegar ao Canadá; digam-lhe que o amo, e que se não o tornar a ver, digam-lhe...

Voltou-se para a parede, escondendo a cara por uns instante, depois continuou, com voz rouca:

— Digam-lhe que seja o melhor que puder, para nos encontrarmos no céu!... Chamem o Bruno e fechem-no. Pobre animal! Não é conveniente que me siga!

Houve ainda algumas últimas palavras, lágrimas, despedidas rápidas, misturadas com bênçãos. Depois, levando nos braços o filho, espantado e com medo, desapareceu silenciosamente.



## Capítulo VI

### Descoberta

Após a sua longa discussão, o Senhor e a Senhora Shelby levaram tempo a adormecer. Por isso, no dia seguinte acordaram mais tarde do que de costume.

— Não compreendo o que se passa com a Elisa hoje — disse a Senhora Shelby depois de tocar inutilmente a campainha várias vezes.

O Senhor Shelby, de pé em frente do espelho, afiava a navalha de barba. A porta abriu-se, e um jovem mulato entrou, com a água para a barba.

— André — disse a Senhora Shelby —, bata à porta da Elisa e diga-lhe que já chamei três vezes... Coitada! — acrescentou baixinho, dando um suspiro.

André voltou imediatamente, com os olhos muito abertos.

— Minha senhora, as gavetas da Lizzy estão todas abertas, e as coisas espalhadas pelo chão. Parece que se foi embora.

A verdade passou como um relâmpago em frente dos olhos dos esposos. O Senhor Shelby exclamou:

— Suspeitou do que ia acontecer... e fugiu.

— Deus seja louvado! — disse a Senhora Shelby, por seu turno. Sim, foi isso.

— Não sabes o que dizes se ela foi embora, vou ter aborrecimentos. Haley viu que eu hesitava em vender-lhe a criança. Vai pensar que fui cúmplice da fuga... e isso afecta a minha honra.

E o Senhor Shelby saiu do quarto a toda a pressa.

Passado um quarto de hora, era um vaivém contínuo em toda a casa, portas que se abriam e fechavam, e uma confusão de caras de todas as cores.

Só uma pessoa poderia dar qualquer informação, e essa pessoa calou-se; era a cozinheira-chefe Cloé. Em silêncio, com uma nuvem de tristeza ensombrando-lhe a face dantes tão alegre, preparava os doces para o almoço, como se não tivesse visto nada, ouvido nada do que se passava em sua volta.

Daí a pouco, uma dúzia de rapazes negros como o carvão distribuíram-se nos degraus da entrada, cada um disposto a ser o primeiro a dar ao mercador a notícia do seu desaire.

— Aposto que vai ficar maluco — dizia André.

— Vai rogar cada praga — continuava o João Preto.

— E sabe-as das boas — disse por sua vez Mandy, Cabeça-de-Lã.

— Ouvi-o ontem ao jantar. Escondi-me no gabinete onde a senhora guarda a loiça e ouvi tudo!

Haley apareceu finalmente, de botas e esporas... De todos os lados, atiravam-lhe a má notícia à cara.

Os rapazes não ficaram desapontados na sua expectativa: ele praguejou, com uma facilidade e abundância de palavras que os divertiu imensamente; tiveram todavia o cuidado de recuarem e se protegerem, de maneira a ficarem sempre fora do alcance do seu chicote.

Depois, rolaram uns por cima dos outros, às gargalhadas enormes, sobre a relva seca do pátio, gesticulando, gritando e guinchando.

— Malditos! Se eu os apanhasse!... — murmurou Haley entredentes.

— Mas não apanha — disse André com um gesto de triunfo, acompanhado de caretas indescritíveis, mas só quando o mercador voltou costas, e já não podia ouvi-lo.

— Então, Shelby? Acho muito extraordinário — disse Haley, entrando bruscamente no salão. — Parece que a rapariga se safou mais o pequeno.

— Senhor Shelby... está aqui a minha mulher — disse Shelby com dignidade.

— Desculpe, minha senhora — disse Haley, fazendo um leve cumprimento de cabeça, com o sobrolho carregado —, mas repito o que disse: correm estranhas notícias!... É verdade?

— Senhor — respondeu Shelby —, se quer conversar comigo, faça favor de se portar como um cavalheiro. André, pega no chapéu e no chicote do Senhor Haley... Queira sentar-se... E verdade, custa-me dizer-lhe que essa rapariga, que suspeitou ou ouviu dizer aquilo que lhe interessava, pegou no filho e fugiu a noite passada.

— Confesso que esperava que procedessem lealmente para comigo neste negócio — continuou Haley.

— O quê, senhor? — exclamou Shelby aproximando-se dele com ar ameaçador. — Que devo entender dessas palavras?... Para quem põe em dúvida a minha honra, só tenho uma resposta.

Ao ouvir isto, o traficante ficou mais humilde, e disse, baixando o tom.

— De qualquer maneira é duro para um homem que acaba de fazer um bom negócio, ver-se ludibriado desta maneira.

— Senhor — disse Shelby —, se eu não compreendesse que tem uma certa razão no seu desapontamento, não consentiria a forma grosseira como entrou no meu salão. E acrescento, visto que esta explicação me parece necessária, que não suportaria a mais leve insinuação da sua parte: a minha lealdade não admite suspeitas, senhor. Julgo-me todavia obrigado a dar-lhe ajuda e protecção. Leve a minha gente, os meus cavalos, e tente encontrar o que lhe pertence. Em resumo, Haley — continuou ele, perdendo de súbito o tom de fria dignidade para voltar aos seus modos francos e cordiais —, o melhor que tem a fazer é voltar ao seu bom humor... e almoçar connosco... Veremos depois o que há a fazer.

A Senhora Shelby levantou-se e disse que os seus afazeres não lhe permitiam tomar parte no almoço, e encarregando uma mulata de preparar café e servi-lo aos dois homens, abandonou a sala.

— Parece que a velhota não gosta lá muito deste seu criado — disse Haley, fazendo um enorme esforço para parecer familiar.

— Não estou habituado a ouvir falar com tanta familiaridade da minha mulher — respondeu Shelby com secura.

— Desculpe. Só disse isto por brincadeira.

— As brincadeiras devem ser agradáveis — disse Shelby.

— Está livre como o diabo, agora que os papéis foram assinados — murmurou o comerciante. — Como tomou prosápias de ontem para cá!

Nunca a queda de um primeiro-ministro, após uma intriga de corte, desencadeou maior tempestade de emoções do que a notícia do que acabava de acontecer ao pai Tomás. Não se falava de outra coisa. Na cabana, como nos campos, discutiam-se os prováveis resultados do acontecimento. Sendo a fuga de Elisa sem precedentes em casa do Senhor Shelby, o facto aumentava ainda mais a agitação e perturbação de todos.

O negro Samuel (chamavam-lhe negro porque a sua cor era três vezes mais carregada do que é normal na sua raça) analisava todo o desenrolar do assunto, estudava-lhe o alcance, pesava a influência que ele teria no seu próprio bem-estar, com uma força de intuição e uma clareza de vistas que teriam feito as honras de um político branco de Washington.

— Eh, Samuel! Eh, Sam! O senhor precisa de ti para selar o Jerry e a Bell — gritou André, interrompendo o monólogo de Samuel.

— Ah, Para quê, rapaz?

— Então não sabes que a Lizzy se safou com o miúdo?... Tu e eu vamos com o Senhor Haley à procura dela.

— Ah, bem! Chegou a minha vez — disse Samuel. — Agora é o Sam o homem de confiança! Sou eu, o preto! Vais ver se a apanho ou não... Ah, vão ver o que o Sam é capaz de fazer!

— Sam, era melhor pensares duas vezes. A senhora não quer que a apanhem, por isso, tem cuidado!

— Ah! — disse Samuel, abrindo muito os olhos —, como é que sabes isso?

— Ouvi eu esta manhã, quando fui ao quarto levar a água para a barba do senhor. Ela mandou-me ver porque é que a Lizzy não a vinha ajudar a vestir, e quando eu a informei de que ela se tinha ido embora, a senhora disse: Deus seja louvado! E o senhor ficou como doido e respondeu-lhe: Não sabes o que dizes!, Mas ela há-de acabar por o convencer. Eu sei como as coisas se passam. É melhor estar do lado da senhora, digo-te eu!

O negro Samuel coçou a cabeça encarapinhada, que não albergava certamente uma profunda sabedoria, mas que continha esse dom especial necessário aos políticos de todos os países e de todos os regimes, e que consiste em saber de que lado sopra o vento... Samuel começou portanto a reflectir, arregaçando as calças. Era habitualmente o sistema de que se servia para facilitar as operações do seu cérebro.

— Neste mundo nunca se deve dizer que não — murmurou ele por fim.

A palavra neste foi murmurada com toda a ênfase de um filósofo, como se na verdade Samuel tivesse conhecido muitos outros mundos, e esta conclusão fosse o resultado das suas comparações.

— Eu julgava que a senhora ia mandar toda a gente da casa atrás da Lizzy — disse ele, com ar pensativo.

— É o mandas — respondeu o rapaz. — Não vês um palmo adiante do nariz, velho preto? A senhora não quer que esse Haley leve o filho da Lizzy... Aí é que está!

— Ah! — exclamou Samuel, com uma inflexão impossível de compreender por quem nunca a tenha ouvido dos negros.

— E agora espero que vás depressa buscar os cavalos. Não percas tempo. A senhora já perguntou por ti, e ficas para aqui a conversar.

Samuel apressou-se então, e daí a pouco voltava triunfante, trazendo a galope o Jerry e a Bell. Saltou para o chão enquanto eles ainda corriam, e alinhou-os junto da parede como se faz num torneio.

A montada de Haley, que era um potro espantadiço, deu coices, relinchou e sacudiu a cabeça.

— Ah! Ah! — disse Samuel... — Mau! És mau!...

E o seu rosto negro teve um lampejo de malícia... Eu já te vou acalmar.

Uma enorme faia ensombrava o pátio: pequenos bugalhos, triangulares e cortantes, juncavam o chão. Samuel pegou num, aproximou-se do potro, fez-lhe festas e deu-lhe palmadas, como se o quisesse sossegar. E sob o pretexto de lhe apertar a sela, meteu-lhe debaixo o bugalho, de maneira que o menor peso sobre a sela excitaria o animal, sem deixar qualquer vestígio de ferida ou arranhadura.

— Agora — disse ele rolando os olhos e fazendo uma careta —, veremos se ele não fica sossegado...

No mesmo instante, a Senhora Shelby apareceu à varanda, e fez-lhe um sinal.

Samuel aproximou-se, disposto a fazer tudo para lhe cair nas graças, como um solicitador procurando conseguir um lugar vago em Washington ou no palácio de Saint James.

— Porque te demoraste tanto, Samuel? Mandei o André dizer que te apressasses.

— Deus vos guarde, minha senhora! Não podia agarrar os cavalos de um momento para o outro. Eles fugiram, até ao fim do prado.

— Pronto, está bem. Agora, Samuel, vais acompanhar o senhor Haley, para lhe ensinar o caminho... para o ajudar... Tem cuidado com os cavalos, Samuel. Bem sabes que na semana passada o Jerry coxeava um pouco... Não os obrigues a andar muito depressa.

A Senhora Shelby pronunciou estas últimas palavras em voz baixa e com uma determinada inflexão.

— Quanto a isso, deixe o caso cá com o negro — disse Samuel, revirando os olhos para mostrar que tinha compreendido... — Sim, minha senhora, eu vou ter cuidado com os cavalos.

— Agora, André — disse Samuel voltando ao seu posto debaixo da faia —, não me admiro nada que o cavalo do tal senhor comece a dançar quando ele subir para a sela. Sabes, André, os animais, às vezes, dá-lhes para aí. — E deu uma grande palmada significativa nas costas do companheiro.

— Ah! — disse André, dando mostras de ter percebido de repente. Samuel e André sacudiram as cabeças negras, num riso contínuo, embora moderando as gargalhadas maiores. Depois estalaram os dedos e bateram com os pés no chão, numa espécie de éxtase.

Haley apareceu no limiar. Algumas chávenas de café excelente tinham-no acalmádo um pouco. Estava bastante bem humorado. Avançou a sorrir e a conversar. Os dois negros agarraram numas folhas de palmeira a que chamavam os seus chapéus e dirigiram-se para os cavalos a fim de estarem prontos para ajudar o senhor.

As folhas do chapéu de Samuel já não tinham nada que parecesse com aba. Caíam por todos os lados, divididas e tesas, o que lhe dava um ar de revolta. Parecia um chefe de tribo.

A aba do chapéu de André tinha desaparecido completamente, mas um soco engenhoso tinha-o transformado em coroa no alto da cabeça. Ele parecia muito contente de si, como se dissesse: "Quem é que pretende que eu não tenho chapéu?"

— E agora, rapazes, não temos um minuto a perder.

— Nem um minuto, senhor — disse Samuel estendendo-lhe as rédeas e segurando o estribo, enquanto André desamarrava os dois cavalos.

No momento em que Haley se sentou na sela, o feroso animal empinou-se de um salto, e atirou com o dono a alguns metros, sobre a relva seca e mole, que amorteceu a queda.

Samuel correu a segurar na rédea, com um gesto frenético, mas só conseguiu enfiar o seu bizarro chapéu pelos olhos do animal. A vista daquele estranho objecto não podia contribuir de forma nenhuma para lhe acalmar os nervos, por isso, escapou-se violentamente das mãos de Samuel deitando-o ao chão, e soltou dois ou três relinchos de revolta.

Depois de dar uns quantos coices vigorosos, correu até ao fim do prado, seguido imediatamente por Bell e Jerry, que André não se esquecera de desamarrar, excitando-os à fuga com exclamações terríveis.

Seguiu-se uma cena indescritível de desordem. André e Sam gritavam e corriam; os cães ladravam; Mike, Moisés, Amanda, Fanny e todos os outros garotos de raça negra que se encontravam em casa, correram em

várias direcções, dando guinchos, batendo palmas e bamboleando-se, com a boa vontade mais inútil e o zelo mais prejudicial do mundo.

O cavalo de Haley, cheio de vida e ardor, pareceu querer colaborar alegremente com os actores desta cena. Tinha por sua conta um prado de um quarto de légua, que descia a ambos os lados para um pequeno bosque. Deixava por isso que se aproximassem dele, e quando se via ao alcance da mão, tornava a partir, dando coices e relinchos, como um irracional que era, depois afastava-se para qualquer longínquo atalho do bosque. Samuel não se preocupou em o apanhar, senão quando achasse conveniente. Para isso, tinha um trabalho verdadeiramente heróico. Semelhante à espada de Ricardo Coração de Leão, que brilhava sempre na frente e no ponto mais quente da batalha, o chapéu de palma de Samuel aparecia sempre no sítio onde não havia a menor probabilidade de apanhar o cavalo. Nem por isso deixava de gritar com toda a força dos seus pulmões: — Ali! Deste lado! Agarrem-no! Agarrem-no! — de tal maneira que cada vez aumentava ainda mais a desordem e a confusão.

Haley corria também da esquerda para a direita, amaldiçoando, rogando pragas e batendo os pés. O Senhor Shelby, do alto da escadaria, tentava em vão dar ordens, e a Senhora Shelby seguia a cena da janela do seu quarto, rindo e admirando-se... embora no fundo adivinhasse qualquer coisa.

Finalmente pelas 2horas, Samuel apareceu triunfante, montado em Jerry, segurando na mão a rédea do cavalo de Haley, a escorrer suor, mas com os olhos ardentes, as narinas dilatadas e dando a perceber que o seu ardor e fogo ainda não estavam dominados.

— Apanhei-o — gritou ele cheio de orgulho. — Se não fosse eu, era escusado darem-se ao trabalho; não o agarravam!

— Se não fosses tu — rosou Haley de sobrolho franzido —, se não fosses tu, nada disto tinha acontecido!

— Deus seja louvado — respondeu Samuel, com ar compungido... — eu, que fiquei alagado em suor para o servir!

— Sim — disse Haley —, fizeste-me perder três horas por causa da tua estupidez. Agora, partamos, e basta de asneiras!



— Ah, senhor — exclamou Samuel, com voz triste —, quer matar-nos de vez, a nós e aos animais? Nós já não temos forças, e os animais tomaram o freio nos dentes... O senhor devia esperar até depois do jantar... O cavalo do senhor precisa de ser limpo. Veja em que estado ele se pôs... O Jerry está a coxear... e depois, acho que a senhora não o vai deixar partir assim. Que Deus o abençoe, senhor! Não perdemos nada em esperar. A Lizzy não está habituada a andar.

A Senhora Shelby, a quem esta conversa divertia muito, desceu do patamar para tomar parte nela. Avançou para Haley, exprimiu com toda a delicadeza como lamentava o acidente, convidou-o logo para jantar, garantindo que ia mandar servir imediatamente.

Haley, depois de raciocinar um pouco, resolveu ficar e, bastante contrariado, dirigiu-se ao salão. Sam, revirando os olhos com uma expressão impossível de descrever, conduziu devagar os cavalos à cavalaria.

## Capítulo VII

### Angústias de mãe

Nunca um ser humano se sentiu mais infeliz e mais abandonado do que Elisa, no momento em que se afastou da cabana do pai Tomás. Os sofrimentos e o perigo que corria o marido, o destino que esperava o filho, tudo isso se misturava na sua alma com o sentimento confuso e doloroso de todos os perigos a que ela própria se arriscava ao abandonar aquela casa, a única que conhecera, deixando uma senhora que sempre amara e respeitara. Não abandonava assim todas as coisas familiares que nos prendem, o lugar onde crescera, as árvores que lhe haviam abrigado a vista, os bosques onde passara, nas tardes dos dias felizes, ao lado do jovem esposo? Todas essas coisas que lhe vinham à memória à luz fria e brilhante das estrelas, pareciam tomar voz para a censurarem e perguntar-lhe para onde podia ela ir ao abandoná-las.

Mas, mais forte do que tudo o resto, o amor maternal enlouquecia-a de terror, fazendo-a pressentir a aproximação de qualquer perigo. O menino era bastante crescido para seguir ao seu lado; noutras circunstancias, ter-se-ia limitado a levá-lo pela mão; mas só a ideia de nunca mais o poder apertar nos braços fazia-a estremecer; e, apressando a marcha, apertava-o contra o peito num abraço convulsivo.

A terra gelada estalava sob os seus passos. Tremia ao menor vestígio de perigo: o roçar de uma folha, o mexer de qualquer sombra faziam afluir-lhe o sangue ao coração e precipitavam-lhe a marcha. O filho parecia-lhe leve como uma pluma.

Primeiro o espanto, a estranheza das circunstâncias, mantiveram-no acordado; mas a mãe reprimia-lhe tão energeticamente cada palavra, cada suspiro, assegurando-lhe que se ele estivesse sossegado o salvariam, que ele abraçou-se calmamente a ela, dizendo-lhe apenas, quando sentiu chegar-lhe o sono:

— Mãe, eu tenho de ficar acordado? Tenho?

— Não, meu anjo. Dorme, se quiseres.

— Mas se eu dormir tu não me deixas, mãe, pois não?

— Oh, meu Deus! Deixar-te? Não, com certeza — E o seu rosto ficou mais pálido, e os seus olhos negros mais brilhantes...

— Tens a certeza, mãe?

— A certeza absoluta! — respondeu a mãe com voz de que ela própria se assustou, porque parecia vir de um espírito interior que desconhecia.

A criança deixou cair a cabeça cansada e adormeceu. O contacto daqueles bracinhos quentes, a respiração que lhe passava junto do pescoço davam aos movimentos da mãe uma espécie de ardor. Os limites da quinta, as moitas, o bosque, tudo ia passando como fantasmas... E ela andava, continuava a andar, sem descanso, sem tomar fôlego... Os primeiros alvares do dia encontraram-na na grande estrada, a muitas milhas da casa.

Várias vezes, fora com a senhora visitar uns amigos da vizinhança na aldeia de T. , perto de Ohio: conhecia perfeitamente aquele caminho. Mas ir mais longe, atravessar o rio, era para ela o princípio do desconhecido. Só podia, a partir de agora, contar com Deus.

Quando os cavalos e os carros começaram a circular na estrada, compreendeu, com aquela intuição rápida que temos sempre nos momentos de exaltação moral, que parece uma inspiração, que a sua marcha ao acaso e a sua expressão inquieta iam atrair sobre ela a atenção desconfiada dos transeuntes. Pousou por isso a criança no chão, compôs o vestido, ajeitou o cabelo, e moderou a marcha de maneira a salvar as aparências. Tinha feito uma provisão de maçãs e de doces. As maçãs serviram para apressar o passo da criança: fazia-as rolar adiante dele, e o menino corria com todas as suas forças para as apanhar. Esta brincadeira, repetida muitas vezes, fê-la ganhar algumas milhas.

Depressa chegaram a um vale atravessado por um ribeiro fresco e murmurante. O garoto tinha fome e sede e começava a queixar-se. Atravessaram ambos o valado e sentaram-se atrás de uma rocha que os

escondia da vista. Ela deu de comer ao filho. A criança reparou que a mãe não comia, e abraçando-a quis meter-lhe um pedaço de bolo na boca.

— Não, Harry, meu amor. A mãe não pode comer enquanto não estiveres salvo... Temos que ir... Andar, andar muito, até chegarmos ao rio.

E precipitou-se para a estrada... depois seguiu a passo regular e calmo.

Já tinha passado muitas milhas para além dos sítios onde a conheciam. Se por acaso encontrasse alguém dizia para consigo que a bondade proverbial da família afastava qualquer ideia de evasão. E depois, tinha a pele tão clara, que era preciso um bom golpe de vista para reconhecer a mistura do sangue. O filho era tão branco como ela.

Era mais uma possibilidade de passar despercebida.

Por volta do meio-dia parou numa linda quinta para descansar e pedir comida. Conforme se distanciava, o perigo diminuía; tinha os nervos mais calmos, e sentia ao mesmo tempo fome e cansaço.

A dona da quinta, já idosa e com cara de boa pessoa, ficou encantada por ter com quem conversar, e acreditou sem reservas na história de Elisa, que ia, conforme disse, passar uma semana a casa de uma amiga...

— Quem me dera que fosse verdade! — acrescentou ela em voz baixa.

Uma hora antes do pôr do Sol, chegava à aldeia de T., à beira do rio Ohio, cansada, com o corpo dolorido, mas cheia de força de alma.

Voltou os olhos para o rio, que, semelhante ao Jordão da Bíblia, a separava de Canaã e da liberdade.

Era no princípio da Primavera; o rio, cheio e ruidoso, arrastava grandes pedaços de gelo nas águas tumultuosas. Graças à forma especial da margem, que naquela parte de Kentucky avança como um promontório no meio das águas, enormes quantidades de gelo tinham ficado retidas no caminho. Amontoavam-se em pilhas enormes que formavam uma espécie dejangada irregular e gigantesca, interrompendo a comunicação entre as duas margens.

Elisa ficou um instante a contemplar aquele espectáculo desanimador... Não é possível usar a jangada!", pensou ela... E correu a uma pequena estalagem para pedir algumas informações.

A estalajadeira, ocupada com os seus fritos e os seus guisados para a refeição da noite, parou, de garfo na mão, ao ouvir a voz suave e triste de Elisa.

— Que deseja?

— Há alguma jangada ou barco para atravessar as pessoas que vão para B. ?

— Não, não há. Os barcos já não podem passar.

A dor e o abatimento de Elisa preocuparam aquela mulher.

— Precisa de passar para o outro lado do rio? — perguntou-lhe ela com interesse. — Tem alguém doente? Parece inquieta.

— Tenho um filho em perigo de vida. Só ontem à noite é que soube. Vim a correr, na esperança de encontrar a jangada.

— Que pouca sorte — disse a mulher, sentindo despertar todo o seu instinto materno... — Vou ver se a posso ajudar! Salomão! — gritou da janela, lançando a voz em direcção a uma cabana enegrecida.

Um homem com as mãos sujas e um avental de coiro apareceu à porta.

— Ouve lá, Salomão, o tal homem não vai atravessar o rio esta noite?

— Disse que vai tentar, se for possível.

Então a estalajadeira voltou-se para Elisa:

— Logo há-de vir aqui um homem para passar esta noite umas mercadorias. O melhor é sentar-se e esperar. Que lindo menino! acrescentou, oferecendo um bolo à criança.

Mas o garoto, cansado do caminho, começou a chorar.

— Pobre menino! — disse Elisa —, não está habituado a andar...

— Deite-o aqui neste quarto — disse a estalajadeira abrindo um pequeno gabinete onde havia uma cama confortável. Elisa deitou ali o filho

e segurou-lhe as mãos nas suas até ele adormecer. Para ela não podia haver sossego. A ideia dos seus perseguidores, como um fogo ardente, devorava-lhe os ossos. Olhava por entre lágrimas as ondas altas e terríveis que deslizavam entre ela e a liberdade.

Mas deixemos a infeliz mulher por uns instantes, e vejamos o que aconteceu aos que a perseguiam.

É verdade que a Senhora Shelby dissera que o jantar ia ser servido imediatamente: mas daí a pouco verificou-se, como acontece muita vez, que quem quer vai, quem não quer manda. Embora as ordens fossem dadas na presença de Haley e transmitidas à mãe Cloé por, pelo menos, uma dúzia de rápidos mensageiros, essa alta dignitária limitou-se amurmurar algumas palavras inaudíveis como resposta, sacudindo a cabeça, e continuou o seu trabalho com uma lentidão desusada.

Toda a casa parecia instintivamente adivinhar que a senhora não se preocupava nada com este atraso; não se pode imaginar o número de acidentes que atrasaram o curso normal das coisas. Um ajudante desastrado entornou o molho: foi preciso fazê-lo de novo. Cloé pôs nisso um cuidado desesperante e uma precisão meticulosa. A todas as recomendações respondia que não ia servir um molho mal feito a uma pessoa que tinha pressa em caçar outra. Um rapazinho caiu e entornou a água que trazia: foi preciso voltar outra vez à fonte. Outro deixou cair a manteiga.

De vez em quando apareciam, dando gargalhadas, para dizer na cozinha que o Senhor Haley não parecia nada satisfeito, e passeava inquieto da janela até à porta.

— Estou muito satisfeito — disse Tom — que o senhor não tenha saído esta manhã, como tencionava. Isso era pior do que saber que fui vendido. Para ele era uma coisa muito natural mas muito triste para mim, que o conheço desde pequeno, vi o senhor e, assim, começo a sentir-me conformado com a vontade de Deus. O senhor não podia resolver as coisas de outra maneira. Fez bem. Mas tenho medo que suceda ainda pior quando me for embora. Ninguém espera que o senhor ande para aí a vigiar tudo, como eu fazia. Os rapazes têm boa vontade, mas são muito descuidados... é isso que me aflige!

Ouviu-se a campainha, e Tom foi chamado ao salão.

— Tom — disse Shelby com bondade —, devo prevenir-te que terei de devolver dez mil dólares a este senhor, se não estiveres amanhã no sítio que ele te indicar. Agora ele tem outros assuntos a resolver. Tens o dia livre. Podes ir para onde quiseres, meu rapaz.

— Obrigado, senhor — respondeu Tom.

— E não te esqueças — acrescentou o traficante — que se pregares alguma partida ao teu senhor, eu lhe exijo a devolução do dinheiro. Se ele pensasse como eu, nunca se fiava em vocês, os negros. Vocês escapam-se como enguias.

— Senhor — disse Tom, endireitando-se diante de Shelby —, eu tinha oito anos quando a velha senhora o pôs nos meus braços; ainda o senhor não tinha um ano: Tom, este será o teu senhor — disse-me ela —, toma bem conta dele. E agora pergunto-lhe, meu senhor, faltei ao meu dever? Alguma vez lhe fui infiel, sobretudo desde que sou cristão.

— Meu velho Tom, Deus sabe que dizes a verdade... e se eu pudesse não te vendia, nem por todo o ouro do mundo.

— Tão certo como eu ser cristã — disse por sua vez a Senhora Shelby —, há-de ser resgatado assim que nós pudermos. Senhor Haley, lembre-se a quem o vender e diga-me.

— Quanto a isso, pode ficar descansada — disse Haley. — Se quiser, posso trazer-lho daqui a um ano.

— Compro-lho por bom preço.

— Muito bem — disse o mercador. — Compro, vendo, contanto que faça um bom negócio. É só o que eu peço, compreende?...

O Senhor e a Senhora Shelby sentiam-se humilhados e rebaixados com aquela familiaridade do mercador; mas também sentiam ambos necessidade imperiosa de dominar os seus sentimentos: quanto mais o mercador se mostrava duro e avaro mais a Senhora Shelby receava vê-lo conseguir apanhar Elisa e o filho. Procurava portanto retê-lo com toda a forma de habilidades femininas: eram deferências, sorrisos, conversações quase íntimas... tudo, enfim, que fizesse passar o tempo insensivelmente.

Decorrida mais uma hora, Samuel e André trouxeram os cavalos, que pareciam mais descansados do que nunca, apesar das correrias da manhã.

Quando Haley se aproximou, Samuel dizia a André, referindo-se evidentemente ao que iam fazer, que tudo correria pelo melhor e que não duvidava do maior êxito.

— Quero seguir a direito até ao rio — disse Haley ao chegar ao limite da propriedade. — Sei o caminho que todos eles tomam: tentarão passar.

— Com certeza — disse Samuel — é uma boa ideia! O Senhor sabe o que faz... Mas há dois caminhos para chegar ao rio, o de terra e o caminho de pedras. Por qual quer seguir?

André olhou ingenuamente para Samuel surpreendido com aquela novidade topográfica, mas confirmou imediatamente as palavras do outro, com reiteradas afirmações.

— Acho que a Elisa foi pela que é menos frequentada — corroborou ele.

Haley, apesar de ser raposa velha e naturalmente muito desconfiado, deixou-se convencer com esta observação.

Era realmente uma velha estrada que servira outrora para chegar ao rio. Estava abandonada havia muitos anos em favor de um novo caminho. A estrada estava livre até cerca de uma hora de marcha; depois disso era cortada por sebes e quintas. Samuel sabia isso, mas estava havia tanto tempo vedada, que André por isso, cavalgava com um ar de submissão respeitosa, resmungando e gritando de tempos a tempos que o piso era muito áspero e péssimo para a pata de Jerry.

— Previno-os de que já os conheço, seus espertalhões — disse Haley. — Todas as vossas intrujices não me farão abandonar esta estrada... Cala-te, André!

— Faça como entender, senhor — continuou Samuel, com ar humilde. E ao mesmo tempo, lançou uma olhadela significativa a André, que quase ia rebentando a rir.

Samuel estava no auge da animação: gabava-se da sua óptima vista, e gritava de vez em quando: Ah Estou a ver um chapéu de mulher lá no alto!, ou então, chamando a atenção de André: Não é a Lizzy, escondida naquele buraco? Escolhia para estas exclamações as zonas difíceis e pedregosas da



estrada, onde era quase impossível apressar o passo. Mantinha assim Haley em perpétuo sobressalto.

Após uma hora de marcha, os três viajantes desceram precipitadamente para um pátio pertencente a uma grande quinta. Não encontraram ninguém. Estava toda a gente para os campos; mas como a quinta barrava completamente o caminho, era evidente que não se podia seguir mais adiante naquela direcção.

— Que lhe dizia eu, senhor? — exclamou Samuel com o ar de quem foi obrigado a fazer uma coisa contra vontade. — Como é que um estranho podia conhecer o caminho melhor do que os que nasceram e foram criados aqui?

— Patifes! — gritou Haley —, vocês sabiam muito bem!

— Mas eu disse-lhe e o senhor não quis acreditar. Eu disse ao senhor que o caminho estava todo vedado e fechado, e que não podíamos passar. O André ouviu.

Esta afirmação era demasiado verdadeira para que alguém a pudesse contradizer. O mercador foi por isso obrigado a disfarçar o melhor possível. Dominou a sua cólera, e deram todos três meia volta e dirigiram-se para a estrada.

De todos estes atrasos, resultou um certo avanço para a Elisa. Havia três quartos de hora que a criança dormia no gabinete da estalagem, quando Haley e os dois escravos ali chegaram também.

Elisa estava à janela, olhando em direcção contrária. Os olhos agudos de Samuel viram-na imediatamente. Haley e André vinham alguns passos atrás. Era um momento decisivo. Samuel fez com que um golpe de vento lhe levasse o chapéu. Deu um grito formidável e de uma maneira muito especial. Esse grito despertou Elisa como um aviso. Recuou imediatamente.

Os três viajantes pararam em frente da porta de entrada, muito perto da janela.

Para Elisa, concentraram-se ali mil vidas naquele instante supremo. O gabinete tinha uma porta lateral que dava para o rio. Agarrou no filho e desceu a correr alguns degraus. O mercador viu-a no momento em que ela desaparecia por detrás da encosta da margem. Desceu do cavalo, chamou

Samuel e André aos gritos, e precipitou-se atrás dela, como o cão corre atrás de um veado. Naquele minuto terrível, os pés de Elisa mal tocavam o chão; parecia levada na crista das ondas. Seguiram atrás dela. Então, com aquele poder que Deus concede apenas aos desesperados, soltando um grito selvagem, de um salto, ela atirou-se da margem por sobre a torrente ruidosa e caiu najangada de gelo. Foi um salto desesperado, impossível, raiando o desespero e a loucura. Haley, Samuel e André lançaram uns gritos e levantaram as mãos ao céu.

Um enorme bloco de gelo estalou e fugiu-lhe debaixo dos pés. mas ela não parou um segundo. Entretanto, lançando sempre gritos selvagens, redobrando de energia perante o perigo, lançou-se de bloco em bloco, escorregando, agarrando-se, caindo, mas levantando-se sempre! Perdeu um sapato, as meias fugiram-lhe das pernas, deixou o seu rasto marcado com sangue. Mas não deu por nada, não sentiu nada, até que finalmente... como num sonho, viu a outra margem, e um homem que lhe estendia a mão.

Elisa reconheceu a cara e a voz de um homem que morava numa quinta muito perto da sua antiga morada.

— Oh, Senhor Symmer, salve-me! Salve-me! Esconda-me! — pediu ela.

— Mas o que aconteceu? Já não estás em casa do Senhor Shelby?

— O meu filho, esta criança, ele vendeu-a! E aquele é o seu novo dono — disse ela, apontando a margem de Kentucky. — Oh, Senhor Symmer! O senhor também tem um filho!

— Sim, tenho!... — E ajudou-a, com rudeza, mas com bondade, a subir para a margem.

Quando chegaram ao alto da margem, o homem parou:

— Eu gostava de fazer qualquer coisa por ti — disse ele —, mas não tenho onde te alojar. A única coisa que posso fazer é indicar-te onde deves ir. — E mostrou-lhe uma grande casa branca isolada na rua principal da cidade. — Vai lá. São boas pessoas. Não há o menor perigo... Eles te ajudarão... Estão habituados a coisas deste género.

— Deus o abençoe! — disse Elisa, com vivacidade.

— Não tem importância — continuou o homem —, não tem importância nenhuma, absolutamente nenhuma.

— E o senhor não vai contar a ninguém?

— Por quem me tomas, mulher? Mereces bem a tua liberdade, e tê-las, se isso depender de mim.

Elisa pegou novamente no filho ao colo, e caminhou a passo firme e rápido. O quinteiro parou a vê-la.

Shelby talvez ache que eu não fui um bom vizinho, mas que importa? Se apanhar alguma vez uma das minhas mulheres nas mesmas circunstâncias, não vai perder a ocasião de se desferrar. Mas eu não resisti, ao ver esta pobre criatura a correr, a lutar, com os cães a persegui-la, e tentando salvar-se... Aliás, não estou encarregado de dar caça e apanhar os escravos dos outros.

Haley ficara como fulminado por este espectáculo. Quando Elisa desapareceu, lançou sobre os dois negros um olhar turvo e inquisidor.

— Foi bonito — disse Samuel.

— É preciso que ela tenha sete diabos no corpo — continuou Haley...  
— Saltava como um gato-selvagem.

— Meu Deus! — disse Samuel —, espero que o senhor não nos tenha levado a mal por não a seguir. Não tivemos coragem de ir por aquele caminho.

E Samuel teve um acesso de riso que nunca mais acabava.

## Capítulo VIII

### Onde se vê que um senador não passa de um homem

Os reflexos de um lume vivo reflectiam-se no tapete e nos cortinados de um belo salão, e brilhavam no bojo resplandecente de uma chaleira rodeada de chávenas. O Senhor Bird, o senador, descalçava-se e preparava-se para meter nos pés um par de pantufas novas que a mulher acabara de fazer para ele durante a sessão do Senado. A Senhora Bird, imagem viva da felicidade, cuidava do arranjo da mesa, dirigindo de vez em quando recomendações a umas poucas de crianças barulhentas, que se entregavam a todas as desordens e maldades que são otormento das mães desde que o mundo é mundo.

— Então — perguntou a mulher quando a mesa estava quase pronta e o chá preparado —, o que foi que fizeram hoje no Senado?

Era caso raro ver aquela pequenina Senhora Bird preocupar-se com o que se passava no Senado. Ela achava, com muita razão, que lhe bastava ter de se preocupar com a casa. Por isso, o Senhor Bird abriu muito os olhos e disse:

— Minha querida, votaram uma lei que proíbe ajudar os escravos que vêm de Kentucky. Esses abolicionistas furiosos fizeram tantas que os nossos irmãos de Kentucky estão muito irritados, e parece necessário e ao mesmo tempo prudente e cristão que o nosso estado faça qualquer coisa para os sossegar.

— Que lei vem a ser essa? Não nos proíbe com certeza de albergar por uma noite essas pobres criaturas?... Proíbe? Proíbe que lhes dêmos umaboarefeição, algumas roupas usadas, e deixá-los ir tranquilamente à sua vida?

— Mas, querida, tudo isso seria protegê-los e ajudá-los, bem vê-los.

— John, gostava de saber se achas verdadeiramente que essa lei é justa e cristã.

— Não me mandas fuzilar, Mary, se te disser que sim?

— Não esperava isso de ti, John. Não a votaste, está claro!

— Claro que votei, senhora dona política...

— Devias ter vergonha, John! Essas pobres criaturas, sem tecto, sem abrigo! Que lei infame, sem coração, abominável. Desobedeço-lhe assim que tiver ocasião... e essa ocasião há-de chegar!... Ah! Ao que chegámos, se uma pessoa não pode dar sem praticar um crime, uma sopa quente e uma cama a esses desgraçados que morrem de fome, porque são escravos, quer dizer, porque foram oprimidos e torturados durante toda a vida! Pobre gente!

— Mas, querida Mary, escuta. Os teus sentimentos são justos e humanos, e gosto de ti por seres assim. Mas, querida, não devemos deixar-nos arrastar pelos nossos sentimentos sem pensar. Não se trata aqui do que nós sentimos. Estão em jogo grandes interesses públicos. Vai uma tal efervescência entre o povo, que devemos sacrificar as nossas próprias simpatias.

— Ouve, John! Eu não sei nada da vossa política, mas sei ler a Bíblia, e vejo que devo dar de comer a quem tem fome, vestir os nus, consolar os aflitos. E quero seguir a Bíblia!

— Mas no caso da tua atitude desencadear uma desgraça pública?

— Obedecer a Deus nunca pode desencadear uma grande desgraça pública... Sei que isso não pode ser! O melhor é fazer sempre o que ele ordena.

— Escuta, Mary, vou dar-te um excelente argumento para te provar que...

— Não, John! Podes ficar para aí a falar toda a noite que não me convences. E pergunto-te: serias capaz de expulsar da tua casa uma criatura a morrer de fome e de frio, só por ser um escravo fugitivo? Serias capaz? Responde!

Agora, devemos dizer que o nosso senador tinha a infelicidade de ser um homem de natureza terna e sensível: expulsar uma pessoa em dificuldade nunca fora o seu forte, e o que era ainda mais aborrecido para ele, em presença de um tal argumento, era que a mulher o conhecia bem, e que sabia a praça sem defesa... Precisava portanto de recorrer a todos os meios possíveis para ganhar tempo: fazia que puxava do lenço, limpava os vidros dos óculos. A Senhora Bird, vendo que o campo inimigo estava quase conquistado, abusava ainda mais das suas vantagens.

No ponto crítico da discussão, o velho Cudjox, o criado para todo o serviço da casa, espreitou à porta e pediu à senhora se podia chegar à cozinha.

O nosso senador, aliviado, seguiu com os olhos a mulher, com uma caprichosa mistura de prazer e contrariedade e, sentando-se num cadeirão, começou a ler os seus papéis.

Passados uns instantes, ouviu-se a voz da Senhora Bird que dizia em tom vivo, cheia de comoção:

— John! John! Podes chegar aqui um instante?

O Senhor Bird pôs de parte os papéis e dirigiu-se à cozinha. Ficou mudo de espanto com o espectáculo que tinha na sua frente. Uma jovem magra, com o vestido roto e encharcado, sem um sapato, a meia caída, um pé ferido e cheio de sangue, estava deitada sobre duas cadeiras, sem sentidos... Reconheciam-se no seu rosto os traços distintos da raça desprezada, mas adivinhava-se ao mesmo tempo a sua beleza triste e apaixonada; a sua rigidez de estátua, o seu aspecto imóvel, onde se lia a morte, causavam imediatamente angústia.

O Senhor Bird ficou parado, com o peito arfante e em silêncio. A mulher, o seu único criado de cor e a tia Dina entregavam-se activamente em fazê-la voltar a si, enquanto o velho Cudjox pegava no menino nocolo, tirava-lhe os sapatos e as meias, e tentava aquecer-lhe os pés.

— Pobre rapariga! Só vê-la, mete dó — disse a velha Dina com voz angustiada. — Acho que foi o calor que lhe fez mal... Estava tão bem quando entrou... pediu para se aquecer um pouco. Perguntei-lhe de onde vinha, e ela caiu estendida no chão. Nunca fez trabalhos pesados, vê-se pelas mãos.

— Pobrezinha! — disse a Senhora Bird com voz comovida, quando a jovem, abrindo os grandes olhos pretos, lançou em volta um olhar distante e vago... Uma expressão de angústia passou-lhe no rosto, e de repente exclamou:

— Oh! O meu Harry! Levaram-no?

Ao ouvir este grito, a criança soltou-se dos braços de Cudjox e correu para ela.

— Ah! Está aqui! Está aqui!

E, com ar desvairado, dirigindo-se à Senhora Bird:

— Oh, minha senhora, proteja-o! Não deixe que o levem!

— Não, com certeza! Aqui ninguém te fará mal — disse a Senhora Bird. — Estás em segurança, nada receies.

— Que Deus lhe pague — disse a escrava cobrindo o rosto com as mãos, a soluçar.

O garoto, ao vê-la a chorar, tentou apertá-la nos braços.

Finalmente, ela acalmou-se, graças a todos os cuidados delicados e femininos que ninguém sabia dar melhor do que a Senhora Bird.

Arranjaram provisoriamente uma cama para ela junto do fogo, e a rapariga em breve caiu num sono profundo, envolvendo nos braços o filho, que estava tão fatigado como ela. Não quis separar-se dele, ao contrário, resistira com uma espécie de medo nervoso, a todos os esforços feitos para lho tirarem. Mesmo durante o sono, abraçava-o, apertava-o num amplexo que ninguém conseguiria desatar, como se quisesse defendê-lo ainda.

O Senhor e a Senhora Bird voltaram para o salão e, por mais estranho que possa parecer, nem um nem outro fizeram a menor alusão à conversa anterior. A Senhora Bird pegou no seu tricô, e o senador fingiu ler os seus papéis, até que, pondo-os de lado, disse:

— Não faço ideia de quem ela seja, nem o que faça. — Quando acordar, e estiver mais calma, veremos — respondeu a Senhora Bird.

— Diz-me uma coisa, querida — perguntou o Senhor Bird, após uns segundos de silêncio.

— O quê, meu amigo?...

— Não podias dar-lhe um dos teus vestidos, descendo um pouco a bainha? Parece-me que ela é um pouco mais alta do que tu.

Um sorriso imperceptível passou sobre o rosto da Senhora Bird, e respondeu:

— Vai-se ver!...

Segundo silêncio, quebrado novamente pelo Senhor Bird.

— Outra coisa, querida!

— Sim. Que mais queres?

— Sabes, aquele casaco de bombazina que me costumas pôr pelas costas quando durmo a minha sesta depois do jantar... podias dar-lho também. Ela precisa de roupas.

Naquele mesmo instante, apareceu Dina e disse que a mulher tinha acordado e queria falar com a senhora.

O Senhor e a Senhora Bird dirigiram-se à cozinha, seguidos dos dois filhos mais velhos. A prole de mais tenra idade fora metida na cama a tempo e horas.

Elisa estava sentada na lareira, junto do lume. Olhava fixamente as chamas com aquela expressão calma, indício de um coração despedaçado, muito diferente do tumulto selvagem que descrevemos antes.

— Pode falar comigo — disse a Senhora Bird, num tom cheio de bondade. — Espero que se sinta melhor.

Um profundo suspiro e um estremecimento foram a única resposta de Elisa. Mas levantou os olhos pretos e fixou-os na Senhora Bird com uma expressão de tristeza tão profunda e de súplica tão comovedora que a pobre mulher sentiu-se dominada pelas lágrimas.

— Nada receie. Está entre amigos. Diga-me de onde vem e o que quer.

— Venho de Kentucky.

— Quando saiu de lá? — continuou o senhor, que queria dirigir o interrogatório.



— Esta noite.

— E como chegou até aqui?

— Passei por cima do gelo.

— Por cima do gelo? — repetiram todos os assistentes.

— Sim — continuou ela, devagar. — Consegui, com a ajuda de Deus, porque eles vinham atrás de mim... perto, muito perto... e não havia outra solução.

— Meu Deus! — exclamou Cudjox —, mas o gelo partiu-se em grandes blocos que deslizam e andam às voltas sobre o rio.

— Bem sei, bem sei — disse Elisa, com ar desvairado. — Mas foi assim... Nunca julguei conseguir... Tinha de passar ou morrer. Nunca sabemos até que ponto Ele ajuda quem precisa — acrescentou, com um brilho nos olhos.

— Era escrava? — perguntou o Senhor Bird.

— Era, sim. Pertencia a um senhor de Kentucky.

— E ele tratava-a mal?

— Oh, não! Era um senhor muito bom.

— E a senhora, era ríspida?

— Não, não! A senhora foi sempre boa para mim.

— Então o que a levou a abandonar uma boa casa, a fugir, ainda por cima através de tantos perigos?

A escrava fixou na Senhora Bird um olhar interrogador. Reparou que ela estava vestida de luto.

— Minha senhora — disse ela de repente —, alguma vez perdeu um filho?

A pergunta era inesperada, e revolveu uma chaga ainda aberta. Havia três meses que um menino, o benjamim da família, fora a enterrar.

O Senhor Bird voltou-se e foi até à janela. A Senhora Bird começou a chorar, mas, dominando-se imediatamente, disse:

— Porque faz essa pergunta? Sim, perdi um filho.

— Então pode compreender a minha dor. Eu já perdi dois, um a seguir ao outro. Ficaram na terra de onde venho. Só me resta este. Não houve uma só noite que não dormisse ao meu lado. É tudo quanto possuo no mundo, o meu consolo, o meu orgulho, a minha preocupação de dia e de noite. Pois bem, minha senhora, iam tirar-mo para mo venderem, venderem-no aos mercadores do Sul, para ele ficar sozinho, o pobre garoto que nunca se separou de mim na vida. Não pude suportar tal ideia, minha senhora. Eu bem sabia que se o levassem, nunca mais seria capaz de fazer nada, e quando soube que tinha sido vendido, que os papéis já estavam assinados, peguei nele e fugi durante a noite. Eles seguiram-me. O homem que me comprou e alguns escravos do meu senhor estavam quase a apanhar-me, ouvi-os perto. e então saltei para cima do gelo. Como foi que consegui passar, nem sei. E vi um homem que me ajudava a subir para a margem.

Não chorava nem soluçava. Tinha chegado àquele ponto da dor em que as lágrimas secam. Mas em seu redor cada um demonstrava à sua maneira o que lhe ia no coração.

Os dois garotos, depois de procurarem inutilmente na algibeira aquele lenço que nunca se encontra, acabaram por se agarrar às saias da mãe, chorando e soluçando, e limpando os olhos e o nariz ao vestido dela. A Senhora Bird tapara o rosto com o lenço, e a velha Dina, com as lágrimas a correrem em cascata sobre a bondosa cara negra, exclamava: Que Deus tenha piedade de nós. Parecia estar a fazer um discurso numa missão. O velho Cudjox esfregava os olhos à manga com força, fazia inúmeras caretas, e respondia no mesmo tom, com o maior fervor. O nosso senador, na sua qualidade de homem de Estado, não podia chorar como qualquer outra pessoa: voltou o rosto ao grupo, e foi espreitar pela janela, suspirando, limpando os óculos, mas assoando-se vezes suficientes para levantar suspeitas, caso se encontrasse ali alguém bastante senhor de si para poder fazer críticas.

— Como pode dizer que tinha um senhor muito bom? — perguntou ele, voltando-se de repente, e reprimindo os soluços que lhe subiam à garganta.

— Disse, porque é verdade — respondeu Elisa. — Era muito bom, e a senhora também, mas o dinheiro não lhes chegava! Tiveram que... Eu não sei explicar, mas havia um homem que os tinha na mão e os obrigava a fazer o que ele queria.

— Não é casada?

— Sou. Mas o meu marido pertence a outro homem. O senhor dele trata-o mal e não o deixa visitar-me... Tornou-se cada vez mais cruel: Ameaça-o a todo o momento de o mandar para o Sul e de o vender... É como se nunca mais contasse tornar a vê-lo.

O tom calmo com que Elisa pronunciou estas palavras poderia levar um observador superficial a crer que ela era completamente insensível; mas podia verificar-se, reparando nos seus grandes olhos, que o seu desespero só aparentava calma por ser tanto mais profundo.

— E onde tenciona ir? — perguntou a Senhora Bird, cheia de bondade.

— Para o Canadá, se souber o caminho. É muito longe, o Canadá? — perguntou ela, com ar simples e confiante, olhando para a Senhora Bird.

— É mais longe do que julga, minha filha. Mas nós vamos tentar fazer qualquer coisa por si. Ouve, Dina, é preciso fazer uma cama no teu quarto, ao pé da cozinha. Amanhã de manhã verei o caminho a seguir. Entretanto, nada receie, minha filha. Confie em Deus. Ele a protegerá.

A Senhora Bird e o marido voltaram para o salão. A mulher sentou-se junto da lareira, numa cadeira de baloiço. O Senhor Bird passeava de cá para lá, murmurando:

— É um problema! É um problema!...

Finalmente, caminhou direito à mulher e disse-lhe:

— Minha querida, é preciso que ela se vá embora esta noite mesmo! O mercador chegará aqui amanhã de manhã cedo. Se fosse só a mulher, podia esconder-se até ele se ir embora; mas nem um exército consegue manter um garoto sossegado. Põe-se a espreitar à porta ou à janela, é mais que certo: seria muito bonito para mim apanharem-me aqui com eles!... Não, têm de se ir embora esta noite!

— Esta noite? Como pode ser? E para onde?

— Onde? Sei lá! — disse o senador, calçando as botas. Quando ficou com um pé calçado, sentou-se, a outra bota na mão, estudando hentamente os desenhos do tapete. — Não há mais remédio — disse ele-, apesar de que... Diabos! — Meteu a outra bota no pé, e voltou para a janela.

A Senhora Bird era uma mulher discreta, uma mulher a quem nunca ninguém ouvira dizer uma só vez na vida: Eu bem sabia! Na presente ocasião, embora soubesse onde conduziria a meditação do marido, absteve-se prudentemente de o interromper. Sentou-se em silêncio, preparando-se para ouvir a resolução do seu legítimo senhor, quando ele se resolvesse a dar-lha a conhecer.

— Sabes — disse ele —, lembrei-me do meu antigo cliente, Van Tromp, que veio de Kentucky, e libertou todos os seus escravos. Estabeleceu-se a sete milhas daqui, atrás do rio, num sítio onde não vai ninguém, a não ser que tenha negócios a tratar. É um sítio que não se descobre com facilidade. A rapariga pode ali ficar em segurança. O pior é que ninguém consegue lá chegar de noite com a carruagem. Ninguém, a não ser eu.

— Mas o Cudjox é um excelente cocheiro.

— Sem dúvida. Mas é preciso passar o rio a vau duas vezes. A segunda passagem é perigosa quando não se conhece como eu conheço. Passei-a mais de cem vezes a cavalo, e sei as voltas a dar. Bem vêes que não há outra solução. Cudjox atrela os cavalos tranquilamente cerca da meia-noite, e eu levo-o comigo. Para dar veracidade à coisa, finjo que ele me acompanha para tomar o carro de Colombo, que passa dentro de três ou quatro horas. Assim, julgam que foi para isso que eu levei a carruagem. Tenho lá uns negócios a tratar amanhã de manhã. Não sei o que me vai acontecer depois do que disse e fiz sobre a questão dos escravos. Não importa.

— John, o teu coração é muito melhor do que a tua cabeça! — exclamou a Senhora Bird pondo a mão pequena e branca sobre a mão do marido. — Seria possível que alguma vez te tivesse amado se não te conhecesse melhor do que tu te conheces a ti próprio?

E a mulher pareceu-lhe tão bonita, com os olhos tão brilhantes de lágrimas que o senador pensou que era na verdade um homem excepcional, para ter inspirado nela uma admiração tão apaixonada. Que poderia fazer então, senão mandar atrelar a carruagem? Todavia, parou à porta e, voltando para trás, disse, um pouco hesitante:

— Mary, não sei se estás de acordo, mas temos uma gaveta cheia de coisas... do... do... nosso pequeno Henrique... — Deu rapidamente meia volta e fechou a porta atrás dele.

A mulher abriu a porta de um pequeno quarto de dormir contíguo ao seu, pôs um castiçal em cima da secretária e, tirando a chave de um pequeno esconderijo, meteu-a com ar pensativo na fechadura da gaveta.

A Senhora Bird abriu lentamente a gaveta. Havia fatinhos de todos os modelos, colecções de bibes e de peúgas. Havia até mesmo sapatos.

Sapatos que tinham sido usados, gastos nos calcanhares. As biqueiras desses sapatos espreitavam pela abertura do saco de papel onde estavam metidos. Havia também brinquedos familiares: o cavalo, a carroça, a bola, um pião. Pequenas recordações queridas, guardadas com muitas lágrimas e o coração desfeito!

Sentou-se em frente dessa gaveta, escondeu o rosto nas mãos e chorou! As lágrimas deslizavam por entre os dedos e caíam na gaveta!

Depois, levantando de repente a cabeça... com uma precipitação nervosa escolheu entre aquelas coisas as mais sólidas e melhores, e fez um embrulho.

Passados uns momentos, a Senhora Bird abriu um guarda-fato e, tirando um ou dois vestidos simples mas ainda em bom uso, sentou-se à mesa de costura, munida de agulha, tesoura e dedal, e começou a operação de deitar a bainha abaixo como o marido dissera.

Trabalhou activamente até que o velho relógio, colocado a um canto do quarto, bateu as doze badaladas da meia-noite. Ouviu então um barulho abafado de rodas parando à porta.

— Mary — disse o Senhor Bird entrando de sobretudo na mão, vai acordá-la. Temos de partir!

A Senhora Bird apressou-se a meter numa pequena caixa as diversas coisas que juntara; fechou a caixa e pediu ao marido que a pusesse no carro. Depois correu a despertar a rapariga. Daí a pouco, embrulhada num casaco e num xaile, com um chapéu da sua benfeitora, Elisa apareceu à porta, com o filho nos braços.

— Suba! Suba! — diss a Senhora Bird. E empurrou-a para dentro da carruagem. Elisa debruçou-se à portinhola e estendeu a mão. Outra mão igualmente bonita branca estendeu-se também para ela. Fixou os seus grandes olhos pretos cheios de emoção e reconhecimento no rosto da Senhora Bird.

Parecia querer dizer qualquer coisa.

Tentou uma ou duas vezes: mexeu os lábios mas não conseguiu articular qualquer som. Levantou aos céus um daqueles olhares que nunca mais se esquecem, inclinou-se no banco e tapou o rosto. O carro partiu...

Que situação para um senador que durante toda a semana estimulou o zelo da legislatura do seu país para fazer votar as mais severas sanções contra os escravos fugitivos e aqueles que os recolhem e os ajudam!

O nosso legislador vencera qualquer dos seus confrades de Washington neste género de eloquência que levou tão alto a glória dos nossos senadores. Como fora sublime quando se sentara, de mãos nas algibeiras, ridicularizando a fraqueza sentimental daqueles que põem o bem-estar de qualquer miserável fugitivo acima dos grandes interesses do Estado.

Nesse ponto, ele era como um leão, estava fortemente convencido, e comunicara a sua convicção à assembleia. Mas nessa altura ele não conhecia a respeito de um fugitivo mais do que as letras com que se escreve essa palavra, ou quando muito a caricatura vista num jornal, de um homem passando com a trouxa metida num pau. Mas a magia poderosa de uma desgraça real e presente, um olhar humano implorando ajuda, as mãos humanas, pálidas e trementes, o apelo desesperado de uma agonia sem socorro... eram qualquer coisa a que ele nunca resistira. Nunca tinha imaginado que esse escravo em fuga pudesse ser a infeliz mãe de uma criança indefesa, como a que nesse momento usava o bonezinho — tinha-o reconhecido — do seu pobre filho morto. De qualquer maneira, embora o

Senhor Bird fosse um político com culpas, estava agora a pagá-las com os percalços da sua viagem nocturna. Tinha chovido dias a fio, e aquela boa e rica terra de Ohio, sempre pronta a transformar-se em lama, ficara encharcada pela chuva. A estrada era muito antiga.

Naquelas regiões onde a lama atinge profundidades incalculáveis, as estradas são feitas de grosseiras placas de madeira postas transversalmente ao lado umas das outras: cobrem-se depois com terra, erva e o quanto se apanha... e os naturais da região chamam àquilo estrada e ficam muito satisfeitos por poderem caminhar sobre ela. Com o Inverno, a chuva arrasta a terra e a erva, arranca as placas de madeira, coloca-as numa desordem pitoresca, abrindo aqui e acolá abismos de lodo negro.

Era por uma dessas estradas que seguia o nosso senador, aos solavancos, entregue a reflexões interrompidas com frequência pelos acidentes do terreno.

Era alta a noite quando a carruagem, depois de conseguir atravessar o rio, parou em frente da porta de uma grande quinta. Foi preciso insistir para acordar os moradores. Finalmente, o respeitável proprietário apareceu e abriu a porta. Era um homem alto e forte, que vestia uma camisa de caçador, de flanela encarnada. Os cabelos, de um amarelo desbotado pareciam uma floresta inculta. Uma barba de alguns dias dava àquele homem digno um aspecto que não abonava em seu favor.

Ficou alguns minutos de archote na mão, examinando os viajantes com o ar de atrapalhação mais divertido do mundo. O senador teve imenso trabalho para lhe fazer compreender de que se tratava.

O honesto John van Tromp fora outrora um rico fazendeiro e possuidor de escravos em Kentucky e, contra todas as aparências, senhor de um grande coração. Humano e generoso, fora durante muito tempo testemunha impotente de um sistema igualmente funesto ao opressor e ao oprimido. Finalmente, não aguentou mais; aquele nobre coração estoirou. Agarrou na pasta, atravessou o Ohio, comprou uma vasta propriedade, libertou os escravos, homens, mulheres e crianças, meteu-os numa carruagem e entregou-lhes a terra para eles cultivarem. Depois partiu para a baía e retirou-se numa quinta sossegada a fim de viver em paz com a sua consciência.

— Vejamos — disse o senador —, será capaz de dar asilo a uma pobre mulher e a uma criança que são perseguidos pelos caçadores de escravos?

— Penso que sim — respondeu o honesto John, com certo ênfase.

— Já calculava — acrescentou o senador.

— Se eles aparecerem — disse o valente homem, endireitando o corpo atlético —, cá estou para os receber! E além disso tenho seis filhos, todos com seis pés de altura, que também ficam à espera. Dê-lhes os meus cumprimentos e diga-lhes que venham quando quiserem — continuou o homem. — Não me faz diferença nenhuma. Passou os dedos pelas mechas de cabelos que lhe cobriam a cabeça como um telhado de colmo, e deu uma estrondosa gargalhada.

A cair de fadiga, esgotada, meia morta, Elisa arrastou-se até à porta, com o filho adormecido nos braços. John, sempre brusco, aproximou-lhe o archote do rosto e, fazendo ouvir um murmúrio cheio de compaixão, abriu a porta de um pequeno quarto de dormir que dava para a vasta cozinha onde se encontravam. Mandou-a entrar, acendeu uma vela que pôs em cima da mesa, e depois disse:

— Agora, minha filha, já não tem nada a recear. Aconteça o que acontecer, estou disposto a tudo — disse ele mostrando duas carabinas penduradas por cima da chaminé. — Os que me conhecem sabem perfeitamente que é melhor não tentarem vir buscar ninguém a minha casa quando não estou de acordo. E agora, minha filha, fique tão descansada como se a sua mãe velasse por si.

Saiu do gabinete e fechou a porta.

O senador contou em poucas palavras a história de Elisa.

— É possível?... O quê? Fez bem em me contar. Perseguida! Perseguida por obedecer ao grito da natureza! Pobre mulher! Caçada como se fosse uma gazela! Caçada por fazer o que qualquer outra não podia deixar de fazer. Oh! Coisas dessas obrigam-me a blasfemar!

John enxugou os olhos às costas da mão calosa e tisonada.

— Pois saiba, senhor, que estive anos sem ir à igreja, porque os sacerdotes diziam do púlpito abaixo que a Bíblia permitia a escravatura...



Não podia responder-lhes em grego nem em latim: por isso larguei tudo: Bíblia e sacerdotes. Nunca mais voltei à igreja, até encontrar um sacerdote que fosse contra a escravatura, mesmo com todo o grego e mais o resto. Agora já lá posso voltar.

Enquanto falava, John fazia saltar a rolha de uma garrafa de sidra espumosa, oferecendo um copo ao seu interlocutor.

— Devia cá ficar até amanhã de manhã — disse ele cordialmente ao senador. — Vou chamar a velhota, e ela prepara-lhe uma cama num instante.

— Muito obrigado, meu caro, mas tenho de partir para tomar ainda esta noite a carruagem para Colombo.

— Sendo assim, vou acompanhá-lo e ensinar-lhe um caminho melhor do que a estrada por onde veio. Essa estrada é de facto péssima.

John preparou-se e, de lanterna na mão, conduziu o seu hóspede por um caminho que contornava a casa. À partida, o senador meteu-lhe na mão uma nota de dez dólares.

— São para ela — disse laconicamente.

— Está bem! — respondeu John.

Deram um aperto de mão e separaram-se.

## Capítulo IX

### Entrega da mercadoria

Uma alvorada de Fevereiro, cinzenta e triste, alumiu asjanelas da cabana do pai Tomás; em volta, todas as caras estavam igualmente tristes reflectindo o que sentiam os corações. A pequena mesa colocada em frente da lareira estava coberta com o cobertor de passar a ferro. Uma ou duas camisas grosseiras, mas limpas, estavam estendidas nas costas de uma cadeira, junto da chaminé, outra estava sobre a mesa em frente de Cloé.

Com um cuidado minucioso, ela passava cada prega, e de vez em quando levava a mão ao rosto para enxugar as lágrimas que lhe corriam pelas faces.

Tom sentou-se ao seu lado, com a Biblia aberta nos joelhos e a cabeça apoiada na mão. Nem um nem outro diziam uma palavra. Era muito cedo, e as crianças ainda dormiam todas juntas na sua cama rústica.

Tom tinha no mais elevado grau o culto dos affectos familiares que infelizmente para ele, é um dos sinais distintivos da sua raça. Levantou-se e foi com ar solene junto do leito para contemplar os filhos.

— É a última vez! — disse ele.

Cloé não respondeu. Mas o ferro girou de cá para lá, passou e tornou a passar a camisa, embora estivesse já tão lisa como só o sabem fazer mãos femininas. Depois, de repente, pousando o ferro com um gesto desesperado, sentou-se perto da mesa e começou a chorar alto.

— Eu sei — disse ela —, que devemos ter resignação; mas pergunto a Deus que resignação posso ter? Se eu ao menos soubesse para ond vais, como serás tratado! A senhora diz que fará tudo para te comprar daqui a um ou dois anos. Mas, ai, os que vão para o Sul nunca mais voltam. Matam-nos! Eu sei como os tratam nas plantações.

— Lá existe o mesmo Deus que aqui, Cloé.

— É possível — disse Cloé. — Mas Deus às vezes deixa acontecerem coisas tão terríveis... Receio não encontrar consolo por esse lado.

— Eu estou nas mãos do Senhor — disse Tom. — Nada pod acontecer que Ele não permita. Isto acontece porque Ele quer, e eu dev agradecer-lhe. Sou eu que sou vendido, que me vou embora, e não tu ou as crianças. Aqui, vocês ficam em segurança. O que tem que acontecer só me acontecerá a mim, e Deus há-de ajudar-me. Sim, eu sei que Ele me vai ajudar. Levantem os olhos para o Senhor que está lá em cima. Acima de todos nós. Não morre um pardal nesta terra sem que Ele o ordene.

— Eu sei; mas tudo isso não me serve de consolação — disse Cloé.

— Para quê falar no assunto? Vou tirar o bolo do lume e servir-te un bom almoço. Quem sabe quando comerás outro igual?

Para compreender o sofrimento dos negros vendidos aos mercadores do Sul é preciso lembrar que todos os afectos instintivos desta raça são de uma força incrível. Agarram-se ao lugar onde nasceram; não sentem o desejo de aventura: têm todos os afectos domésticos. Juntem a isso o terror com que a ignorância sempre pinta o desconhecido. Acrescentem ainda que ser vendido para o Sul é uma perspectiva apresentada desde a infância perante os olhos do negro como o mais severo dos castigos.

Inspira-lhe menos medo a ameaça do chicote e da tortura do que ameaça de ser levado para o outro lado do rio.

A modesta refeição da manhã fumegava sobre a mesa de Tom. A Senhora Shelby tinha naquele dia dispensado Cloé de todos os serviços da casa. A pobre mulher tinha posto toda a sua coragem na preparação daquele almoço de despedida. Tinha morto e cozinhado os melhores frangos, e os doces estavam exactamente ao gosto de Tom.

Também tinha feito aparecer certa garrafa misteriosa, e conservas que só viam a luz do dia nas grandes ocasiões.

As crianças, depois de terem devorado o que havia em cima da mesa, começaram a reflectir acerca do que se passava. Vendo a mãe a chorar e o pai muito triste davam suspiros e esfregavam os olhos. O pai Tomás pôs sobre os joelhos a filha mais pequena, que se entregou ao divertimento

favorito, arranhando a cara e puxando os cabelos do velho negro, e tendo de vez em quando acessos de alegria que pareciam responder a ideias íntimas.

— Ri inocentinha, ri — exclamou Cloé. — Um dia chegará a tua vez: hás-de crescer para veres o teu marido vendido e talvez para seres vendida também. E os teus irmãos também serão vendidos, com toda a certeza, desde que valham alguma coisa... Não é assim que tratam os negros?

Naquele momento uma das crianças gritou:

— Vem aí a senhora!

— Para quê? Não tem aqui nada que fazer — gritou Cloé.

A Senhora Shelby entrou. Cloé estendeu-lhe uma cadeira com ar amuado. A Senhora Shelb pareceu não dar por nada. Estava e parecia inquieta.

— Tom — disse ela —, venho aqui para...

De repente parou, olhou para o grupo silencioso, sentou-se, tapou o rosto com o lenço e rompeu em soluços.

— Ah, minha senhora — disse Cloé —, não... não... — E começou a chorar também... E daí a pouco todos choravam...

— Meu pobre Tom — disse a Senhora Shelby —, por enquanto não posso fazer nada por ti. Se te der dinheiro, tiram-to. Mas juro solenemente que não te perderei de vista e que, assim que puder, estarás aqui imediatamente. Até lá, tem confiança em Deus.

As crianças gritaram:

— Vem ali o Senhor Haley!

A porta foi aberta com um pontapé brutal. Haley ficou de pé, cansado da viagem nocturna e irritado com o pouco resultado.

— Aqui negro! Estás pronto?... Minha senhora... um seu criado.

E tirou o chapéu ao ver a Senhora Shelby.

Cloé fechou a caixa e atou-a, olhando o mercador com ar irritado.

As lágrimas pareciam ter-se transformado em faíscas.

Tom levantou-se com calma para seguir o seu novo senhor, e carregou com a pesada caixa às costas. A mulher pegou na pequenina ao colo, para acompanhar o marido até à carruagem. Os garotos seguiram-na a chorar.

A Senhora Shelby dirigiu-se ao mercador e reteve-o um momento. falava-lhe animadamente. Entretanto, toda a família avançava para o carro, que já estava atrelado junto da porta. Os escravos novos e velhos acotovelavam-se em volta para dizerem adeus ao velho companheiro. Tom era considerado por todos como o chefe dos escravos e director espiritual. A sua partida provocava sincero desgosto.

— Sobe — disse Haley a Tom, passando por entre a multidão de escravos que o olhavam com preocupação.

Tom subiu.

Então, tirando debaixo do banco um pesado par de algemas, Haley prendeu-lhas aos tornozelos.

Um murmúrio abafado de indignação correu pelo grupo e a Senhora Shelby gritou do patamar:

— Asseguro-lhe, Senhor Haley, que essa precaução é inútil.

— Nunca fiando, minha senhora: já perdi aqui mesmo um escravo de quinhentos dólares; não quero correr o mesmo risco.

As duas crianças, que pareciam compreender agora a sorte do pai, agarraram-se à saia de Cloé, gritando, chorando e gemendo.

— Lamento — disse Tom —, que o menino Jorge não esteja aqui.

Jorge estava com efeito em casa de um amigo, numa plantação da vizinhança; ignorava a desgraça de Tom.

— Dêem muitas recomendações minhas ao menino Jorge — continuou ele com ar sério.

Haley chicoteou o cavalo. Depois de lançar um último e demorado olhar à casa, Tom partiu.

O Senhor Shelby estava ausente.

Vendera Tom obrigado pela mais dura necessidade, e para não ficar nas mãos de um homem que ele temia. A sua primeira impressão depois de

assinar o contrato, foi uma espécie de alívio. As súplicas da mulher despertaram os seus sentimentos meio adormecidos. O desinteresse de Tom tornava o seu desgosto ainda mais pungente. Era em vão que repetia a si próprio que estava no direito de proceder assim, que todos o faziam, sem terem sequer como ele a desculpa da necessidade. Não podia conformar-se, e para não ser testemunha das últimas e tristes cenas da separação, partira de manhã cedo, esperando que tudo tivesse acabado antes do seu regresso.

Tom e Haley rodavam num turbilhão de poeira. Todas as coisas familiares ao escravo passavam como fantasmas.

Os limites da propriedade ficaram para trás, e entraram na estrada pública.

Ao fim de cerca de uma milha, Haley parou em frente da loja de um ferrador, e entrou para mandar fazer algumas modificações num par de algemas.

— São muito pequenas para ele — disse Haley mostrando os ferros e olhando para Tom.

— O quê? É o Tom do Shelby!... Não o vendeu!?

— Vendeu, sim — continuou Haley.

— É impossível!... Ele? Quem diria? Nesse caso, não precisa de o prender. É o melhor, o mais fiel homem do mundo...

— Pois sim — disse Haley —, mas são os bons que querem fugir, precisamente. Os estúpidos deixam-se levar para onde a gente quer... Contanto que lhes dê comida, não querem saber do resto. Mas os escravos inteligentes odeiam mais as mudanças do que o demónio. Só há uma maneira, é prendê-los. Se lhes deixamos as pernas livres, servem-se logo delas, garanto-lhe.

— Mas — disse o ferrador, fazendo o trabalho pensativamente, os negros de Kentucky não se dão bem nas plantações do Sul. Parece que morrem muito depressa.

— Claro que sim! — disse Haley. — É por causa do clima. E há ainda outras razões! Enfim, isso movimenta muito o mercado!

— Então — continuou o ferrador —, custa ver ir para lá um homem honesto como este pobre Tom.

— Mas ele tem sorte; eu prometi tratá-lo bem. Vou pô-lo como criado em casa de qualquer boa antiga família, e aí, se não for vítima da febre e do clima, será tão feliz quanto um negro pode desejar.

— Deixa atrás de si a mulher e os filhos, creio eu.

— Sim, mas arranja outra. Bem sabe que há muitas mulheres em todo o lado.

Durante esta conversa, Tom estava tristemente sentado no carro, à porta da casa. De repente, ouviu o ruído seco, vivo e conhecido de patas de cavalo. Antes de ter tempo de ver o que era, Jorge, o seu jovem senhor, subiu para o carro, e lançou-lhe os braços ao pescoço, soltando um enorme grito:

— É uma infâmia — dizia ele —, uma verdadeira infâmia! Digam o que disserem. Se eu já fosse um homem, isto não acontecia, não acontecia! — continuou ele com indignação contida.

— Ah, menino Jorge, fico tão satisfeito — dizia Tom. — Sentia-me tão triste por me ir embora sem o ver. Fico tão satisfeito, juro-lhe.

Tom mexeu um pouco o pé. Jorge reparou na grilheta.

— Que vergonha! — exclamou ele levantando as mãos ao céu. Vou dar uma sova nesse velho patife. É o que ele merece.

— Não, menino Jorge, não. Nem sequer deve falar tão alto. Não adiantava nada que ele se enfurecesse contra mim.

— Estábem! Por ti, contendo-me, Tom... Mas só de pensar nisso! Sinto, é uma vergonha! Ninguém me avisou, e se não fosse o Tomás

Lincoln, não teria sabido de nada... Ah, disse-lhes das boas lá em casa! A todos, sim, a todos!

— Receio que não tenha razão, menino Jorge. Não, não tem razão.

— Foi superior às minhas forças; repito que é uma vergonha! Olha, pai Tomás — acrescentou ele voltando o rosto na direcção da loja e tomando um ar misterioso —, trouxe-te o meu dólar.

— Mas eu não o posso levar, menino Jorge, é impossível — disse Tom, com emoção.

— Vais levá-lo — disse Jorge. — Escuta! A Cloé disse-me para fazer um buraco no meio, passar-lhe um fio e pôr-to ao pescoço. Esconde-o debaixo da roupa, para esses patifes não to roubarem. Vou, vou dar-lhe uma sova. Só assim fico aliviado.

— Oh, não! Não faça isso! Quem não ficava aliviado era eu!

— Está bem! — disse Jorge, pendurando o dólar ao pescoço de Tom. — Agora abotoa o casaco, guarda o colar, e sempre que olhares para ele lembra-te que eu hei-de ir lá buscar-te um dia, e hei-de trazer-te. Já disse à mãe Cloé, já lhe disse que não tem nada a temer. Vou tratar do assunto e atormentar o meu pai, até que ele o faça!

— Oh, menino Jorge, não fale assim do seu pai!

— Pelo amor de Deus, Tom, não julgues que tenho más intenções...

— E agora, menino Jorge — disse Tom —, tem de ser um bom rapaz. Não se esqueça de quantos corações dependem de si. Não caia nas loucuras da mocidade; obedeça à sua mãe: nunca se julgue demasiado crescido para isso. Lembre-se, menino Jorge, que há milhares de coisas boas que Deus nos pode dar muitas vezes, mas que ele só nos dá uma mãe... Além disso, menino Jorge, nunca encontrará uma mulher como ela, nem que viva cem anos. Não a abandone, e agora que está quase um homem, seja o seu amparo. Vai fazer isso, não vai?

— Sim, pai Tomás, prometo — disse Jorge, com um ar muito sério.

— Sim, vou ser bom. De primeira qualidade. Mas não percas a coragem! Um dia hei-de mandar reconstruir a tua cabana de alto a baixo. Há-de ter uma grande sala de entrada, com um tapete, quando eu for crescido. Oh, ainda vais ser muito feliz.

Haley saiu da loja, com as algemas penduradas na mão.

— Suponha — disse Jorge, com um ar superior —, que eu conto a meus pais a maneira como o senhor trata o Tom. — Bem me importa — respondeu Haley.



— Pensava que tinha vergonha — continuou o rapaz —, de passar a vida a traficar homens e mulheres e a acorrentá-los como se fossem animais... É uma profissão muito baixa!

— Enquanto os seus ilustres pais comprarem — continuou Haley —, posso muito bem vender... É quase a mesma coisa....

— Quando eu for crescido — respondeu Jorge —, não farei nem uma coisa nem outra. Agora sinto vergonha de ser de Kentucky! Antes, tinha orgulho. Vamos pai Tomás! Adeus... e coragem!

— Adeus, menino Jorge, adeus — disse Tom, olhando-o com uma ternura misturada com admiração. — Que Deus o abençoe... Não há em todo o Kentucky ninguém que se compare com o menino! — exclamou ele, num ímpeto.

Jorge foi-se embora... Tom ficou a vê-lo partir: o barulho do cavalo diluiu-se por fim no silêncio. Tom não viu mais nada, não ouviu mais nada que lhe recordasse a casa de Shelby... Mas sentia um sítio no peito cheio de calor. Era o sítio onde as mãos do jovem tinham colocado o colar... E Tom apertou-o de encontro ao coração.

## Capítulo X

### Em casa dos Quakers

Uma cena calma e feliz se apresenta agora diante dos nossos olhos. Entramos numa cozinha espaçosa, com as paredes pintadas de cores novas; nem um átomo de poeira nos tijolos amarelos da lareira, esfregados e polidos; pilhas de alfaias de estanho brilham por todos os lados, abrindo o apetite, ao lembrar-nos uma infinidade de petiscos. O fogão preto reluz de asseio; as cadeiras de pau, velhas e maciças, reluzem também.

Numa delas, balouçando-se devagar, os olhos postos no trabalho, está sentada a nossa velha amiga, a fugitiva Elisa. Sim, é ela, mais magra do que em Kentucky; adivinha-se sob as longas pestanas, lê-se no jeito da boca uma dor ao mesmo tempo calma e funda. É fácil ver como aquele jovem coração se tornou forte e valente sob a austera disciplina da desgraça. Levanta de vez em quando os olhos para seguir as brincadeiras do pequeno Harry, vivo e ágil como uma borboleta dos trópicos. Descobre-se nela uma força de vontade, decisão inabalável, que não existia nos seus verdes anos. Junto dela está uma mulher que tem no regaço um tabuleiro de estanho onde dispõe cuidadosamente ameixas secas. Deve ter uns cinquenta a sessenta anos, mas possui um daqueles rostos que a passagem dos anos embeleza. A capa de crepe que usa, branca como a neve, é talhada exactamente como as das mulheres dos quakers; o lenço simples, de musselina branca, cruzado no peito em longas pregas, o lque, o vestido, tudo revela a comunidade a que pertence.

— Então, Elisa, continuas a pensar em ir para o Canadá? [1](#) — perguntou ela com voz suave, continuando a olhar para as ameixas.

— Sim, minha senhora — disse Elisa com decisão. — Tenho de partir. Não me atrevo a ficar aqui mais tempo.

— E que vais fazer quando lá chegares? Tens de pensar nisso, minha filha.

Minhafilha era um tratamento que saía normalmente dos lábios de Raquel Halliday, porque as suas feições e expressão lembravam a cada passo as de uma boa mãe...

As mãos de Elisa tremeram, e caíram-lhe algumas lágrimas sobre o trabalho... mas respondeu com firmeza:

— Farei o que puder: espero encontrar qualquer trabalho.

— Sabes que podes ficar aqui enquanto quiseres — disse Raquel.

— Oh Obrigada — respondeu Elisa —, mas (e olhou para Harry) não consigo dormir de noite. Ainda ontem, sonhei que esse homem entrava no pátio...

E teve um calafrio...

— Pobre criança! — exclamou Raquel limpando os olhos. — Deus ainda não permitiu que nenhum fugitivo fosse arrancado à nossa aldeia. Esperamos que não sejas tu a primeira.

A porta abriu-se, e uma mulher baixa, redonda como uma pregadeira, ficou parada no limiar: nada pode comparar-se ao seu rosto florescente. Por mim só o comparo a uma maçã madura. Estava vestida como Raquel, de cor escura, e um lenço de musselina cobria-lhe o peito amplo.

— Ruth Stedman — disse Raquel avançando apressadamente para ela. — Como estás, Ruth?... — E pegou-lhe em ambas as mãos.

— Maravilhosamente — disse Ruth, tirando o chapéu escuro i sacudindo-o com o lenço, deixando ver uma cabeça pequena e redonda, onde o chapéu ficava a abanar, provocantemente, apesar de todos os esforços da mão para o segurar. Alguns caracóis frisados escapavam-se aqui e acolá e tinham de ser arrançados permanentemente, escapando-se outra vez do seu lugar. A recém-chegada, que devia ter uns vinte e cinco anos, abandonou finalmente o espelho em frente do qual tinha feito todos estes arranjos, e pareceu muito satisfeita consigo própria.

Qualquer pessoa ficaria satisfeita no lugar dela, porque era uma linda mulher, com um ar franco e um rosto radioso bastante para alegrar o

coração de um homem.

— Ruth, esta é a nossa amiga Elisa Harris, e o pequeno de quem falei.

— Tenho muito prazer em conhecer-te, Elisa, muito prazer! disse Ruth apertando-lhe a mão como se a Elisa fosse para ela uma velha amiga há muito esperada. — Este é o teu filho querido... Trago-lhe um bolo.

Estendeu a Harry um bolo do feitio de um coração, que o garoto aceitou timidamente, olhando para Ruth através dos compridos caracóis soltos.

— Onde está o teu bebé? — perguntou Raquel.

— Trouxe-o comigo, mas a tua pequena Mary agarrou-o e levou-o para a quinta para o mostrar às outras crianças.

No mesmo instante, a porta abriu-se, e Mary, com o rosto corado e grandes olhos castanhos como a mãe, entrou na sala, trazendo o bebé.

— Ah Ah — disse Raquel pegando no menino branco e gordinho ao colo —, como ele está bonito, e como cresceu!

— É verdade, é verdade — disse Ruth.

E pegou no filho, tirou-lhe um casaco de seda azul e vários xailes em que o embrulhara; e dando um toque aqui, um puxão acolá, arranjou-o, apertou-o, fez-lhe festas, abraçou-o com toda a força, e pô-lo no chão, para ele ficar à vontade.

O bebé estava sem dúvida habituado a estas maneiras, porque meteu o dedo na boca e pareceu absorver-se em reflexões, enquanto a mãe, sentando-se finalmente, pegou numa meia às riscas azuis e brancas, e começou a fazer malha com ardor.

— Mary, fazias bem em encher a chaleira — disse Raquel com voz meiga.

Mary foi ao poço, voltou daí a pouco e pôs a chaleira ao lume, onde ela começou a fumar e a cantar a sua alegre canção de hospitalidade. A mesma Mary, por ordem de Raquel, pôs as ameixas ao lume numa grande travessa de estanho. Raquel pegou então numa forma branca como a neve, amarrou o avental, e começou a fazer biscoitos, depois de recomendar à filha:

— Mary, fazias bem em dizer ao John que preparasse um frango.

Mary obedeceu.

— Como vai Abigail Peters? — perguntou Raquel enquanto fazia os biscoitos.

— Ah, muito melhor — disse Ruth. — Fui lá esta manhã; fiz-lhe a cama e arrumei a casa. A Lea Hills vai lá de tarde fazer pão e bolos para alguns dias. E eu prometi ficar a tomar conta dela esta noite.

— Eu vou lá amanhã — disse Raquel —, lavar-lhe e coser-lhe a roupa.

— Fazes bem — disse Ruth. — Ouvi dizer — continuou ela —, que a Ana Stanwood está doente. O John ficou a vigiá-la a noite passada. Eu vou para o pé dela amanhã.

— Diz ao John que venha cá almoçar e jantar — continuou Raquel —, se tencionas passar ali todo o dia.

— Obrigada, Raquel. Amanhã veremos... Aí vem o Simeão.

Simeão Halliday, alto, forte, vestido com umas calças e um casaco de fazenda grosseira, trazendo na cabeça um chapéu de abas largas, entrou naquele instante.

— Como vai a nossa Ruth? — perguntou ele afectuosamente. E estendeu a mão larga à pequena mão gordinha. — E o John?

— Ah, o John está bem, e todos os nossos — respondeu Ruth alegremente.

— Que novidades há, pai? — perguntou Raquel metendo os biscoitos no forno.

— O Peters Stelbins disse-me que vinha cá esta noite com alguns amigos — disse Simeão com voz significativa, lavando as mãos numa bacia muito limpa que se encontrava num gabinete ao lado.

— Sim? — disse Raquel com ar pensativo, deitando uma olhadela a Elisa.

— Não disseste que o teu apelido era Harris? — perguntou Simeão quando voltou.

Raquel olhou fixamente o marido. Elisa, muito trémula, respondeu:

— Sim.

Os seus temores sempre exagerados levaram-na a pensar que talvez tivessem afixado cartazes com o seu nome.

— Mãe! — disse Simeão, dirigindo-se à porta de entrada, e chamando a mulher lá para fora.

— O que é, pai? — perguntou Raquel limpando as mãos enfarinhadas e dirigindo-se para a porta.

— O marido desta rapariga está na colónia — murmurou Simeão.

— Vem cá esta noite...

— E só agora é que o dizes, pai — exclamou Raquel, com o rosto radiante.

— Está aqui — continuou Simeão. — O Peters foi ontem lá com o carro; encontrou uma velha e dois homens; um deles chama-se Jorge Harris. Pela história que ela contou, tenho a certeza de que se trata dele. É um belo rapaz, amável. Vamos dizer-lhe já? Não, dizemos primeiro à Ruth. Ruth, chega aqui!

— Ruth, qual é a tua opinião? O pai diz que o marido da Elisa veio no último grupo e que estará aqui esta noite.

A alegria da mulherzinha não a deixou ouvir mais. Começou aos pulos e a bater palmas. Dois caracóis frisados caíram-lhe sobre o lenço.

— Acalma-te, querida — disse-lhe Raquel —, acalma-te, Ruth. Achas que lhe devemos dizer já?

— Pois claro! Imediatamente! Meu Deus, se fosse o meu pobre John!... Digam-lhe imediatamente!

— Ah, só pensas nos outros, Ruth! Está certo! — disse Simeão, olhando-a com ternura.

— Mas não foi para isso que nascemos? Se eu não amasse o John e o bebé... não compreenderia os desgostos dela. Vamos! Diz-lhe agora.

E pousou a mão persuasiva no braço de Raquel.

— Leva-a para o quarto. Entretanto, eu vou arranjar o fogo. Raquel entrou na cozinha, onde Elisa continuava a coser, e abrindo a porta de um pequeno quarto de dormir disse-lhe suavemente:

— Vem cá, minha filha, vem! Tenho uma novidade a dar-te.

O sangue subiu ao rosto pálido de Elisa. Levantou-se muito emocionada, a tremer, e deitou os olhos para o filho.

— Não, não — disse a pequena Ruth pondo-se de pé e segurando-lhe na mão —, não é isso!... Não tenhas medo. São boas notícias, Elisa... vamos, nada receies — E empurrou-a para a porta, que fechou atrás de si. Depois, voltando à cozinha, pegou no pequeno Harris ao colo e começou a beijá-lo.

— Vais ver o teu pai! Sabias? O teu pai vai voltar! — E repetia sempre a mesma coisa. A criança, muito espantada, olhava-a com os olhos muito abertos.

Entretanto, passava-se uma cena diferente no quarto. Raquel puxou Elisa para junto dela e disse:

— O Senhor teve piedade de ti, minha filha, e arrancou o teu marido à casa da escravidão.

Uma onda de sangue subiu às faces de Elisa, depois tornou a descer-lhe ao coração. Sentou-se, pálida e quase sem sentidos.

— Coragem, minha filha, coragem — acrescentou ela pondo a mão sobre a cabeça de Elisa. — Ele está com uns amigos que o vão trazer aqui... logo à noite!

— Logo à noite, Elisa! Logo à noite!

As palavras perdiam o significado para ela. Girava na sua cabeça a confusão, como num sonho; passou-lhe uma nuvem nos olhos.

Quando voltou a si, encontrou-se deitada numa cama, envolta num cobertor. Ao seu lado, a pequena Ruth esfregava-lhe as mãos com cânfora. Abriu os olhos, sentiu um torpor agradável: era a felicidade de quem carregou durante muito tempo um pesado fardo e se liberta dele.

Os seus nervos, sempre irritados desde a primeira hora da sua fuga, distenderam-se um pouco. Um sentimento novo de repouso e segurança

invadiu-a. Ficou deitada, com os grandes olhos pretos abertos e, como num sonho calmo, seguiu os movimentos dos que a rodeavam. Via a porta do outro quarto aberta, a mesa do jantar com a sua toalha branca de neve. Ouvia o murmúrio da chaleira, e via Ruth, com passo miúdo, levando doces, conservas, e parando de vez em quando para meter uma bolacha na mão de Harry, ou acariciar a cabeça e enrolar os caracóis da criança entre os seus dedos brancos. Via a figura majestosa e o ar maternal de Raquel, que vinha de tempos a tempos junto da cama para puxar e arranjar os cobertores. Parecia-lhe ver descerem dos seus grandes olhos castanhos raios de sol brilhantes. Viu o marido de Ruth chegar; viu-a correr para ele, segredar qualquer coisa com abundância de gestos expressivos, e apontar o quarto onde ela estava. Viu-a sentar-se à mesa do chá, com o bebé ao colo. Viu-os todos à mesa e o pequeno Harry numa grande cadeira perto de Raquel, como protegido pelas suas asas. E depois ouviu o suave murmúrio da conversa, e o tilintar de colheres e o ruído das chávenas e dos pratos. Era o sonho do repouso feliz! Elisa adormeceu e dormiu como nunca tinha dormido desde aquela hora terrível da meia-noite em que, pegando o filho nos braços, fugira à luz das estrelas.

Sonhava com um lindo país, uma terra amena, com margens verdejantes, ilhas encantadoras e correntes de água reflectindo o Sol. Ali, numa vivenda onde as pessoas amigas lhe diziam que estava em sua casa, via brincar o filho, o seu filho feliz e livre; ouvia os passos do marido, pressentia a sua chegada, os braços dele apertavam-na, as lágrimas de Jorge caíam-lhe no rosto... e acordou.

Não era um sonho.

Havia muito que anoitecera. O filho dormia calmamente a seu lado. Uma chama enchia o quarto de uma luz dúbia, e Jorge soluçava à cabeceira dela.

Na manhã seguinte foi uma alegria em casa dos quaker. A mãe levantou-se com a alvorada e, rodeada de rapazes e raparigas que ainda não tivemos tempo de apresentar aos nossos leitores, e que obedeciam com delicadeza aos Fazias bem, ou Não seria bom?, ocupava-se activamente dos preparativos do almoço. O almoço, naquele luxuriante vale de Indiana, é coisa complicada e necessita da ajuda de muitas mãos.



John corria para a fonte, o Simeão filho peneirava a farinha de milho destinada aos bolos; Mary estava encarregada de moer o café e Raquel andava por todos os lados, fazendo doces, preparando o frango e alegrando toda a cena como o próprio Sol.

Quando Elisa, Jorge e o pequeno Harry apareceram, foram recebidos com tanta cordialidade e satisfação que acreditaram mais que estivessem a viver um sonho do que a realidade.

Daí a pouco estavam todos à mesa. Só Mary ficou junto do lume, a fazer torradas, que eram servidas à medida que atingiam aquele belo tom dourado, ideal para as torradas.

Raquel, a meio da mesa, nunca tinha parecido tão feliz. Arranjava maneira de se mostrar maternal e afectuosa no simples gesto de passar um prato de bolos ou servir uma chávena de chá. Parecia que dava alma à comida e bebida que oferecia às pessoas.

Era a primeira vez que Jorge se sentava à mesa de brancos: sentiu primeiro um certo acanhamento e embaraço, que depressa se desfizeram como o nevoeiro perante o sol matinal daquela bondade tão sincera.

Aquilo era uma casa: um lar. Jorge nunca soubera o que essa palavra significara. A fé em Deus, a confiança na providência encheram pela primeira vez o seu coração com uma nuvem dourada de esperança.

— Pai, e se te descobrissem outra vez? — perguntou o Simão filho, barrando um biscoito com manteiga.

— Pagava a multa — respondeu o pai tranquilamente.

— E se te metessem na cadeia?

— A tua mãe e tu não podiam muito bem tomar conta da quinta? exclamou Simeão a sorrir.

— A mãe sabe fazer tudo — respondeu o rapaz... — Mas, essas leis não são uma vergonha?

— Não devemos dizer mal dos nossos legisladores, Simeão — continuou o pai com autoridade. — Deus concedeu-nos os bens terrenos para podermos fazer justiça ou perdoar; se os legisladores exigem de nós o preço das nossas boas acções, devemos pagá-lo.

— Odeio esses proprietários de escravos — disse o rapaz, que naquele momento não mostrava ser mais cristão do que um reformador moderno.

— Estou espantado contigo, meu filho. Não são essas as lições da tua mãe. Eu faria pelo senhor de um escravo o mesmo que faço pelos escravos, se ele viesse bater à minha porta aflito.

Simeão ficou muito corado, mas a mãe limitou-se a sorrir.

— Simeão é um bom filho — disse ela. — Quando crescer, pensará como o pai.

— Espero que não venha a ter aborrecimentos por nossa causadisse Jorge, com ansiedade.

— Não tenhas receio, Jorge; é para isso que estamos neste mundo... Se não fôssemos capazes de suportar qualquer contratempo pela nossa causa, não seríamos dignos do nosso nome.

— Mas eu não quero que sofram por mim — disse Jorge.

— Não tenhas receio, Jorge. Não é por ti, é por Deus e pela humanidade que o fazemos... Fica aqui tranquilamente o dia todo. Logo à noite, às dez horas, Fineu Fletcher irá levá-los à próxima estação. Os perseguidores vêm atrás de ti, não queremos demorar-te.

— Então, porque esperamos? — perguntou Jorge.

— Ficas aqui em segurança todo o dia. Na nossa colónia, são todos fiéis. Aliás, é mais seguro para ti viajares de noite.

## Capítulo XI

### Evangelina

O Mississípi. Que varinha mágica o modificou, desde que Chateaubriand, na sua prosa poética, o descreveu como o rio das solidões virgens, dos imensos desertos, deslizando por entre aquelas maravilhas da Natureza com que nunca se havia sonhado?

Os últimos raios do Sol poente tremem na vasta superfície deste rio, grande como o mar. As canas frágeis, os altos ciprestes negros onde o musgo escuro suspende as suas grinaldas de luto, brilham na luz dourada.

O barco a vapor, com a sua pesada carga, continua a marcha.

Os fardos de algodão estão empilhados nos porões, na ponte, por toda a parte. Dir-se-ia enorme mole cinzenta. Precisamos de um exame mais atento para descobrir o nosso pobre amigo Tomás. Finalmente, vamos descobri-lo à proa do navio, enrolado entre os fardos de algodão.

As recomendações do Senhor Shelby deram resultado. Haley pôde, aliás, julgar por si próprio da bondade e submissão daquele carácter inofensivo. Tomjá lhe ganhou a confiança: a confiança de um homem como Haley.

Ao princípio tinha-o vigiado de perto durante o dia, e não passara uma só noite sem o acorrentar. Depois, a pouco e pouco, a calma e resignação de Tom tinham-no conquistado: deixou de o vigiar, contentando-se com uma espécie de palavra de honra, e permitia-lhe que andasse à sua vontade pelo barco.

Sempre bom e atencioso, sempre pronto a dar uma ajuda aos trabalhadores em qualquer ocasião, conquistara a estima de todos; ajudando-os com o mesmo zelo e a mesma boa vontade com que trabalhava na quinta de Kentucky.

Quando via que não tinha mais nada para fazer, metia-se entre os fardos de algodão, em qualquer canto da proa, e começava a estudar a Bíblia.

É nesta ocupação que o encontramos agora.

A cento e tantas milhas antes de Nova Orleães, o nível do rio é mais elevado do que a região que atravessa, lançando o seu caudal entre fortes diques de vinte pés do alto da ponte, como da torre de um castelo flutuante, o viajante pode ver toda a região até distâncias quase infinitas.

Tom, ao ver desenrolarem-se assim as plantações uma após outra, tinha por assim dizer sob os olhos o mapa da vida que o esperava.

Via ao longe os escravos a trabalhar, as suas aldeias de cabanas, alinhadas em longas filas, afastadas das moradias soberbas e do parque dos senhores; e à medida que se desenrolava este quadro vivo, o seu pensamento voltava-se para a velha quinta de Kentucky, escondida entre as velhas faias! Lembrava-se da casa de Shelby, das salas e da sua própria cabana toda enfeitada de rosas bravas e begónias escarlates... Julgava reconhecer as caras familiares dos escravos, criados com ele desde a infância. Via a mulher, ocupada a preparar a ceia, ouvia o riso alegre dos filhos e o palrar do bebé nos seus joelhos... Depois, tudo se desvaneceu... Só viu as canas-de-açúcar e os ciprestes reluzentes das plantações; só ouviu o salmo de David que lhe dizia claramente que toda aquela vida tinha desaparecido para sempre.

Entre os passageiros havia um jovem senhor, nobre e rico, residente em Nova Orleães: tinha o apelido de Saint-Clare.

Levava consigo uma filha de cinco anos, vigiada por uma mulher que parecia ser sua parente.

Tom reparara muitas vezes nessa menina: era uma daquelas crianças vivas e mexidas, impossíveis de manter quietas, como um raio de Sol, ou uma brisa de Verão.

Era o ideal da beleza infantil, sem as faces demasiado redondas nem gordura do corpo que a desfeiem. Toda ela seguia uma linha ondulante; tinha não sei que graça aérea que fazia sonhar com os seus antepassados e as criações fantásticas da mitologia. O seu rosto era menos notável pela beleza perfeita dos traços do que por uma expressão sonhadora, rara e

profunda. Quem procura a beleza ideal ficava extasiado ao vê-la; os outros, vulgares e grosseiros, sentiam-se emocionados, sem saberem bem porquê. A forma da cabeça, a elegância do pescoço, o busto, tinham as características de uma nobreza singular; os longos cabelos de um castanho-dourado, que flutuavam em sua volta como uma nuvem; os olhos de um azul-escuro, profundo, inteligente, sombreados por espessas pestanas castanhas... tudo parecia diferenciá-la das outras crianças, e atrair os olhares, quando ela deslizava por entre os passageiros, leve e intangível.

Não se pense por isso que fosse uma criança grave e triste.

Pelo contrário: um ar de inocência feliz parecia flutuar-lhe no rosto, como a sombra de uma folhagem de Verão. Estava sempre em movimento, com um sorriso a brincar-lhe na boca rosada: cantava, corria e dançava. O pai e a mulher que tomava conta dela andavam sempre à sua procura; mas, quando julgavam tê-la apanhado, ela escapava-se como uma nuvem primaveril. E como, fizesse o que fizesse, nunca uma palavra de censura lhe chegara aos ouvidos, continuava a correr por todo o navio. Sempre vestida de branco passava como um fantasma, sem parar em nenhum sítio.

Às vezes o mecânico, levantando os olhos do trabalho, via os grandes olhos dela fixos na profundidade tumultuosa das caldeiras: parecia cheia de medo e de pena dele, como se temesse um grande perigo. Outras vezes era o timoneiro que parava, com o leme na mão, a sorrir, por ver aquele rosto suave, belo como uma pintura, aparecer e desaparecer à janela da sua cabina. Mil vozes rudes a tinham abençoado, e rostos severos se tinham adoçado à sua passagem; quando ela avançava imprevidentemente para sítios perigosos, mãos calosas enegrecidas estendiam-se involuntariamente como para a salvar.

Tom, impressionável como todos os da sua raça, sempre atraído pela simplicidade da infância, seguia com os olhos aquela pequena criatura com um interesse que aumentava de dia para dia. Via nela qualquer coisa de divino; sempre que contemplava aquela cabeça loúra e aqueles olhos azuis entre dois fardos de algodão ou sobre uma pilha de encomendas, parecia-lhe ver um daqueles anjos de que fala a Bíblia.

Muitas vezes ela passava triste e pensativa ao lado do rebanho de homens e mulheres acorrentados. Metia-se entre eles e olhava-os com ar triste e piedoso; outras vezes, com as suas pequenas mãos, tentava levantar

os ferros. Depois suspirava e fugia. Mas voltava daí a pouco com as mãos cheias de guloseimas, de nozes e laranjas que distribuia por eles alegremente; a seguir, ia-se embora a correr.

Tom olhou-a durante muito tempo antes de se atrever a meter conversa com ela. Mas conhecia a maneira de atrair e cativar as crianças. E resolveu fazê-lo com toda a habilidade. Sabia fazer cestinhos com caroços de cereja, talhar figuras cómicas em cocos, e o próprio Pã não o igualava na fabricação de flautas de toda a espécie e de todos os tamanhos. Trazia as algibeiras cheias de objectos sedutores, que fizera outrora para os filhos do seu senhor, e de que se servia agora com prudência e discernimento para arranjar novas relações.

A criança mantinha-se reservada; era difícil cativar o seu espírito irrequieto. Em princípio vinha empoleirar-se em qualquer caixote como uma ave das Canárias, perto de Tom, e aceitava timidamente os pequenos objectos que lhe oferecia: por fim, chegaram a uma confiança quase íntima.

— Como se chama a menina? — perguntou Tom quando achou o momento oportuno para estabelecer uma conversa.

— Evangelina Saint-Clare — disse a garota. — Mas o papá e toda a gente me chama Eva. E o senhor, como se chama?

— O meu nome é Tomás, mas as crianças costumavam chamar-me pai Tomás, lá em Kentucky.

— Então também vou chamar-lhe pai Tomás — disse Eva porque gosto muito de si. E para onde vai, pai Tomás?

— Não sei, menina Eva.

— Não sabe?

— Não. Vou ser vendido a uma pessoa qualquer, mas não sei quem.

— O papá podia comprá-lo — disse Eva com vivacidade —, e se ele o comprar, é muito bem tratado. Vou-lhe pedir que o compre.

— Obrigado, menina.

O navio parou numa pequena enseada para meter a lenha. Eva, ouvindo a voz do pai, correu para ele. Tom levantou-se e foi oferecer-se para ajudar os trabalhadores.

Eva e o pai estavam junto da amurada para verem o navio partir.

A roda deu duas ou três voltas: a criança perdeu o equilíbrio e caiu da amurada... O pai, muito aflito, quis atirar-se atrás dela, mas foi impedido por algumas pessoas que viram oferecer-se salvador eficaz.

Tom estava perto dela na altura do acidente, e viu-a cair. Atirou-se à água, e com os braços fortes e o peito largo, foi uma brincadeira para ele boiar uns instantes e agarrá-la quando ela veio à superfície.

Sem largar a criança, nadou ao longo do barco e estendeu-a a uma centena de mãos que se debruçaram como se pertencessem a um só homem.

Na tarde seguinte, no fim de um dia de calor, o navio aproximava-se de Nova Orleães. A bordo havia um barulho e um tumulto estranho.

Todos procuravam as suas coisas, juntavam-nas e preparavam-se para o desembarque. O bagageiro, as mulheres da limpeza esfregavam, lavavam, poliam para embelezar o navio e prepará-lo para uma entrada triunfal.

O nosso amigo Tom continuava sentado à proa, com os braços cruzados no peito, e voltando de tempos a tempos os olhos para o grupo que se encontrava do outro lado do navio.

Nesse grupo estava a linda Evangelina, um pouco mais pálida do que na véspera, mas sem apresentar qualquer vestígio do acidente.

Um homem ainda novo, gentil e elegante encontrava-se junto dela, com o cotovelo negligentemente apoiado num fardo de algodão.

Bastava uma vista de olhos para saber que esse homem era o pai de Evangelina.

Tinha o mesmo feitio de rosto, os mesmos olhos grandes e azuis, mesmo cabelo de um castanho-dourado; mas a expressão era completamente diferente. Os olhos, iguais aos da filha, não tinham contudo aquela profundidade sonhadora e reservada. Eram claros, firmes, brilhantes, mas com uma luz apenas terrena. A boca bem desenhada tinha de vez em quando uma expressão orgulhosa e sarcástica. Um ar superior, cheio de à-vontade, dava aos seus movimentos uma graça espontânea. Escutava distraída e alegremente, com expressão bastante desdenhosa, a conversa de Haley, que dava com extrema versatilidade todos os pormenores e qualidades do artigo que pretendia vender.

— Em resumo — disse ele quando Haley acabou —, todas as virtudes morais e cristãs encadernadas em marroquim preto! Enfim, quanto é o prejuízo, como vocês dizem em Kentucky? Quanto? Não ezagere, sim?

— Pois bem — disse Haley —, se pedisse mil e trezentos dólares, era o que dei por ele.

— Pobre homem! — disse o jovem, fixando Haley com olhar trocista... — Mas vai entregar-mo por esse preço só para me ser agradável?

— Exactamente. A menina parece fazer tanto gosto nisso... Aliás, é natural.

— Com efeito: é mais um apelo à sua boa vontade, meu caro... E agora, como bom cristão, e para fazer o gosto a uma criança que se interessa particularmente por ele, qual é o desconto que pode fazer?

— Mas olhe bem para ele — dizia o mercador. — Veja aqueles músculos, aquele peito... É forte como um touro! Veja-lhe a testa! Aquela testa alta que indica um preto inteligente. É capaz de fazer tudo quanto o senhor quiser! Já verifiquei isso. Um negro desta espécie e com aquela constituição, vale muito dinheiro, ainda que não seja só pelo físico, mesmo que fosse estúpido. Mas atendendo às suas qualidades intelectuais, conforme lhe disse há pouco... o preço é mais elevado... Ele tem uma habilidade especial para o negócio... Era ele quem dirigia sozinho a quinta do seu senhor.

— Tanto pior! Tanto pior! Sabe de mais — disse o jovem, conservando nos lábios o mesmo sorriso trocista. — Não se consegue fazer nada dele Esses negros inteligentes acabam sempre por fugir, roubam os cavalos e pregam partidas levadas do diabo... Acho que fazia bem em abater duzentos dólares pela sua demasiada inteligência.

— Compre-o, papá, seja por que preço for — disse Evangelina trepando para cima de um caixote e passando os braços em volta do pescoço do pai. — Eu sei que o papá tem muito dinheiro... Eu quero-o para mim.

— E para quê, meu amor? É como um brinquedo? Um cavalo de pau? O quê? Diz lá!

— Quero que ele seja feliz.



— Ora aí está uma boa razão.

No mesmo instante, Haley estendeu ao jovem um certificado assinado pelo Senhor Shelby. Ele pegou-lhe com os dedos compridos e lançou-lhe um olhar distraído.

— Sabe escrever — leu ele —, e tem boa caligrafia — E acrescentou: — Mas o facto de ser religioso inquieta-me... Não sei a que preço está a religião no mercado: há muito tempo que não leio jornais para saber qual é a cotação... Em quantos dólares avalia a religião do senhor Tom?

E, tirando o maço de notas da carteira, continuou:

— Vá, meu velho, conte o seu dinheiro — disse ele ao mercador entregando-lhe o maço.

— Está certo — disse Haley, cheio de alívio. E tirando da algibeira um velho tinteiro, preencheu o contrato de venda que estendeu ao jovem.

— Se eu fosse avaliado com tanta minúcia — disse Saint-Clar pergunto a mim próprio a quanto subiria o meu preço: tanto pela forna da cabeça, tanto pela minha testa alta, tanto pelas mãos, braços e pernas, tanto pela educação, o saber, o talento, a humildade, religião, sei lá! Estes dois últimos artigos, acho que não dariam grande coisa. Anda, Eva.

E pegando-lhe na mão foi com ela até ao outro extremo do navio levantando o queixo de Tom com a ponta do dedo, disse-lhe de bom humor:

— Tom, vê se o teu novo senhor te convém!

Tom levantou a cara.

Era impossível ver ajovem e bela figura de Saint-Clare sem sentir prazer. Tom sentiu lágrimas nos olhos, e foi do fundo do coração que exclamou:

— Que Deus o abençoe, senhor!

— Há-de abençoar, espero. Como te chamas? Tomás, hã? Também me podes perguntar o meu nome. Sabes guiar cavalos, Tom?

— Estou habituado a lidar com cavalos — respondeu Tom. — Na quinta do Senhor Shelby havia dúzias deles!

— Está bem, ficas a ser meu cocheiro, com a condição de só te embriagares uma vez por semana, a não ser em grandes festas...

Tom pareceu ficar espantado e ferido.

— Eu nunca bebo, senhor.

— Já me informaram disso! Depois veremos... Ainda bem... Vamos, meu velho, não te ofendas — disse ele, ao ver que Tom ainda parecia preocupado com a recomendação. — Não duvido das tuas boas intenções.

— Pode estar certo disso, meu senhor!

— E será feliz — disse Evangelina —, porque o papá é muito bom para toda a gente. Só gosta é de fazer um bocadinho de troça das pessoas.

— O papá agradece-te muito esse elogio — disse Saint-Clare. E voltando as costas, preparou-se para partir.

## Capítulo XII

### O novo senhor de Tom

Agostinho Saint-Clare era filho de um rico plantador da Luisiana. A família viera do Canadá. De dois irmãos muito semelhantes no gênio e temperamento, um estabelecera-se numa luxuosa quinta de Vermont, o outro tornara-se um rico plantador da Luisiana.

A mãe de Agostinho era uma protestante francesa cuja família migrara para a Luisiana, na época da colonização. Agostinho e o irmão eram os únicos dois filhos do casal. Agostinho, tendo herdado da mãe uma constituição extremamente delicada, foi, a conselho do médico, mandado para Vermont, para casa de um tio, onde passou grande parte da sua infância. Pensava-se que aquele clima frio e saudável lhe fortificaria a saúde.

Desde a infância, Agostinho fez-se notar por uma extrema sensibilidade, que se parecia mais com a ternura feminina do que com a rudeza habitual do seu sexo. O tempo envolveu essa ternura com uma forte carapaça. Tornou-se um verdadeiro homem, e poucos sabiam até que ponto conservava fresca e viva a sensibilidade da sua alma. Era o que se chama um homem de mérito, mas tinha uma preferência marcada pela estética e pelo ideal: daí lhe vinha, como em todos os que têm os mesmos gostos, uma soberana repugnância pelo comércio e pela confusão dos negócios. Quase assim que saiu do liceu, apaixonou-se por uma jovem tão bela e distinta como ele. Ficaram noivos. Ela habitava um dos estados do Norte. E ele teve de voltar ao Sul para regular uns assuntos de família. De repente, as cartas foram-lhe devolvidas pelo correio, acompanhadas de uma nota do tutor da rapariga. Essa nota dizia que mesmo antes de receber a carta, a noiva já seria noiva de outro.

Julgou que enlouquecia: depois, como tantos outros, esperou poder arrancar do coração essa flecha mortal.

Demasiado orgulhoso para pedir uma explicação, lançou-se num turbilhão de prazeres. Em breve se tornou o apaixonado da mulher mais requestada em todos os salões. Tudo foi arranjado rapidamente, e casou com uma linda mulher, com dois grandes olhos pretos e cem mil dólares. Como deviam invejá-lo!

Os noivos passaram a lua-de-mel com um círculo brilhante de amigos, na sua esplêndida vivenda, à beira do lago Pontchartrain. Certo dia, trouxeram ao jovem marido uma carta com aquela letra que ele conhecia tão bem. Foi-lhe entregue mesmo no salão, no meio das conversas alegres e cheias de palavras de espírito.

Ao reconhecer a caligrafia, ficou pálido como a morte; todavia dominou-se e levou até ao fim o diálogo gracioso com uma mulher. Daí a pouco saiu. Quando se encontrou sozinho no quarto, abriu a carta. agora inútil, mais do que inútil! Era uma carta dela. Contava a perseguição da família e do tutor. Queriam obrigá-la a casar com o filho desse homem. Primeiro tinham-lhe apanhado as cartas de Agostinho, mas continuara a escrever-lhe durante muito tempo... Depois viera o desgosto e a dúvida. No meio dessas pungentes ansiedades, caiu doente. Finalmente descobrira a conspiração... A carta contava tud isso, e terminava com expressões de agradecimento e de esperança, os protestos de uma afeição eterna, mais cruéis do que a morte para o infeliz jovem.

Respondeu imediatamente:

Recebi a sua carta, mas demasiado tarde. Acreditei no que me disseram e desesperei. Estou casado. Tudo acabou. Só nos resta, a mim e a si, esquecer!"

Quando encontrou Agostinho estendido no sofá, pálido como morte, o que explicou dizendo que estava com uma enxaqueca, a Senhora Saint-Clare aconselhou-o a respirar saís. E ao ver que a palidez e a enxaqueca continuaram durante várias semanas, limitou-se a dizer que nunca esperara que o Senhor Saint-Clare fosse tão doente... que estava sempre com dores de cabeça, e que era muito aborrecido para ela aparecer sempre sozinha após um mês de casada.

No íntimo, Agostinho ficou satisfeito por ter casado com una mulher tão pouco perspicaz. Mas quando terminaram as festas e visitas da lua-de-

mel, apercebeu-se de que uma mulher jovem e bela que fora durante toda a vida adulada e estragada com mimos, pod tornar-se dentro do lar uma pessoa muito tirânica.

O pai, de quem era filha única, nunca lhe recusara fosse o que fosse, mesmo aquilo que parecia impossível. Por altura da sua entrada em sociedade, bela, educada, rica herdeira, teve a seus pés todos os homens da cidade em que habitava. Nem um só momento duvidou de que Agostinho se sentisse feliz por ser o escolhido.

Ninguém exige o amor dos outros da maneira mais imperiosa do que uma mulher egoísta. Simplesmente, quanto mais deseja ser amada, menos digna se torna de o ser. Quando Saint-Clare começou a pôr de parte as galanterias e todos os pequenos cuidados de um homem que faz a corte, encontrou-se perante uma rainha que não está disposta a perder o seu escravo. Houve muitas lágrimas, amuos e pequenas tempestades. A seguir, descontentamentos, ferroadas e acessos de fúria. Saint-Clar, pessoa de carácter e indulgente, tentou acalmar a mulher com presentes e carinhos. Quando Maria foi mãe de uma linda menina, sem despertar nele um sentimento de ternura.

A mãe de Saint-Clare havia sido uma mulher de sentimentos tão puros como elevados; por isso pôs à menina o nome da avó, feliz com a ideia de que talvez também lhe herdasse as qualidades. A mulher teve um grande ataque de ciúmes. O profundo amor de Agostinho pela filha só lhe inspirava um descontentamento desconfiado. Tudo quanto era oferecido à filha parecia roubado à esposa. Desde o nascimento da criança, a sua saúde declinara visivelmente. Uma vida de inacção permanente no torpor do corpo e da alma, a influência de um tédio constante, aliado à fraqueza normal do período da maternidade, depressa transformaram aquela beleza florida da juventude numa mulher pálida, estiolada, doente, que passava o tempo a queixar-se de uma série de doenças imaginárias, considerando-se a mulher mais lastimável e mais infeliz do mundo.

Eram lamentos sem fim. A enxaqueca não a deixava sair do quarto pelo menos três vezes na semana; todo o governo da casa ficou portanto entregue aos criados. Saint-Clare achou o seu lar muito pouco confortável. A filha era muito débil, e ele receou que, abandonada assim, sem cuidados nem atenções, a sua saúde, e até mesmo a vida, não ficassem em risco pela

indiferença materna. Levou-a consigo a Vermont, onde tinha de tratar de uns assuntos, e contratou uma prima, Ofélia Saintclare, para vir com eles para a sua casa no Sul.

Encontravam-se no barco que os trazia de regresso quando os conhecemos.

Mas agora que as cúpulas e as torres de Nova Orleães se erguiam na sua frente, vamos apresentar a Menina Ofélia aos leitores.

Ofélia, que já passara dos quarenta e cinco anos, era a filha mais velha de uma numerosa família; mas para o pai e para a mãe, continuava a ser uma criança, e a proposta de ir para Nova Orleães foi para eles qualquer coisa de grave. O pai, de cabelos grisalhos, pegou no atlas de Morses que tinha na estante, mediu com exactidão a longitude e a latitude, a seguir leu a Viagem de Filnt pelo Norte e pelo Oeste, para ficar a conhecer aquela região.

A mãe, muito inquieta, perguntou se não era uma cidade horrível, e não hesitou em compará-la com as ilhas Sanduíche, ou a qualquer outra terra habitada por pagãos.

Soube-se em casa do pastor, do médico e da Senhora Rabody, dona do estabelecimento de modas, que Ofélia Saint-Clare tencionava ir para Nova Orleães com o primo.

Este importante assunto foi em breve o tema de todas as conversas da aldeia. O pastor, que tinha ideias abolicionistas, perguntou se tal viagem não era um estímulo para os possuidores de escravos. O médico, pelo contrário, que era partidário da colonização, achava que a Menina Ofélia devia fazer a viagem, para mostrar aos habitantes de Nova Orleães que os seus irmãos do Norte não tinham afinal nada contra eles.

Pensava que era preciso encorajar o Sul!

A Menina Ofélia, conforme a encontrámos, vestida de negro, alta, magra e angulosa. Tinha o rosto esquelético, com todos os salientes. Apertava os lábios, como as pessoas que têm opiniões definitivas sobre todas as coisas. Os seus olhos pretos e curiosos eram desconfiados, observavam tudo como se houvesse sempre qualquer coisa a pôr em ordem.

Todos os seus movimentos eram secos, decididos, enérgicos; falava pouco, mas tudo quanto dizia estava certo: dizia o que tinha a dizer.

Era a ordem, a exactidão, o método em pessoa. Na pontualidade, infalível como um relógio, inexorável como uma locomotiva. Odiava todos os que não se parecessem com ela.

A seus olhos, o maior pecado, o cúmulo de todos os males, era a leviandade. E o maior insulto que podia dirigir a uma pessoa, palavra inconsequente, pronunciada de certa maneira... Aplicava o termo a tudo o que não se adaptava completamente à maneira de ser que escolhera para si própria. Tinha um soberano desprezo pelas pessoas que não faziam nada, que não sabiam o que haviam de fazer, que não o faziam exactamente da maneira devida. Esse desprezo sempre era expresso por palavras, mas a maior parte das vezes por uma espécie de trejeito e altivez glacial, como se não quisesse descer à palavra para classificar semelhantes assuntos.

No ponto de vista intelectual, era um espírito lúcido, forte e activo; tinha lido a história e os velhos clássicos ingleses. Fechado dentro de certas limitações, o seu raciocínio era evoluído; as suas doutrinas religiosas estavam condensadas em fórmulas exactas, e em pequenos compartimentos etiquetados; tinha estabelecido uma certa conta e nunca a ultrapassava. Procedia da mesma forma quanto às suas atitudes práticas da vida comum, e quanto às suas relações de vizinhança ou amizade. Mas para ela, acima de tudo, estava o sentimento do dever consciência. e a Ofélia era uma escrava do dever.

Se lhe provassem que o caminho do dever, como ela dizia, obrigava a seguir nesta ou naquela direcção, nem a água nem o fogo a obrigariam a desviar-se dele. Para cumprir o seu dever, ter-se-ia atirado a um poço ou avançado para a boca de um canhão. Mas, este sentimento do dever era tão dominador, abarcava tantas coisas, era de uma minúcia tão severa, fazia tão poucas concessões à fraqueza humana que, apesar do heroísmo dos seus esforços, a Menina Ofélia nunca atingia o seu ideal; e vivia sob o peso do fardo da sua insuficiência e da sua fraqueza.

Esta disposição espalhava-se como uma sombra sobre o seu comportamento religioso.

Podia a Menina Ofélia dar-se bem com Agostinho Saintclare, despreocupado, nada pontual, céptico e, por assim dizer, com uma liberdade insolente por cima de todas as opiniões que respeitava?

Em criança, era ela quem lhe ensinava o catecismo e o rodeava dos cuidados da infância. O seu coração era ainda capaz de calor, e fizera com ela como fazia com a maior parte das pessoas: Gozara-a. Foi assim que a convenceu de que o caminho do dever era na direcção de Nova Orleães, e que ela devia ir com ele para tomar conta de Eva e impedir a ruína da sua casa. A ideia de um lar de que cuidava atingiu em cheio o coração da Menina Ofélia...

Gostava da pequena Eva... E quem não teria amado aquela criança encantadora?... E embora considerasse Agostinho um pagão, ria das suas graças e levava a indulgência para com ele ao máximo dos limites.

Mas a Menina Ofélia vai dar-se a conhecer suficientemente na continuação desta história.

Entretanto, o vapor, soltando fortes roncões como um monstro gigantesco fatigado, preparava-se para abrir caminho por entre os outros navios. Eva, muito alegre, apontava com o dedo as torres e cúpulas, que a faziam reconhecer a sua cidade natal.

— Sim, sim, querida!... É muito bonito! Mas o barco já parou!... Onde se terá metido o teu pai?

Foi então um tumulto como acontece sempre à chegada dos navios. Os criados de hotel precipitando-se sobre as pessoas, num permanente vaivém; mães chamando pelos filhos, homens fazendo embrulhos, e toda a gente acotovelando-se na prancha que ligava o barco à terra firme.

— Aqui está um bom descarregador... — disse Saint-Clare, voltando-se para um rapaz que vinha atrás dele. — Vamos! A carruagem está à espera. Já se foi toda a gente embora, e podemos seguir à nossa vontade, sem empurrões nem cotoveladas... Aqui! — acrescentou ele, dirigindo-se a um cocheiro —, leve estas bagagens.

— Onde está o Tomás? — perguntou Eva.

— Está na boleia, minha querida; vou dar-lhe o lugar desse bêbado que nos atirou da carruagem abaixo... Vou oferecê-lo à tua mãe.



— Oh, o Tom vai ser um ótimo cocheiro — exclamou Eva. Tenho a certeza de que ele nunca bebe

A carruagem parou em frente de uma casa antiga, construída numa mistura de estilos francês e espanhol. Ainda se encontram em Nova Orleães casas deste tipo. A carruagem atravessou um portal em abóbada e entrou num pátio rodeado de edifícios quadrangulares: era um pátio mourisco. O interior desse pátio revelava um gosto requintado: tinha compridas galerias em toda a volta. Os pilares mouriscos, as colunas elegantes, os arabescos dos ornamentos, tudo fazia lembrar aquele reino fabuloso do Oriente na Espanha romântica. No meio do pátio, uma fonte espalhava o seu repuxo prateado, que caía em ondas de espuma numa taça de mármore bordada de grandes canteiros de violetas; na água dessa fonte, transparente como o cristal, brincavam miríades de peixes dourados e prateados, que tinham reflexos de pedras preciosas. Em redor da fonte havia uma alameda pavimentada com mosaicos cheios de caprichosos desenhos. Depois era a relva, suave como um tapete de veludo verde. O caminho das carruagens seguia ao longo da galeria mourisca: duas enormes laranjeiras espalhavam sombra e perfume. Alinhados em volta da relva viam-se vasos de mármore esculpido com as flores tropicais mais raras; imensas ronãzeiras de folhas lustrosas e flores cor de fogo, jasmims da Arábia de folhas escuras, de flores em forma de estrela, gerânios, roseiras luxuriantes, carregadas de cachos de rosas, jasmims amarelos, verbenas, confundindo o seu brilho e o seu perfume, enquanto aqui e acolá um velho aloés misterioso, estranho, com a sua folhagem macia que parecia um feiticeiro dos tempos idos, olhando do alto da sua grandiosidade eterna toda a outra vegetação efémera que vivia e morria a seus pés.

As galerias que cercavam o pátio estavam enfeitadas com cortimados de tecido africano, que se podiam estender à vontade para abrir os raios do Sol.

A carruagem entrou. Eva, numa espécie de exaltação, parecia uma ave prestes a fugir da gaiola.

— Oh, não é linda e encantadora a minha casa, a minha querida casa? — perguntou ela a Ofélia. — Não é realmente bonita?

— Sim, o sítio é bonito — disse a Menina Ofélia, descendo —, mas a mim parece-me um pouco antiquado e bastante pagão.

Tom desceu e lançou em redor um olhar de satisfação calma e reconfortante.

É preciso lembrar que os negros vêm da terra mais esplêndida e magnífica que existe no mundo; guardam no fundo da alma uma verdadeira paixão por tudo quanto é belo, rico, grandioso e fantástico e entregam-se sem os limites de um gosto severo a essa paixão que provoca o sarcasmo e a ironia da raça branca, mais correcta e mais feliz.

Saint-Clare, natureza voluptuosa e poética, sorriu ao ouvir o parecer da Menina Ofélia e, vendo a admiração que transparecia no rosto negro de Tom, disse-lhe:

— Parece que isto te agrada, meu velho?

— Sim, meu senhor, é mesmo assim.

Tudo isto se passou num abrir e fechar de olhos, enquanto as bagagens eram descarregadas e o cocheiro recebia o seu dinheiro. Uma multidão de criados de todas as idades e tamanhos, homens, mulheres e crianças, apareceram, vindos de todos os lados para assistirem à chegada do senhor. À frente de todos os outros via-se um jovem mulato, cuja toilette se evidenciava por exhibir todos os exageros da moda. Agitava, com ar gracioso, um lenço de baptista perfumado.

Esta personagem desenvolveu grande actividade empurrando até ao fundo do vestíbulo o grupo de criados.

— Todos para trás — dizia ele com tom autoritário. — Querem já incomodar o senhor, logo no dia da sua chegada?

Embasbacados com tão bela frase e com o modo como era dita, todos os escravos recuaram e ficaram a uma distância respeitosa, com excepção de dois robustos descarregadores que levavam as bagagens.

Graças ao expediente do Senhor Adolfo, era esse o nome da personagem, quando Saint-Clare acabou de pagar ao cocheiro e se voltou, apenas viu o próprio Senhor Adolfo, com casaca de seda, corrente de ouro e calças brancas, que o saudava com uma graça e uma perfeição inexprimíveis.

— Ah, és tu, Adolfo — disse o senhor estendendo-lhe a mão. Como vai isso, meu rapaz?

Adolfo recitou com muito à-vontade um discurso improvisado... havia quinze dias!

— Muito bem, muito bem! — disse Saint-Clare —, mas não te importas de tomar conta das malas? Já venho ter com vocês dentro de uns segundos.

Conduziu a Menina Ofélia até um grande salão que dava para o vestibulo.

Entretanto, Eva, correndo pelo pórtico e pelo salão, entrou num pequeno gabinete que dava igualmente para o vestibulo.

Uma mulher alta e pálida, com grandes olhos pretos, semi-ergueu-se da sua cama de repouso.

— Mamã — exclamou Eva, numa espécie de delírio, lançando-se ao pescoço dela e beijando-a sem interrupção.

— Já chega, minha filha. Tem cuidado — disse a mãe. — Queres que eu fique com dores de cabeça? — E beijou-a languidamente.

Saint-Clare entrou, beijou a mulher segundo as regras do protocolo conjugal, depois apresentou-lhe a prima. Maria levantou os grandes olhos para a prima e examinou-a com certa curiosidade; recebeu-a aliás com a sua delicadeza lânguida.

Entretanto, o grupo de criados apinhava-se à porta. No meio deles, ou antes, à frente de todos os outros, via-se uma mulata de uns quarenta anos, que se mantinha numa expectativa alegre e irrequieta.

— Ah! É a Mammy! — disse Eva atravessando o quarto; e, atirando-se para os braços de Mammy, beijou-a com a mais inocente efusão.

A Mammy não disse que ela lhe fazia dores de cabeça; apertou-a de encontro ao peito, rindo e chorando ao mesmo tempo... Dir-se-ia que não estava em seu plenojuízo... Finalmente, largou Eva, que passou de um para outro escravo, apertando a mão a este, e beijando aquele.

A Menina Ofélia declarou que tudo aquilo a enojava.

— Estas crianças do Sul — disse ela —, fazem coisas que eu era incapaz de fazer!

— Que quer dizer com isso? — perguntou Saint-Clare.

— Eu trato bem toda a gente, sou incapaz de fazer mal a uma mosca... Mas beijar...

— Os negros... Ah, não está habituada, não é?

— É! Como pode ela fazer isso?

Saint-Clare dirigiu-se para o vestíbulo a rir.

— Eh, cheguem cá Mammy, Jemmy, Polly, Suckey! Estão contentes por verem o senhor. — E foi de um a outro, apertando-lhes a mão...

— Tenham cuidado com as crianças — acrescentou ele, desviando com o pé um miúdo que andava de gatas no chão. — Avisem-me se eu esborrachar alguém.

Eram de todos os lados risos e bênçãos. Saint-Clare distribuiu moedas.

— E agora, rapazes e raparigas, fora daqui. — E a negra e luzidia assembleia desapareceu por uma das portas do vestíbulo, seguida de Eva, que levava um grande saco que enchera, durante a viagem, de nozes, maçãs, açúcar, fitas, rendas e brinquedos de toda a espécie.

Ao voltar-se, Saint-Clare viu Tom que estava de pé, apoiando-se ora numa perna, ora na outra, bastante pouco à-vontade, enquanto Adolfo, negligentemente encostado a uma coluna, o examinava através de um monóculo de ópera, com um ar que fazia inveja a um dandy da moda.

— Então, meu impostor! — disse Saint-Clare —, é assim que tratas o teu companheiro?... Parece — acrescentou ele passando a mão na casaca de cetim bordado —, parece que esta casaca é minha...

— Oh, meu senhor, estava toda suja de vinho, e um cavalheiro, com a posição do senhor, não a podia usar nesse estado. já só serve para um pobre negro como eu.

E Adolfo sacudiu a cabeça e passou os dedos pelos cabelos perfumados.

— Está bem. Passa por esta vez — disse Saint-Clare. — Agora vou mostrar o Tomás à sua senhora. Depois indicas-lhe a cozinha, e trata de não

tomar atitudes com ele: fica sabendo que não lhe chegas aos calcanhares.

— O senhor está sempre a brincar — disse Adolfo a rir... — Fico muito satisfeito por o ver de bom humor.

— Vem, Tom — disse Saint-Clare.

Tom entrou no salão; olhou em silêncio para os tapetes de veludo e para aquele luxo que ele nunca tinha sonhado que existisse, os espelhos, as pinturas, os quadros, as estátuas e reposteiros; e, como a rainha do Sabá perante Salomão, não estava em si", e nem sequer se atrevia a pôr os pés no chão.

— Vês, Maria — disse Saint-Clare —, trago-te finalmente um cocheiro; tem tanto de sóbrio como de escuro, e é capaz de te conduzir a passo de procissão, se te apetecer: olha bem para ele. e depois diz que eu não pensei em ti quando me fui embora!

Maria abriu os olhos e fixou-os em Tom.

— Tenho a certeza de que ele bebe — disse ela.

— Não. Garantiram-me que era uma mercadoria sóbria e religiosa.

— Desejo que se porte bem, mas não creio!

— Adolfo, leva o Tom para baixo. e lembra-te do que te recomen dei.

Adolfo retirou-se, andando com muita elegância. Tom seguiu-o a passo pesado.

— É um verdadeiro mastodonte — disse Maria.

— Vamos, Maria, sê condescendente — disse Saint-Clare sentando-se num tamborete junto do sofá —, diz qualquer coisa amável ao teu pobre marido.

— Andaste por fora mais quinze dias do que o tempo combinado!

— É verdade, mas já te expliquei a razão.

— Numa carta tão fria e tão curta!

— Ah, querida, o correio ia partir... Ou escrevia aquilo ou nada.

— É sempre assim — disse a mulher —, arranjas maneira de prolongar a viagem e diminuir as cartas...

— Vejamos — continuou Saint-Clare tirando da algibeira um elegante estojo de veludo e abrindo-o —, é um presente que te trago de Nova Iorque, um daguerreótipo, nítido como uma gravura, que representa Eva e o pai, de mão dada.

Maria olhou para o retrato descontente.

— Quem escolheu esta posição tão forçada?

— Meu Deus, a posição é discutível mas que dizes da semelhança?

— Se não queres saber da minha opinião num caso, acho que também não te importa no outro — disse a mulher, fechando o estojo.

O diabo leve as mulheres!, disse Saint-Clare para consigo. E continuou — Vamos, Maria, que dizes da semelhança? Sê razoável.

— Não é bonito da tua parte, Saint-Clare, insistir dessa maneira para me obrigar a falar ou a olhar. Estive todo o dia cheia de dores de cabeça e têm feito tanto barulho desde que tu chegaste, que me sinto meio n morta.

— A senhora costuma ter dores de cabeça? — perguntou Ofélia saindo das profundezas de um cadeirão onde se sentara tranquilamente, fazendo o inventário e calculando o preço da mobília do quarto.

— Dores de cabeça! Sofro como um mártir — disse a Senhora Saint-Clare.

— O chá de zimbro é óptimo para as enxaquecas — disse a Menina Ofélia. — É essa pelo menos a opinião da Augustina, mulher de Abraão Perry, que era uma excelente enfermeira.

— Vou mandar apanhar os primeiros que amadurecerem no jardim à beira do lago — disse Saint-Clare. E tocou uma campanha.

— Prima, deve precisar de ir para os seus aposentos, depois de longa viagem. Adolfo, diz à Mammy que venha cá. A mulata que Eva beijara com tanta efusão entrou, com a cabeça n enrolada num turbante encarnado e amarelo que a criança acabava de lhe oferecer.

— Mammy — disse Saint-Clare —, confio esta senhora aos teus cuidados. Está cansada e precisa de repouso. Leve-a para os seus aposentos, e cuide que fique confortável.

Mammy saiu à frente da Menina Ofélia.

## Capítulo XIII

### A Senhora de Tom e as suas opiniões

— Agora, Maria — disse Saint-Clare —, voltaram para ti os dias alegres. Trouxe-te a nossa prima Ofélia da Nova Inglaterra, uma mulher prática, que te vai tirar de cima as preocupações, e deixar-te o tempo livre para rejuvenesceres e tornar a ser feliz. Nunca mais terás o trabalho de pensar em distribuir as chaves.

Esta frase foi dita à mesa durante o almoço, alguns momentos depois da chegada da Menina Ofélia.

— Será bem vinda — disse Maria encostando preguiçosamente a cara à mão. — Mas ela vai depressa verificar uma coisa, é que nesta terra as senhoras são as escravas.

— Ah, sim, ela vai ver isso, e muitas outras coisas — disse Saint-Clare.

— Censuram-nos por termos escravos! — continuou Maria —, como se fosse para nosso interesse. Se olhássemos só a isso, mandávamo-los todos embora de uma vez.

Evangelina fixou no rosto da mãe os seus grandes olhos sérios; não podia compreender perfeitamente aquela resposta. E disse simplesmente:

— Então para que os tem, mamã?

— Não sei... para nossa desgraça... porque são eles a minha maior infelicidade. É por causa deles, mais do que por tudo o resto que eu estou doente... Os nossos são os piores de todos.

— Maria, vê hoje tudo muito negro — disse Saint-Clare. — Bem sabes que não é assim!... A Mammy, por exemplo, não é a melhor das pessoas?... Que seria de ti sem ela?



— A Mammy é óptima — disse a Senhora Saint-Clare —, mas como toda a gente de cor, é terrivelmente egoísta.

— Ah, o egoísmo é de facto uma coisa terrível! — disse com ar grave Saint-Clare.

— Por exemplo — continuou Maria —, não será egoísmo ter o sono tão pesado?... Ela sabe que eu preciso de pequenas atenções, quase a toda a hora, quando me vêm as crises; pois bem, é muito difícil acordá-la. Foi todo o meu esforço da noite passada que me pôs tão fraca esta manhã.

— Não estive à sua cabeceira todas estas noites, mamã?

— Quem foi que te disse? — continuou com secura a Senhora Saint-Clare. — Com que então ela queixou-se?

— Ela não se queixou; só me disse que a mamã passou mal umas poucas de noites seguidas.

— Nesse caso — disse Saint-Clare —, porque não a substituis uma noite ou duas pela Jane ou pela Rosa? Ela assim já podia descansar.

— Como podes imaginar uma coisa dessas, Agostinho? Não pensas no que dizes! Nervosa como eu sou, a menor mudança dá cabo de mim. Mãos desconhecidas a tocarem-me agoniam-me. Se a Mammy tivesse por mim a consideração que devia ter, ficava acordada. Ouvi dizer que havia pessoas que tinham criados com essa dedicação. mas eu não tive sorte.

E Maria soltou um suspiro.

A Menina Ofélia ouvira este discurso com uma certa dignidade fria, apertando os lábios como alguém resolvido a conhecer o terreno antes de se aventurar.

— Claro que a Mammy é boa à sua maneira — disse Maria. — É meiga e respeitadora, mas no fundo é uma egoísta. Está sempre a falar no marido e a pedir para ir para o pé dele. Quando casei trouxe-a comigo. O meu pai ficou com o marido; é ferrador, e por isso fazia-lhe muita falta. Nessa altura pensei e disse que, não podendo viver junto dele, o melhor era considerarem-se separados para sempre. Devia ter insistido em casar a Mammy com outro qualquer. Não o fiz: fui demasiado indulgente e fraca. Disse então à Mammy que não contasse ver o marido mais do que uma ou duas vezes na vida, porque o clima onde vive o meu pai não convém à

minha saúde, e eu não podia voltar para lá. Aconselhei-a então a arranjar aqui alguém. Mas não! Não quis... A Mammy tem às vezes teimosias que ninguém conhece como eu.

— Ela tem filhos? — perguntou Ofélia.

— Sim, tem dois.

— Essa separação deve custar-lhe.

— Talvez, mas eu não podia trazê-los para aqui... Eram dois seres sujos e eu não aguentava. E depois, iam tomar-lhe o tempo todo. No fundo, penso que a Mammy ficou sempre triste por causa disso. Não quer casar com outro homem e acho que, mesmo agora, apesar de saber que me é absolutamente necessária, voltava amanhã mesmo para o marido. Sim, tenho a certeza... As pessoas hoje em dia são tão egoístas... mesmo as melhores!

— Até custa pensar nisso — murmurou Saint-Clare, em tom seco.

A Menina Ofélia fixou nele um olhar penetrante, compreendeu toda a irritação que ele procurava conter, e viu o sorriso sarcástico esboçado nos seus lábios.

— A Mammy foi sempre a minha preferida — continuou a Senhora Saint-Clare. — Eu gostava de poder mostrar a roupa dela às vossas criadas do Norte: sedas, musselinas e baptistas autênticas Às vezes, eu passava tardes inteiras a arranjar-lhe chapéus para ela levar às festas. Foi sempre bem tratada, nunca apanhou chicotadas senão uma ou duas vezes em toda a vida. Toma todos os dias chá ou café, com açúcar branco. É um abuso; mas é assim que o Saint-Clare quer que os tratem. Fazem o que lhes apetece. Os culpados dos escravos serem egoístas, somos nós; portam-se como crianças mimadas. Estou farta de dizer a Saint-Clare que não posso mais.

— Nem eu — disse Saint-Clare, pegando no jornal da manhã.

Eva, com aquela expressão de recolhimento místico e profundo que lhe era habitual, avançou devagar até à cadeira da mãe, e passou-lhe os pequenos braços em volta do pescoço.

— Que mais queres, Eva?

— Mamã, não posso ficar a tomar conta de si uma noite, uma noite só?... Tenho a certeza de que não irrito os seus nervos, e de que não adormeço... Passo tantas noites acordada!... Ponho-me a pensar...

— Que loucura, menina, que loucura! És uma criança muito estranha!

— Deixa, mamã?... Parece-me — acrescentou — que a Mammy não está bem. Disse-me que há uns tempos para cá anda sempre com dor de cabeça.

— Ah, é mais uma das extravagâncias da Mammy... É como todos os outros negros faz uma barulheira, só por causa de uma dor de cabeça ou um golpe num dedo! Não lhes devemos dar ouvidos, nunca! Em minha casa, é uma questão de princípios — disse ela voltando-se para Ofélia. — Dentro de pouco tempo, vai ver que tenho razão. Se deixa os escravos queixarem-se por tudo e por nada, nunca mais se entende. Eu nunca me queixo... e só Deus sabe o que sofro. Acho que é nossa obrigação sofrermos calados; portanto, é isso que eu faço.

A esta afirmação inesperada, os olhos redondos da Menina Ofélia exprimiram um espanto que não conseguiu disfarçar... Quanto a Saint-Clare, soltou uma enorme gargalhada.

— O Agostinho ri-se cada vez que faço a menor alusão ao meu sofrimento!... — disse Maria com uma voz de mártir na agonia. Oxalá que não se arrependa mais tarde!...

E Maria levou o lenço aos olhos.

Houve uns instantes de desagradável silêncio. Saint-Clare levantou-se, olhou para o relógio, e disse que tinha de sair. Eva foi atrás dele, e a Menina Ofélia e a Senhora Saint-Clare ficaram sozinhas à mesa.

— Vê como é o Saint-Clare? — disse Maria, tirando o lenço dos olhos. — Não compreende... não compreende que eu sofro há uns poucos de anos... Tinha razão, se eu estivesse sempre a queixar-me e a falar nas minhas doenças... mas eu tenho-me calado, tenho-me resignado. resignado! E agora o Saint-Clare entende que eu posso tolerar tudo.

Ofélia não sabia bem o que responder.

Enquanto raciocinava, Maria limpou as lágrimas. Depois, começou a conversar com Ofélia a respeito das coisas da casa, referindo-se às

porcelanas, aos quartos, às provisões, a todas as coisas previstas para a Menina Ofélia tomar conta. Fez tantas recomendações, reflexões e observações, que uma cabeça menos organizada que a da prima não teria aguentado.

— Agora — disse Maria —, creio que já expliquei tudo. A primeira vez que eu tenha uma crise, pode agir sem me consultar. Simplesmente, tenha cuidado com a Eva, é preciso vigiá-la!

— Parece-me uma ótima criança — disse Ofélia —, nunca vi outra melhor.

— É muito estranha! Muito estranha — disse a mãe. — Tem coisas verdadeiramente extraordinárias... Não se parece comigo...

E Maria suspirou, como se tivesse pronunciado uma verdade dolorosa...

Espero que não se pareça!, pensava por seu turno a Menina Ofélia.

— Eva sempre gostou da companhia dos escravos. Meu Deus, eu sei que todas as crianças são assim. Eu própria brincava com os negros do meu pai... mas isso nunca me influenciou. A Eva parece às vezes tratar de igual para igual toda a gente com quem lida. Nunca consegui que se desabituasse. Julgo que Saint-Clare a estimula a isso... Saint-Clare dá mimos a todos os que vivem debaixo do seu tecto... menos à esposa!

Ofélia continuava a manter o mais profundo silêncio.

— Só há uma maneira de lidar com os escravos — continuou Maria. — É preciso fazer-lhes sentir a sua inferioridade e dominá-los! Isso para mim foi sempre muito fácil desde pequena... Mas a Eva sozinha é capaz de revoltar toda a casa. Que fará ela quando for crescida e tiver um lar? Confesso que não sei. Procuro ser boa para os escravos... e sou! Mas é preciso fazer-lhes sentir a sua posição... e é isso que a Eva não faz... Não consigo meter-lhe essa ideia na cabeça. Ouviu-a oferecer-se para tratar de mim durante a noite para a Mammy poder dormir. Isto é uma amostra do que faria se a deixassem.

— Mas — disse bruscamente Ofélia —, concorda certamente que os seus escravos são pessoas como as outras, e que precisam de descansar quando estão cansados.

— Certamente, certamente. Quero que tenham tudo o que seja justo e conveniente. A Mammy pode dormir uma vez por outra; não há mal nenhum nisso... Mas é a pessoa mais ensonada que conheço! Sentada, de pé, durante o trabalho, está sempre a dormir! Não há perigo de não dormir o suficiente. Bem vê, tratar os escravos como flores de estufa ou porcelanas da China, é na verdade ridículo — disse Maria, recostando-se na macieza de um enorme almofadão, de onde retirou um elegante frasco de cristal. — Bem vê — disse ela com a voz moribunda, suave como a brisa passando por jasmins-da-arábia, ou qualquer coisa igualmente etérea —, bem vê, prima Ofélia, que raras vezes falo de mim, não está nos meus hábitos... Detesto isso!... Para falar verdade não tenho coragem. Mas há muitas coisas em que somos diferentes, eu e Saint-Clare. Ele nunca me compreendeu, nunca me apreciou. Julgo que é daí que resulta a minha falta de saúde. Saint-Clare está cheio de boas intenções, não duvido; mas os homens são todos uns egoístas: faz parte da maneira de ser deles; não compreendem as mulheres... É essa a minha impressão.

A Menina Ofélia, que tinha a prudência natural dos habitantes da Nova Inglaterra e um horror muito especial pelas questões de família, previu a sorte que a ameaçava; compôs um rosto impenetrável e, pegando numa comprida meia que tinha sempre de reserva contra os perigos da ociosidade, começou a fazer malha com uma velocidade espantosa, apertando os lábios, com o ar de quem queria dizer: Queres obrigar-me a falar, mas eu não tenho nada que me meter nos vossos assuntos. A sua cara ficou tão simpática como a de um leão de pedra.

Maria nem reparou; tinha alguém com quem desabafar, e isso bastava-lhe. Respirou novamente os saís para tomar um pouco de força e continuou:

— Está a ver bem? Quando casei com Saint-Clare, trouxe o meu dote e os meus escravos; tenho por isso o direito de os usar como eu quiser... O Saint-Clare tem a sua fortuna e os seus escravos... Que os trate à sua maneira. Mas os meus!... Acerca de muitas coisas, tem umas ideias muito extravagantes... em especial na maneira de tratar os escravos. Trata-os como se fossem mais importantes do que eu ou do que ele próprio... Deixa-os fazer tudo sem levantar sequer um dedo. Em certas coisas, Saint-Clare é assustador... chega a assustar-me a mim... embora pareça, de uma maneira geral, ter bom feitio... Decidiu que ninguém daria uma só chicotada nesta

casa, sucedesse o que sucedesse, a não ser ele ou eu!... E disse isso de tal maneira que eu não posso contrariá-lo. Compreende ao que isto leva... Podiam andar em cima dele, que não se mexia... Vê a crueldade que seria se me exigissem semelhante esforço... Os escravos são como crianças grandes!

— Não sei nada desse assunto, graças a Deus — disse Ofélia.

— É possível; mas vai aprender, e aprender à sua custa se continuar aqui. Não pode imaginar a estupidez, a ingratidão, a petulância dessa raça miserável!

Maria retomava forças, como por milagre, quando entrava neste assunto; por isso, abriu muito os olhos e pareceu esquecer o seu torpor.

— Não supõe as partidas que eles fazem às donas de casa, todos os dias e a toda a hora! Mas é inútil dizer a Saint-Clare; dá respostas tão estranhas... Responde que a culpa deles serem como são é nossa, e que devemos aceitá-los assim; diz que somos nós os culpados e que, nesse caso, seria crueldade castigá-los; e que no lugar deles nós éramos ainda piores... como se pudéssemos compará-los connosco!

— Mas — disse secamente Ofélia —, não lhe parece que Deus os fez de carne e osso como nós?

— Não, não me parece, evidentemente. Essa é boa! Uma raça degradada.

— Não acha que a alma deles é imortal? — continuou a prima, num tom de indignação crescente.

— Não digo que não — respondeu Maria bocejando. — Isso ninguém duvida. Mas quanto a comparar a alma deles com a nossa, não pode ser. Saint-Clare pretendeu que separar a Mammy do marido era a mesma coisa que separar-me dele... Foi escusado dizer-lhe que há uma grande diferença, ele não consegue compreender. É o mesmo que dizer que a Mammy gosta daqueles filhos nojentos como eu gosto da Eva! Todavia, Saint-Clare pretendeu fria e seriamente que eu devia, fraca como sou, mandar embora a Mammy e arranjar qualquer outra pessoa para a substituir... Era um pouco duro, mesmo para o meu bom coração! Raras vezes mostro os meus sentimentos. Tenho por norma sofrer tudo em silêncio... mas dessa vez, rebentei... Ele não voltou a falar no assunto. Mas acabei por compreender

por certos olhares e certas palavras, que continua com as mesmas ideias. É tão obstinado, tão provocante!

Ofélia pareceu ter medo de dizer qualquer coisa; acelerou o movimento das compridas agulhas com uma fúria mais expressiva do que as palavras, se Maria Saint-Clare a pudesse compreender...

— Por isso, já vê — continuou ela — que espécie de casa vai dirigir. uma casa sem rei nem roque, onde os escravos têm tudo o que querem, e fazem o que querem... excepto quando eu tenho forças... Agarro no pingalim, mas o esforço mata-me! Se ao menos Saint-Clare fizesse como os outros!

— Que fazem eles?

— Mandam-nos ao calabouço, ou a qualquer outro sítio onde os chicoteiam. Não há outra forma... Se eu não fosse tão doente, governava-os com o dobro da energia de Saint-Clare.

— Como consegue ele dirigi-los então? Diz que nunca lhes bate!

— Bem, os homens têm uma maneira de mandar diferente... Para eles é mais fácil! E depois, se reparar nos olhos de Saint-Clare, verá que são muito estranhos. Quando se zanga, ficam com um brilho especial. Até eu sinto medo, e os escravos sabem que nessa altura é preciso ter cuidado! Eu não conseguia, nem que desse centenas de chicotadas, o que Saint-Clare consegue com um simples olhar quando está zangado! Se ele está em casa, não se ouve o mais pequeno barulho. É por isso que ninguém acredita em mim. Mas quando os começar a dirigir, verá que não faz nada deles sem um pulso de ferro... São tão maus, tão mentirosos, tão indolentes!

— Ah, sempre a mesma história! — disse Saint-Clare entrando de repente... — Que contas terríveis terão esses desgraçados que prestar no dia do Juízo, sobretudo por causa da sua preguiça!... Não vê o exemplo que eu e a Maria lhes damos? — acrescentou estendendo-se num canapé em frente da mulher.

— Estás a ser muito maldoso, Agostinho.

— Estou? Julgava que fazia muito bem concordando contigo... como faço sempre.

— Sabes perfeitamente que não é verdade!

— Nesse caso, enganei-me... Obrigado por me repreenderes, querida!

— Ah, agora queres provocar-me!

— Vejamos, Maria, está um calor horrível. Acabo de ter uma enorme discussão com o Adolfo, e cansei-me muito... Permite-me que descanse um pouco à sombra do teu amável sorriso.

— Que se passou com o Adolfo? O descaramento desse patife passa das marcas. Já não o posso suportar. Ah, só queria mandar nele uns tempos à minha vontade... Metia-o na ordem.

— O que acabas de dizer, minha querida, é fruto da tua subtileza e do teu bom senso habituais. Quanto a Adolfo, o caso foi o seguinte: dedicou-se durante tanto tempo a imitar as minhas graças e perfeições, que acabou por se julgar também senhor... e fui obrigado a mostrar-lhe que se enganava.

— Como? — perguntou Maria.

— Bem, fiz-lhe compreender que desejava conservar algumas das minhas roupas para meu uso pessoal. Também tive de pôr limites aos gastos de água-de-colónia. Levei mesmo a minha crueldade até lhe deixar apenas uma dúzia dos meus lenços de baptista. O Adolfo usava tudo isso com uma petulância, que foi preciso igualmente moderar com os meus conselhos paternais.

— Ah, Agostinho, essa indulgência é realmente intolerável! Quando aprenderás como se tratam os escravos?

— Aliás, onde está o crime quando um pobre escravo se quer parecer com o seu senhor?... Se eu o eduquei tão mal que ele só pensa em água-de-colónia e lenços de baptista, porque não hei-de dar-lhos?

— E porque foi que não o educou melhor? — perguntou Ofélia, com um pouco de audácia.

— Porque isso cansa. Oh, prima, prima, a preguiça perde mais almas do que a prima poderia salvar. Se não existisse a preguiça, eu próprio seria um anjo. Chego a acreditar que a preguiça é aquilo a que o nosso antigo doutor Botherem, de Vermont, chamava a essência do mal moral.

— Acho — continuou Ofélia — que vocês, os possuidores de escravos, tomam uma terrível responsabilidade... Eu não a queria ter nem



por todo o ouro do mundo! Vocês devem educar os vossos escravos, tratá-los como seres pensantes, como almas imortais, de quem terão de prestar contas um dia no tribunal de Deus.

— É muito fácil falar — disse Saint-Clare. — Parece-me que foi Shakespeare quem pôs na boca de uma das suas personagens: Ser-me-iamais fácil ensinar a vinte pessoas o que se deve fazer, do que ser uma das vinte pessoas a seguir as minhas máximas! Não há nada como a divisão do trabalho: o meu forte é falar; o seu, prima, é agir!

Quanto ao tratamento que lhe davam, o pai Tomás não tinha razão de queixa.

A fantasia da pequena Eva, ou antes, a gratidão e a simpatia de um carácter bem formado, levaram-na a pedir ao Senhor Saint-Clare que pusesse o escravo ao seu serviço particular. Tom recebeu assim ordem para abandonar tudo, quando Eva o reclamasse. E estava radiante. Andava muito bem vestido: a libré era um dos luxos de Saint-Clare. Para ele, o trabalho das cavaliças não passava de um pró-forma. Tinha ele próprio escravos sob as suas ordens, limitando-se a uma simples inspecção. Maria Saint-Clare dissera que não podia suportar o cheiro a cavalos quando ele estava perto. Exigira portanto que não lhe entregassem qualquer trabalho cujas consequências pudessem abalaro seu sistema nervoso, incapaz, segundo ela, de suportar semelhantes choques. Um cheiro nauseabundo bastava para pôr termo aos seus dias! Tom, na sua casaca de fazenda bem escovada, com um chapéu de castor na cabeça, calçado com botas reluzentes, o colarinho e os punhos impecáveis, e o rosto negro e simpático, tinha um ar bastante respeitá vel para se poder sentar na cadeira episcopal de Cartago, que, aliás, pertencera outrora a homens da sua cor.

Vivia num sítio lindo, facto a que a sua raça sensível nunca é indiferente. Apreciava, com uma felicidade tranquila, as aves, as flores, as fontes, os perfumes, a luz e a beleza do pátio; os reposteiros de seda, as pinturas, os lustres, as estatuetas, os dourados, que, a seu ver, tornavam o salão um verdadeiro palácio das Mil e Uma Noites.

Se a África alguma vez produzir uma raça culta e civilizada — e tempos virão em que a África terá o seu lugar na marcha incessante do progresso humano —, a vida há-de ali acordar com um esplendor e uma magnificência desconhecidas das nossas frias tribos do Oeste. Sim, nessa

terra mística do ouro, das pérolas, das especiarias ardentes, das palmeiras ondulantes, das flores maravilhosas e da fertilidade sem limites, a arte criará novas formas, e o esplendor terá um brilho diferente. A raça negra, que já não será então desprezada e calcada aos pés, produzirá com certeza a mais alta manifestação da vida humana. Sim, na sua doçura, na sua humildade de coração, na sua tendência para se confiar a um ser superior e dirigir-se ao poder divino; na simplicidade infantil dos seus afectos, no esquecimento das injúrias recebidas, realizarão, na sua forma mais elevada, a verdadeira vida cristã. Deus faz sofrer aqueles que ama, e escolheu a África, neste mundo de aflição, para lhe dar um lugar cimeiro no reino supremo que dará aos homens, quando todos os outros reinos forem julgados... e destruídos; porque os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros.

Seriam estas as ideias que preocupavam Maria Saint-Clare na manhã de certo domingo, de pé no patamar do seu palácio, luxuosamente vestida, com uma pulseira de diamantes apertada no pulso fino? Devia ser isso... ou coisa semelhante, porque Maria patrocinava obras de caridade e ia, em toilette esplendorosa: diamantes, sedas, rendas, jóias, tudo enfim, a uma igreja qualquer da moda para se mostrar ali muito piedosa. Maria, por uma questão de princípios, era extraordinariamente piedosa aos domingos. Era vê-la no vestíbulo, tão direita, tão elegante, tão aérea e suave em todos os seus movimentos. Parecia que as rendas a envolviam numa nuvem. Era uma graciosa criatura. As suas ideias deviam parecer-se com ela. A Menina Ofélia estava ao seu lado, fazendo um nítido contraste. Não porque vestisse um vestido de seda igualmente bonito, um xaile e um lenço tão elegantes; mas era esquelética, rígida e angulosa. Tinha também a sua nuvem que a envolvia, e se essa nuvem não era visível, podia adivinhar-se tão bem como a graça da sua companheira. Essa graça não era aliás a graça de Deus, mas não inporta.

— Onde está Eva? — perguntou Maria.

— Parou na escada para dizer qualquer coisa à Mammy. Que dizia Eva a Mammy? Escute o leitor, e compreenderá, embora a Senhora Saint-Clare não compreendesse.

— Minha querida Mammy, eu sei que tens dores de cabeça.

— É muito boa, menina Eva! Há uns tempos para cá, estou sempre com dores de cabeça... não se preocupe comigo!...

— Este passeio vai fazer-te bem!... — E deitou-lhe os braços ao pescoço... — Toma o meu frasco de sais.

— O quê? Essa linda coisa de ouro com diamantes? Meu Deus, menina! Não posso.

— Porquê? Tu precisas dele e eu não; a mamã usa sempre isto para as dores de cabeça... Vai fazer-te bem. Vá, leva-o para me seres agradável.

— Esta menina é umajóia! — disse Mammy enquanto Evangelina lhe metia o frasco na mão, a beijava e descia as escadas a correr.

— Porque te demoraste, minha filha? — perguntou a mãe.

— Estava a dar o meu frasco de sais à Mammy, para ela o levar para a igreja.

— O quê, Eva? O teu frasco de ouro?... À Mammy! — exclamou Maria batendo o pé. — Quando aprenderás a portar-te como deve ser? Vai buscá-lo depressa.

Evangelina baixou os olhos, fez uma cara muito triste e subiu a escada lentamente.

— Vamos, Maria — disse Saint-Clare —, deixa esta criança ser livre... e fazer o que entender.

— Ah, Saint-Clare, como queres que ela siga o seu caminho na sociedade? — perguntou Maria.

— Só Deus sabe; mas seguirá o caminho do céu muito melhor que tu e eu.

— Ah, papá, não diga isso; entristece a mamã. — exclamou a menina tocando ao de leve no braço do pai.

— O que preferes — continuou Saint-Clare —, viver como em casa do teu tio em Vermont ou ter uma casa cheia de escravos como aqui?

— Oh, a nossa maneira de viver é muito melhor — respondeu Eva.

— Porquê? — continuou Saint-Clare tocando-lhe na testa.

— Porque temos mais pessoas em nossa volta para amar.

— Ah, é mesmo da Eva — disse Maria —, é mesmo uma das suas respostas tolas.

— Eu disse alguma coisa de mal, papá? — perguntou Evangelina sentando-se no colo do pai.

— Sim, se considerarmos a maneira como os outros pensam — respondeu Saint-Clare. — Mas onde esteve a minha filha à hora do jantar?

— No quarto do Tom a ouvi-lo cantar... A mãe Dina levou-me comida.

— A ouvir o Tom cantar!...

— Sim, ele costuma cantar para mim... Eu leio-lhe a Bíblia, e el explica-me o que quer dizer!

— Estou espantada — disse Maria a rir. — Esta é a melhor anedota do ano!

— Aposto — disse Saint-Clare —, que o Tom não explica a Bíblia tão mal como isso. É um escravo com o sentido da religião. Esta manhã precisei dos cavalos muito cedo... Subi ao quarto dele, por cima da cavalaria... Estava a fazer as suas orações... Nunca ouvi nada tão comovente... Pedia por mim a Deus com um fervor apostólico...

— Sabia que o estavas a ouvir... Já conheço esses truques.

— Não era truque, porque dizia perante Deus a opinião que tem a meu respeito, com bastante desembaraço. Achava que eu precisava de fazer progressos, e era pela minha conversão que rezava.

— Então pense nisso! — disse Ofélia.

— É também essa a sua opinião, tenha a certeza — disse Saint-Clare. — Veremos... não é verdade, Eva?

## Capítulo XIV

### Como se defende um homem livre

Voltemos agora a casa dos Quakers. Aproxima-se a noite, e há um pouco de agitação no lar. Raquel Halliday anda de um lado para o outro.

Tira das suas provisões alguma comida para os amigos que vão partir. As sombras da tarde prolongam-se em direcção ao oriente; na linha do horizonte, o Sol em brasa suspende-se e lança os seus raios calmos e dourados para o interior do quarto onde estão sentados ao lado um do outro Jorge e Elisa. Jorge tem o filho sobre os joelhos, e a mão na mão da mulher. Parecem tristes e há nos seus rostos vestígios de lágrimas.

— Sim, Elisa — dizia Jorge —, reconheço que tudo o que dizes é verdade: vales muito mais do que eu! Tentarei fazer como queres... Tentarei ter sentimentos dignos de um homem livre, dignos de um cristão! Deus todo-poderoso sabe que eu quis proceder bem... que tentei com todas as minhas forças proceder bem, quando era tudo contra mim!... E agora, vou esquecer o passado... vou atirar para longe os sentimentos amargos e cruéis... vou ler a Bíblia e aprender a ser bom.

— Quando estivermos no Canadá, eu ajudo-te a viver — continuou Elisa. — Sei fazer vestidos, passar a ferro, engomar roupa fina... Com o trabalho dos dois, havemos de viver.

— Sim, Elisa, enquanto nos tivermos um ao outro e tivermos o nosso filho. Não possuímos senão os nossos braços, e contudo sinto-me forte!... Parece-me que não devo pedir mais nada a Deus... Trabalhei de dia e de noite até aos vinte e um anos, e não tenho um cent... Nem sequer tenho um tecto de colmo para me abrigar, nem um palmo de terra a que possa chamar meu... Mas se me deixarem em paz, serei feliz e grato. Hei-de trabalhar e mandar aos Shelby o dinheiro do resgate para ti e para o pequeno... Quanto ao meu antigo senhor, está pago cem vezes; não lhe devo nada.

— Ainda não estamos livres de perigo — disse Elisa. — Ainda não estamos no Canadá!

— É verdade; mas parece-me que já respiro o ar livre, e que isso me dá forças!

Nesse momento ouviram-se vozes lá fora, e bateram à porta... Elisa foi abrir em sobressalto.

Era Simeão com um outroquaker, que mandou entrar e apresentou pelo nome de Fineu Fletcher. Fineu era alto, magro como um bacalhau, cabelos encarnados e uma cara cheia de inteligência e vivacidade; estava longe de ter a fisionomia calma, serena, despreocupada, de Simeão Halliday. Devemos reconhecer que tudo isso dizia bastante mal com o chapéu de abas largas e a fraseologia da sua comunidade.

— O nosso amigo Fineu — disse Simeão Halliday a Jorge — descobriu qualquer coisa importante para ti e para os teus. Era bom que o ouvisses.

— É verdade — disse Fineu —, o que mostra mais uma vez que em certos sítios é sempre bom dormir com um olho fechado e o outro aberto. A noite passada, parei numa pequena taberna solitária, do lado de lá da estrada. Lembras-te, Simeão, do sítio onde o ano passado vendemos maçãs a uma mulher que tinha uns brincos muito compridos? Eu estava cansado da viagem, e estendi-me a um canto, em cima de um monte de sacos, e tapei-me com uma pele de bisonte enquanto esperava que me arranjassem a cama... E que aconteceu? Adormeci.

— Com um olho aberto e o outro fechado, não foi? — disse tranquilamente Simeão.

— Não, com os olhos bem fechados, durante uma ou duas horas! Estava cansadíssimo. Quando já tinha passado pelas brasas, estavam dois homens sentados a uma mesa, a beber e a conversar... Como ouvi dizer a palavra quakers, pus-me à escuta. Quer dizer que estão em casa dos quakers — exclamou um —, com toda a certeza! Aqui, abri bem os olhos. Era de vocês que falavam. Ouvi todo o seu plano.

O Jorge tinha de ser entregue ao seu senhor, em Kentucky, para ser dado um exemplo que aterrasse para sempre os negros que pretendem fugir. Dois deles iriam vender a Elisa em Nova Orleães... Esperavam ganhar com

ela de mil e seiscentos a mil e oitocentos dólares; o filho devia voltar para o mercador que o comprara; o Jim e a mãe também: deviam ser mandados para o senhor, em Kentucky. Diziam que na cidade mais próxima havia dois magistrados que levavam consigo para apanhar os fugitivos... e que a mulher seria apresentada em tribunal, e que um desses indivíduos, pequeno e com voz de falsete, ia jurar que ela lhe pertencia... Sabiam aliás o caminho que vamos seguir, e viriam sete ou oito em nossa perseguição. E agora que vamos fazer?

Durante esta informação, todo o grupo tomara uma atitude digna de uma pintura. Raquel Halliday, que abandonara os seus bolos para ouvir a notícia, levantou ao céu as mãos enfarinhadas; lia-se no seu rosto uma grande inquietação. Simeão reflectia, e não conseguia tirar os olhos dele. Jorge cerrava os punhos, lançava faíscas pelos olhos...

— Que vamos fazer, Jorge? — perguntou Elisa, quase sem voz.

— Eu sei o que vou fazer — disse Jorge entrando no quarto de dormir, onde examinou as pistolas.

— Eh — disse Fineu a Simeão, abanando a cabeça —, já estás aver o que se vai passar.

— Vejo perfeitamente — respondeu Simeão —, mas desejo que não se chegue a tanto.

— Não pretendo arrastar ninguém comigo — disse Jorge. — Só peço que me emprestem um carro e me indiquem a estrada. O Jim é forte como um gigante, e valente como o desespero, e eu também!

— Está muito bem, meu amigo — disse Fineu —, mas com tudo isso precisas ainda de outra coisa: de alguém que te conduza. Se queres lutar, é lá contigo; mas há nessa estrada duas ou três coisas que desconheces.

— Mas não quero comprometê-los — exclamou Jorge.

— Comprometer? — disse Fineu com uma expressão de malícia. Comprometer-me em quê, pode saber-se?

— Fineu é prudente e hábil — disse Simeão —, podes confiar nele, Jorge.

Para falar verdade, Fineu fora durante muito tempo explorador, e um valente caçador de caça grossa... Mas apaixonara-se pela filha de um quaker, e entrara para a comunidade; e embora fosse agora um membro digno e exemplar, os mais fervorosos ainda o acusavam de conservar uns restos do veneno da sua antiga vida.

— O amigo Fineu tem uma maneira de ser muito dele — disse Raquel, a sorrir —, mas afinal... sabemos que é um grande coração!

— Não seria melhor despacharmo-nos? — perguntou Jorge.

— Levantei-me às quatro horas, e vim o mais depressa que pude — continuou Fineu. — Se eles seguirem o seu plano, levo sobre eles duas horas de avanço. Aliás, não é prudente partir antes de anoitecer. Há na aldeia três ou quatro patifes que podiam incomodar-nos e fazer-nos atrasar... Daqui a duas horas podemos arriscar-nos. Vou falar com o amigo Miguel Cross e pedir-lhe que siga à nossa frente na sua pileca, para abrir caminho e avisar-nos se houver perigo. Vou avisar também o Jim e a velhota para estarem prontos e prepararem os cavalos. Temos possibilidades de atingir a primeira paragem antes de sermos atacados.

Fineu saiu e fechou a porta atrás dele.

— Fineu não tem medo de nada e fará tudo por ti, Jorge — disse Simeão.

— O que me entristece — respondeu Jorge —, é fazê-los correr a todos qualquer risco.

— Agradecemos-te, amigo, que não tornes a dizer isso. O que fazemos é aquilo a que a nossa consciência nos obriga; não podemos proceder de outra maneira. E agora, mãe — continuou ele, voltando-se para Raquel —, prepara depressa a comida; não podemos deixar partir os nossos amigos em jejum.

Enquanto Raquel e os filhos acabavam de fazer os bolos de milho e coziam o frango e o presunto, Jorge e a mulher ficavam sentados na saleta, com as mãos entrelaçadas, pensando que daí a umas horas estariam separados, talvez para sempre.

— Elisa — disse Jorge —, as pessoas que têm amigos, casas, terrenos, dinheiro, não podem amar-se como nós, que só nos temos a nós



próprios. Até que te conheci, Elisa, ninguém me teve amor, a não ser a minha mãe e a minha irmã!... E agora, é preciso que saibas, Elisa, que eu vou talvez derramar o meu último sangue... Mas não deixarei que te levem... Para isso, terão de passar por cima do meu cadáver.

— Oh, que Deus tenha piedade de nós — exclamou Elisa. — Se ao menos Ele permitisse que nos fôssemos embora deste país... é tudo quanto Lhe pedimos.

Ouviram-se pequenas pancadas na porta, e entrou Ruth.

— Vim a correr — disse ela —, para dar ao menino estes três pares de meias limpas e de lã quentinha. No Canadá faz muito frio, sabem?

E desapareceu aos saltinhos.

Passado um bocado, um grande carro coberto parou em frente da porta. A noite estava clara e cintilante de estrelas. Fineu saltou agilmente do banco para dar lugar aos viajantes. Jorge saiu; dava uma das mãos ao filho, a outra à mulher. Seguia com passo firme, o rosto cheio de coragem e resignação. Raquel e Simeão seguiam atrás dele.

— Desçam daí — disse Fineu aos que se encontravam já dentro do carro —, para eu arranjar lugar para as mulheres e para a criança.

— Aqui estão duas peles de búfalo — disse Raquel. — Põe-nas sobre o banco para irem mais confortáveis.

Jim foi o primeiro a descer e ajudou a mãe. Tinha com ela os maiores carinhos. A pobre mulher lançava para todos os lados olhares inquietos, como se esperasse a todo o momento ver chegar os seus perseguidores.

— Trouxeste as tuas pistolas, Jim? — perguntou Jorge em voz baixa. — Se nos atacarem, sabes para que servem...

— Se sei — disse Jim mostrando o peito largo e respirando fundo.

— Descansa, que eu não os deixo apanharem a minha mãe! Enquanto trocavam estas palavras, Elisa despedira-se da sua boa amiga Raquel. Simeão meteu-a no carro e ela instalou-se no fundo com o filho. A velha foi sentar-se ao pé dela, e Jorge e Jim ficaram na sua frente sentados num banco grosseiro. Fineu seguiu na boleia.

— Adeus, amigos! — gritou Simeão.

— Deus o abençoe! — responderam todos.

E o carro partiu, fazendo estalar o chão gelado debaixo das rodas. Caminharam por atalhos do bosque; atravessaram vastas planícies galgaram colinas, desceram até aos vales, e as horas iam passando.

A criança adormeceu depressa e caiu pesadamente sobre o regaço da mãe. A pobre velha negra esqueceu os seus temores e, ao amanhecer, Elisa fechou também os olhos. Fineu era o mais alegre do grupo; assobiava, para o caminho não lhe parecer tão comprido, algumas canções um pouco profanas... na boca de um quaker.

Pelas três horas, Jorge ouviu o ruído nítido e rápido de cascos de cavalos; deu uma cotovelada a Fineu, que parou à escuta.

— Deve ser o Miguel: reconheço o trote do seu cavalo. Pôs-se de pé, e olhou com certa inquietação.

No alto da colina, bastante afastado, viram um homem que vinha ao seu encontro a toda a velocidade.

— É ele! — disse Fineu.

Jorge e Jim saltaram do carro, antes de saberem o que iam fazer, e voltaram-se em silêncio para o lado de onde vinha o mensageiro inesperado. Ele continuava a avançar. Uma elevação de terreno escondeu-o por instantes, mas continuaram a ouvir o cavalgar precipitado. Finalmente, apareceu num alto, e ao alcance da voz.

— É o Miguel, é Eh Miguel Miguel!

— És tu, Fineu?

— Sim.

— Que novidades há? Vêm aí?

— Vêm atrás de mim! São oito ou dez! Estão encharcados em álcool, e rogam pragas e rangem os dentes como lobos.

Mal tinha acabado de falar, quando uma rajada de vento trouxe o barulho do galope dos cavalos deles.

— Subam! Depressa, depressa para dentro do carro, Fineu. Se querem dar combate, esperem que eu lhes indique o sítio.

Tornaram a subir, e Fineu lançou os cavalos a galope. Miguel cavalgava ao seu lado. As mulheres esperavam... Viam ao longe um grupo de homens cuja silhueta escura se recortava sobre as faixas rosadas do céu matinal. Galgando apenas mais uma colina, os perseguidores descobriam o carro facilmente, graças ao seu toldo branco... Ouviu-se um grito de triunfo brutal. Elisa, quase a desmaiar, apertava o filho de encontro ao peito; a velha rezava e gemia; Jorge e Jim pegaram nas pistolas com a mão a tremer.

Os inimigos ganhavam terreno; o carro virou bruscamente e parou junto de um bloco de rochas escarpadas que se elevava no meio de uma vasta planície. Essa pirâmide isolada erguia-se, gigantesca e escura, para o céu claro, e parecia oferecer um abrigo inviolável. Fineu conhecia perfeitamente o sítio; tinha ali ido muitas vezes durante as suas caçadas. Era para lá chegar que esforçara tanto os cavalos.

— Cá estamos — disse ele parando e saltando do banco. — Vá, saltem todos, depressa, e trepem comigo àquele rochedo! Miguel, atrela o teu cavalo ao carro e vai a casa de Amariah. Ele que venha com alguns dos seus para terem uma conversa com aqueles patifes.

Num abrir e fechar de olhos, todos desceram.

— Por aqui — disse Fineu, pegando no pequeno Harry. — Por aqui. Peguem na velhota ao colo! E se têm pernas, corram!

O conselho era inútil: em menos tempo do que levaria a dizer, o pequeno grupo correu para as rochas, enquanto Miguel se afastava rapidamente.

— Avancem — disse Fineu, no momento em que, já perto do rochedo, eles distinguiram à luz da alvorada e das estrelas misturada, os sinais de um carreiro tosco, mas nitidamente cavado, que conduzia ao interior da rocha. — Era uma das nossas cavernas de caça. Venham.

Fineu ia à frente, saltando como um cabrito, de pedra em pedra, levando a criança ao colo. Jim seguia-o carregando com a mãe velha.

Jorge e Elisa fechavam a marcha.

Os cavaleiros chegaram à beira da estrada e desceram soltando gritos e pragas, dispostos a seguir os fugitivos. Após alguns minutos de escalada, estes encontraram-se no alto do rochedo. O atalho passava agora por um

desfiladeiro onde só podiam seguir em fila indiana. De repente, chegaram a uma fenda de cerca de três pés de largura e trinta de profundidade que separava em duas a massa de rochas. Era um precipício escarpado a pique como as muralhas de uma fortaleza.

Fineu saltou com toda a facilidade por cima da brecha e depositou a criança num espesso tapete de musgo branco.

— Vamos, vamos, vocês, saltem todos! Está emjogo a vida. Saltaram, com efeito, uns após outros. Alguns fragmentos de rocha, formando uma espécie de parede, escondiam-nos aos olhos dos assaltantes.

— Bem, estamos todos — disse Fineu, espreitando por cima desta defesa natural para seguir os movimentos do inimigo.

O inimigo dirigia-se para os rochedos.

— Que nos apanhem, se puderem; mas vão ser obrigados a seguir um a um no meio destes rochedos, ao alcance das nossas pistolas... Estão a ver, meus filhos?

— Sim, estou a ver — disse Jorge. — Mas como isto é um caso pessoal deixe-nos sermos os únicos a correr o risco e a combater.

— Meu Deus, Jorge, combate à tua vontade. — exclamou Fineo, mastigando uma folha de amoreira selvagem —, mas dá-me licença que assista, não? Olha para eles a deliberarem espetando o pescoço; como galinhas para se prepararem para saltar para o poleiro. Não seria melhor avisá-los antes de os deixar subir?... Diz-lhes só que vais disparar sobre eles.

O grupo, que se distinguia agora nitidamente, era composto por dois magistrados e por um reforço de bandidos recrutados na taberna a troco de alguns copos de aguardente.

— Pronto, Tom — disse um deles —, estão apanhados...

— Sim, foram ali para cima... e nós seguimos por este carreiro...

Não podem atirar-se lá para baixo, e estão caçados!

— E se eles disparam contra nós? Não era nada agradável!

— Só pensas na tua pele! — continuou Tom, com ar de troça. Não há perigo. Os negros são muito medrosos.

— Não sei porque não hei-de pensar na minha pele — disse Marks —, não tenho senão esta!... Às vezes os negros lutam como diabos.

Nesse momento, Jorge apareceu no alto da rocha e gritou em voz alta e clara:

— Senhores, quem são e o que querem?

— Queremos um rebanho de escravos que fugiu — disse Loker; Jorge e Elisa Harris e o filho, Jim Selden e uma velha. Trazemos connosco dois magistrados e um mandado de captura para os prender... e vamos prendê-los. Ouviram? És o Jorge Harris que pertence ao Senhor Harris do condado de Shelby, no Kentucky?

— Sou Jorge Harris. Um tal Senhor Harris, de Kentucky, diz que eu lhe pertenço. Mas agora sou um homem livre, na terra de Deus! E exijo que a minha mulher e o meu filho me pertençam. Jim e a mãe estão aqui... Temos armas para nos defendermos. Podem subir quando quiserem... mas o primeiro que se aproxime é um homem morto, e o segundo, o terceiro, até ao último.

— Vamos, vamos, rapaz — disse um indivíduo baixo e gordo, que avançou assoando-se —, todos esses discursos não têm razão de ser na tua boca. Bem vês que somos representantes da justiça. temos a lei do nosso lado, e o poder, e tudo! Sabes o melhor que tens a fazer? É entregares-te sem resistência. Mais tarde ou mais cedo é o que terás de fazer.

— Sei bem que vocês têm o poder e a lei do vosso lado — continuou Jorge, amargamente... — Querem apoderar-se da minha mulher para a vender em Nova Orleães. Querem apresentar o meu filho como se fosse um vitelo no mercado de um traficante. Querem entregar a mãe de Jim ao animal que a chicoteava e maltratava, porque não podia maltratar o Jim. Querem-nos torturar! Querem meter-nos debaixo dos pés daqueles a quem chamam os nossos senhores, que as vossas leis protegem... Malditos sejam vocês mais as vossas leis! Mas ainda não nos apanharam! Nós não reconhecemos as vossas leis, nem o vosso país. Estamos aqui sob os olhos de Deus que nos criou, e juro que vamos combater pela nossa liberdade até à morte.

Enquanto fazia esta declaração de independência, Jorge estava de pé sobre o rochedo, bem iluminado pelo sol. Os raios da aurora banhavam o seu rosto escuro. A maior indignação e o desespero punham-lhe faíscas nos olhos, e falava com a mão levantada para o céu como se quisesse chamar a justiça de Deus sobre os homens.

A atitude, o olhar, a voz, todo o orador, enfim, reduziu ao silêncio o grupo de Tom Loker. Existe na audácia e na valentia qualquer coisa que fascina por instantes a natureza mais grosseira. Marks foi o único que não sentiu a menor emoção. Armou resolutamente a pistola e, durante uns segundos de silêncio que se seguiram ao discurso de Jorge, fez fogo sobre ele.

— Sabem — disse ele limpando a pistola —, que dão o mesmo por ele, vivo ou morto!

Jorge deu um salto para trás. Elisa soltou um grito horrível. A bala passara entre os cabelos do marido e roçara a face da jovem, para ir bater numa árvore.

— Não foi nada, Elisa — disse Jorge, com vivacidade.

— São uns patifes! — exclamou Fineu. — Mas em vez de fazeres discursos, era melhor que te protegesses.

— Atenção, Jim! — disse Jorge —, pega nas tuas pistolas e vigiemos a passagem; o primeiro que aparecer é meu; o segundo será para ti. Não vale a pena gastar dois tiros com o mesmo...

— E se não lhe acertas?

— Acerto — disse Jorge, com segurança.

— Estes homens têm estofo — murmurou Fineu entre dentes.

Todavia, após o tiro de pistola de Marks, os assaltantes pararam indecisos.

— Deves ter acertado num — disseram a Marks —, eu ouvi um grito.

— Vou eu acertar noutro — disse Tom. — Os pretos nunca me meteram medo. Não é agora que vou começar. Quem quer vir comigo?

— E lançou-se para os rochedos.

Jorge ouviu distintamente toda esta conversa, e apontou a pistola para o sítio do desfiladeiro onde ia aparecer o primeiro homem.

Um dos mais corajosos do grupo seguiu Tom; os outros vinham atrás, e empurravam os primeiros até um pouco mais depressa do que eles desejavam. Aproximaram-se. Daí a pouco a figura maciça de Tom apareceu à beira da fenda da rocha.

Jorge disparou; a bala atingiu-o no flanco, mas Tom, com o urro de um touro, atravessou a brecha e foi cair na plataforma do rochedo.

— Amigo — disse Fineu, pondo-se em frente do seu pequeno grupo e empurrando Tom com os braços fortes. — Não precisamos cá de ti para nada!

Loker caiu no precipício, rolando no meio das árvores, das moitas, das pedras soltas, até que chegou lá ao fundo, todo dorido e a gemer.

Teria morrido com a queda, se ela não fosse amortecida pelos ramos, mas nem por isso deixou de sofrer com o choque.

— Misericórdia! São uns verdadeiros demónios! — gritou Marks dirigindo a retirada por entre os rochedos, com muito mais pressa do que tivera para subir ao assalto.

Todo o grupo o seguiu precipitadamente. O gordo magistrado corria sem fôlego...

— Camaradas — disse Marks —, dêem a volta e vão lá abaixo buscar o Tom. Eu vou montar a cavalo e pedir auxílio...

E sem dar ouvidos aos sarcasmos e risos, Marks juntou os actos às palavras e partiu.

— Que grande cobarde! — disse um dos homens. — Vimos defender os interesses dele, e safa-se.

— Vejamos — continuou outro —, é preciso ir buscar o homem, quer esteja vivo ou morto!

Orientando-se pelos gemidos de Tom, e agarrando-se aos ramos e às ervas, desceram até ao precipício onde o herói jazia estendido, ora suspirando, ora praguejando com igual veemência.

— Porque grita assim, Tom? Deve estar todo moído.

— Não sei. Ajudem-me a levantar! Maldito quaker! Se não fosse ele, atirava-os todos cá para baixo... a ver se gostavam!

Ajudaram-no a levantar-se, seguraram-no pelos ombros, e levaram-no até junto dos cavalos.

— Se me pudessem levar ao menos a uma milha daqui, até à tal taberna! Dêem-me um lenço, qualquer coisa... para apertar a ferida e estancar o sangue!

Jorge olhou por cima das rochas, e viu que tentavam montá-lo no cavalo. Após duas ou três tentativas inúteis, ele desequilibrou-se e caiu pesadamente no chão.

— Espero que não tenha morrido — disse Elisa que observava com os companheiros toda esta cena.

— E se estiver? — disse Fineu. — Era o que ele merecia!

— Mas depois vinha o julgamento! — disse Elisa.

— Sim — acrescentou a velha, que gritara como os metodistas durante todo o tempo. — Seria muito mau para a alma do pobre homem.

— Ia jurar que abandonam a partida — disse Fineu.

E era verdade. Depois de pensarem e conferenciarem uns momentos, pegaram nos cavalos e foram-se embora.

Assim que desapareceram, Fineu começou a mexer-se.

— Vejamos — disse ele —, temos de descer e seguir caminho.

Disse ao Miguel que fosse à quinta, trouxesse reforços e voltasse com o carro, mas acho que devemos ir ao encontro dele. Deus queira que não se demore. Ainda é cedo, e não tardaremos a encontrá-lo; não estamos a mais de duas milhas da herdade. Se o caminho não estivesse tão mau, podíamos tê-los evitado.

Ao aproximar-se da estrada, Fineu viu o carro, que voltava com os amigos.

— Ótimo — gritou ele alegremente. — Aí vêm o Miguel, o



Estêvão e o Amariah... Agora estamos em segurança, como se já lá tivéssemos chegado.

— Façamos qualquer coisa por aquele pobre homem que está a sofrer — disse Elisa.

— Não seria mais do que cumprir o nosso dever de cristãos — disse Jorge. — Vamos levá-lo connosco.

— E os quakers tratarão dele — acrescentou Fineu. — Acho bem; não me oponho de forma nenhuma! Vejamos o que ele tem!

E Fineu, que durante a sua vida de caçador tinha adquirido certos conhecimentos de cirurgia, ajoelhou junto do ferido e começou um exame atento.

— És tu, Marks?... — perguntou Tom com voz fraca.

— Não, não é o Marks — disse Fineu. — Esse preocupou-se mais com ele do que contigo... Há muito tempo que se foi embora!

— Estou perdido — exclamou Tom. — Esse cão maldito deixa-me aqui a morrer sozinho!... A minha pobre mãe sempre disse que eu acabaria mal.

— Calma! — disse Fineu. — Estás realmente perdido se eu não conseguir estancar o sangue.

— Foi você que me empurrou — disse Tom, num suspiro.

— Se não o fizesse, eras tu quem nos empurrava a nós, por isso, bem vês! — disse Fineu aplicando a ligadura. — Vá, deixa-me fazer-te o penso. Nós não te queremos mal. Vamos levar-te para uma casa onde serás tratado como pela tua mãe.

Tom soltou um gemido e fechou os olhos...

Entretanto, chegara Miguel com o carro: tiraram os bancos, dobraram as peles de búfalo, puseram-nas de um lado só e, com grande esforço, quatro homens meteram Tom dentro do carro, onde ele acabou por desmaiar completamente. A velha negra, muito emocionada, sentou-se ao fundo e pôs a cabeça dele nos seus joelhos. Elisa, Jorge e Jim arrumaram-se como puderam, e partiram.

— Que lhe parece? — perguntou Jorge a Fineu, ao lado do qual se sentara na boleia.

— Não está muito mal; o tiro só atingiu a carne, mas a queda foi violenta; perdeu muito sangue e ficou sem forças. Vai recuperar e ficará a saber um certo número de coisas...

— Que vamos fazer deste pobre diabo? — perguntou Jorge.

— Vamos levá-lo para casa de Amariah! Está lá a avó do Estêvão Dorcas; é a melhor enfermeira que eu conheço... Em quinze dias, põe-no bom.

Passada uma hora, os nossos viajantes chegavam a uma linda quinta, onde os esperava um excelente almoço. Tom foi deitado com todas as cautelas numa cama mais fofa e mais limpa do que as outras onde costumava dormir. A ferida foi tratada e ligada. Como uma criança com sono, abria e fechava os olhos devagar, enquanto os seus salvadores passavam alegremente diante dele para verem se precisava de mais alguma coisa.

## Capítulo XV

### Experiências e opiniões da menina Ofélia

O nosso amigo Tomás, nos seus ingênuos devaneios, comparava a sua situação de escravo feliz com a de José do Egipto. Efectivamente, com o tempo e à medida que o senhor o ia conhecendo, a comparação era cada vez mais acertada.

Saint-Clare era indolente por natureza e não tinha a menor preocupação pelo dinheiro. Até aí, as compras e os fornecimentos tinham estado confiados a Adolfo, tão despreocupado e extravagante como o seu senhor. Desta maneira, a dissipação e os desperdícios eram fabulosos. Ao entrar em casa de Saint-Clare, Tom, acostumado havia muitos anos a olhar a fortuna dos seus senhores como uma coisa entregue à sua guarda, via, com uma preocupação que não podia disfarçar, todas as despesas da casa, e com aquela arte das insinuações e rodeios, que possuem os da sua classe, fazia de vez em quando algumas advertências.

Ao princípio, Saint-Clare só se serviu dele casualmente, mas, impressionado com o seu extraordinário bom senso e inteligência para os negócios, confiou cada vez mais nele, até ao ponto de o tornar uma espécie de intendente.

Investido da confiança sem limites de um senhor negligente, que lhe entregava as notas sem ver de quanto eram, e que recebia o troco sem o contar, Tom tinha todas as facilidades para lhe surgir a tentação de ser infiel. Isto era importante para verificar toda a honesta simplicidade do seu carácter, fortalecido ainda pela fé cristã. Mas para ele a confiança tornava-se mais um laço, e uma nova obrigação.

Com Adolfo sucedera exactamente o contrário. Fútil, indiferente, sem o freio de um senhor que achava a indulgência mais cómoda do que uma ordem, Adolfo acabara por confundir de forma tão estranha o que é meu com o que é teu, em relação ao senhor, que o próprio Saint-Clare começava

a assustar-se. O seu bom senso dizia-lhe que semelhante conduta era ao mesmo tempo injusta e perigosa.

Não era suficientemente forte para a mudar; mas sentia em si próprio, ou julgava sentir, uma espécie de remorso próprio que acabava finalmente numa indulgência cada vez maior. Passava por cima das faltas mais graves, porque achava que os escravos cumpririam melhor o dever deles se o próprio senhor tivesse cumprido melhor o seu.

Tom sentia pelo seu jovem e bom senhor uma singular mistura de respeito, dedicação e solicitude paternal.

Reparava que ele nunca lia a Bíblia, nunca ia à igreja, que brincava com tudo, e que ia ao teatro, mesmo ao domingo! Que frequentava os clubes, as ceias de luxo, que bebia. Tom notava isso como toda a gente, e estava convicto que o seu senhor não era cristão.

Tom não confessava essa convicção a ninguém, mas sofria muito com isso quando ficava sozinho no seu quarto.

Não é que Tom não fosse capaz de exprimir as suas ideias com uma certa habilidade de insinuação. Uma noite, Saint-Clare, depois de um festim com um grupo escolhido, voltou para casa entre a uma e as duas horas da manhã, num estado que mostrava bem que a carne dominara o espírito. Tom e Adolfo meteram-no na cama. Este último estava encantado, achava muita graça ao incidente, e ria a bom rir da ingénua desolação de Tom, que ficou toda a noite acordado a rezar pelo seu jovem senhor.

— Porque é que não te foste deitar, Tom? — perguntou-lhe Saint-Clare no dia seguinte, em pantufas e roupão, na biblioteca. — Tens alguma preocupação? — acrescentou, ao ver que Tom continuava à espera. Lembrou-se de que lhe tinha dado ordens e entregue dinheiro.

— Tenho medo, senhor — disse Tom com ar grave. Saint-Clare deixou cair o jornal, pousou a chávena de café e fixou Tom.

— Então, que se passa? Estás solene como um túmulo.

— Sim! Sou muito infeliz, senhor! Sempre pensei que o meu senhor era bom para toda a gente.

— O quê?... Vamos, precisas de alguma coisa? Esqueceste qualquer recado.

— O senhor sempre foi bom para mim, não preciso de nada... não é isso... Só há uma coisa em que o meu senhor não é bom...

— O que é que te passou pela cabeça? Fala, explica-te.

— A noite passada, entre a uma e as duas horas, pensei muito nisso. Disse para comigo: o senhor não é bom para si próprio.

Tom disse estas palavras voltando-se e pondo a mão na maçaneta da porta.

Saint-Clare corou, e depois começou a rir.

— Ah, era isso? — exclamou ele alegremente.

— Era! — disse Tom, tornando a voltar-se de repente, e caindo de joelhos... — Oh, meu querido senhor!... Receio que venha a perder tudo! Tudo! O corpo e a alma. O grande livro diz: O pecado morde como a serpente e pica como a abelha!

A voz de Tom embargava-se na garganta, e caíam-lhe as lágrimas pelas faces.

— Pobre pateta! — disse Saint-Clare, que também sentia lágrimas nos olhos. — Levanta-te, Tom, eu não mereço que chorem por mim.

Mas Tom não se ia embora... Parecia continuar a suplicar com os olhos.

— Está bem, Tom, não volto a tomar parte nessas loucuras. Palavra de honra que não torno. Há muito que as detesto e me detesto por causa delas. Por isso, Tom, limpa essas lágrimas e vai à tua vida... Vamos, vamos, nada de bênçãos... Não sou tão bom que as mereça... — E levou suavemente Tom à porta da biblioteca. — Juro que nunca mais me verás naquele estado!

Tom foi-se embora limpando os olhos, e com a alma cheia de alegria.

— Vou cumprir a minha palavra — disse para consigo Saint-Clare quando ele se foi embora.

E cumpriu.

Mas quem poderá narrar as atribulações de toda a espécie que sofreu a nossa amiga Ofélia, encarregada de governar uma casa do Sul?

Há uma diferença profunda entre os escravos de todas as moradias do Sul, e essa diferença provém sempre do carácter e do mérito da dona da casa.

No Sul, como no Norte, existem mulheres que têm em elevado grau a arte de mandar e de educar os escravos. Com aparente facilidade, sem empregarem a força, sabem fazer-se obedecer.

Era esse, por exemplo, o caso da Senhora Shelby.

Se tais donas de casa são raras no Sul, é porque na verdade são raras no mundo inteiro.

Nem Maria Saint-Clare nem a mãe, antes dela, podiam incluir-se nesta categoria privilegiada.

No primeiro dia da sua administração, Ofélia estava a pé às quatro horas e, depois de arranjar o seu próprio quarto, o que fazia sempre desde que chegara a casa de Saint-Clare, com grande espanto da criada de fora, achou que era conveniente começar uma severa inspecção aos armários e gabinetes de que possuía as chaves.

A despensa, a lavandaria, as porcelanas, a cozinha, o celeiro, foram passados em revista nesse dia. Quantos mistérios escondidos ela descobriu! Os criados assustaram-se, alarmaram-se e murmuraram contra as maneiras daquelas senhoras do Norte.

A velha Dina, cozinheira-chefe, administradora-geral do departamento da cozinha, enfureceu-se contra semelhantes atropelos ao seu poder.

Dina era uma personalidade e seria injusto que não fizéssemos dela uma descrição exacta ao leitor. Nascera para ser cozinheira tal como Cloé. O talento culinário é um dos méritos da raça africana. Mas Cloé era dirigida, recebia ordens; tinha o seu lugar numa hierarquia. Dina, pelo contrário, era um génio volúvel e, como todos os génios em geral, arrebatada, teimosa, sujeita a caprichos. Semelhante a uma certa ordem de filósofos modernos, Dina desprezava soberanamente a lógica e a tensão, obedecendo apenas à intuição instintiva. O instinto era para ela uma fortaleza inexpugnável. Nem o talento, nem a autoridade, nem a pressão conseguiam convencê-la de que existisse no mundo um sistema que se comparasse com o seu, ou que deveria mudar no mais pequeno pormenor a

sua maneira de proceder. Esta conduta fora aceite pela sua antiga senhora, e a Menina Maria, como continuava a tratar a Senhora Saint-Clare mesmo depois do casamento, preferira sujeitar-se do que lutar. Assim, Dina tinha um poder absoluto. A sua posição era tanto mais fácil de manter, porquanto possuía toda a ciência diplomática, aliando a deferência de maneiras à inflexibilidade de princípios.

Dina tinha a arte suprema das explicações e das desculpas. Uma cozinheira é infalível! Era este um dos seus axiomas. Acrescentamos que, nas casas do Sul, a cozinheira encontra sempre à sua volta uma série de pessoas sobre as quais pode atirar as próprias faltas, conservando intacta a sua pureza imaculada. Cada engano tinha um cento de causas estranhas a Dina; cada falta, um cento de culpados que ela castigava com um zelo sem igual.

Mas, em última análise, quase nunca havia nada a censurar-lhe. Os resultados eram sempre estupendos. Seguia por caminhos tortuosos, mas chegava sempre, não importava o tempo nem o lugar. A sua cozinha estava sempre num estado que dava a ideia de ter sido arrumada por um ciclone; tinha para cada coisa tantos lugares como os dias do ano. Mas, deixassem-na à vontade, não lhe dessem muita pressa, e teriam uma refeição digna de um epicurista.

Era a hora de começarem os preparativos para o jantar. A mãe Dina, que precisava de reflexão e de repouso, e que, aliás, tinha para isso o tempo que queria, estava sentada no chão da cozinha, a fumar um velho cachimbo de que ela gostava muito, e que acendia sempre, como uma lamparina de altar, quando procurava inspiração. Era assim que invocava as musas domésticas.

Em sua volta estavam sentados os restantes membros dessa florescente família que pulula nas casas do Sul. Descascavam ervilhas, batatas, ou depenavam aves. Dina interrompia de vez em quando a sua meditação para dar um soco na cabeça de algum dos seus jovens ajudantes, ou chamar a atenção de outro com o cabo da colher de pudim.

A Menina Ofélia, depois de acabar a excursão pelo resto da casa, chegou à cozinha. Dina soubera por várias vias a reforma que se preparava; estava resolvida a manter-se numa defensiva feroz, e disposta a opor a qualquer nova medida a atitude passiva da inércia.

A cozinha era uma grande divisão pavimentada de tijolo. Uma enorme chaminé à maneira antiga ocupava completamente uma das paredes, Saint-Clare pensara em vão substituí-la por um fogão. Dina não consentira.

Quando Ofélia entrou na cozinha, Dina não se levantou; continuou a fumar com calma sublime, seguindo todos os movimentos da solteirona, pelo canto do olho, embora aparentemente se limitasse a vigiar o trabalho dos seus auxiliares.

A Menina Ofélia abriu uma gaveta.

— O que é que guardam aqui?

— Uma porção de coisas — respondeu a velha Dina.

A resposta estava certa: havia de tudo dentro daquela gaveta. Ofélia tirou para fora primeiro uma linda toalha adamascada, toda suja de sangue, que servira evidentemente para embrulhar carne crua.

— Que vem a ser isto, Dina? Espero que não costume embrulhar a carne nas toalhas de mesa da sua senhora?

— Oh, não, que ideia!... Já não tinha panos... e essa toalha estava aí para mandar lavar...

Que desmazelo, disse Ofélia para consigo, e continuou a rebuscar na gaveta... Encontrou um ralador, duas ou três nozes-moscadas, um livro de cânticos metodistas, dois lenços rasgados, lãs, um bocado de malha, tabaco, um cachimbo, duas molheiras douradas cheias de banha, sapatos velhos, um bocado de flanela acolchoada a embrulhar cebolas, toalhas de damasco e grossos guardanapos, agulhas de croché, cartuchos rasgados de onde saíam ervas de cheiro, a que o sol do meio-dia dá um perfume tão activo.

— Onde costuma guardar as nozes-moscadas? — perguntou a

Menina Ofélia, no tom de uma pessoa que pede a Deus que lhe dê paciência.

— Em qualquer sítio, menina! Estão aí umas dentro dessa chávena rachada... e há mais naquele armário.

— E dentro deste passador — disse Ofélia mostrando as nozes.

— Meti-as aí dentro esta manhã. Gosto de ter tudo à mão.



— E isto o que é? — perguntou Ofélia, pegando na molheira cheia de banha.

— É gordura. Gosto de a ter à mão.

— É assim que se serve das molheiras douradas?

— Estava com muita pressa... Lavo-a um dia destes.

— E esta toalha de mesa, que faz aqui?

— É para mandar lavar.

— Mas não tem um sítio qualquer para guardar a roupa suja?

— O Senhor Saint-Clare diz que comprou uma arca de propósito para isso, mas a tampa é muito pesada. E depois eu ponho-lhe coisas em cima, e é onde costumo bater a massa.

— Porque não a bate nesta mesa que é própria para isso?

— Ai, menina! Tem tanta loiça em cima... e outras coisas... que já não há lugar...

— Tem de lavar esta loiça e tirá-la daqui.

— Lavar a loiça? — gritou Dina, com voz esganiçada. A ira fazia-a esquecer a reserva habitual das suas maneiras. — Que percebem as senhoras disso? Gostava de saber!... A que horas jantava o senhor, se euperdesse tempo a lavar e a arrumar os pratos? A Menina Maria nunca se mete no meu serviço.

— Estão aqui estes alhos.

— Sim, fui eu que lá os pus. Nunca mais me lembrei. Era para fazer um estufado; para aí ficaram embrulhados nessa flanela.

Ofélia pegou no cartucho das ervas cheirosas.

— Era melhor a menina não mexer nessas coisas — disse Dina em tom já mais decidido. — Gosto de saber onde estão as coisas quando preciso delas.

— Não vê que o papel está rasgado?

— É para as poder tirar melhor.

— Mas fica tudo espalhado dentro da gaveta.

— Claro... a menina esteve para aí a remexer!... Foi a menina que as espalhou... — E Dina aproximou-se da gaveta, a tremer. — Se a menina voltasse para o salão até eu ter tempo de arrumar isto tudo... Vou pôr um pouco de ordem na cozinha, mas não sou capaz de fazer nada quando as senhoras andam em cima de mim.

— Dina, eu mesma vou arrumar esta cozinha — disse Ofélia —, e espero que depois conserve as coisas no seu devido lugar.

— Oh, meu Deus, Menina Ofélia, não são as senhoras que devem fazer isso... Nunca as vi fazer, nem à minha antiga senhora, nem à Menina Mari a. Nunca!

E Dina, furiosa, andava de um lado para o outro, com grandes passadas, enquanto Ofélia arrumava, guardava, esfregava, limpava, dispunha e distribuía os objectos, com uma rapidez incrível.

Em poucos dias, a Menina Ofélia modificou a casa toda, mas os seus esforços, quando era necessária a colaboração dos criados, eram semelhantes aos de Sísifo ou das Danaides. Certo dia, como último recurso, apelou para Saint-Clare.

— É impossível meter esta gente na ordem.

— Tem razão.

— Nunca vi tanta inconsciência, tanto desperdício, tanta confusão!

— De acordo.

— Não levava as coisas tão a frio, se estivesse encarregado de governar a casa.

— Querida prima, compreenda de uma vez para sempre que nós, os senhores, estamos divididos em duas classes: os opressores e os oprimidos. Os que são bons e odeiam a severidade, estão sujeitos a uma porção de inconvenientes. Já que insistimos em manter dentro das nossas casas um bando de patifes, é preciso sujeitarmo-nos às consequências. É muito raro, mesmo com um tacto muito particular, conseguir a ordem com austeridade. Eu não possuo esse talento, e há muito tempo que me resigno em deixar

correr as coisas como correm. Não quero chicotear nem fazer sofrer esses pobres diabos... Eles sabem... e é talvez por isso que abusam.

— Mas não haver ordem, nem tempo, nem lugar para coisa nenhuma! É de um desmazelo inaudito!

— Minha querida Ofélia, vocês, os do Norte, dão ao tempo uma importância verdadeiramente ridícula! Que vale o tempo para um homem que dispõe do dobro daquele que pode gastar? Quanto à ordem, à pontualidade, quando não há mais nada para fazer do que ficar estendido em cima de um sofá, que importa que o almoço ou o jantar seja uma hora mais cedo ou mais tarde? A Dina faz-nos ótimos petiscos, sopas, guisados, assados, sobremesas, gelados e tudo! Conseguir isso tudo no meio de uma confusão diabólica. É sublime, mas Deus nos livre de descermos à cozinha e assistirmos aos preparativos... Não tornávamos a comer! Perdíamos a nossa paz de alma, e fazíamos perder a cabeça à Dina. Deixá-la fazer como entender.

— Mas o primo não sabe em que estado eu encontrei as coisas!

— Julga que não? Que eu não sei que o rolo da massa está debaixo da cama dela, o ralador na algibeira do avental de mistura com o tabaco? Que há cinquenta açucareiros espalhados por outros tantos sítios? Que ela um dia limpa a loiça às toalhas de mesa, e no dia seguinte à ponta da saia?... Mas a maravilha é que ela nos faz jantares esplêndidos, e um café... que café! Temos de a julgar como julgamos os homens de Estado... pelo seu êxito!

— Mas os desperdícios, a despesa!

— Seja! Feche tudo e guarde a chave. Vá dando as coisas à medida que forem precisas, mas não se preocupe com ninharias... Ainda é a melhor coisa a fazer.

— Mas, Agostinho, fico preocupada... Pergunto a mim própria: Eles serão realmente honestos? Acha que posso contar com isso?...

Agostinho riu às gargalhadas com a cara séria e inquieta da Menina Ofélia enquanto fazia esta pergunta.

— Ah, prima, essa é forte! Honestos Como se pudéssemos esperar que eles fossem honestos. E porque haviam de ser? Que fizemos para que

eles o fossem?

— Então não há nenhum honesto?

— Sim, há. De vez em quando, a natureza entretém-se a criar um, tão simples, tão ingénuo, tão fiel, que as influências mais detestáveis não conseguem nada dele. Mas, sabe, desde o berço que as crianças de cor percebem que não podem vencer senão por meios clandestinos. É a única maneira, e usam-na com os pais, com os senhores e com os filhos dos senhores. A manha e a mentira tornam-se hábitos necessários, inevitáveis. Não se pode esperar outra coisa de um escravo; não devemos sequer castigá-lo por isso. É preciso mantê-lo numa espécie de infância que o impede de compreender que os bens do seu senhor não lhe pertencem... se ele os puder apanhar. Por mim, não vejo como poderiam os escravos ser honestos. Um caso como o de Tomás parece-me um milagre moral.

— E a alma deles, que destino vai ter?

— O problema não é meu. Que me importa? Só me interessa esta vida. Pensa-se em geral que toda esta raça pertence ao diabo, aqui, na Terra, para maior vantagem dos brancos... Talvez seja diferente no céu.

— É horrível — disse Ofélia. — Ah, vocês, os donos dos escravos, deviam ter vergonha!

— Estamos bem acompanhados... Eu faço como os outros. Passa-se o mesmo em toda a parte. A classe inferior é dominada, corpo e alma. É assim também em Inglaterra e em todo o mundo. E, todavia, a cristandade revolta-se e acusa-nos, porque fazemos o que ela faz, embora de outra maneira.

— E, na sua opinião, como acabará tudo isto?

— Não sei mas uma coisa é certa: corre hoje em todo o mundo entre as massas um ódio surdo. Eu sinto que amanhã, ou mais tarde, virá um terrível Dies irae... Preparam-se acontecimentos em toda a Europa, ou pelo menos em Inglaterra, e no nosso país. Mas, está a tocar a sineta, por isso, prima, ponhamos de parte a nossa discussão e vamos jantar. Agora já não pode dizer que não falei a sério uma vez na vida...

— Há negros — disse Maria, quando se sentaram à mesa — de quem não é possível fazer nada; são tão maus que nem merecem viver. Não sinto a menor compaixão por eles. A miséria dos negros vem toda da sua

maldade; há alguns que não se deixam dominar nem com os maiores castigos... Lembro-me de que o meu pai teve em tempos um escravo que era tão preguiçoso que fugiu para não trabalhar. Vagueava pelas savanas, roubando e praticando toda a espécie de crimes. Esse homem foi apanhado e chicoteado... Recomeçou, e tornaram a chicoteá-lo. Não serviu de nada. Por fim, arrastou-se uma vez mais até às savanas, embora já quase não pudesse andar. E morreu ali. E note-se que não tinha a menor razão para proceder assim, porque em casa do meu pai os negros foram sempre bem tratados.

— A mim aconteceu-me uma vez — disse Saint-Clare —, conseguirdominar um homem de quem todos os senhores e capatazes tinham desistido.

— Tu? — exclamou Maria. — Ah, gostava de saber como conseguiste alguma vez fazer isso!

— Era um africano, um héracles, um verdadeiro gigante. Sentia-se nele um forte instinto de liberdade. Nunca vi homem mais indomável; um verdadeiro leão da selva. Chamava-se Cipião. Nunca tinham conseguido fazer nada dele. Os capatazes de todas as fazendas vendiam-no e tornavam a vendê-lo. Finalmente, meu irmão Alfredo comprou-o julgando poder dominá-lo. Certo dia, pregou uma sova no capataz e fugiu para a savana. Eu estava de visita à plantação de Alfredo; foi a seguir às nossas partilhas. O Alfredo estava exasperado. Eu disse-lhe que a culpa era dele, e que apostava que era capaz de dominar o rebelde. Combinámos que ele ficava para mim se a experiência resultasse. E fomos seis ou sete caçá-lo, com cães e espingardas. Sabem que a caça ao homem pode ser tão empolgante como a caça ao veado, é uma questão de hábito. Eu próprio me sentia um pouco excitado, embora fosse apenas intermediário, no caso de o apanharmos.

Lançámos os cavalos a galope. Os cães ladravam seguindo o rasto, até que o descobrimos. Corria e saltava como um cabrito, deixando-nos durante muito tempo ficar para trás. Finalmente, foi obrigado a parar numa plantação de canas-de-açúcar. Voltou-se para nos fazer frente, e devo confessar que lutou valentemente com os cães, só com as mãos, e matou dois ou três que atirou para longe. Foi abatido por um tiro e veio cair aos meus pés, numa poça de sangue. O pobre homem levantou para mim uns

olhos aonde havia desespero e coragem ao mesmo tempo. Chamei os homens e os cães, que iam atirar-se sobre ele, e reivindiquei-o como meu prisioneiro. Foi tudo quanto pude fazer para os impedir de o fuzilarem na embriaguês do triunfo. Comprei-o ao Alfredo e levei-o comigo... Pois ao fim de quinze dias, estava mais manso do que um cordeiro.

— Que lhe fizeste? — perguntou Maria.

— Foi muito simples... Mandei deitarem-no no meu quarto, numa boa cama. Tratei-lhe das feridas, velei-o eu próprio até poder levantar-se... depois concedi-lhe a liberdade e disse que podia ir para onde quisesse...

— E ele foi? — perguntou Ofélia.

— Não! O pateta rasgou a carta de alforria em quatro e recusou-se a separar-se de mim... Nunca tive um servo tão dedicado... fiel e honesto como um cão... Passado tempo fez-se cristão e ficou terno como uma criança... Ficou a tomar conta da minha vivenda à beira do lago e desempenhou esse cargo de maneira impecável. Morreu com a cólera... Posso dizer que deu a vida por mim... Eu estava a morrer; foi um verdadeiro pânico; todos me abandonaram, e ele não me largou... Fez-me voltar à vida, mas o pobre homem contraiu a doença, e não foi possível salvá-lo... Nunca vi morrer ninguém que me desse maior desgosto.

Durante toda esta narração, Eva aproximara-se a pouco e pouco do pai, com os lábios entreabertos, os olhos dilatados, e em todo o seu rosto os sinais de um interesse absorvente.

Quando Saint-Clare se calou, ela lançou-lhe os braços ao pescoço, começou a chorar e rompeu em soluços.

— Eva, minha filha, o que é isso? — exclamou Saint-Clare ao ver aquela frágil criança a tremer de emoção. — Não se podem contar estas coisas diante dela... é tão nervosa!

— Eu não sou nervosa, papá — disse Eva dominando-se com uma força bastante estranha numa criança tão pequena. — Eu não sou nervosa, mas essas coisas tocam-me o coração!

— Que queres dizer com isso, Eva?

— Não sei explicar... Penso em muitas coisas... Talvez um dia lhe conte.

— Pensa, pensa o que quiseres, minha querida Mas não chores nem faças sofrer o teu pai. Olha, vê que lindo pêssego que apanhei para ti!

Eva, sorridente, pegou no pêssego, mas continuou com um leve tremor ao canto dos lábios.

— Vamos ver os peixes encarnados — disse Saint-Clare pegando-lhe na mão, e levando-a para o pátio.

Daí a pouco ouviram-se gargalhadas alegres. Eva e Saint-Clare atiravam pétalas de rosas um ao outro e perseguiram-se pelas alamedas.

O nosso amigo Tomás corre o risco de ficar esquecido no meio das aventuras de todas estas nobres personagens; mas se os leitores quiserem acompanhar-nos até um pequeno quarto por cima das cavalariças, poderão ficar logo ao corrente do que se passa.

Era um quarto decente. Tinha uma cama, uma cadeira, e uma mesinha de madeira tosca sobre a qual se via a Bíblia de Tom e o seu livro de cânticos. Tom encontrava-se sentado a essa mesa, com a ardósia na sua frente, entregue a qualquer trabalho que lhe absorvia completamente a atenção.

A recordação e as saudades da família tinham-se tornado tão fortes, que pedira a Eva uma folha de papel de carta e, reunindo toda a ciência caligráfica que devia aos cuidados do Menino Jorge, tomara a resolução audaciosa de escrever uma carta; fazia primeiro o rascunho na ardósia. Tom encontrava-se no maior embaraço...

Esquecera-se do feitio de certas letras, e não se lembrava muito bem do valor das outras. Enquanto procurava com esforço, Eva veio pôr-se atrás da cadeira, olhando por cima do ombro dele.

— Ó pai Tomás! Que coisas tão engraçadas que estás a fazer!

— Estou a tentar escrever à minha mulher, Menina Eva, e aos meus filhos...

— Gostava de te ajudar, Tom. Sei escrever um bocadinho. O ano passado já sabia juntar todas as letras, mas se calhar esqueci-me.

Eva aproximou a cabeça loira da cabeça preta de Tom. Eram tão ignorantes um como o outro. Após muitos esforços, reflexões e tentativas, a

coisa começou a parecer-se com escrita.

— Ah, pai Tomás, ficou muito bem! — dizia Eva. — Como a tua mulher vai ficar contente. E então os teus filhos! Oh, foi muito mal feito separarem-te deles! Eu vou pedir ao papá que te deixe ir embora daqui a uns tempos.

— A minha antiga senhora disse que me comprava assim que pudesse, e o Menino Jorge disse que me vinha buscar. E deu-me este dólar como penhor. — E o pai Tomás tirou do peito o dólar.

— Ah, então vem com certeza! — exclamou Evangelina.

— Tenho de lhes escrever, para eles saberem onde eu estou, e dizer à pobre Cloé que me encontro bem. Ela estava tão preocupada comigo, a pobre velha!

— Então, Tom? — disse Saint-Clare, chegando neste instante à porta.

Tom e Eva levantaram-se ao mesmo tempo.

— Que é isto? — perguntou Saint-Clare olhando para a ardósia.

— É uma carta — respondeu Tom. — Não está bem?

— Não quero desanimar nem um nem outro, mas acho que era melhor pedires-me para ta escrever, Tom... E é o que vou fazer quando voltar do meu passeio a cavalo.

— É preciso que ele escreva, papá — continuou Eva —, porque a senhora dele disse que mandava o dinheiro para o comprar.

Saint-Clare pensou para consigo que tinha sido provavelmente uma daquelas promessas temerárias, como fazem os senhores caridosos para atenuar na alma do escravo o horror de ser vendido, mas não disse nada. Limitou-se a mandar Tom selar-lhe o cavalo. À tarde, a carta do pai Tomás ficou escrita como devia ser e foi metida na caixa do correio.



## Capítulo XVI

### Topsy

Certa manhã, enquanto a Menina Ofélia descansava do trabalho da casa, ouviu a voz de Saint-Clare que a chamava do rés-do-chão.

— Desça, prima, quero mostrar-lhe uma coisa.

— O que é? — perguntou Ofélia descendo com a costura ainda na mão.

— Veja. É uma aquisição que acabo de fazer para si. — E mandou avançar uma negrinha de oito ou nove anos.

Era uma das caras mais negras da sua raça... Os olhos redondos brilhavam como contas de vidro, voltando-se constantemente para tudo quanto se encontrava na sala. A boca entreaberta pelo espanto que lhe causavam tantas maravilhas deixava ver uma fila de dentes brancos. O cabelo crespo estava dividido em pequenas tranças que se espalhavam em volta da cabeça. A expressão do seu rosto era uma curiosa mistura de esperteza e fingimento, por detrás de uma espécie de gravidade solene e altiva. Como único vestuário tinha um saco velho e esfarrapado. Cruzava obstinadamente as mãos sobre o peito. Havia em toda a sua pessoa um não sei quê de bizarro e fantástico. Não era uma rapariga; era uma aparição. Ofélia ficou desconcertada... achou que ela tinha um ar pagão. Por fim, voltou-se para Saint-Clare.

— Agostinho, para que me trouxe isso?

— Para que a prima a possa instruir e educar como deve ser. Pensei que era uma linda amostra da raça negra. Aqui, Topsy — acrescentou ele, assobiando como para chamar a atenção de um cão. — Vá, canta-nos uma das tuas canções e mostra-nos uma das tuas danças.

Viu-se brilhar nos olhos de vidro uma espécie de malícia e, com voz aguda e clara, cantou uma velha melodia negra. Acompanhava o canto com movimentos ritmados das mãos e dos pés; batia palmas, pulava, unia os olhos... Era um ritmo estranho e selvagem. Fazia ouvir de vez em quando aqueles sons roucos e guturais que distinguem a música da sua raça; por fim, depois de duas ou três cabriolas, deu uma nota final aguda, tão estranha às gamas de qualquer melodia como o apito de uma locomotiva, depois deixou-se cair no chão, ficou com as mãos juntas, e uma expressão de doçura e solenidade estática tornou a aparecer-lhe no rosto... Mas continuava a lançar de soslaio olhares furtivos e audaciosos.

A Menina Ofélia não dizia uma palavra. Estava petrificada. Saint-Clare, como um rapaz maldoso, parecia divertir-se com o seu espanto, e disse para a criança:

— Topsy, esta é a tua nova senhora. Vou oferecer-te a ela. Vê se te portas bem.

— Sim, siô — respondeu Topsy com a sua gravidade solene, mas piscando o olho, com ar bastante malicioso.

— Tens de ser boa, Topsy; percebeste?

— Sim, sim, siô — continuou Topsy, juntando devotamente as mãos.

— Vejamos, Agostinho, que quer isto dizer? — continuou finalmente Ofélia. — A sua casa já está cheia destas pequenas pestes; não podemos dar um passo que não tropeçemos com elas... Assim que me levanto, logo de manhã, encontro um negrinho a dormir atrás da porta... Debaixo da mesa aparece um negro; outro está deitado no capacho; aparecem em todos os lados, gritam, trepam... E ainda traz mais... Para quê, santo Deus?

— Para a prima a educar, não lhe disse já? Está sempre a fazer a apologia da educação, e eu quis trazer-lhe matéria em bruto... Experimente: eduque-a como deve ser.

— Não me sobra tempo; já tenho bastante que fazer.

— Ora aqui está como são vocês todos, os cristãos. Formam associações, e mandam qualquer pobre missionário passar a vida entre selvagens. Mas indiquem-me um só de vocês que pegue num destes desgraçados e se dê ao trabalho de o converter! Não senhor! Quando chega

essa altura, dizem que são sujos e desagradáveis, que é uma grande responsabilidade, e mais isto e mais aquilo!

— Ah, não via as coisas por esse prisma — disse a Menina Ofélia, abrandando um pouco. — Pois bem, será quase uma obra apostólica.

— E olhou para a criança com mais doçura.

Saint-Clare acertara em cheio. A consciência da prima estava sempre alerta.

Contudo, ela acrescentou:

— Talvez não fosse preciso comprá-la... Há muitos de sobra na missão, para mal dos meus pecados.

— Está bem, prima — disse Saint-Clare ao retirar-se —, peço perdão de todos os meus argumentos. A prima é tão boa que não eram precisos. O facto é que esta pequena pertencia a um casal de bêbados que têm uma taberna horrorosa... Passo à porta deles todos os dias.

Estava farto de os ouvir; esta a chorar, os outros a insultarem-na e a baterem-lhe... Ela pareceu-nos esperta e engraçada... pensei que se podia daqui fazer qualquer coisa... e comprei-a para lha oferecer...

Tente agora dar-lhe uma educação ortodoxa, à maneira da Nova Inglaterra... Veremos como resulta... Por mim, não tenho queda para o ensino, mas ficarei encantado vendo-a ensinar.

— Farei o que puder — disse Ofélia. E aproximou-se do seu súbdito, com a precaução que teria perante uma aranha negra, que pretendesse tratar bem.

— Está porquíssima e vem quase nua...

— Mande-a à cozinha para a lavarem e vestirem...

A Menina Ofélia levou-a até às regiões gastronómicas.

Para que precisa a Menina Ofélia de mais uma negra?, perguntou para consigo a cozinheira, olhando para a recém-chegada com ar pouco amigável. — Espero que não a metam aqui.

— Puh — disseram a Jane e a Rosa, com ar de desprezo —, que não se aproxime... Para que seria que o senhor comprou mais um desses

horríveis negros?

— Acabem com isso! — gritou a velha Dina, que tomou para si própria parte do comentário. — Ela não é mais preta que você, menina Rosa. Ou julga-se muito branca? Não é nem branca nem preta... Era preferível ser uma ou outra coisa.

Ofélia compreendeu que ninguém estava disposto a presidir à operação de limpeza e vestuário da recém-chegada. Resolveu portanto actuar ela própria, com a ajuda pouco amável da carrancuda Jane.

Não será talvez conveniente fazer perante sensibilidades delicadas o relato pormenorizado desta toilette de uma criança até então desprezada e maltratada... Infelizmente, vivem neste mundo multidões de seres em tais condições, que os nervos dos seus semelhantes não aguentam uma simples descrição. A Menina Ofélia era uma mulher prática, cheia de decisão e de firmeza; desafiou todos os inconvenientes, não sem alguma repugnância, mas acabou por cumprir a tarefa. Os seus princípios não lhe permitiam fazer outra coisa.

Quando descobriu, nos braços e nas costas da criança, grandes cicatrizes e nódoas negras, marcas do sistema em que a tinham educado sentiu-se invadida por enorme compaixão.

— Olhem, — disse ela, apontando as marcas —, não se vê por aqui a maldade dos homens? Ela vai dar-nos uma carga de trabalhos. Odeio estes malditos pretos... Que nojentos! Puh! Parece impossível que o senhor a tenha comprado.

Topsy ouvia estes comentários a seu respeito, com o ar dolente e manhoso habitual. Apenas os seus olhos vivos e penetrantes se fixavam a cada instante nos brincos de Jane. Quando ficou completamente vestida, e quando lhe cortaram o cabelo, Ofélia sentiu certa satisfação, e disse que ela tinha assim um aspecto mais cristão do que antes. Começou mesmo a architectar um plano de educação.

Sentou-se em frente da jovem escrava e começou a interrogá-la.

— Que idade tens tu, Topsy?

— Não sei, senhora... — E fez uma careta que lhe deixou à vista os dentes todos.

— Como é possível não saberes a tua idade? Nunca ninguém te disse? Quem é a tua mãe?

— Nunca tive — disse a rapariga, com outra careta.

— Nunca tiveste mãe! Que queres dizer com isso? Onde é que nasceste?

— Não nasci — continuou Topsy com caretas tão diabólicas que, se Ofélia fosse nervosa, julgaria estar perante algum terrível gnomo do país das quimeras. Mas Ofélia não era nada nervosa; era uma mulher de bom senso, enérgica e corajosa, e continuou, com um pouco de severidade:

— Não é assim que deves responder, menina. Eu não estou a brincar contigo; diz-me onde nasceste, e quem era o teu pai e a tua mãe.

— Não nasci — continuou a criança, com mais firmeza. — Não tive pai, nem mãe, nem nada... Fui criada por um negociante, com muitos outros... Era a velha mãe Sue quem tratava de nós.

A criança estava a falar verdade. Via-se. Então Jane disse a rir:

— Vejam o diabo dos negros... Os negociantes compram-nos baratos quando são pequenos, e vendem-nos caros depois de crescidos.

— Quanto tempo viveste com o teu senhor e a tua senhora?

— Não sei.

— Um ano? Mais? Menos?

— Não sei.

— Já ouviste falar em Deus, Topsy?

A criança pareceu espantada, e fez a sua careta habitual.

— Sabes quem te criou?

— Acho que não foi ninguém. — E começou a rir.

— Sabes coser? — perguntou Ofélia, que sentiu a necessidade de fazer perguntas menos complicadas.

— Não.

— Que sabes fazer? Que fazias tu em casa dos teus senhores?

— Sei tirar água, lavar pratos, esfregar facas, servir as pessoas.

— Eles eram bons para ti?

— Parece-me que sim! — disse ela, lançando um olhar de desafio para Ofélia.

A Menina Ofélia pôs termo a esta conversa pouco encorajante. Saint-Clare estava apoiado nas costas da sua cadeira.

— Pois bem, prima, aqui está um terreno virgem... Não tem de arrancar ervas ruins. Semeie nele as suas ideias.

As ideias da Menina Ofélia acerca de educação, como todas as suas outras ideias, eram seguras e definitivas. Eram as ideias que prevaleciam há cem anos na Nova Inglaterra, e que ainda continuam em certas zonas do país longe da corrupção (ali, onde não existe caminho de ferro). Essas ideias podem, aliás, exprimir-se em poucas palavras. Dizer às crianças quando devem falar, ensinar-lhes o catecismo, a ler, a escrever, bater-lhes quando mentem. É possível que este sistema esteja muito ultrapassado, hoje que se lançam sobre a educação torrentes de luz, mas não é menos verdade que as nossas avós, com este regime de que muitas pessoas ainda se lembram, conseguiram educar homens e mulheres que valiam tanto ou mais que quaisquer outros.

Em todo o caso, Ofélia não conhecia outro sistema, e apressou-se a aplicar este à sua pequena pagã.

Houve uma declaração de direitos: Topsy foi considerada como pertencendo à Menina Ofélia. Esta, vendo o acolhimento pouco amável que a criança recebia na cozinha, resolveu limitar ao seu quarto o campo de operações. Com uma dedicação que algumas das nossas leitoras poderão apreciar, em vez de fazer com as próprias mãos uma cama confortável, varrer e limpar o pó do quarto, entregou-se ao martírio voluntário de ensinar Topsy a fazer todas estas coisas. Era difícil.

Ofélia mandou portanto Topsy ir ao quarto dela logo na primeira manhã.

— Vou mostrar-te como se faz uma cama. Gosto de camas bem feitas. Portanto, repara bem no que vais ver.

— Sim, senhora — disse Topsy dando um profundo suspiro e com uma expressão de grande tristeza.

— Olha, Topsy, esta é a barra do lençol, este é o direito, e este o avesso. Não te esqueces, não?

— Não — disse Topsy, com todos os sinais de uma grande atenção.

— O lençol de baixo deve ser entalado desta maneira — continuou Ofélia. — Tem de se prender bem do lado dos pés.

— Sim, senhora.

Devemos acrescentar que, enquanto a Menina Ofélia voltou as costas parajuntar o exemplo às palavras, a aluna conseguira apoderar-se de um par de luvas e de uma fita que metera imediatamente nas mangas. As mãos voltaram logo a cruzar-se sobre o peito, na posição mais inocente.

— Agora experimenta tu — disse Ofélia, tirando os cobertores. E sentou-se.

Topsy desempenhou-se da sua tarefa com tantojeito como seriedade, para inteira satisfação da Menina Ofélia. Estendeu os lençóis, alisou a menor prega, e mostrou uma atenção que espantou a sua instrutora. Mas um movimento mais brusco fez cair da manga a ponta da fita. Ao ver aquilo, Ofélia pôs-se de pé e agarrou a fita!

— Que vem a ser isto, atrevida?

Topsy ficou a olhar com o ar mais inocente e espantado.

— O quê? Esta fita é da Menina Ofélia? Como é que veio parar dentro da minha manga?.

— Topsy, não mintas! Roubaste-a.

— Menina! Eu digo disso que isso não é verdade. Vi agora mesmo a fita pela primeira vez.

— Topsy — continuou Ofélia —, não sabes que é muito feio mentir?

— Mas eu nunca minto, Menina Ofélia — continuou Topsy com toda a seriedade da virtude. — Estou a dizer a verdade, a pura da verdade!

— Topsy, continuas a mentir:... Vou mandar chicotear-te.

— Ai, menina, podia chicotear-me toda a vida que eu não lhe dizia outra coisa... — continuou Topsy gaguejando. — Nem sequer vi esta fita... Deve ter ficado presa na manga... A Menina Ofélia deixou-a com certeza em cima da cama... Deve ter sido isso.

Esta mentira descarada revoltou de tal forma Ofélia, que ela agarrou a criança e sacudiu-a.

— Não tornes a dizer isso!

As sacudidelas fizeram cair as luvas da outra manga.

— Então, vais continuar a dizer que não roubaste a fita?

Topsy confessou que roubara as luvas, mas negou obstinadamente que tivesse roubado a fita.

— Bem, se confessares tudo, não te mando chicotear. Topsy fez uma confissão completa, com todos os indícios de um profundo arrependimento.

— Vamos, fala! Deves ter roubado mais coisas desde que estás cá em casa... Ontem deixei-te à vontade durante todo o dia... Diz-me tudo quanto fizeste.

— Tirei aquela coisa encarnada que a Menina Eva costuma trazer ao pescoço...

— Que criança impossível! E que mais?

— Tirei os brincos da Rosa, sabe, aqueles brincos encarnados...

— Vai devolver tudo imediatamente, ouviste?

— Ah, não posso... Queimei-os!

— Queimaste? Outra mentira!... Vamos, imediatamente, ou então levas com o chicote.

Então, com os mais vivos protestos, lágrimas e soluços, Topsy declarou que não podia devolver porque tinha queimado tudo, tudo!...

— E porque foi que queimaste essas coisas?

— Porque sou má, sim, muito má!... É mais forte do que eu.

No mesmo instante, Eva entrou inocentemente no quarto, com o colar vermelho ao pescoço.



— Eva, onde foi que achaste o teu colar?

— Achar? Mas tenho andado com ele todo o dia...

— E ontem?

— Ontem também, prima. E toda a noite... Esqueci-me de o tirar quando me deitei.

A Menina Ofélia ficou muito espantada... E mais espantada ficou quando no mesmo instante entrou Rosa com um tabuleiro de roupa passada a ferro, e os brincos de coral a abanarem nas orelhas...

— Não sei realmente o que hei-de fazer com esta criança — disse Ofélia desesperada. — Topsy, para que foi que disseste que tinhas roubado estas coisas?

— A menina disse-me para confessar... e eu não tinha nada para confessar — respondeu Topsy esfregando os olhos.

— Mas eu não queria obrigar-te a confessar coisas que não tivesses feito. Isso continua a ser mentir.

— Ai, é? — exclamou Topsy com a maior inocência.

— Esta gente nunca diz uma coisa que seja verdade — disse Rosa, olhando para Topsy com indignação. — Se eu fosse ao Senhor Saint-Clare mandava-a chicotear até fazer sangue, para ela aprender.

— Não Rosa, não — exclamou Evangelina, com um tom autoritário que sabia usar às vezes. — Não debes falar assim... Não gosto de ouvir falar assim.

— Ah, Menina Eva, a menina é muito boa... Não sabe como é preciso tratar os negros... Só há uma forma: é moê-los com pancada.

Sou eu quem lho digo...

— É revoltante, Rosa! Nem mais uma palavra sobre o assunto.

— A Menina Eva sai ao pai... é claro — murmurou ela ao sair. Defende toda a gente... É igualzinha ao pai!

Evangelina olhava para Topsy.

Enquanto Ofélia se entregava a censuras violentas contra o procedimento de Topsy, Eva parecia triste e hesitante. Depois disse em voz meiga:

— Pobre Topsy! Que necessidade tens de roubar? Bem sabes que vamos tratar de ti... Eu preferia dar-te tudo quanto tenho do que ver-te roubar...

Era a primeira palavra bondosa que Topsy ouvia na vida. A ternura daquela voz, o encanto daqueles modos agiram de forma estranha no coração selvagem e indomável da criança e, nos olhos redondos, vivos e penetrantes, brilhou qualquer coisa parecida com lágrimas. Depois ouviu-se um riso agudo e Topsy fez a sua careta habitual. O ouvido que sóouviu palavras duras e cruéis permanece forçosamente incrédulo a primeira vez que escuta a voz desses dons celestes que são a ternura e a bondade. Para Topsy, o que dizia Evangelina era apenas engraçado e incompreensível. Não acreditava!

Como lidar então com Topsy? A Menina Ofélia perdia o seu latim.

O seu plano não parecia aplicável. Precisava de tempo para pensar e, para arranjar esse tempo, fechou Topsy num quarto escuro. Confiava no efeito moral dos quartos escuros nas crianças.

— Não vejo muito bem — disse ela a Saint-Clare — como poderei educar esta criança sem lhe bater!

— Bata-lhe até se fartar... Tem o meu consentimento. Faça o que entender.

— É sempre preciso bater nas crianças — disse Ofélia —, nunca ouvi dizer que se pudessem educar sem isso.

— É evidente — continuou Saint-Clare, a rir para consigo. -Faça como entender... Mas permita-me apenas uma observação... Eu vi baterem nesta criança com a pá do lume; vi espetarem-na com a tenaz... enfim, com tudo o que lhes vinha à mão. Já está habituada. Vai ser preciso chicoteá-la com muita força para conseguir qualquer resultado.

— Então não sei que fazer.

— Nem eu — disse Saint-Clare. — As crueldades horríveis, as sevícias que vêm às vezes nos jornais, qual é a causa? É muitas vezes o

procedimento censurável de uns e de outros... O senhor torna-se cada vez mais cruel, o escravo mais duro. Sucede com o chicote e os maus tratos o mesmo que com o láudano; é preciso dobrar a dose quando diminui a sensibilidade. Vi isso assim que fui possuidor de escravos... Resolvi não começar, por não saber até onde teria de ir. Quis salvar pelo menos a minha moralidade. É por isso que os meus escravos se portam como crianças mimadas. Parece-me que é melhor para mim e para eles do que endurecermo-nos e degradarmo-nos todos juntos. Falou muito na nossa responsabilidade quanto à educação, prima. Eu tinha realmente necessidade de a ver experimentar com uma criança que afinal não é mais do que um caso entre mil.

— Não posso agradecer-lhe a experiência, mas vejo nisso um dever; vou insistir, e tentarei fazer o melhor que puder.

Ofélia meteu resolutamente ombros à tarefa, dedicou-se, foi enérgica, fixou a ordem e as horas do trabalho; começou a ensinar Topsy a ler e a coser.

A leitura foi bastante bem. Topsy aprendia as letras com facilidade, e depressa leu correntemente... Na costura teve mais dificuldade. Ágil como um gato, mexida como um macaco, tinha horror à imobilidade exigida por esta espécie de trabalho... Partia as agulhas, atirava-as pela janela ou escondia-as nas fendas da parede. Quebrava ou embaraçava a linha, ou então, com gesto rápido e invisível, fazia desaparecer carrinhos inteiros: tinha a mobilidade de dedos de um prestigitador, e disfarçava com incrível habilidade.

Era escusado a Menina Ofélia dizer que tais acidentes, tão repentinos, não podiam acontecer sozinhos, porque nunca, apesar da vigilância mais apertada, conseguiu apanhá-la em flagrante.

Topsy começou a ser notada na casa; tinha recursos inesgotáveis: fazia imitações, caretas, dançava, saltava, trepava, dava cambalhotas, assobiava e imitava todas as vozes e todas as inflexões possíveis. À hora do recreio, tinha invariavelmente em sua volta todas as crianças da casa, que a seguiam de boca aberta, alegres e espantadas. A própria Eva ficava fascinada com todas estas diabruras fantásticas. Ofélia lamentava que Eva tivesse tanto gosto no convívio de Topsy, e pediu a Saint-Clare que pusesse termo naquilo.

— Ah, deixe as crianças brincarem... A companhia da Topsy só lhe faz bem.

— Uma criança tão desaustinada! Não receia, pelo contrário, que ela lhe faça mal?

— Não é possível... Se fosse com outra criança, talvez. Mas o mal passa por Eva como o orvalho sobre as folhas, sem as penetrar.

— Nunca se sabe. Por mim, nunca deixaria os meus filhos brincarem com Topsy.

— Os seus, não, mas os meus, sim — continuou Saint-Clare. — Se a Eva pudesse ficar contaminada, já o estava há muito.

Topsy fora em princípio troçada e desprezada pelos outros escravos.

Depressa compreenderam que tinham de mudar de opinião a seu respeito. Verificaram que aqueles que a molestavam recebiam imediatamente castigo. Era um par de brincos ou qualquer enfeite favorito que nunca mais se encontrava. Era um objecto de adorno escangalhado... ou então tropeçava-se num balde cheio de água a ferver... Ou ainda um banho de água suja que caía como um dilúvio por cima de um vestido novo... Fazia-se um interrogatório, mas era impossível descobrir o autor do delito... Topsy era chamada ao tribunal supremo da cozinha... Conseguia sempre provar a sua inocência.

Não havia a menor dúvida, mas também não havia a menor prova. Aliás, a ocasião era sempre tão bem escolhida que não era possível descobrir o culpado. Se queria vingar-se de Jane ou de Rosa, esperava o momento (e esse momento chegava sempre) em que elas tinham desagradado à senhora, pouco disposta então a receber favoravelmente as suas queixas. Numa palavra, Topsy fez compreender a toda a gente que deviam deixá-la em paz. E foi o que fizeram.

Topsy tinha a mão hábil e rápida. Aprendia com espantosa facilidade tudo quanto lhe ensinavam. Em poucas lições passou a arrumar o quarto da Menina Ofélia como ela queria e, apesar das suas exigências, não conseguia encontrar uma falta. Era impossível esticar melhor os lençóis, colocar melhor a almofada, varrer, limpar o pó, arrumar melhor do que Topsy, quando ela queria; mas infelizmente poucas vezes queria.

Se Ofélia, após dois ou três dias de vigilância atenta, pensava que Topsy já podia executar sozinha a sua tarefa e, para se ocupar de outras coisas, deixava-a entregue a si própria, Topsy, em menos de uma ou duas horas, transformava o quarto num caos. Em vez de fazer a cama, retirava as fronhas e coroava-se com um verdadeiro diadema de penas, que lhe ficavam espetadas na carapinha, em todas as direcções; trepava ao dossel da cama e pendurava-se de cabeça para baixo; estendia os lençóis no chão, como se fossem um tapete; vestia o travesseiro com a camisa de dormir da Menina Ofélia e, no meio de tudo isto, cantava, assobiava, mirava-se ao espelho e fazia caretas. Em resumo, um verdadeiro diabo!

Um dia, Ofélia, por uma distração inconcebível numa mulher como ela, esqueceu-se da chave da gaveta. Quando entrou no quarto, encontrou Topsy com o seu belo xaile de crepe-da-china vermelho enrolado na cabeça, em forma de turbante e pavoneando-se em frente do espelho com ar de rainha de peça de teatro.

— Topsy — gritou ela, perdendo a paciência —, que estás a fazer?

— Não sei, senhora! É porque sou muito má!

— Não terás emenda, Topsy?

— É melhor bater-me, senhora! A minha antiga dona `tava sempre a bater-me, preciso que me batam para trabalhar!

— Não, Topsy, eu não te quero bater... Podes portar-te bem, se quiseres. Porque é que não queres?

— `Tava habituada a apanhar, senhora. Acho que me faz bem!

Ofélia usava às vezes essa receita; Topsy entrava sempre em convulsões... Dava gritos agudos, soluçava, chorava, gemia... Meia hora depois, empoleirada em qualquer saliência da varanda, rodeada do grupo de pequenos negros, parecia mostrar o mais completo desprezo pelo que se passara.

— Ah Ah A Menina Ofélia dá-me com o chicote. Não magoa nem uma mosca com o chicote dela... Haviam de ver o meu antigo senhor; até arrancava bocados de carne... Ele é que sabia, o meu antigo dono!

Topsy fazia alarde dos seus defeitos; considerava-os como uma distinção especial.

— Eh, pretalhada! — dizia ela ao auditório —, sabem que todos vocês são pecadores? Sim, vocês e toda a gente. Até os brancos! Foi a Menina Ofélia quem disse... Mas eu acho que os pretos são os maiores pecadores que há... E eu sou mais pecadora do que ninguém! Sou tão má que não se consegue fazer nada de mim! A minha antiga dona chamava-me nomes todo o dia. Acho que sou a pessoa pior que há no mundo!

E dando uma cambalhota Topsy saltava rapidamente para qualquer grade alta, exibindo as suas habilidades.

Todos os domingos, Ofélia empenhava-se activamente em ensinar-lhe o catecismo. Topsy tinha uma memória extraordinária para fixar palavras, e recitava com um desembaraço que encantava a sua instrutora.

— Pensa que isso lhe serve para alguma coisa? — perguntava Saint-Clare.

— Isto sempre fez bem às crianças. É o que lhes devemos ensinar.

— Quer compreendam, quer não?

— Oh, as crianças nunca compreendem logo à primeira, mas compreenderão quando crescerem.

— Ainda lá não cheguei — disse Saint Clare —, embora não se possa dizer que a prima não me metesse bem as lições na cabeça.

— Ah, Agostinho, o primo tinha a maior das vocações, e deu-me tantas esperanças!

— Quer dizer que?...

— Gostava que fosse tão bom hoje como era nesse tempo, Agostinho.

— Também eu gostava, prima. Mas continue... Catequize a Topsy; Talvez faça qualquer coisa dela!

Assim continuou, durante um ou dois anos, a educação de Topsy. Saint-Clare divertia-se com isso como se treinasse um papagaio ou um cão de circo. Quando as faltas de Topsy lhe fechavam todas as outras portas, ela ia refugiar-se por detrás da sua cadeira, e Saint-Clare sempre arranjava maneira de fazer as pazes; por sua vez, ela tinha sempre forma de lhe apanhar uma moeda para comprar nozes ou torrões de açúcar que distribuía com magnanimidade com as outras crianças da casa.

## Capítulo XVII

### Kentucky

Talvez os nossos leitores gostem de voltar um pouco atrás, e deitarem uma vista de olhos pela propriedade de Kentucky, verem a cabana do pai Tomás e saberem o que aconteceu àqueles que abandonámos há tanto tempo.

É de tarde, a tarde de um dia de Verão. As portas e as janelas do salão estão abertas. Sente-se a brisa que refresca, que se deseja. O Senhor Shelby está sentado numa grande sala que comunica com o salão e que se estende por toda a fachada da casa. Recostado numa cadeira, com os pés estendidos em cima de outra, fuma o seu charuto depois do jantar. A Senhora Shelby está sentada à porta da sala, entretida com um trabalho de mãos. Percebe-se que ela tem qualquer coisa no espírito e que procura a ocasião favorável para a dizer.

— Sabes — diz finalmente — que a Cloé recebeu uma carta do Tom?

— Ah, sim? Parece que encontrou uns bons amigos... Como está ele, o nosso velho Tom?

— Foi comprado por uma excelente família. Diz que é bem tratado e tem pouco que fazer.

— Ainda bem, ainda bem! Fico muito satisfeito — disse com sinceridade o Senhor Shelby. — O Tom vai perder o medo às residências do Sul... Nunca mais pensa em voltar.

— Pelo contrário, pergunta ansiosamente quando teremos dinheiro para o resgatar.

— Quanto a isso, não posso dizer nada — exclamou o Senhor Shelby. — Quando os negócios começam a correr mal, nunca se sabe onde vão parar. É como uma savana onde se evita um lameiro para cair noutro. Pedir

emprestado a uns para pagar aos outros; receber de uns para dar aos outros... As letras chegam antes de termos tempo de fumar um charuto. Ah, as facturas, as cobranças! Que praga!

— Mas parece-me, querido, que podíamos ao menos pôr essas contas em dia. Se vendesses os cavalos... uma das tuas quintas... para pagar aos credores.

— O que estás a dizer não faz sentido, Emília! És a mulher mais encantadora de Kentucky... mas nisso, és como todas as outras mulheres... não entendes nada de negócios.

— Não podias ao menos iniciar-me um pouco nos teus? Dar-me uma lista daquilo que deves e do que te devem? Eu tentava, via se era possível ajudar-te a economizar...

— Não me atormentes. Não sei dizer com segurança... Sei mais ou menos, mas não se trata de negócios como a Cloé trata da massa dos pastéis... Não falemos mais nisso... Repito, não entendes nada de negócios...

E o Senhor Shelby, não tendo mais nenhum argumento para fazer prevalecer as suas ideias, engrossou a voz. É um argumento irresistível na boca de um marido que discute com a mulher.

A Senhora Shelby calou-se e soltou um suspiro. Embora fosse uma mulher, como dizia o marido, tinha porém uma inteligência lúcida e prática, e uma força de carácter superior à dele; era muito mais capaz do que o Senhor Shelby imaginava. Queria cumprir a promessa que fizera a Tom e Cloé, e ficava desolada por ver os obstáculos multiplicarem-se em sua volta.

— Não conseguiríamos esse dinheiro? — continuou ela. — A pobre Cloé não pensa noutra coisa!

— Tenho muita pena. Fizemos uma promessa precipitada... Agora não a podemos cumprir, e a melhor coisa a fazer é dizer à Cloé... Ela há-de habituar-se. O pai Tomás, daqui a um ano ou dois, arranja outra mulher... e ela também há-de arranjar alguém.

— Senhor Shelby, eu ensinei ao meu pessoal que o casamento deles é tão sagrado como o nosso. Nunca darei semelhante conselho à Cloé.



— É lamentável, minha querida, que os tenhas sobrecarregado com o peso de uma moral acima da sua posição. Foi sempre o que eu achei.

— É apenas a moral da Bíblia!

— Seja! Não falemos mais nisso, Emília... Não tenho nada que ver com as tuas ideias religiosas... simplesmente, continuo a pensar que não convém a pessoas dessa condição.

— Tens razão... não convém à condição deles. É por isso que odeio semelhante condição! E digo-te, meu amigo, considero-me ligada pelas promessas que fiz a esses desgraçados... Se não houver outra maneira, pois bem, darei lições de música. Ganharei o suficiente... e hei-de juntar sozinha a quantia necessária.

— Não consentirei, Emília. Não queres envergonhar-te a esse ponto.

— Envergonhar-me, dizes tu? Sentirei mais vergonha com isso do que violando a minha promessa? Não, certamente!

— Vamos, tens sempre esses ataques de heroísmo, mas era melhor reflectires antes de empreender essa aventura quixotesca.

Esta conversa foi interrompida pela aparição da mãe Cloé, ao fim da varanda.

— A senhora quer ver este lote de criação?

A Senhora Shelby aproximou-se.

— Pensei se a senhora não gostaria para hoje de um empadão de aves.

— É-me indiferente. Faça como entender, mãe Cloé. Cloé segurava os frangos com ar distraído... Era evidente que não estava a pensar neles. Finalmente, com um risinho seco e curto, peculiar à gente de raça negra quando se preparam para fazer uma partida, disse:

— Meu Deus, porque é que o senhor e a senhora se preocupam tanto por causa do dinheiro, quando têm o remédio na mão?...

Cloé tornou a rir, com o mesmo risinho seco.

— Não compreendo — disse a Senhora Shelby, percebendo pelos modos de Cloé que ela não tinha perdido uma palavra da conversa entre ela e o marido. — Não entendo.

— Eh — exclamou Cloé —, as outras pessoas alugam os negros e fazem dinheiro assim... Para quê tantas bocas a comer nesta casa?

— Pois bem, fale, Cloé. Qual dos nossos escravos acha que devemos alugar?

— Eu não acho nada, minha senhora. Mas o Samuel disse que havia em Luisville fabricantes que davam à vontade quatro dólares por semana por alguém que soubesse fazer bolos e pastelaria. Sim, minha senhora, quatro dólares!

— E depois, Cloé?

— Depois? Acho que é mais que tempo da Sally fazer qualquer coisa. A Sally esteve sempre sob as minhas ordens; agora já sabe tanto como eu, não é? E se a senhora me deixasse ir, eu podia ir para lá ganhar esse dinheiro.

— Então, Cloé, era capaz de deixar assim os seus filhos?

— Já são bastante crescidos para trabalharem, e a Sally tomava conta da mais pequena... Ela é um amor; não dá maçada nenhuma.

— Luisville fica muito longe daqui.

— Oh, meu Deus! Isso não me mete medo! É abaixo do rio... Não deve ficar muito longe do sítio onde está o meu marido...

Esta última parte da resposta foi dita em tom interrogativo, com os olhos fixos na Senhora Shelby.

— Fica a mais de cem milhas de distância, Cloé!

Cloé pareceu desolada.

— Não importa, Cloé — continuou a Senhora Shelby —, de qualquer maneira, sempre fica um pouco mais perto dele... E tudo quanto ganhar será posto de lado para o resgate do seu marido.

Por vezes um raio prateado ilumina de repente a nuvem mais escura. Foi assim que brilhou a face negra de Cloé!

— Oh, a senhora é muito boa! — exclamou ela. — Era nisso que eu estava a pensar... Não preciso de sapatos, nem de roupa, nem de nada! Posso pôr o dinheiro de lado! Quantas semanas tem o ano, minha senhora?

— Cinquenta e duas, Cloé.

— Cinquenta e duas! A quatro dólares por semana... quanto faz?

— Duzentos e oito dólares por ano.

— Ah, sim? — disse Cloé, encantada. — E quantos anos serão precisos para...

— Quatro ou cinco anos... Mas não vais ter de esperar esse tempo todo... Eu vou ajudar-te.

— Oh, eu não quero que a senhora dê lições, nem nada que se pareça... O senhor tem razão! Não se pode fazer uma coisa dessas... Espero que ninguém da família precise de chegar a isso, enquanto eu tiver mãos.

— Não se preocupe, Cloé — continuou a Senhora Shelby a sorrir, — terei o cuidado de guardar a honra da família... Mas quando conta partir?

— Ainda não tinha pensado nisso... Mas o Samuel vai descer o rio por causa de uns potros... E diz que me pode levar... Já arrumei as minhas coisas. Se a senhora não se importasse, eu ia amanhã de manhã com o Samuel. Queria que a senhora me desse um salvo-conduto e uma carta de recomendação.

— Está bem. Vou tratar disso... se o Senhor Shelby não se opuser. Tenho primeiro de falar com ele.

A Senhora Shelby voltou para dentro de casa e Cloé, radiante, correu à cabana para preparar as suas coisas.

— Já sabe, menino Jorge? Eu vou amanhã para Luisville — disse ela ao jovem que entrou na cabana e a viu ocupada a pôr em ordem as roupas do bebé. — Estou a arrumar as coisas da Susete. Eu vou, menino Jorge, eu vou! Quatro dólares por semana... e a senhora guarda-os para resgatar o meu homem.

— É uma boa notícia — disse Jorge. — E quando é que vai?

— Amanhã de manhã com o Samuel. E agora, menino Jorge, sente-se e escreva ao meu pobre Tomás a contar-lhe tudo... Sim?

— Com certeza — respondeu Jorge. — O pai Tomás vai ficar todo contente por receber notícias nossas. Vou buscar papel e tinta. Quero

também dizer-lhe quantos potros nasceram, e tudo.

— Sim, sim, menino Jorge, vá! Entretanto, eu arranjo-lhe um bocado de frango ou qualquer outra coisa. Já não vai cear muitas vezes com a sua velha Cloé.

## Capítulo XVIII

### O ramo pende, a flor murcha

A vida passa, dia após dia. Assim se passaram dois anos da existência do nosso amigo Tomás. Estava separado de tudo quanto o seu coração amava; tinha saudades de tudo quanto deixara atrás de si e, todavia não podemos dizer que fosse infeliz. A harpa do sentimento humano é feita de tal forma que, se um choque não lhe quebra ao mesmo tempo todas as cordas, ainda é possível tirar dela algumas harmonias. Se lançarmos os olhos para trás, para o tempo das nossas dores e infelicidades, vemos que cada hora que passa nos traz conforto e alívio, e que se não fomos completamente felizes, também não fomos completamente infelizes.

Tom aprendera a contentar-se com a sua sorte, qualquer que ela fosse. Tinha sido a Bíblia que lhe ensinara essa doutrina, por isso, parecia-lhe justa e razoável. Estava perfeitamente de acordo com a tendência da sua alma pensativa e confiante.

Conforme dissemos, Jorge respondera à sua carta, e com uma bela caligrafia de estudante que Tom podia ler, tudo quanto ele dizia, de uma ponta à outra. Esta carta dava-lhe inúmeras informações domésticas que os nossos leitores já conhecem. Anunciava que Cloé estava a trabalhar em Luisville, onde com a sua habilidade em tudo quanto se refere a pastelaria fina, ganhava muito dinheiro... Diziam a Tom que esse dinheiro se destinava ao seu resgate. O Moisés e o Pedro estavam a trabalhar bem, e o bebé já corria a casa toda, sob a vigilância de Saly em particular e de toda a gente no geral. A cabana do pai Tomás estava provisoriamente fechada, mas Jorge alargava-se com muita eloquência e imaginação, acerca das obras do embelezamento que faria no regresso de Tom.

O resto da missiva narrava a lista dos trabalhos escolares de Jorge.

Dizia também o nome dos quatro novos potros que tinham nascido depois de Tom se ir embora. Jorge acrescentava que o pai e a mãe estavam

de perfeita saúde.

O estilo de Jorge era claro e conciso; na opinião de Tom, esta carta era a maior obra literária dos tempos modernos. Não se fartava de a contemplar. Aconselhou-se até com Eva para saber como havia de a emoldurar para a pendurar na parede do quarto... Só desistiu por não descobrir a maneira de se verem os dois lados da página.

A amizade do pai Tomás e de Eva também aumentava de dia para dia. Era difícil dizer o lugar que ela ocupava na alma terna e impressionável do fiel servo. Amava Eva como qualquer coisa de frágil e terreno, mas venerava-a igualmente como qualquer coisa de celeste e divino. Contemplava-a como um marinheiro italiano contempla o Menino Jesus, com respeito e ternura ao mesmo tempo. A sua maior felicidade era satisfazer as ingénuas fantasias de Eva e realizar os mil desejos infantis que assaltam os corações jovens, volúveis e mutáveis como as cores do arco-íris.

Nesta altura da nossa história, toda a família Saint-Clare estava na vivenda do lago Pontchartrain. O calor do Verão expulsara da cidade poeirenta e abrasada todos aqueles que podiam fugir dela e instalar-se à beira do lago gozando o fresco da brisa marítima.

A vivenda de Saint-Clare estava construída no estilo das que se vêem nas Índias Orientais. Era cercada por leves galerias de bambu, e todos os lados davam para parques e jardins. O grande salão dominava um jardim perfumado por flores tropicais, e onde se viam as plantas mais raras. Carreiros, que se contorciam como serpentes, desciam até à beira do lago, luzindo sob a luz do Sol, quadro sempre movediço, sempre encantador e torrentes de ouro fluido, que são sempre agradáveis de ver.

Era a hora em que o Sol se esconde e os seus raios parecem inundar o horizonte e transformar as águas num outro céu em chamas. O céu estava raiado de púrpura e ouro; aqui e além surgiam as brancas asas dos barcos à vela, como outros tantos fantasmas; pequenas estrelas cintilantes piscavam os olhos, mirando-se trémulas no espelho das águas.

Evangelina e Tomás estavam sentados num tapete de musgo do jardim. Era um domingo à tarde. Eva tinha a Bíblia aberta sobre os joelhos.

— Pai Tomás, onde achas que fica a nova Jerusalém?

— Lá em cima, nas nuvens, menina Eva.

— Então — disse Evangelina —, parece-me que a estou a ver. Repara naquelas nuvens além, se não parecem grandes portais de pérolas... E mais longe, muito mais longe, não é como se fosse tudo feito de ouro?... Pai Tomás, canta qualquer coisa sobre os anjos. Esses anjos às vezes aparecem-me em sonhos.

E os olhos de Eva tomaram ma expressão sonhadora. Depois murmurou:

— Pai Tomás, eu vou para lá.

— Lá, onde, menina Eva?

Evangelina levantou-se e ergueu a mão para o céu. Um raio de Sol brincava-lhe nos cabelos dourados, tingindo-lhe as faces de um fulgor que não era deste mundo... e os olhos voltavam-se invencivelmente para o céu.

— Sim, vou para lá, vou ter com os espíritos brilhantes!... Já falta pouco tempo, Tom!

O pobre e velho coração fiel sentiu como um choque... e Tom lembrou-se de que havia seis meses as mãos de Evangelina se tornavam cada vez mais pálidas, e a pele mais transparente e a sua respiração mais abafada. Recordou-se de como ficava cansada quando brincava e corria nos jardins. Tinha ouvido a Menina Ofélia falar numa tosse que os remédios não faziam passar... E agora as mãos, as faces, escaldavam de febre... E todavia, o pensamento escondido por detrás das palavras de Eva nunca lhe surgira na ideia.

A conversa de Tom e Eva foi interrompida por um grito de Ofélia.

— Eva. Eva! Oh, minha querida, está a cair muito orvalho, não podes ficar aqui fora.

Eva e Tom apressaram-se a voltar para casa.

A velha Menina Ofélia era ótima enfermeira. Notara os primeiros e terríveis progressos daquele mal silencioso e traiçoeiro que leva consigo aos milhares os seres mais jovens e mais belos e, antes mesmo de cortar o fio da vida, parece marcá-los irrevogavelmente para a morte. Observara aquela tossezinha seca, aquelas cores demasiado vivas nas faces; e nem o brilho

dos olhos, nem a irrequieta animação do rosto tinham conseguido enganá-la.

Tentou expor a sua inquietação a Saint-Clare, mas este rejeitou as suas insinuações com a sua alegria e despreocupação habituais.

— Nada de maus agoiros, prima. É uma coisa que eu detesto. Não vê que é o crescimento? Nestas idades, as crianças enfraquecem todas.

— Mas, a tosse?...

— Não é nada. Talvez se tenha constipado...

Ai, foi assim que se foram embora a Elisa James, a Helena e a Maria Sanders.

— Basta de discursos fúnebres! Vocês, os velhos, ficam tão cautelosos, que uma criança já não pode tossir ou espirrar, que não a vejam logo a morrer... Só lhe peço uma coisa: vigie bem a Eva, defenda-a do ar da noite, não a deixe ficar muito quente quando brincar... e tudo correrá bem.

Foi assim que falou Saint-Clare.

Mas no fundo da alma sentiu-se inquieto. Passou a espiar Eva de dia para dia com uma ansiedade febril. Repetia a cada passo:

— A Eva está bem... Aquela tosse não tem importância... — Quase não a largava; levava-a com mais frequência nos seus passeios a cavalo... Todos os dias lhe levava qualquer xarope fortificante, qualquer nova receita. Não era — acrescentava — que a criança precisasse, mas não lhe podia fazer mal.

Devemos dizer que o que angustiava mais profundamente o seu coração, era a maturidade precoce e crescente da alma e dos sentimentos de Eva.

— Mamã — perguntou ela um dia à mãe —, porque é que não ensinamos os nossos escravos a ler?...

— Que ideia! Ninguém faz isso.

— E porque é que não se faz?

— Porque não lhes servia para nada. Nem sequer trabalhavam melhor... E eles só nasceram para trabalhar.



— Mas é preciso que eles leiam a Bíblia, mamã, para conhecerem a vontade de Deus.

— Podem pedir a alguém que leia para eles, quando for necessário.

— Mamã, eu acho que a Bíblia foi feita para cada um a ler para si próprio... E muitas vezes precisamos de a ler quando estamos sozinhos.

— Eva, tu és uma criança muito estranha!

— A Menina Ofélia ensinou a Topsy!

— Sim, e sabes para que serviu? A Topsy é a pior criatura que eu conheço.

— E a pobre Mammy... gostava tanto de poder ler a Bíblia! Que vai ser dela quando eu não estiver cá para lhe ler?

A Senhora Saint-Clare, muito entretida a remexer nas gavetas, respondeu com ar distraído:

— Sim, sim, com certeza; mas daqui a pouco terás mais em que pensar... Quando tiveres de aprender a vestir-te e frequentar a sociedade, não terás tempo para mais nada. Olha acrescentou — as jóias que te vou dar... São as que levei ao meu primeiro baile. E posso dizer-te, Eva, que fiz sensação.

Eva pegou no cofre, e tirou dele um colar de diamantes. Os seus olhos pensativos fixaram-se um momento nele.

— Isto vale muito dinheiro, mamã?

— Com certeza: o meu pai mandou-os vir de França. Valem uma fortuna.

— Eu preferia ter esse dinheiro para fazer o que eu quisesse.

— E que querias tu fazer?

— Comprar uma quinta nos estados livres, e levar para lá todos os meus escravos, e dar-lhes professores para os ensinarem a ler e a escrever.

— Abrir um colégio! Ah! Ah! Ah!... Também os ensinavas a tocar piano e a pintar sobre veludo?

— Ensinava-os a ler a Bíblia. a lerem e escreverem as cartas deles — disse Eva com tom calmo e decidido. — Eu sei, mamã, como eles sofrem por não o saberem...

— Está bem! Não passas de uma criança que não percebe nada dessas coisas... E depois, fazes-me dores de cabeça!

A Senhora Saint-Clare tinha sempre uma dor de cabeça de reserva para quando a conversa não lhe agradava.

Eva saiu. A partir desse dia, deu com assiduidade lições de leitura a Mammy.

## Capítulo XIX

### Henrique

Foi por esta altura da nossa história que Alfredo, o irmão de Saint-Clare, foi com o filho, um rapaz de doze anos, passar um ou dois dias na vivenda do lago Pontchartrain.

Não podia haver nada de mais estranho e mais belo do que aqueles dois irmãos gémeos um ao pé do outro. A natureza, em vez de os ter feito semelhantes, parecia ter-se empenhado a estabelecer entre eles apenas diferenças.

O filho mais velho de Alfredo, Henrique, tinha os olhos pretos e o ar aristocrático do pai. Assim que chegou à vivenda, sentiu-se fascinado pelas qualidades morais da prima Evangelina. Evangelina tinha um pônei favorito, branco como a neve. Era tão manso como a sua dona.

Tom conduziu o pônei até à parte de trás da varanda no mesmo momento em que um jovem mulato de treze ou catorze anos levava a Henrique um cavalo árabe, todo preto, que tinha sido mandado vir de propósito para ele.

Henrique, como todas as crianças, estava muito orgulhoso com a sua nova aquisição. No momento de aceitar as rédeas da mão do criado, examinou o cavalo cuidadosamente, e carregou o sobrolho...

— Dodó, és um cão preguiçoso! Não limpaste o meu cavalo esta manhã.

— Perdão, senhor — respondeu Dodó em tom submisso. — Deve ter apanhado poeira no caminho.

— Cala-te, patife! — gritou Henrique, levantando o chicote com força. — Como te atreves a abrir a boca?

O criado era um belo mulato de olhos brilhantes e da mesma estatura que Henrique. O cabelo encaracolado emoldurava-lhe a testa alta e cheia de audácia. Tinha sangue de brancos nas veias. Ficou com a cara vermelha e os olhos faiscantes quando tentou responder:

— Senhor Henrique.

Mal abriu a boca, Henrique deu-lhe na cara com o chicote e, agarrando-o por um braço, forçou-o a ajoelhar-se e bateu-lhe até perder o fôlego.

— Cão danado! Toma, para aprenderes a não responder! Leva este cavalo e limpa-o como deve ser!... Eu me encarrego de te ensinar!

— Meu senhor — disse o pai Tomás —, eu sei o que ele ia explicar: o cavalo espojou-se no chão quando saiu da cavalaria... É muito fogoso!... Foi assim que ficou todo sujo. Eu vi-o limpá-lo...

— E tu calado, até que eu te faça perguntas.

Deu meia volta e dirigiu-se para Eva, que estava de pé, vestindo o traje de montar.

— Lamento, prima, que aquele estúpido a tenha feito esperar... Sentemo-nos... Ele não demora... Mas, que tem, prima? Parece triste!

— Como pôde ser tão cruel para o pobre Dodó?

— Cruel? — continuou o rapaz, com inocente espanto. — Que quer dizer com isso, querida Eva?

— Não consinto que me chame querida Eva, quando se porta assim.

— Cara prima, não conhece o Dodó. Não se consegue nada dele de outra maneira; é tão mentiroso, tão intrujão! A única coisa a fazer é castigá-lo logo e não o deixar abrir a boca. É assim que faz o papá.

— Mas o pai Tomás disse que foi um acidente... e o pai Tomás diz sempre a verdade.

— Nesse caso, é um exemplar único da sua raça. O Dodó mente assim que começa a falar.

— O primo obriga-o a mentir com medo, tratando-o dessa forma.

— Vamos, Eva, tem uma estima muito especial pelo Dodó; previno-a de que vou ter ciúmes.

— Bateu-lhe e ele não merecia.

— É para compensar alguma vez que mereça e não apanhe. Com o Dodó só se perdem as que caem no chão. É um verdadeiro demónio! Mas eu nunca mais lhe bato na sua frente, se isso a desgosta.

Eva não ficou satisfeita, mas compreendeu que seria inútil querer fazer partilhar os seus sentimentos com os do primo.

Dodó apareceu daí a pouco com o cavalo.

— Vês, Dodó, desta vez fizeste como devia ser — disse ele em ar de graça. — Vem cá, e segura o cavalo da menina Eva, enquanto eu a ajudo a montar.

Dodó aproximou-se e ficou muito perto do cavalo de Eva. Tinha o rosto transtornado, e viam-se nos seus olhos restos de lágrimas.

Henrique, muito orgulhoso dos seus modos aristocráticos, da sua elegância e cortesia, colocou a linda prima na sela, depois, pegando nas rédeas, meteu-lhas na mão. Mas Eva inclinou-se para o outro lado do cavalo, onde se encontrava o escravo.

— És um bom rapaz, Dodó — disse ela —, obrigada. Dodó, muito surpreendido, ergueu os olhos para aquele belo rosto... Sentiu subirem-lhe as lágrimas aos olhos e ficou muito corado.

— Aqui, Dodó! — chamou Henrique, com voz imperiosa. Dodó foi a correr e segurou o cavalo enquanto o seu senhor montava.

— Toma este dinheiro para comprares rebuçados.

E atirou-lhe uma moeda.

Os dois jovens afastaram-se.

Dodó seguiu-os com os olhos: um deles tinha-lhe dado dinheiro... outro dera-lhe... uma coisa muito mais valiosa: uma boa palavra cheia de bondade!

Havia poucos meses que Dodó estava separado da mãe. O seu senhor comprara-o num mercado de escravos, por causa da sua bela figura.

Condizia com o lindo potro negro, e estava a ser treinado por Henrique.

A cena tivera como testemunhas os dois irmãos Saint-Clare, que passeavam no jardim.

Agostinho ficou revoltado, mas limitou-se a dizer com a sua ironia habitual:

— Alfredo, espero que isto seja o que se chama uma educação republicana.

— O Henrique é um verdadeiro demónio quando se zanga — respondeu Alfredo, com igual ironia.

— Sim, mas tu aprovas a sua conduta — acrescentou Agostinho com bastante segura.

— Que aprove ou não, não o posso impedir. Henrique é um verdadeiro furacão. Há muito que eu e a mãe desistimos de lhe dizer seja o que for. Mas esse Dodó é um patife, e umas chicotadas de vez em quando não lhe fazem mal nenhum.

— Certamente. É para aprender a primeira regra do catecismo republicano: todos os homens nascem livres e iguais.

— Ora! Foi um desses disparates sentimentais que Jefferson aprendeu em França... Já é tempo de acabar com isso.

— Também me parece — respondeu Agostinho Saint-Clare, em tom significativo.

— O Henrique às vezes preocupa-me — disse Alfredo, pensativo.

— É bom e generoso, mas quando se excita, é um verdadeiro furacão. Parece-me que o vou mandar para o Norte, onde se preza mais a obediência, onde ele veja mais gente da sua classe e menos dos seres inferiores.

— Se a educação das crianças é a obra mais importante da humanidade — continuou Agostinho —, o que acabas de dizer é uma prova de que o nosso sistema está errado.

— Enfim, Agostinho, o que estamos para aqui a dizer não serve de nada. Já batemos na mesma tecla mais de cinquenta vezes sem resultado. E se jogássemos uma partida de gamão?

Os dois irmãos subiram para a varanda e sentaram-se a uma pequena mesa de bambu, em frente do tabuleiro. Enquanto arrumava as fichas, Alfredo disse:

— Na verdade, Agostinho, se eu pensasse como tu, fazia uma coisa...

— O quê?

— Mandava educar e instruir os escravos... para experimentar.

E Alfredo sorriu desdenhosamente.

— Dizer-me para educar os meus escravos, quando eles estão esmagados sob o peso dos abusos sociais! Era o mesmo que por-lhes em cima o monte Etna e dizer-lhes que o levantassem! Um homem sozinho nada pode fazer contra a sociedade... Para que a educação consiga qualquer coisa, terá de ser uma educação do Estado... É preciso pelo menos que o Estado não lhe ponha obstáculos!

— É a tua vez de jogar! — disse Alfredo.

E os dois irmãos jogaram em silêncio, até que ouviram o barulho dos cavalos que voltavam.

— Aí vêm os pequenos — disse Agostinho levantando-se. — Repara, irmão: já viste coisa mais bela?

Eram realmente maravilhosas as duas crianças. Henrique, com sua cabeça altiva, os seus caracóis pretos e luzidios, os olhos brilhantes, o riso alegre, inclinava-se para a linda prima. Eva vestia um traje de andar a cavalo, azul, e boina da mesma cor; o exercício tornara-lhe vivo o vermelho das faces, e tornara realmente muito estranha a transparência da pele e dos cabelos dourados como uma auréola.

— Meu Deus, que beleza fascinante — exclamou Alfredo. — Fará um dia o desespero de muitos corações, tenho a certeza!

— Oh, sim, o desespero... Deus sabe como o receio — disse Saint-Clare com voz subitamente amarga.

E correu para a receber quando ela descia do cavalo.

— Eva, minha querida! Não estás muito cansada? — disse ele, apertando-a nos braços.

— Não, papá.

Mas Saint-Clare sentiu-lhe a respiração curta e opressa... e teve medo.

— Porque correste tanto, querida? Sabes que isso não te faz bem.

— Acho divertido!... Gosto tanto de correr, que me esqueci.

Saint-Clare pegou-lhe ao colo, e levou-a até ao sofá, onde a deitou.

— Henrique, deves ter cuidado com a Eva. Ela não pode andar a galope.

— Vou ter cuidado — disse Henrique sentando-se junto do sofá e pegando na mão de Evangelina.

Eva sentiu-se melhor. Os dois irmãos retomaram o jogo e deixaram as crianças.

— Sabes, Eva, tenho muita pena de que o papá não possa cá ficar mais de dois dias. Vou estar tanto tempo sem te ver! Se ficasse ao pé de ti, procurava ser bom, nunca mais batia no Dodó... Eu não quero fazer-lhe mal, mas tenho mau génio... Juro-te que não sou mau para ele. Dou-lhe dinheiro de vez em quando... e vêes que o trago bem vestido... Em resumo, o Dodó é bastante feliz.

— Sentias-te feliz se não tivesses ao pé de ti ninguém que te amasse?

— Eu? Não, está claro!

— Pois bem, roubaste o Dodó àqueles que o amavam... e agora ele não tem quem o ame. Essa felicidade, não podes dar-lhe.

— Não, não posso!... Não posso ser amigo dele, nem eu nem ninguém aqui.

— E porque não podes? — perguntou Evangelina.

— Ser amigo do Dodó? Que queres dizer, Eva? Simpatizo com ele, mas daí a ser amigo! Tu, és amiga dos teus escravos?

— Claro que sou.

— Que loucura!

— A Bíblia não diz que devemos amar os outros?



— Ora a Bíblia!... Diz muitas coisas, mas ninguém faz caso! Ninguém, Eva.

Eva não respondeu... Tinha os olhos parados, cheios de lágrimas e de sonhos.

— Em todo o caso, procura ser amigo do Dodó para me fazer a vontade, querido primo, e trata-o bem!

— Por ti, prima, eu era capaz de ser amigo de toda a gente, porque tu és a melhor pessoa do mundo.

Henrique pronunciou estas palavras com um ímpeto que lhe fez subir o sangue ao rosto. Eva recebeu a promessa com simplicidade e sem a menor emoção.

— Fico muito satisfeita que penses assim, meu querido Henrique — respondeu ela. — Espero que nunca te esqueças.

A sineta para o jantar pôs termo à conversa.

## Capítulo XX

### Sinistros presságios

Dois dias após esta cena, Alfredo e Henrique separaram-se. Eva, a quem a companhia do primo excitara um pouco, entregara-se a exercícios superiores às suas forças. Começou a declinar rapidamente. Saint-Clare resolveu-se então a consultar o médico. Evitara sempre fazê-lo. Chamar o médico não era reconhecer a triste verdade? Mas como Eva se sentiu tão mal que teve de ficar dois dias de cama, foi chamado o médico.

Maria Saint-Clare não notara este declínio rápido das forças e da saúde da filha. Estava nessa altura absorvida pelo exame de mais duas ou três doenças novas que julgava ter, e não acreditava que alguém pudesse sofrer mais do que ela. Recusava-se a acreditar, com uma espécie de indignação, que pudesse haver doentes em sua volta. Tinha sempre a certeza de que nos outros se tratava de preguiça ou falta de energia. Se sofressem — pensava ela — todos os males que a atormentavam, veriam a diferença!

Ofélia tentara por mais de uma vez, mas em vão, acordar os seus receios maternos a respeito de Eva.

— Não lhe noto mal nenhum — respondeu ela. — Corre, brinca...

— Mas tem uma tosse!...

— Tosse! Ah, não me falem de tosse. Eu tossi durante toda a minha vida. Com a idade de Eva, julgavam que eu estava atacada de tuberculose. A Mammy ficava ao pé de mim todas as noites... A tosse da Eva não é nada.

— Mas aquela fraqueza... a respiração abafada...

— Tive isso anos e anos seguidos. São nervos, simplesmente nervos.

— Sua toda a noite...

— Eu tive isso durante dez anos. Todas as manhãs, os meus lençóis estavam encharcados e a camisa de noite espremia-se. A Mammy tinha de estender os lençóis lá fora para secarem. O que são os suores de Eva ao pé disso?

A Menina Ofélia ficou calada durante vários dias.

Quando a doença de Eva se tornou demasiado evidente e foi chamado o médico, Maria passou ao extremo oposto.

— Eu bem disse — exclamava ela —, sempre tive o pressentimento: sabia que estava condenada a ser a mãe mais desgraçada do mundo. Doente como sou, e tenho de ver a minha filha única partir antes de mim. — E Maria atormentava Mammy todas as noites, e de dia gritava o lamentava-se desta nova, desta horrível desgraça.

— Minha querida Maria, não fales assim — dizia Saint-Clare, não devemos desesperar.

— Ah, Saint-Clare, tu não sabes o que é um coração de mãe! Não podes compreender... não, nunca compreenderás!

— Mas, Maria, o mal não é irremediável.

— Eu não posso, não posso partilhar a tua indiferença. Se não sentes nada quando vês a tua pobre filha em tal estado!... Eu não sou como tu! É um golpe demasiado cruel para mim, depois do que tenho sofrido.

Todos em casa aconselhavam Maria a que se acalmasse, porque ela fazia alarde da sua nova desgraça e aproveitava para atormentar os que chegavam junto dela. Tudo quanto se dizia, o que se fazia, e o que não se fazia, mostrava-lhe, dizia ela, que estava rodeada de corações de pedra, de seres insensíveis, que não se importavam nada com os seus sentimentos.

A pobre Eva ouvia-a de vez em quando e chorava com pena das tristezas da mãe, afligindo-se por a fazer sofrer assim.

Ao fim de quinze dias deu-se uma grande melhora aparente na sua saúde. Houve uma daquelas tréguas ilusórias que tal doença concede muitas vezes às suas vítimas, para brincar com a doença, mesmo à beira do túmulo. Eva dava ainda alguns passeios no jardim, ainda corria ao longo das alamedas. Brincava e ria... e o pai, cheio de satisfação, disse a toda a gente

que ela recobrou a saúde. Apenas o médico e a Menina Ofélia não eram da mesma opinião.

Havia outro coração que também não se enganava, era o pobre coração de Eva. Tinha uma certeza calma, suave, profética, de que estava já perto do céu. Sim, tão calma como um belo pôr de Sol suave na serenidade luminosa de uma linda tarde de Outono! E nessa própria certeza, aquele coração encontrava um repouso que não era perturbado pela ideia do desgosto dos que lhe tinham tanto amor.

Sofria as angústias de uma ternura amarga, quando pensava em todos aqueles que ia deixar atrás de si, sobretudo o pai! Sem se aperceber completamente disso, sentia contudo que estava mais nesse coração do que em qualquer outro. Gostava da mãe, mas o egoísmo da Senhora Saint-Clare afligia-a e perturbava-a ao mesmo tempo, porque pensava sinceramente que a mãe devia ter sempre razão. Havia qualquer coisa que não compreendia, mas dizia para consigo: Apesar de tudo, é a mamã!... — E amava-a!

Lamentava também os bons e fiéis escravos para quem era como a luz do dia, como um Sol abençoado! Sentia um desejo vago de fazer qualquer coisa por eles, de consolar e salvar, não apenas os seus, mas todos os que sofriam como eles; e havia como um penoso contrapeso entre o ardor dos seus desejos e a fragilidade do seu pobre corpo.

— Pai Tomás — disse ela um dia em que lia a Bíblia —, eu compreendo perfeitamente porque Jesus quis morrer por nós...

— Porquê, menina Eva?

— Porque eu sinto que também era capaz de fazer a mesma coisa.

— Explique, menina Eva... Eu não compreendo.

— Não sei explicar, mas no barco, lembra-te? Quando vi aquelas pobres criaturas... umas que tinham perdido os maridos, outras as mães. Também havia mães que choravam pelos filhos. Muitas outras vezes, senti que morria satisfeita se a minha morte acabasse com todas essas misérias... Sim, eu queria morrer por eles — continuou ela com profunda emoção, pondo a delicada mão sobre a mão de Tomás.

O pai Tomás olhava para ela com veneração. Saint-Clare chamou a filha, e ela foi-se embora. Tom seguiu-a ainda com os olhos, enxugando as

lágrimas.

— É inútil tentar que a menina Eva fique mais tempo entre nós — disse ele a Mammy uns momentos depois. — O Senhor já lhe pôs u sinal na testa.

— Sim, sim — respondeu Mammy levantando as mãos ao céu, foi o que eu sempre disse. Ela nunca foi como as outras crianças que devem continuar a viver! Houve sempre qualquer coisa muito estranha nos seus olhos. Falei nisso muitas vezes à senhora... A hora dela aproxima-se... já todos o percebemos... Pobre cordeiro de Deus!

Evangelina foi a correr para junto do pai que se encontrava na galeria. O Sol descia no horizonte, e espalhava por detrás dela como um resplendor glorioso. Estava vestida de branco, os cabelos loiros enrolavam, tinha as faces coradas, e a febre que lhe queimava o sangue dava aos seus olhos um brilho sobrenatural.

— Querida Eva, há uns dias que estás melhor. Não é verdade que te sentes melhor?

— Papá — disse Eva com firmeza —, há muito tempo que tenho uma coisa para te dizer. Quero dizê-la agora, antes de estar mais fraca para a dizer.

Saint-Clare estremeceu.

Eva sentou-se no colo dele, encostou-lhe a cabeça ao peito e disse:

— Não vale a pena, papá, preocuparem-se comigo mais tempo. Sinto que os vou deixar...

Evangelina suspirou.

— Ah, que é isso, minha querida Eva? — disse Saint-Clare com voz que pretendia ser alegre e que a emoção fazia tremer. — Estás a ficar nervosa!... Não debes entregar-te a essas ideias sombrias... Olha, comprei-te esta estatueta.

— Não, papá — disse Eva afastando devagar a estatueta —, não se deixe enganar... Eu não estou melhor, e sei muito bem... Vou partir dentro de pouco tempo... Não, não estou nervosa... Se não fosse por ti, pai, e por aqueles que me estimam, sentia-me completamente feliz...

Tenho de ir para longe, para muito longe.

— Mas que tens tu, minha querida? Quem te deu essas ideias tão tristes? Tens aqui tudo quanto te pode fazer feliz!

— Prefiro ir para o céu; mas por causa daqueles que amo, não me importava de continuar a viver. Há aqui muita coisa que me entristece, coisas terríveis... Prefiro ir para lá... e, contudo, não queria deixá-los...

É o que me parte o coração.

— Pois bem, diz-me o que te entristece, Eva! Diz o que achas tão terrível.

— Meu Deus, coisas que sempre se fizeram... que se fazem todos os dias... São os escravos quem me aflige... Gostam de mim, são todos

bons e meus amigos... Eu queria que eles fossem livres!

— Mas, querida, achas que eles não são bastante felizes em nossa casa?

— Sim, papá, mas se lhe acontecer qualquer coisa, que será deles? Há poucas pessoas como tu, papá... O meu tio Alfredo não é como tu, a mamã também não. Não haverá uma forma de dar a liberdade a todos os escravos?

— É muito difícil, minha filha... A escravatura é uma coisa muito má, na opinião de muita gente. Eu próprio sou contra a escravatura; gostava, do fundo do meu coração, que não houvesse um só escravo sobre a terra; mas a forma de o conseguir, não sei.

— Papá, tu és tão carinhoso, tão bom, falas tão bem!... Não podias ir a casa dos outros falar com eles... e tentar convencê-los a fazer... o que se deve fazer? Quando eu estiver morta, pai, pensa em mim. e pelo amor que me tens faz isso... Eu mesma o faria, se tivesse forças!

— Morta, Eva?... Quando estiveres morta!... Oh, não fales assim, minha filha! Tu és tudo quanto eu tenho no mundo!

— Vês, a pobre Mammy também gosta dos filhos... Via-a chorar muitas vezes quando falava neles. O Tom também gosta dos filhos, e está longe deles... Ah, é terrível ver casos destes todos os dias.

— Vamos, vamos, meu anjo — disse Saint-Clare com a voz cheia de ternura —, não te aflij as mais, não fales em morte. Eu prometo fazer tudo o que quiseses.

— Então, querido pai, promete que o Tom será livre assim que... — Suspendeu as palavras, e depois, um pouco hesitante, continuou: Assim que eu partir.

— Sim, querida, farei tudo o que me pedires.

— Querido pai — acrescentou, encostando a face ardente à cara do pai —, como eu gostava que nos fôssemos embora juntos!

— Para onde, minha querida?

— Para a morada de Deus... É o jardim da paz, do amor e da ternura.

A criança falava com ingenuidade de um lugar de onde parecia ter vindo.

— Não queres vir comigo, papá?

Saint-Clare apertou-a de encontro ao peito, mas não respondeu.

— Virás depois ter comigo — continuou a criança, com voz calma mas segura.

Tomava muitas vezes aquele tom, sem sequer dar por isso.

— Sim, eu vou ter contigo — disse Saint-Clare. — Não te esquecerei.

Entretanto, a noite envolvia-os de uma sombra solene. Saint-Clare sentou-se. Não falava, mas apertava de encontro ao coração aquele corpo frágil e encantador. Já não lhe via o olhar profundo mas escutava-lhe a voz, que parecia a voz de um espírito. E então, como se assistisse ao julgamento final pareceu-lhe ver surgir na sua frente todo o seu passado. Ouviu as orações e os cânticos da mãe; sentiu novamente os seus desejos e aspirações de criança para o bem; e depois, entre esses momentos abençoados e o presente, havia os anos cépticos e mundanos, aquilo a que se chama viver!... As ideias e os sentimentos atropelavam-se na alma de Saint-Clare, mas não encontrava palavras para os exprimir.

Caíra a noite. Levou a filha para o quarto e, quando ela estava pronta para se deitar, mandou embora as mulheres e, pegando-lhe mais uma vez,

embaçou-a suavemente até ela adormecer.



## Capítulo XXI

### A morte

O quarto de dormir de Eva era muito grande. Como todos os outros, dava para a varanda. Este quarto comunicava de um lado com os aposentos dos pais, e do outro com o quarto da Menina Ofélia. Saint-Clare esmerara-se em decorá-lo de harmonia com a pessoa a quem se destinava. As janelas estavam cobertas por cortinados de musselina branca e cor-de-rosa. O tapete, mandado fazer em Paris segundo desenho próprio, era cercado de grinaldas de botões de rosa, e no meio viam-se braçados de rosas completamente abertas. A cama, as cadeiras e os cadeirões de bambu eram trabalhados com a mais graciosa fantasia.

Por cima da cama, sobre uma mesa de alabastro, um anjo, admiravelmente esculpido, abria as asas, com uma coroa de mirto na mão. Desta coroa desciam sobre a cama leves cortinados de gaze cor-de-rosa com listas prateadas, protecção indispensável ao sono naquele clima propício aos mosquitos. Os belos sofás de bambu estavam guarnecidos de almofadões de damasco cor-de-rosa. No meio do aposento, em cima de uma pequena mesa, via-se um vaso de mármore de Paros, talhado em forma de lis, rodeado de botões da mesma flor. O cálice desta flor artificial estava sempre cheio de flores naturais. Era nessa mesa que Eva punha os livros, as jóias e a sua estante de marfim esculpido. Tinha sido oferta do pai quando percebeu que ela queria aprender a ler e a escrever.

Sobre a chaminé estava uma imagem de Cristo chamando a si as crianças e, a cada lado, um vaso de mármore. Era uma alegria para Tom enchê-los de flores todas as manhãs. Havia também no quarto dois ou três belos quadros representando crianças em várias atitudes. Em resumo, os olhos encontravam por toda a parte a imagem da infância, da beleza e da paz; e quando Eva abria as pálpebras aos primeiros raios matinais,

contemplava sempre todas aquelas coisas que lhe inspiravam suaves e encantadores pensamentos.

A energia enganadora que mantivera Eva durante algum tempo desvanecera-se, e os seus passos na varanda só se ouviam agora com intervalos cada vez maiores. Mas viam-na muita vez estendida numa chaise-longue, junto da janela aberta, com os grandes olhos profundos fixos no lago, cujas águas subiam e desciam com regularidade.

Era a meio da tarde. A Bíblia estava aberta na sua frente... Os dedos translúcidos, distraídos, folheavam o livro... quando ouviu a voz da mãe aos gritos.

— Que mais temos? Outra das tuas partidas! Arrancaste as minhas flores, hã?

E Eva ouviu o barulho de uma bofetada dada com força.

— Ai, senhora! Foi para levar à menina Eva — disse uma voz que ela reconheceu ser a voz de Topsy.

— Para a menina Eva! Boa desculpa! Para que precisa ela das tuas flores, atrevida?

Eva levantou-se do sofá e desceu até à galeria.

— Oh, mamã, eu quero essas flores!... Dê-mas!...

— O quê? Tens o quarto cheio de flores.

— Nunca acho de mais. Topsy, traz-me as flores!

Topsy, que ficara durante toda esta cena triste e de cabeça baixa, aproximou-se de Eva e estendeu-lhe as flores... Deu-lhas com um olhar tímido e hesitante, que não se parecia nada com a petulância e atrevimento habituais.

— Que lindo ramo! — exclamou Eva contemplando-o. Era, pelo contrário, um ramo bastante estranho: compunha-se de um gerânio e de uma rosa-do-japão branca, com as suas folhas lustrosas. — Topsy, tu sabes fazer um ramo — disse Eva. — Toma. Mete-o naquela jarra... Quero que todos os dias lhe ponhas flores.

Topsy ficou encantada.

— Que loucura! — disse a Senhora Saint-Clare. — Para que precisas tu de tanta flor?

— Deixe, mamã... Ah, mas se prefere que ela não as apanhe...

— Como quiseres, minha querida, como quiseres! Topsy, ouviste o que disse a menina? Agora não te esqueças!

Topsy fez uma ligeira vénia e baixou os olhos. Quando se voltou, Evangelina viu uma lágrima rolar-lhe sobre a face negra...

— Vês, mamã, eu bem sabia que a Topsy queria fazer qualquer coisa por mim.

— Que disparate! Ela só gosta de fazer mal... Sabe que não deve apanhar as flores e apanha-as! Mas se isso te agrada... está bem!

— Mamã, eu acho que a Topsy está muito mudada, e agora quer ser uma boa menina.

— Vai levar muito tempo a conseguir — disse Maria, com um riso despreocupado.

— Ah, mamã, esta pobre Topsy teve sempre todos contra ela!

— Desde que veio para a nossa casa, não! Foi ensinada, recomendada, enfim, tudo o que era possível fazer! E continua tão má como dantes... Não se consegue nada de semelhante criatura.

— Há uma diferença tão grande em ser educada como eu, com tanta gente a amar-me, tantas coisas para me fazerem feliz e boa... e a maneira como ela o foi até ao dia em que veio para a nossa casa!

— Meu Deus — exclamou Maria bocejando —, que calor!

— Mamã — disse Eva —, eu queria cortar os meus cabelos...

— Para quê?

— Para dar aos meus amigos, enquanto posso ser eu mesma a oferecê-los. Não se importa de dizer à prima que mos venha cortar?

Maria chamou Ofélia que se encontrava no outro quarto. Quando ela entrou, a criança ergueu-se sobre as almofadas e, sacudindo as longas tranças de ouro velho, disse-lhe com ar alegre:

— Venha cá, prima, tosquiar a ovelha!

— Que se passa? — perguntou Saint-Clare, que entrou com as mãos cheias de frutos que tinha ido buscar para ela.

— Papá, sou eu que estou a pedir à prima que me corte os cabelos... Pesam-me muito... fazem-me dores de cabeça e, depois, quero dá-los...

A Menina Ofélia entrou, munida da tesoura.

— Cuidado! — disse Saint-Clare —, não os estrague! Corte por baixo, onde não se note. Os cabelos da Eva são o meu orgulho.

— Oh, papá! — disse Eva, com voz triste.

— Pois claro — continuou o pai —, eu quero que estejas bonita quando te levar à plantação do tio, para veres o teu primo Henrique.

— Nunca lá irei, papá... Vou para um sítio melhor. Sim, papá, é verdade! Bem vê que estou cada dia mais fraca...

— Eva, queres fazer-me sofrer?

— Mas é verdade, papá; e se começar a habituar-se, depois sofre menos...

Saint-Clare calou-se e olhou tristemente para as lindas madeixas que, cortadas da cabeça da criança, estavam estendidas sobre a cama. Ela apanhou-as, olhou-as com emoção, enrolando-as nos dedos magros... depois fixou o pai.

— Eu já suspeitava — disse Maria. — Foi isso que me deu cabo da saúde... e que há-de levar-me à sepultura, embora nunca ninguém quisesse acreditar... Sim, eu já sabia! Em breve me darás razão; Agostinho!

— E nessa altura ficas muito satisfeita, com certeza — disse Saint-Clare em tom seco, cheio de amargura.

Maria deixou-se cair no sofá e tapou o rosto com o seu lenço de baptista...

Os olhos azuis e límpidos de Evangelina, iam de um ao outro, com tristeza. Eram os olhos calmos, compreensivos, de uma alma liberta dos laços terrestres. Era evidente que ela percebia, sentia e analisava a diferença que havia entre os dois.

Fez ao pai um sinal com a mão, e ele foi sentar-se junto dela.

— Pai, eu estou a perder as forças de dia para dia. Sei que me vou embora, por isso... Há coisas que preciso de dizer e fazer. É preciso. E tu não me queres ouvir. Não se pode adiar. Queres fazer-me agora a vontade?

— Sim, minha querida filha, quero — disse Saint-Clare, escondendo os olhos com uma das mãos, e pegando com a outra na mão de Eva.

— Quero ver toda a nossa gente aqui reunida. Há uma coisa que lhes quero dizer!

— Está bem! — disse Saint-Clare com voz surda.

Ofélia mandou-os chamar e daí a pouco chegavam todos os escravos. Eva estava recostada nas almofadas, com os cabelos em volta do rosto, e as faces rubras faziam um triste contraste com a brancura normal da sua pele e o contorno magro dos membros e das feições. Os olhos cheios de alma fixavam-se com uma expressão indescritível em cada um dos assistentes.

Os escravos sentiram-se subitamente emocionados. Aquele belo rosto, as madeixas de cabelo cortadas e postas sobre os seus joelhos, o pai escondendo as lágrimas, a mãe que soluçava, tudo revolvía o coração dessa raça impressionável e sensível. Quando entraram no quarto, olharam uns para os outros, suspiraram e baixaram a cabeça. E fez-se um silêncio profundo, um silêncio de morte...

A menina semiergueu-se, fixando todos com olhares enternecidos. Todos pareciam profundamente comovidos, numa expectativa penosa. As mulheres escondiam a cara no avental.

— Meus amigos, pedi-lhes para virem aqui, porque os estimo disse Eva. — Sim, amo-os a todos, e quero dizer-lhes uma coisa que não devem esquecer... Eu vou deixá-los. Daqui a uns dias, nunca mais me verão.

Aqui, a criança foi interrompida por soluços, gemidos e lamentos que se ouviram de todos os lados e quase lhe abafavam a voz. Esperou um instante, e num tom que fez calar os soluços, continuou:

— Eu sei, eu sei que todos vocês me amam!

— Sim, sim, sim Todos Deus a abençoe — Foi esta a resposta que saiu de todos os lábios.

— Bem sei. Não há um só de vocês que não tenha sido sempre bom para mim. Vou dar-lhes uma coisa que, quando olharem para ela, se hão-de lembrar de mim... Vou dar-lhes a cada um uma madeixa do meu cabelo. E quando olharem para ela lembrem-se de que os amei a todos... que fui para o céu... e espero encontrar-me lá com vocês!...

É impossível descrever esta cena, cheia de lágrimas e de gemidos. Acotevelavam-se em volta da menina, recebendo das suas mãos aquela última prova de amor. Ajoelhavam, choravam, rezavam, beijando-lhe a ponta do vestido... e os mais velhos diziam-lhe, conforme o costume da sua raça, palavras de ternura, bênçãos e orações.

Ofélia, que sabia o efeito que esta cena ia ter sobre a doente, ia-os fazendo sair à medida que iam recebendo a sua dádiva.

Daí a pouco só restavam Tomás e Mammy.

— Toma, pai Tomás — disse Eva. — Esta é para ti. Oh, sinto-me tão feliz, pai Tomás, por pensar que os torno a ver no céu... E tu, Mammy, querida e boa Mammy — disse ela, lançando os braços ao pescoço da velha ama —, eu sei que tu também irás para o céu!

— Oh, menina Eva, como posso eu viver sem a menina? — disse a fiel mulher. — A menina parte, e tudo o mais se acaba! — E Mammy entregou-se à maior manifestação de dor.

A Menina Ofélia levou suavemente Tom e Mammy para fora do quarto. Julgou que já não havia mais ninguém... Voltou-se e viu Topsy.

— De onde saíste? — perguntou ela bruscamente.

— Tenho estado aqui — respondeu Topsy limpando os olhos. Olhe, menina Eva, eu tenho sido tão má. Mas, mesmo assim, não me dá un?

— Sim, sim, minha pobre Topsy... Vou dar-te uma madeixa também a ti. Pega! E cada vez que olhares para ela, lembra-te de que te amei e quis que fosses boa menina...

— Sim, menina Eva, eu quero. mas é muito difícil ser bom. Sabe, não estou acostumada!

— Jesus conhece-te bem, Topsy, e terá compaixão de ti; virá em tua ajuda.

Topsy escondeu a cabeça no avental. Ofélia fê-la sair silenciosa mente do quarto. Topsy meteu a preciosa madeixa no peito.

Tinham-se ido todos embora. Ofélia fechou a porta. Durante toda esta cena, a respeitável mulher tinha enxugado várias vezes as lágrimas.

Saint-Clare, sentado com as mãos nos olhos, não fizera um movimento. Continuava imóvel.

— Papá! — disse Eva, pondo suavemente a mão sobre uma das mãos do pai.

Saint-Clare estremeceu e não disse uma palavra.

— Querido papá — continuou Eva.

— Não me deste uma madeixa — disse Saint-Clare com um sorriso amargo.

— Estas são todas para ti e para a mamã: mas dêem também à prima Ofélia, se ela quiser... Mas quis ser eu própria a dá-las a essa pobre gente, com medo que se esquecessem deles depois, e porque espero que assim eles se lembrem.

Eva declinava rapidamente. Já não havia dúvidas, e as mais ternas esperanças não podiam cegar ninguém. O seu belo quarto não passava agora de um quarto doente. Ofélia cumpria sem interrupção a sua tarefa de enfermeira atenta. Nunca os Saint-Clare haviam tido ocasião de apreciar tanto os seus méritos. Tinha tanta habilidade, tanta experiência! Sabia escolher o momento oportuno. Nunca se desnor-teava, não esquecia fosse o que fosse, nunca se enganava. Por vezes tinham de fechar os olhos às suas manias e extravagâncias, tão diferentes da despreocupação das pessoas do Sul; mas foi preciso reconhecer que, nas circunstâncias presentes, era ela a pessoa indispensável.

Tom ficava muitas vezes no quarto de Eva. Eva tinha ataques de nervos, e sentia um grande alívio se lhe pegassem ao colo. Era uma felicidade para Tom deitar-lhe a cabeça numa almofada e passeá-la nos braços, na galeria ou nas salas. E quando soprava do lago uma brisa mais fresca, ou Evangelina, de manhã, se encontrava um pouco melhor, levava-a a passear debaixo das laranjeiras do jardim, ou sentavam-se ambos, e o pai Tomás cantava alguns dos seus cânticos favoritos.

Outras vezes, era Saint-Clare que lhe pegava; mas tinha menos força, cansava-se, e então Evangelina dizia-lhe:

— Pai, deixe o Tom pegar-me... Ele gosta tanto. E agora é a única coisa que ele pode fazer por mim.

— E eu, Eva? — perguntava o pai.

— Oh, o pai pode fazer tudo... e é tudo para mim. Lê-me, fica ao pé de mim durante a noite... O Tom só tem os braços e os cânticos! E depois, é mais forte, não se cansa.

Mas o desejo de fazer qualquer coisa não se limitava a Tom. Todos os escravos sentiam o mesmo, e todos, cada um à sua maneira, faziam o que podiam.

O coração da pobre Mammy estava sempre junto da sua querida menina; mas nunca tinha ocasião. A Senhora Saint-Clare dissera que no estado em que estava não conseguia dormir. E era contra os seus princípios deixar dormir os outros... Vinte vezes por noite obrigava Mammy a levantar-se para lhe esfregar os pés ou molhar-lhe a testa, para lhe ir buscar o lenço ou vir ver que barulho era aquele no quarto de Eva; para baixar a persiana porque havia muita luz, ou levantá-la porque havia pouca... De dia, quando a boa negra queria ir ver a sua menina, Maria arranjava mil maneiras de a reter... Ir a correr vê-la dois minutos, era tudo quanto conseguia.

— O meu dever — dizia Maria —, é tratar-me agora o melhor que puder, fraca como estou e com todo o trabalho que me dá esta pobre criança...

— Ah, minha querida — respondia Saint-Clare —, eu julgava que nesse ponto a prima Ofélia te tinha aliviado bastante.

— Falas como homem, Saint-Clare... Uma mãe pode sentir-se aliviada quando vê a filha em semelhante estado? Não importa! Ninguém sabe o que eu sofro. Não tenho a tua indiferença!

Saint-Clare sorria... Que lhe seja perdoado ainda poder sorrir, mas o adeus daquela querida criança era tão calmo!... Uma brisa tão suave e perfumada levava o barco para as praias do céu, que nem parecia o barco da morte! A criança não sofria; sentia apenas uma espécie de fraqueza



agradável e tranquila, que aumentava de dia para dia, mas insensivelmente. E ela era tão meiga, estava tão resignada, tão bela, que não se podia resistir à doce influência daquela atmosfera de paz e de inocência que se respirava em seu redor. Saint-Clare sentia invadi-lo não sei que estranha suavidade. Não era esperança — essa era impossível — nem resignação. Era uma espécie de repouso num presente que lhe parecia tão belo que ele não queria pensar no futuro; era qualquer coisa parecida com a melancolia que sentimos no meio da floresta nos dias de Outono, quando a ferrugem doentia tinge as folhas das árvores e as últimas folhas se debruçam à beira dos regatos. E apreciamos com mais avidez aquele encanto e aquela beleza, porque sabemos que daí a pouco tudo vai desvanecer-se e desaparecer.

Tom era quem conhecia melhor os sonhos e os pressentimentos de Eva. Ela contava-lhe o que nunca contara ao pai, com medo de o afligir. Falava-lhe daqueles avisos misteriosos que fazem vibrar uma alma no momento em que se quebra para sempre o fio da vida. Tom já não queria dormir no quarto dele; passava a noite na galeria, à porta de Eva, para estar ao pé ao menor chamamento.

— Pai Tomás — disse-lhe um dia a Menina Ofélia —, que hábito tão estranho que tomou agora de dormir em qualquer sítio, como um cão. Julgava que gostasse de dormir na sua cama, como qualquer outra pessoa.

— Oh, Menina Ofélia — respondeu Tom, com ar misterioso —, sim, gosto, mas neste caso...

— Que caso?

— Mais baixo; o Senhor Saint-Clare não deve ouvir. Sabe, Menina Ofélia, é preciso que alguém esteja alerta...

Tom e Ofélia tiveram esta conversa entre as dez e as onze horas da noite, no momento em que, feitos todos os preparativos da noite, ela ia fechar a tranca da porta. Foi ali que encontrou o pai Tomás, deitado na galeria.

A Menina Ofélia não era impressionável nem nervosa; mas os modos solenes e comovidos do negro perturbaram-na fortemente. Eva, durante toda a tarde estivera de uma animação e alegria pouco vulgares, ficara durante muito tempo sentada na cama, vendo as suas jóias e todos os seus objectos preciosos, dizendo os nomes das amigas a quem deviam ser

oferecidas: estava com mais energia, falava com voz natural! O pai dissera que ela nunca tinha estado tão bem desde que adoecera e quando a beijou, no momento de se retirar, disse a Ofélia:

— Talvez se salve, prima!... ela está melhor!

E foi-se deitar, com o coração mais calmo.

Mas à meia-noite, à hora mágica, à hora mística, no momento em que se levanta o véu que separa o presente fugitivo do futuro eterno, a mensageira chegou.

Ouviu-se um ruído no quarto, o ruído de passos leves; eram os passos da Menina Ofélia. Resolvera ficar de vigia toda a noite.

Observara o que as enfermeiras experientes chamam a transição. A porta da galeria abriu-se, e Tom, que estava sempre de sentinela, pôs-se imediatamente de pé.

— O médico, Tom! Não perca um minuto!

Depois, atravessou o quarto e bateu à porta de Saint-Clare:

— Primo, venha depressa, pelo amor de Deus!

Tom voltou daí a pouco com o médico. Ele entrou, lançou um olhar sobre a cama e, como todos os outros, ficou em silêncio.

— Quando entrou em agonia? — perguntou o médico ao ouvido de Ofélia.

— Pela meia-noite.

Maria, que acordara com a chegada do médico, saiu do quarto vizinho, assustada.

— Agostinho. Prima. O que foi? O que foi?

— Cala-te! — disse Saint-Clare, com voz rouca. — A nossa filha está a morrer.

Mammy ouviu estas palavras, e correu a acordar os escravos. Toda a casa se pôs a pé; viram-se luzes, ouviu-se o barulho de passos: sombras inquietas passavam e tornavam a passar nas compridas galerias. Saint-Clare só via o rosto da filha.

— Oh, se ao menos ela acordasse e falasse uma vez mais!... — e, inclinando-se para ela, chamou: — Eva!

Os seus grandes olhos azuis abriram-se e um sorriso passou-lhe nos lábios. Tentou levantar a cabeça e falar.

— Reconheces-me, Eva?

— Querido pai...

E, num esforço supremo, lançou-lhe os braços ao pescoço. Depois soltou-os e deixou-os cair.

Saint-Clare levantou-lhe a cabeça e viu o espasmo da agonia. Ela tentou respirar, e estendeu as mãozinhas.

— Oh, meu Deus! É horrível... — exclamou o infeliz. E, voltando-se com os olhos esgazeados, procurando a mão de Tom, acrescentou:

— Ah, meu amigo, isto mata-me!

O pai Tomás conservou a mão do seu senhor entre as dele... Corriam-lhe lágrimas pela face negra.

— Reze para que acabe este sofrimento — disse Saint-Clare.

A criança tornara a cair sobre a almofada, vencida e sem fôlego; levantava de vez em quando os olhos, que ficavam imóveis. mas havia naquele rosto um clarão de vitória, tão misterioso e solene, que acalmava todas as lágrimas.

— Eva! — chamou Saint-Clare em voz baixa.

Ela já não o ouviu. Um sorriso manso passou-lhe no rosto e, com voz entrecortada, murmurou:

— Oh, amor... paz... alegria! — Depois soltou um suspiro... e passou da morte para a vida verdadeira.

## Capítulo XXII

### Tudo acaba

As estatuetas e as pinturas do quarto de Eva foram cobertas de véus brancos. Só se ouviam murmúrios, suspiros e passos suaves. A luz penetrava através das persianas descidas como se quisesse iluminar aquela treva solene. A pequena cama estava coberta por uma colcha branca, e, sob a protecção do anjo inclinado, a menina repousava, naquele sono de que nunca mais se acorda.

Repousava, vestida com o simples vestido branco que, durante a vida, vestira tanta vez. A luz cor-de-rosa filtrada pelas cortinas do quarto espalhava como um resplendor quente sobre o frio da morte. As longas pestanas desciam sobre as faces puras, e a cabeça estava inclinada como num sono verdadeiro. Mas em todas as feições do rosto via-se aquela expressão celestial, misto de repouso e êxtase, que revela não ser o sonho de uma hora, mas aquele longo e sagrado sono que Deus concede aos que ama.

Rosa entrou devagar no quarto, com um cesto de rosas brancas. Deu um passo atrás e parou respeitosamente ao ver Saint-Clare; mas como ele não deu pela sua presença, aproximou-se da cama, para colocar as flores em redor da morta. Saint-Clare viu-a, como num sonho, no momento em que ela punha entre os pequeninos dedos um ramo de jasmins-do-cabo, dispondo com perfeito gosto as outras flores em redor da cama.

A porta abriu-se e Topsy, com os olhos inchados de chorar, apareceu à entrada; tinha qualquer coisa debaixo do avental. Rosa fez-lhe um gesto ameaçador, mas ela entrou.

— Sai — disse Rosa em voz baixa, mas em tom imperioso —, sai! Não tens aqui nada que fazer!

— Oh, deixe! Eu trouxe uma flor tão bonita! — E mostrou um botão de rosa-chá apenas entreaberto... — Deixe-me pôr-lhe só esta flor.

— Sai! — disse Rosa, com mais energia ainda.

— Deixa-a ficar — disse Saint-Clare batendo o pé. — Deixa-a ficar!

Rosa foi-se embora.

Topsy avançou e depôs a sua oferenda aos pés do corpo... depois, de repente, soltando um grito selvagem, atirou-se ao chão ao pé da cama, e chorou e soluçou alto.

A Menina Ofélia veio a correr. Tentou levantá-la e impor-lhe silêncio, mas foi em vão.

— Oh, menina Eva, menina Eva! Eu também queria morrer... eu queria!

Havia naquele grito qualquer coisa tão pungente e comovida, que o sangue subiu ao rosto pálido e marmóreo de Saint-Clare, e pela primeira vez, desde a morte de Eva, ele sentiu lágrimas nos olhos.

— Levanta-te, minha filha — dizia Ofélia com voz meiga —, a menina Eva está no céu, entre os anjos.

— Mas eu não a posso ver — exclamou Topsy —, nunca mais a posso ver! — E começou a soluçar de novo.

Houve um momento de silêncio.

— Ela dizia que gostava de mim — continuou Topsy. — Gostava, gostava! Ai, agora já não tenho ninguém... ninguém!

— Tens razão — disse Saint-Clare. E acrescentou, voltando-se para Ofélia: — Veja se acalma esta pobre rapariga!

— Mais valia eu nunca ter nascido — soluçava Topsy. — Para que foi que nasci?

A Menina Ofélia levantou-a com bondade, mas com firmeza, e fê-la sair do quarto, chorando também. E levou-a para os seus aposentos.

— Topsy, minha filha... — dizia ela —, não te aflijas assim... Eu também posso gostar de ti, embora não seja tão boa como essa pobre

criança... Mas julgo que aprendi com ela o que é o amor de Cristo... Posso amar-te... e ajudar-te a ser uma boa menina e uma boa cristã.

O tom de Ofélia dizia mais do que as palavras; mas ainda mais significativas eram as sinceras e virtuosas lágrimas que lhe deslizavam pela cara.

A partir desse momento, teve na alma daquela criança abandonada uma influência que nunca mais perdeu.

— Oh, minha querida Eva — dizia Saint-Clare —, os teus curtos dias trouxeram tanto bem a este mundo!... E eu, que contas posso dar da minha já longa vida?

Só se ouviam no quarto palavras murmuradas em voz baixa e passos deslizando quase em silêncio. Vinham todos, um a um, contemplar a morta... depois chegou o caixão. Era o princípio das cerimónias fúnebres. Pararam carros à porta trazendo pessoas estranhas. O quarto encheu-se de coroas e fitas brancas.

Foi lida a Bíblia e rezaram-se as orações. e Saint-Clare continuava a viver! Andava de um lado para o outro, como um homem que tivesse chorado todas as lágrimas. Mas daí a pouco só via uma coisa: a cabeça loira dentro do caixão... Depois viu taparem-na com a mortalha... e fecharem o caixão... Seguiu no meio da outra gente... O cortejo chegou ao extremo do jardim, perto do banco de musgo onde Eva ia muita vez falar com o pai Tomás, cantar e ler. Foi ali que abriram a pequena cova.

Saint-Clare ficou perto, com o olhar perdido. Viu descer o caixão e ouviu as palavras solenes: Eu sou a ressurreição e a vida! Quem acreditar em mim, ainda que esteja morto, viverá! E deitaram a terra e a cova foi tapada... E ele não podia acreditar que fosse Eva que ali estivesse, longe dos seus olhos para sempre.

Todos se retiraram e, com o coração despedaçado, voltaram para a casa que ela nunca mais veria.

O quarto de Maria foi hermeticamente fechado. Ela estendeu-se na cama, soluçando e gemendo, com todos os sinais de uma dor invencível, reclamando a todo o momento a ajuda de todos os criados. Esses não tinham tempo para chorar. E porque haviam de chorar? A dor era sua, e ela

estava firmemente convencida de que ninguém no mundo sabia, queria ou podia senti-la com ela.

— Saint-Clare ainda não chorou uma lágrima ao pé de mim! dizia. — Nunca se importou comigo... É realmente extraordinária a secura do seu coração... E contudo, ele sabe como eu soffro!

Ficamos de tal forma convencidos com aquilo que vemos e ouvimos, que muitas pessoas da casa julgavam que a senhora era realmente quem mais sofria, sobretudo quando Maria teve espasmos, mandou chamar o médico e declarou que também estava a morrer... Foi uma azáfama: puseram-lhe botijas quentes, deram-lhe fricções com flanela, enfim, foi um divertimento.

Tom tinha no fundo do coração um ímpeto que o atraía cada vez mais para o seu senhor. Onde quer que ele ia, triste e silencioso, Tom seguia-o. Quando o via sentar-se, pálido e tranquilo no quarto de Eva, com a Bíblia da filha aberta diante de si, sem ler uma palavra, sem ver sequer as linhas... Tom observava naqueles olhos, calmos e sem lágrimas, maior dor que nos gemidos e lamentos de Maria.

A família Saint-Clare voltou depressa para a cidade. A alma inquieta e atormentada de Agostinho precisava dessa mudança de ambiente que afasta o fio dos pensamentos. Abandonaram portanto a casa... o jardim... e a pequena sepultura, e voltaram para Nova Orleães. Saint-Clare percorria as ruas com ar febril. Precisava do barulho, do tumulto, da agitação, para tentar preencher o abismo do seu coração. As pessoas que o viam na rua, ou que o encontravam no café, só notavam a perda que sofrera pelo fumo no chapéu. Ria e conversava, lendo os jornais, discutindo política ou interessando-se pelos negócios. Quem poderia adivinhar que esses sorrisos escondiam um coração mudo e sombrio como um túmulo?

## Capítulo XXIII

### Reunião

Uma após outra, as semanas decorriam em casa de Saint-Clare, e a vida retomava o seu curso, a caminho do mesmo destino que levara o pequeno esquife. Oh, as realidades de cada dia, rígidas, frias, imperiosas... Como elas calcam aos pés os sentimentos do nosso coração! É preciso comer, beber, dormir... e até acordar! É preciso comprar, vender, perguntar e responder!... Numa palavra, é preciso seguir sombras, quando fugiram as realidades. O hábito mecânico de viver sobrepõe-se à própria vida!

As esperanças de Saint-Clare, os seus interesses, sem ele próprio ter consciência disso, tinham-se agarrado a essa criança. Era para Eva que ele cuidava, que embelezava a sua propriedade. Todo o seu tempo, era a ela que o dedicava. Tudo era para Eva e por causa de Eva! Não fazia nada senão para ela. Na sua ausência, perdia ao mesmo tempo a acção e o pensamento.

Saint-Clare nunca quisera orientar-se por princípios religiosos. O seu belo carácter dava-lhe uma espécie de visão instintiva das exigências e do alcance do cristianismo, e recuava antecipadamente perante as tiranias da consciência às quais se teria submetido se alguma vez tivesse sido cristão.

É a tal inconsequência da natureza humana, nas questões onde sobretudo o ideal está em jogo, que prefere nada iniciar do que agir só até metade.

E, todavia, Saint-Clare transformara-se noutra pessoa. Lia com seriedade e honestamente a Bíblia da sua pequena Eva. Tinha ideias mais sãs e mais práticas acerca de todas as suas relações com os escravos. Chegara ao ponto de não se satisfazer com o passado nem com o presente. Imediatamente após o seu regresso a Nova Orleães, começou, para conseguir a emancipação de Tom, as diligências legais que devia completar assim que as formalidades indispensáveis estivessem realizadas. De dia para dia, criava mais afeição àquele escravo. É que, no mundo agora vazio para



ele, nada lhe trazia mais a querida imagem de Eva. Queria tê-lo constantemente junto de si. Soberbo e inabordável para todos os outros, em frente de Tom pensava em voz alta! Por isso não era de espantar a dedicação e amizade com que Tom seguia a todo o momento o seu jovem senhor.

— Tom disse-lhe ele num dia —, estou a tratar da tua liberdade. Faz a mala e prepara-te para voltar para Kentucky.

Um clarão de alegria iluminou o rosto do pai Tomás. Levantou as mãos ao céu e exclamou: Deus seja louvado!, com uma espécie de entusiasmo. Saint-Clare ficou desconcertado. Não lhe agradava que Tom estivesse disposto a deixá-lo.

— Não eras mal tratado aqui... Não vejo porque estás tão contente por partires — disse ele em tom seco.

— Oh, não, meu senhor!... Não é isso! É por ser um homem livre que estou tão satisfeito!

— Vejamos, Tom, não achas que és mais feliz assim do que se fosses livre?

— Pois não, Senhor Saint-Clare — disse Tom, com súbita energia.

— Evidentemente que não.

— Com o teu trabalho nunca terias conseguido vestir-te e alimentar-te como na minha casa.

— Bem sei, senhor. O senhor foi muito bom para mim. Mas preferia uma casa pobre e andar pobrementemente vestido... por mais pobre que fosse... do que ter coisas melhores, mas que pertencessem a outro. Não será natural, senhor?

— Acho que sim, Tom... Por isso vais-te embora, deixas-me, daqui a um ou dois meses — acrescentou ele com ar contrariado —, embora talvez não o devesse fazer. Nunca se sabe!

Levantou-se e deu alguns passos pelo salão.

— Eu não me vou embora — disse Tom —, enquanto o meu senhor sofrer. Fico com ele enquanto precisar de mim, para tudo em que possa ser útil.

— Enquanto eu sofrer, Tom? — exclamou Saint-Clare olhando pela janela. — E quando, sendo assim, acabará o meu sofrimento?

— Quando o Senhor Saint-Clare for cristão!

— E tencionas realmente ficar aqui até esse dia? — perguntou Saint-Clare com um triste sorriso. E abandonando a janela, pôs a mão no ombro de Tom. — Ah, pai Tomás, meu pobre velho, eu não quero prender-te tanto tempo. Vai, vai ter com a tua mulher e os teus filhos... e diz-lhes que os estimo.

— Pois eu creio que esse dia vai chegar em breve... — disse Tom com emoção e os olhos cheios de lágrimas: — Deus precisa do meu senhor!

— Achas realmente que Deus precisa que trabalhem para ele? perguntou Saint-Clare a sorrir.

— Quando trabalhamos para as suas criaturas, estamos a trabalhar para Deus — respondeu Tom.

Aqui, a conversa foi interrompida pela chegada de visitas. Maria Saint-Clare sentia a perda da filha, até onde lhe era possível sentir qualquer coisa e, como era mulher para tornar infelizes os outros com as suas próprias infelicidades, os escravos ao seu serviço tinham mais um motivo para lamentar a jovem senhora cujas suaves maneiras e súplicas os tinham tanta vez protegido contra a tirania e o egoísmo da mãe. Sobretudo Mammy, a pobre Mammy que, com a alma privada de toda a ternura familiar, se consolara com o afecto daquele querido ser, tinha o coração destroçado. Chorava noite e dia... e o próprio excesso do desgosto tornavam-na menos hábil e trabalhadora, o que atraía uma tempestade de censuras sobre a sua cabeça, agora indefesa.

A Menina Ofélia sentia também aquela perda, mas àquele coração honesto e bom, a dor levava os frutos da outra vida, a vida que não acabará. Estava mais acessível e branda. Embora com o mesmo zelo do dever, parecia mais calma e modesta. Via-se que se voltava mais vezes para o coração: ocupava-se mais activamente da educação de Topsy. Ensinava-lhe as passagens da Bíblia; já não estremecia à sua aproximação, e não tinha de esconder uma repugnância que não sentia. Olhava-se através daquele prisma evocado com tanta ternura perante os seus olhos por Eva e o que via na criança era uma criatura imortal, que Deus lhe mandara para que a

encaminhasse à glória e à virtude. Topsy não se tornara uma santa de repente, todavia a vida e a morte de Eva tinham produzido nela uma notável mudança.

Perdera aquela indiferença... Havia agora nela sensibilidade e a esperança, o desejo, o esforço do bem, esforço irregular, com desistências e interrupções, mas sempre renovado.

Certo dia, Ofélia mandou chamar Topsy. Ela chegou à pressa, escondendo qualquer coisa no peito.

— Que levas aí, atrevida? Roubaste alguma coisa, aposto! — disse Rosa, que tinha ido chamá-la. E, no mesmo instante, agarrou-a pelo braço.

— Deixe-me, menina Rosa — disse Topsy, desembaraçando-se dela —, não tem que ver com isso!

— Mais uma das tuas partidas!... Já te conheço! Vi-te esconder qualquer coisa.

Rosa segurou-a pelo braço e quis revistá-la.

Topsy, furiosa, batia com as mãos e os pés e lutava violentamente pelo que julgava serem os seus direitos.

O barulho da luta atraiu a Menina Ofélia e Saint-Clare.

— Ela roubou qualquer coisa! — gritou Rosa.

— Não roubei — vociferava Topsy, soluçando de cólera.

— Não importa! Dá-me o que tens aí — disse Ofélia, com voz firme. Topsy teve um movimento de hesitação, mas, após nova ordem, tirou do peito um pequeno embrulho, metido dentro de uma das suas meias.

Ofélia desembrulhou-o.

Era um livrinho que Eva dera a Topsy: tinha um versículo da Bíblia para cada dia do ano. Numa folha de papel estava também a madeixa loira de Eva, dada no dia do seu memorável adeus.

Este espectáculo causou profunda emoção a Saint-Clare. O livro estava embrulhado em crepe preto.

— Porque puseste isto em volta do livro? — perguntou ele tirando o crepe.

— Porque... porque... porque era da menina Eva! Oh, não o tire, por favor! — E, sentando-se no chão e escondendo a cabeça no avental, começou a soluçar violentamente.

Era cómico e patético ao mesmo tempo. Aquela velha meia, aquele crepe preto, a madeixa sedosa, e o flogoso desespero de Topsy. Saint-Clare sorriu, um sorriso cheio de lágrimas.

— Vá, não chores. Vou dar-to outra vez... — E juntando tudo, pôs o pequeno embrulho nos joelhos de Topsy, depois conduziu Ofélia ao salão.

— Julgo que acabará por conseguir — disse ele, apontando com o polegar por cima do ombro em direcção à porta. — Toda a pessoa que é capaz de sentir um desgosto, também é capaz de atingir o bem; não devemos abandoná-la.

— Ela fez progressos — disse Ofélia —, e tenho grandes esperanças. Mas, Agostinho — e pôs a mão no braço de Saint-Clare —, quero fazer-lhe uma pergunta: a quem pertence ela? A si ou a mim?

— A si. Eu dei-lha!

— Mas não legalmente. Eu quero que ela me pertença... para ter o direito de a levar para os estados livres, a fim de a libertar para que tudo o que tenho tentado fazer não resulte inútil.

— Ah, prima Parece-me que tem a esse respeito projectos bastante subversivos... não posso estimulá-los...

— Não brinque... falemos a sério! Todos os meus esforços para a tornar cristã serão inúteis se eu não a livrar da situação fatal de escrava. Se quer que ela seja minha, faça a doação legalmente... por escrito e em forma.

— Está bem! Está bem — disse Saint-Clare. — Um dia destes.

Sentou-se e abriu um jornal.

— Tem de o fazer agora — disse Ofélia.

— Que pressa!

— Agora, é o único momento em que somos senhores de fazermos o que queremos. Tome. Está aqui tudo o que é preciso. tinta, caneta, papel. Escreva.

Saint-Clare, como a maior parte dos homens, não gostava que o obrigassem. Estava contrariado com aquela exigência e pressa de Ofélia.

— Meu Deus! Que se passa? — disse ele —, não lhe basta a minha palavra? Não larga as pessoas!... Parece que aprendeu com os judeus!

— Quero estar segura — disse a Menina Ofélia. — O primo pode morrer... ficar arruinado... e, contra tudo o que eu pudesse fazer, Topsy seria vendida em leilão.

— Pensa em tudo! Visto que estou nas mãos de uma ianque, o melhor é submeter-me.

Saint-Clare escreveu rapidamente o acto de doação, coisa fácil para quem estava dentro do assunto como ele. Assinou o seu nome em letras maiúsculas, e terminou com um parágrafo cheio de floreios.

— Pronto, prima Vermont! Aqui tem. — E estendeu-lhe o papel.

— É um bom rapaz, primo — disse ela a sorrir —, mas não é precisa uma testemunha?

— De facto!... Maria! — chamou ele, abrindo a porta do quarto da mulher —, a prima quer que lhe dê um autógrafo. Escreve o teu nome por debaixo disto.

— O que é? — perguntou Maria, percorrendo o papel com os olhos.

— É ridículo! Julgava a prima suficientemente piedosa para querer uma coisa destas. Mas — e assinou negligentemente —, se ela gosta daquele objecto, nós oferecemos-lho com prazer.

— Pronto, é sua legalmente — disse Saint-Clare. Voltou para o salão e pegou no jornal.

A Menina Ofélia, que não desejava conversar com Maria, foi ter com ele daí a pouco, não sem primeiro arrecadar bem a doação.

Sentou-se e começou a fazer malha... Depois, disse de repente:

— Agostinho, já pensou nos seus escravos... em caso de morte?

— Não! — respondeu Saint-Clare. E continuou a leitura.

— Nesse caso, a sua indulgência para com eles poderá transformar-se um dia numa grande crueldade.

Era um raciocínio que Saint-Clare fizera muitas vezes. E respondeu despreocupadamente:

— Vou tratar disso um dia destes.

— Quando?

— Mais tarde...

— E se entretanto morrer?...

Ele abanou o jornal e olhou-a fixamente.

— Vê em mim sintomas de cólera ou de febre-amarela?... Porque quer convencer-me com tanta insistência a fazer as minhas disposições no caso de morrer?

— Mesmo vivos, já estamos mortos!

Saint-Clare largou o jornal e foi despreocupadamente até à porta que dava para a varanda. Queria pôr termo àquela conversa que lhe era desagradável; mas só para si e maquinalmente, repetia a palavra morte!... Encostou-se ao parapeito e olhou o repuxo prateado que se elevava e tornava a cair no lago. Depois, como através de um nevoeiro espesso e cinzento, viu vagamente as flores, as árvores, os vasos do pátio, e repetiu essa palavra misteriosa, a palavra pronunciada por todas as bocas, a palavra terrível: MORTE!

— É na realidade estranho — dizia para consigo —, que exista essa palavra e signifique essa coisa, e nunca nos lembramos disso!... Vivemos, somos ardentes, jovens, belos, cheios de esperanças, de desejos, de necessidades, e no dia seguinte partimos... numa viagem sem regresso, para sempre.

Saint-Clare caminhou pensativo ao longo da varanda, parecendo esquecer tudo, menos aquela ideia... E estava tão absorvido que Tom foi obrigado a dizer-lhe que já tinham chamado duas vezes para o lanche.

Durante o lanche, Saint-Clare ficou triste e pensativo. No fim, ele, Maria e Ofélia passaram ao salão, sem trocarem uma palavra.

Maria estendeu-se num sofá, abrigada por um mosquiteiro de seda. Daí a pouco, dormia profundamente.

A Menina Ofélia fazia malha.

Saint-Clare sentou-se ao piano e tocou uma ária triste e melancólica.

Dir-se-ia que estava mergulhado em sonhos profundos... Falava sozinho e com a música. Passado um instante, abriu uma gaveta e tirou um velho livro, com as folhas amarelecidas pelos anos... Folheou-o devagar.

— Veja — disse ele para Ofélia —, um dos livros que pertenceu à minha mãe; é a letra dela. Venha ver! Tirou isto do Requiem de Mozart, e arranjou-o para ela.

Ofélia levantou-se e foi ver.

— Cantava isto muitas vezes — disse Saint-Clare —, parece que ainda a estou a ouvir.

Tocou alguns acordes vibrantes, e começou a cantar a antiga prosa em latim: Dies irae, etc.

Houve alguns instantes de silêncio; o rosto de Saint-Clare apresentava traços de fadiga, e tinha uma expressão triste e sonhadora.

— Não sei o que me faz esta noite pensar tanto na minha mãe. Sinto uma espécie de ternura, como se ela estivesse ao pé de mim. Lembro-me de tudo quanto costumava dizer-me... É estranho como às vezes o passado nos volta à memória com tanta nitidez.

Saint-Clare deu ainda alguns passos no salão.

— Vou dar uma volta... Saber o que se diz por aí.

Pegou no chapéu e saiu do salão.

Tom seguiu-o até à porta do pátio e perguntou-lhe se queria que fosse com ele.

— Não, meu velho, eu não me demoro...

O pai Tomás sentou-se na varanda.

Estava uma noite esplêndida: Tom olhava para o repuxo, que rebrilhava sob os raios da lua cheia... escutava o sussurro da água... e pensava na família e na casa... Dizia para consigo que dentro de pouco tempo seria livre... que poderia voltar a vê-los... dizia que à força de trabalho resgataria a mulher e os filhos... Sentia uma grande satisfação por

ter os braços fortes e musculosos, imaginando que em breve esses braços lhe pertenceriam, e poderiam comprar a liberdade da família... Pensou no seu jovem senhor, e rezou por ele a Deus a sua oração preferida... Depois, lembrou-se ainda da bela Evangelina, que estava agora entre os anjos... e daí a pouco pareceu-lhe que aquele rosto radioso e aqueles cabelos de ouro saíam da espuma prateada da fonte e vinham ter com ele... Adormeceu e sonhou que a via correr ao seu encontro, leve e saltitante como outrora... com uma grinalda de jasmins nos cabelos, as faces coradas e os olhos brilhantes de alegria. Depois, enquanto a contemplava, ela ergueu-se lentamente do chão, as faces empalideceram, os olhos profundos ficaram com um fulgor divino, e um nimbo dourado cercava-lhe a cabeça... E a visão desvaneceu-se.

Tom foi acordado por fortes pancadas na porta e por um ruído de vozes e passos pesados.

Correu a abrir. E entraram uns homens que traziam numa maca um corpo embrulhado num capote. A luz de uma lanterna bateu-lhe em cheio no rosto... Tom deu um enorme grito... um grito de espanto e desespero, que se ouviu em toda a casa. Os homens avançaram com o corpo até à porta do salão onde Ofélia fazia malha.

Saint-Clare entrara num café para ler o jornal da tarde. Houve uma discussão entre dois homens, um pouco excitados pelo álcool. Saint-Clare e mais algumas pessoas quiseram separá-los. Ao tentar desarmar um deles, Agostinho recebeu uma navalhada no peito.

Depressa a casa se encheu de gemidos, de lágrimas, gritos e lamentos; os escravos desesperados arrancavam os cabelos, atirando-se para o chão, ou corriam, desvairados, em todas as direcções. Maria deu gritos nervosos: Tom e Ofélia eram os únicos que mantinham o sangue-frio. Ofélia mandou dispor dois sofás no salão, onde estenderam o ferido, que sangrava. A Menina Ofélia deu-lhe saís a respirar. Ele voltou a si... abriu os olhos, percorreu-os pela sala, e fixou-os finalmente no retrato da mãe.

O médico chegou e fez o seu exame. Depressa se compreendeu, pela sua expressão, que não havia esperança. Nem por isso pôs menos cuidado no tratamento da ferida, com a ajuda de Ofélia e de Tom. Os escravos, desolados, apinhavam-se às portas, chorando e soluçando.



Saint-Clare abriu os olhos e olhou fixamente os pobres seres que Ofélia e o médico tentavam fazer sair do salão.

— Pobre gente — disse ele, e viu-se no seu rosto a sombra de um remorso. Adolfo recusou-se a sair. O terror transtornara-o completamente; deitou-se no chão, e nada conseguiu fazê-lo levantar-se. Os outros cederam às recomendações da Menina Ofélia e retiraram-se, pensando que a salvação do seu senhor dependia da sua obediência e calma.

Saint-Clare mal podia falar... Tinha os olhos fechados; mas adivinhava-se bem a amargura dos seus pensamentos. Passados uns instantes, pôs a mão na mão de Tom, ajoelhado ao pé dele.

— Tom! Pobre Tom!

— Meu senhor?

— Eu morro — disse Saint-Clare pegando-lhe na mão. — Reza!

As palavras que cantara naquela noite voltavam-lhe à memória... palavras de súplica, dirigidas à misericórdia divina. Ainda entreabriu os lábios, e pronunciou alguns fragmentos do hino...

— Está a perder a razão — disse o médico.

— Pelo contrário, encontro-a finalmente — disse Saint-Clare, com energia. — Finalmente, finalmente!

Este último esforço esgotou-o. A palidez da morte espalhou-se no seu rosto e, com ela, como descendo das asas de um piedoso anjo, uma expressão de paz e de calma.

Ficou alguns momentos imóvel.

Antes da alma se libertar, abriu ainda os olhos. Teve um lampejo de alegria, a alegria que se sente ao reconhecer os entes queridos... Murmurou Minha mãe.

Tudo estava acabado.

## Capítulo XXIV

### Os abandonados

Quando Saint-Clare soltou o último suspiro, o terror e a consternação apoderaram-se de toda a casa. Ele tombara de repente, na força da vida. Só se ouviam soluços e gritos de desespero. Maria, com os nervos abatidos pela permanente inércia da sua vida, era incapaz de suportar semelhante golpe. Durante a agonia do marido, saíra de um torpor para cair noutro. E aquele a quem estivera unida pelos laços sagrados do matrimónio, abandonou-a para sempre, sem terem trocado uma palavra de adeus!

Ofélia, com a força e domínio de si própria que a caracterizavam, não tinha deixado o primo um só instante. Era toda olhos, toda ouvidos, cuidados... Fez tudo o que era preciso fazer e, do fundo do seu coração, aliava-se às ternas e fervorosas orações que o pobre escravo enviava a Deus pela alma do seu senhor agonizante.

As cerimónias fúnebres realizaram-se com profusão de crepes e panejamentos pretos... orações... rostos solenes... Depois, as ondas sombrias da vida diária deslizaram novamente sobre o seu leito pantanoso... em seguida surgiu a triste e eterna pergunta: que fazer?

Era no que pensava Maria, toda vestida de negro, no meio de escravos inquietos, sentada no cadeirão almofadado, escolhendo amostras de crepe e de malha de seda.

Era também no que pensava a Menina Ofélia, cujas ideias se voltavam já para a sua casa no Norte.

Era no que pensavam também, cheios de pavor, aqueles escravos que conheciam o carácter tirânico e impiedoso da senhora em cujas mãos tinham caído... Sabiam bem que a indulgência com que tinham sido tratados não vinha da senhora, mas do senhor e que, na ausência dele, já não havia

obstáculos protectores entre eles e as exigências de uma mulher aguilhada pela dor.

O pai Tomás, sonhando, estava na varanda. Veio ter com ele Adolfo, abatido e desolado desde a morte do senhor. Adolfo sabia bem que sempre desagradara a Maria; enquanto o senhor fora vivo, nunca se preocupara com isso; agora vivia num perpétuo anseio, sem saber o que lhe iria acontecer.

Maria tivera várias conferências com os seus procuradores. Depois de ouvir a opinião do cunhado, resolveu vender a casa e todos os seus escravos, conservando apenas aqueles que trouxera quando casara: a esses, levava-os consigo para casa do pai.

— Sabes, Tomás — disse Adolfo —, que vamos ser todos vendidos?

— Quem foi que te disse?

— Escondi-me atrás do reposteiro e ouvi a senhora a falar com o procurador... Daqui a uns dias levam-nos ao mercado!

— Seja feita a vontade de Deus — disse Tom cruzando os braços e soltando um profundo suspiro.

— Nunca mais teremos um senhor tão bom como o nosso — disse Adolfo, apreensivo. — Mas eu prefiro ser vendido a ficar com a senhora.

Tom afastou-se, com o coração cheio de amargura. A esperança de liberdade, a ideia de ver a mulher e os filhos tinham surgido na sua alma paciente, como perante os olhos de um marinheiro que naufraga à vista do porto, surge a torre da igreja e os telhados da aldeia natal, por entre as vagas sombrias, como para lhe dizerem um último adeus. Tom apertou mais os braços de encontro ao peito... Engoliu as lágrimas amargas e tentou rezar. O pobre escravo sentia agora um desejo de liberdade tão irresistível, que quanto mais repetia Senhor, que seja feita a tua vontade! maior era o seu desespero.

Foi ter com a Menina Ofélia, que desde a morte de Eva o tratava com atenciosa bondade.

— Menina Ofélia — disse-lhe ele —, o Senhor Saint-Clare tinha-me prometido a liberdade. e agora, se a menina quisesse ter a bondade de falar nisso à Senhora... talvez a senhora estivesse disposta a cumprir a palavra do Senhor Saint-Clare...

— Falarei em teu nome, Tom, o melhor que puder. Se isso depende da Senhora Saint-Clare, não espero conseguir grande coisa, mas, enfim, tentarei.

Esta conversa passava-se enquanto Ofélia fazia os seus preparativos para regressar ao Norte.

Pegou na sua malha e dirigiu-se ao quarto de Maria, resolvida a mostrar-se o mais amável possível e a tratar do caso de Tom com toda a habilidade da sua diplomacia.

Encontrou Maria estendida num sofá, com o cotovelo sobre as almofadas. Jane, que tinha ido fazer compras, expunha na sua frente amostras de tecidos um pouco mais claros.

— Gosto desta — disse Maria, depois de escolher —, mas não sei se serve para luto.

— Então não serve, minha senhora? — exclamou Jane, com à-vontade —, a senhora do general Daubernon usava isto o ano passado, depois da morte do marido, e ficava-lhe muito bem.

— Que acha, Ofélia?

— É um assunto de modas e, nesse campo, a prima percebe mais do que eu.

— O caso — disse Maria —, é que não tenho que vestir... Vou-me embora para a semana, e tenho de decidir.

— Ah, parte já?

— Sim, o irmão de Saint-Clare escreveu-me e acha, como o procurador, que devo vender agora a mobília e os escravos... Quanto à casa, espero por uma ocasião mais favorável.

— Há uma coisa — disse a Menina Ofélia — de que eu lhe queria falar. O Agostinho prometeu a liberdade ao Tom. tinha até preenchido as primeiras formalidades... julgo que a prima as terminará...

— Nunca o farei — disse com azedume a Senhora Saint-Clare. O Tom é um dos nossos melhores escravos e mais caros... Não! Não! E depois, para que quer ele a liberdade?... É muito mais feliz assim!

— Deseja ardentemente ser livre, e o Agostinho prometeu-lhe...

— Meu Deus! Sim, deseja, desejam-na todos... essa raça de ambiciosos, que querem sempre aquilo que não têm. Em princípio, sou contra a emancipação, seja em que caso for. Temos um negro à nossa guarda, e ele trabalha e porta-se como deve ser; quando se manda embora, torna-se preguiçoso, não quer trabalhar, embriaga-se... e fica insuportável. Vi centenas de exemplos desses... Não há razão nenhuma para os libertar!...

— Mas o Tom é tão sossegado, tão religioso, tão capaz...

— Não precisa de mo dizer... Vi centenas como ele; enquanto for dirigido, mais nada.

— E se, quando o vender, ele cai nas mãos de um mau senhor?

— Palavras! Entre cem senhores, há um mau. Os senhores são muito melhores do que se julga... Eu nasci e fui criada no Sul... e nunca vi nenhum senhor que não tratasse os escravos convenientemente... Nesse aspecto, não tenho o menor receio.

— Seja! — continuou Ofélia, com firmeza —, mas eu sei que uma das últimas vontades do seu marido era conceder a liberdade a Tom. Foi uma das promessas que fez junto do leito de morte da nossa querida Eva... e não creio que a prima vá faltar a ela...

A estas palavras Maria escondeu o rosto no lenço, soluçou, e aspirou com mais força o frasco de sais.

— São todos contra mim — disse ela —, não respeitam coisa nenhuma... Nunca pensei que a prima me fizesse recordar dessa forma os meus infortúnios... é uma falta de consideração... Ninguém tem consideração por mim! Sou muito infeliz! Tinha uma filha única... e perdi-a! Tinha um marido que me agradava — e nem toda a gente consegue agradar-me Perdi-o também, e a prima é tão cruel que me traz à memória essas recordações, sabendo muito bem que me atormentam... Talvez esteja cheia de boas intenções, mas é muito imprudente!

E Maria soluçou até perder o fôlego e chamou a Mammy para abrir a janela, dar-lhe o frasco de cânfora, friccionar-lhe a testa, desapertar-lhe o vestido... Foi um momento de confusão de que a Menina Ofélia aproveitou para voltar para o seu quarto.

Ofélia viu bem que tudo era inútil. A Senhora Saint-Clare tinha argumentos inesgotáveis nos seus ataques de nervos: era a sua resposta quando lhe recordavam as promessas da filha e do marido. A Menina Ofélia fez a única coisa que lhe restava fazer: escreveu ao Senhor Shelby, contando a desgraça de Tom, e reclamando ajuda imediata.

No dia seguinte, Tom, Adolfo, e meia-dúzia de outros negros, foram levados ao mercado de escravos para que o traficante fizesse um lote com eles.

## Capítulo XXV

### O mercado de escravos

Um ou dois dias depois da conversa que narrámos entre Maria e a Menina ofélia, Tom, Adolfo e meia-dúzia de outros escravos que tinham pertencido a Saint-Clare foram entregues ao cuidado do Senhor Skeggs, que possuía um entreposto na Rua de \*\*\*, para serem leiloados no dia seguinte.

Tom, como muitos outros, tinha uma mala com as suas coisas.

Para passarem a noite, os escravos foram metidos numa grande casa onde se encontravam reunidos muitos outros homens de todas as idades, tamanhos e cores, e de onde partiam gargalhadas estrondosas.

— Ah! Muito bem! Continuem, rapazes, continuem! — disse Skeggs. — A minha gente está sempre alegre!... Sambo, quem está a fazer todo este barulho?

Sambo era um enorme negro que se entregava a toda a espécie de palhaçadas, alegrando muito os seus companheiros.

É fácil de calcular que o pai Tomás não estava com disposição para compartilhar daquela alegria. Pôs a mala o mais longe possível do grupo turbulento, sentou-se em cima dela e apoiou a cara de encontro à parede.

Os que se dedicam ao comércio de mercadoria humana esforçam-se, com perseverança sistemática, por manter entre os escravos uma alegria ruidosa: é a forma de lhes embotar os pensamentos e torná-los insensíveis às suas desgraças. O objectivo do traficante, desde a hora em que comprou o negro nos mercados do Norte para o vender no mercado do Sul, é torná-lo insensível, indiferente, brutal. O traficante completa a sua carga na Virgínia e em Kentucky; leva-a depois para qualquer lugar conveniente, saudável, muitas vezes para as águas, a fim de a engordar. Deixam comer os negros à discrição e como alguns caem em tristeza, o mercador tem o cuidado de arranjar uma viola, e pô-los a dançar. E aquele que não quer divertir-se,

aquele cujos pensamentos se voltam demasiado para a mulher, os filhos, a casa... e não consegue alegrar-se, é olhado como elemento perigoso e fazem-no sofrer todos os vexames que pode inventar a má vontade de um senhor cruel e sem escrúpulos. A despreocupação, o descaramento, a alegria, sobretudo quando há testemunhas, é o que se exige dos escravos. Espera-se desta forma encontrar um bom comprador, e não se receiam perdas conside ráveis.

— Que faz aqui este negro? — perguntou Sambo, dirigindo-se a Tom quando Skeggs abandonou a casa.

Sambo era preto como o ébano, alto, alegre, falava com facilidade e fazia toda a espécie de graças e caretas.

— Que fazes aí? — perguntou, avançando para Tom, e dando-lhe um soco nas costas, à laia de brincadeira... — Estás a pensar, hã?

— Estou a pensar que vou ser vendido em leilão! — disse Tom, calmamente.

— Vendido em leilão. Ah Ah, rapazes, esta tem graça. Vej am se não dá vontade de rir!... E aqui o teu companheiro, também vai ser vendido amanhã? — perguntou Sambo, pondo familiarmente a mão no ombro de Adolfo.

— Deixe-me, faz favor — disse Adolfo altivamente, recuando com nojo.

— Ah! Ah, rapazes, aqui está um verdadeiro exemplar de preto-branco. branco como a neve e que cheira bem — disse ele avançando mais uma vez e cheirando Adolfo. — Está mesmo a calhar para um vendedor de tabaco!... Perfumava a loja e a mercadoria!

— Já disse que me deixasses — exclamou Adolfo, furioso.

— Como vocês são melindrosos, os pretos-brancos. Já não se pode tocar-lhes, vejam!

E Sambo imitou grotescamente os modos de Adolfo.

— Que ares, que elegância! — continuou ele. — Vê-se que vem de uma boa casa.



— É verdade. Eu tinha um senhor que os podia comprar a todos, se quisesse!

— Estão a ver? Devia ser um grande senhor.

— Eu pertencia à família Saint-Clare — disse Adolfo, com ar orgulhoso.

— Não me digas. O teu dono deve ficar muito satisfeito por se ver livre de ti. Vai com certeza vender-te com um lote de porcelana partida — disse Sambo, juntando às palavras uma careta de troça. Adolfo, fora de si com o insulto, atirou-se ao adversário, rogando pragas e dando socos para a esquerda e para a direita... O grupo ria e aplaudia. Atraído pelo barulho, chegou o dono do entreposto.

— Que vem a ser isto, rapazes? Calma, calma! — disse ele, brandindo um comprido chicote.

Os escravos fugiram em todas as direcções, com excepção de Sambo que, fiando-se nos seus privilégios de bobo oficial, ficou quieto, baixando a cabeça cada vez que o senhor o ameaçava.

— Não fomos nós, senhor, não fomos nós... Nós estávamos muito sossegados! Foram os novos. Não nos largam; estão sempre a meter-se com a gente.

O senhor voltou-se para Tom e Adolfo, pregou-lhes alguns pontapés e descomposturas, sem querer saber de mais nada e, depois de ordenar a todos que tivessem juízo e se fossem deitar, retirou-se.

Sob uma cúpula esplêndida, no pavimento de mármore, passeavam homens de todas as nacionalidades. Em toda a volta do recinto circular estavam levantadas tribunas para os pregoeiros e agentes de leilões. Duas dessas tribunas, colocadas em extremidades opostas do recinto, eram ocupadas por senhores bem falantes que, com uma eloquência misturada de francês e inglês, se esforçavam por fazer subir os lances dos compradores; um terceiro estrado, ainda vazio, erguia-se no meio de um grupo que esperava o início do leilão. Entre eles podiam ver-se os escravos de Saint-Clare, Tom, Adolfo, e os restantes; e, à espera da sua vez, diversos espectadores que iam comprar, ou não comprar... conforme quisessem, apinhados em volta do grupo. Olhavam, discutiam... como jogadores de corridas faziam em volta de cavalos!

— Olá, Alfredo, que te traz por cá? — disse um homem elegante, dando uma palmada nas costas de um jovem vestido com o maior requinte, que observava Adolfo através de uma luneta.

— Ah, preciso de um criado de quarto... Ouvi dizer que iam vender os escravos de Saint-Clare. Achei que um deles me servia.

— Deus me livre de comprar os escravos de Saint-Clare... Estão mal habituados, e são orgulhosos como o diabo!

— Ah, descanse!... Se eu os comprar, emendam-se num instante! Ficam logo a saber que eu não sou como o Saint-Clare... Vou comprar aquele. Tem bom ar.

— Aquele? É completamente doido! Vai roubar-lhe tudo para se vestir... Verá!

— Logo à primeira, fica a saber que não se pode fazer fino comigo. Mando-o à casa de correcção uma vez ou duas, e perde logo o costume. Depois eu conto-lhe. Domesticado em dois tempos. Vou comprá-lo, está resolvido.

Entretanto, o pai Tomás estava ali, pensativo, olhando para todos aqueles rostos em sua volta, perguntando a si próprio qual preferia para seu dono. Tom viu muitos homens, altos, baixos, gordos, magros, redondos, quadrados, de todas as espécies e feitios... Viu sobretudo homens vulgares e grosseiros, daqueles que juntam os seus semelhantes como quem junta cavacos para fazer uma fogueira, sem lhes ligar importância! Não viu ninguém que se parecesse com Saint-Clare.

Alguns momentos antes da venda, um homem atarracado, gordo e balofo, com a camisa rota aberta no peito, de calças sujas e usadas, abriu caminho entre a multidão, dando cotoveladas, como quem está cheio de pressa. Aproximou-se do grupo e entregou-se a um exame minucioso.

Mal o viu, Tom sentiu por ele uma invencível repulsa. Este sentimento aumentava à medida que o homem se aproximava dele. Embora fosse baixo, adivinhava-se nele uma força atlética. Tinha a cabeça redonda como uma bola, grandes olhos verdes-acinzentados, ensombrados por sobrancelhas amareladas e espessas, cabelos rijos e encarnados. Como se vê, tais predicados não eram atraentes. Tinha a face inchada por uma bola de tabaco de mascar, e cuspiam de vez em quando a saliva com força e

decisão. As mãos eram de um tamanho descomunal, calosas, peludas, queimadas do sol, e terminadas por unhas sujas.

Este homem examinou o lote de escravos com o maior à-vontade. Levantou o queixo a Tom, mandou abrir a boca para lhe ver os dentes, e estender os braços para lhe apalpar os músculos... Andou em volta dele, e obrigou-o a saltar em comprimento e em altura, para saber a força das pernas.

— Onde foste criado? — perguntou secamente.

— Em Kentucky — respondeu Tom, que olhava em volta, como a pedir ajuda.

— Que fazias?

— Tratava da quinta.

— Sempre a mesma história! — E passou adiante.

Começou a venda.

Adolfo foi arrematado, por uma quantia bastante grande, pelo jovem que mostrara interesse em comprá-lo. Os outros escravos de Saint-Clare passaram para as mãos de diversos compradores.

— É a tua vez — gritou o vendedor a Tom. — Vamos, estás a ouvir?

Tom subiu para o estrado, lançando em redor olhares inquietos. Ouviu-se um ruído confuso, surdo, onde não se podiam distinguir as palavras. A voz aguda do pregoeiro, que gritava as suas qualidades em inglês e francês, misturava-se ao tumulto dos lances em ambas as línguas.

Finalmente, o manelo deu uma pancada, e ouviu-se nítida e clara a última sílaba da palavra dólares Tom estava arrematado; já tinha dono.

Desceu o estrado. O homem da cabeça redonda agarrou-o brutalmente pelo ombro, empurrou-o para um canto, e disse-lhe com voz rude:

— Fica aí quieto.

O novo senhor chamava-se Legree, e tinha uma plantação nas margens do rio Vermelho.

## Capítulo XXVI

### A travessia

No fundo de um barco que subia o rio Vermelho estava sentado o pai Tomás, com algemas nos pulsos e grilhetas nos pés... e no coração um frio mais pesado do que as correntes. Para ele, tinham-se apagado todas as luzes do céu, a Lua e as estrelas; e diante dos seus olhos, como as árvores, todos os seus sonhos fugiam para sempre: as terras de Kentucky, a mulher e os filhos, e a casa de Saint-Clare, com todo o seu esplendor e opulência, a loira cabeça de Eva, aquele olhar angelical, e Saint-Clare, nobre e altivo, triunfante, belo, negligente às vezes, mas sempre bom, e as horas de calma indulgente. tudo isso tinha acabado, acabado para sempre; e em seu lugar, que ficava?

É esse um dos grandes males da escravatura. Um negro simpático e atraente cai no meio de uma família distinta, adquire sentimentos e o gosto por uma atmosfera de luxo; depois passa para outras mãos grosseiras e brutais, como o móvel que decorou outrora um soberbo salão, sujo e aviltado, vai servir de balcão numa taberna... ou pior ainda! Há contudo uma diferença: a cadeira ou a mesa não podem sentir, mas o homem sente. No entanto é em vão que a lei o deixa ser avaliado; vendido e tratado como um móvel. Não é possível tirar-lhe a alma, nem acabar com o mundo de recordações, de esperança, de amor, de medos e desejos que ela traz em si.

Quando Simon Legree, o novo senhor de Tom, acabou de comprar, aqui e além, em Nova Orleães, oito escravos, levou-os com algemas nos pulsos, e acorrentados aos pares, para bordo do navio Pirata, que estava ancorado no porto, pronto para subir o rio Vermelho.

Legree embarcou-os e o navio partiu.

Então, mestre Legree, que já conhecemos, quis passá-los em revista. Parou em frente de Tom. Tinham vestido a Tom o melhor dos seus trajes

para o leilão. Exibia uma bela camisa engomada e botas engraxadas. Legree dirigiu-se a ele nestes termos:

— Levanta-te!

Tom levantou-se.

— Despe isso!

E como o pai Tomás, embaraçado pelas algemas, não conseguiu despir-se tão depressa como ele queria, ajudou-o, arrancando brutalmente o colarinho, que meteu na algibeira.

A seguir, foi à mala de Tom, que já tivera o cuidado de revistar, tirou um velho par de calças e um casaco rasgado, que Tom só punha quando ia à cavalaria. O senhor desembarçou o escravo dos fatos, mostrando-lhe uma espécie de nicho atrás dos fardos, disse:

— Vai ali vestir isto.

Tom obedeceu e voltou passados uns instantes.

— Descalça as botas.

Tom descalçou-se.

— Toma! — disse Legree, atirando-lhe um par de sapatos velhos. — Calça isto

O pai Tomás, apesar da rapidez desta mudança de traje, conseguira passar a sua querida Bíblia de uma algibeira para a outra. Em boa hora, porque Legree, depois de lhe tornar a pôr as algemas, começou a inspecção do conteúdo das algibeiras. Retirou um lenço de seda que guardou para ele, diversas bagatelas, tesouros recolhidos por Tom porque tinham feito a alegria de Eva, foram alvo de troça da parte do mercador, que os atirou à água.

Na sua precipitação, o negro esquecera o seu livro de cânticos metodistas; Legree apanhou-o e virou algumas folhas.

— Com que então, crente?. Como é o teu nome de baptismo? Vais à igreja, não?

— Sim, senhor — respondeu Tom, com firmeza.

— Pois bem, vais deixar de ser... Não quero na minha casa pretos que cantam, rezam, e gritam... Lembra-te disto, e toma cuidado! — E, dizendo estas palavras, bateu violentamente com o pé, lançando a Tomás um olhar feroz. — Agora sou eu a tua igreja, ouviste? Vais obedecer-me!

Olhou um instante a fisionomia triste do pai Tomás e foi-se embora. Pegou na mala do escravo, que continha uma grande provisão de roupa limpa, e dirigiu-se para a proa do navio, onde daí a pouco foi cercado pelos empregados de bordo. Então, rindo muito dos negros que querem armar em senhores, vendeu tudo o que havia dentro da mala e, por fim, a própria mala. E acharam todos que era uma boa partida, e divertiam-se muito a ver a maneira como Tom olhava para as suas coisas, que eram distribuídas para a direita e para a esquerda. O leilão da mala foi considerado a maior partida do mundo, e provocou uma quantidade de ditos espirituosos.

Quando tudo acabou, Simon voltou para junto da sua mercadoria.

— Agora, Tom, já viste que te libertei de toda a bagagem inútil. Tem cuidado com a tua roupa, porque tão depressa não tens outra. Gosto que os meus negros poupem a roupa. Na minha casa a roupa dura um ano. Vocês, vocês todos — disse ele recuando um ou dois passos —, olhem bem para mim! Olhem-me nos olhos!... A direito!... Assim!

E batia com o pé a cada palavra.

Como se estivessem hipnotizados, todos fixaram os seus olhos cinzentos e brilhantes.

— Agora — disse ele fechando o enorme punho, que parecia o manelo de um ferrador — vêem este punho? Experimentem-lhe o peso!...

E deu um soco na mão de Tomás.

— Vejam estes ossos! Previno-os de que este punho é pior do que um martelo a atirar com os negros ao chão. Ainda não houve um que eu não deitasse abaixo só com um soco.

E brandiu o punho tão perto da cara de Tom, que este recuou, fechando os olhos.

— Não tenho vigilantes... O vigilante sou eu, e previno-os de que nada me escapa. Têm de andar muito direitinhos, e depressa, assim que eu

mando. Comigo não há outra forma! Não esperem a menor condescendência, porque sou impiedoso.

As pobres mulheres nem ousavam respirar; todo o grupo de escravos se sentou no chão, apavorado e inquieto. O senhor voltou as costas... e foi beber um copo!

— É assim que eu trato os meus negros — disse a um homem de aspecto distinto, que parara ao pé dele durante o discurso. — É o meu sistema... Começo logo por ser enérgico. É preciso que eles saibam o que os espera.

— Na verdade! — disse o homem, que o olhava com a curiosidade com que um naturalista observa um fenómeno.

— Não sou como esses plantadores de dedos brancos e delicados, que se deixám intrujar e roubar pelos feitores. Veja as minhas articulações, hã? Veja o meu punho! Veja isto! A carne ficou dura como pedra, endureceu a bater nos pretos... Veja!

O estranho pôs o dedo no lugar que o outro lhe indicou e disse apenas:

— É realmente duro! — Depois acrescentou:

— A prática tornou-lhe com certeza o coração tão duro como o punho.

— Posso gabar-me disso — exclamou Simon, rindo às gargalhadas.

— Ninguém me convence, nem com gritos, nem com gemidos.

— Tem aqui uma boa colecção!

— Tenho! — disse Simon. — Aquele, o Tom, parece que é uma peça rara. Paguei-o por um bom preço, para ser meu cocheiro ou capataz. O único contra é não querer ser tratado como os negros devem ser tratados... mas isso passa-lhe... Aquela mulata é um pouco doente, mas foi barata... Pode durar um ou dois anos, porque eu não poupo os meus escravos... Era o que me faltava! Tiro deles o máximo, e depois compro outros. Dá menos preocupações e menos despesa.

— Quanto tempo duram, em geral?

— Não sei dizer muito bem. Depende da sua constituição. Os mais fortes duram seis ou sete anos, os outros ficam arrumados em dois ou três anos. Nos primeiros tempos, eu fazia tudo para os conservar. Quando estavam doentes, tratava-os, dava-lhes roupa, cobertores, enfm, tudo o que era preciso! Agora, doentes ou de saúde, têm todos o mesmo regime... Não valia a pena. Maçava-me e acabava por perder o dinheiro. Agora, quando um preto morre, compro outro... Acho que sai mais barato... e é pelo menos mais cómodo!

O estranho afastou-se e foi sentar-se ao lado de um viajante que escutara esta conversa com revolta mal contida.

O navio avançava, levando a sua carga de sofrimento. Subia a corrente lodosa e agitada, entre as sinuosidades abruptas e caprichosas do rio Vermelho.

Finalmente, parou em frente de uma pequena cidade, e Legree desceu com o seu rebanho.



## Capítulo XXVII

### Lugares sombrios

O pai Tomás e os companheiros alinharam atrás de um pesado veículo, e avançaram a custo por uma estrada pedregosa.

Sentado no carro ia Simon Legree. As duas mulheres, ainda com algemas, foram atiradas para dentro do carro, juntamente com as bagagens. O cortejo dirigiu-se para a plantação de Legree, situada a certa distância.

Era um caminho deserto e selvagem, que deslizava, com imensas curvas, pelo meio de um bosque de pinheiros: o vento gemia nas ramagens; a ambos os lados da estrada coberta de troncos de árvores, os ciprestes, erguendo-se de um solo húmido e viscoso, deixavam cair as suas fúnebres grinaldas de musgo esverdeado. Aqui e além, serpentes horríveis rastejavam através das folhas secas e dos ramos caídos, que apodreciam na água.

Era realmente um caminho apavorante e triste, mesmo para o homem que, montado num bom cavalo e com um bom farnel na mochila, o seguisse para ir tratar dos seus negócios. Quanto mais para aqueles desgraçados que, marchando com dificuldade, a cada passo se afastavam de tudo o que amavam e desejavam.

Teria sido este o sentimento de quem pudesse ver a expressão de abatimento, a profunda e melancólica tristeza dos pobres escravos, ao olharem a via dolorosa que se desenrolava na sua frente.

Apenas Legree parecia encantado; de vez em quando tirava da algibeira um frasco de aguardente.

Chegaram à vista da plantação. Pertencera primeiro a um senhor rico e de bom gosto, que a embelezara de maneira singular. Legree comprara a propriedade e servia-se dela, como se servia de tudo, para ganhar dinheiro. A plantação tinha por isso o ar devastado que toma a terra assim que passa de mãos cuidadosas para mãos desmazeladas.

Em frente da casa, aquilo que fora em tempos um canteiro de relva cortada, cheio de árvores frondosas, não era agora mais do que um montão de ervas daninhas, de mistura com palha, cacos de garrafas e toda a espécie de imundícies. Aqui e além a erva fora arrancada e os jasmineiros e as madressilvas murchavam suspensos das colunas meio tombadas pelos puxões dos cavalos que ali eram agora amarrados sem cerimónia. O vasto jardim estava invadido pelas ervas bravas, entre as quais surgia a espaços alguma flor exótica solitária e despreocupada. As estufas já não tinham um único vidro; nas prateleiras carcomidas viam-se ainda alguns vasos com flores secas, esquecidas. Caules partidos, folhas mortas, indicavam ainda que ali existira uma planta!

O carro seguiu pela alameda, outrora coberta de saibro, invadida hoje por toda a espécie de ervas, entre duas soberbas filas de árvores-da-china, cujas formas graciosas e as folhas sempre verdes pareciam ser a única coisa que o desleixo do dono não pudera vencer, como aqueles nobres espíritos, tão enraizados no bem, que se desenvolvem e desabrocham mais fortes e mais belos no meio dos revezes e da desgraça.

A casa era grande e bonita, construída no estilo que se encontra muito naquela região da América. Estava cercada em toda a volta por uma varanda de dois andares, para a qual davam todas as portas. A parte inferior assentava num bloco de tijolos vermelhos.

Esta casa tinha o mesmo ar de profunda desolação. As janelas estavam tapadas com tábuas, algumas tinham um batente só, e outras uns trapos em vez de vidros.

Tudo isto era assustadoramente revelador.

O chão estava coberto de palha, de bocados de madeira, de restos de caixotes e de barris. Três ou quatro cães de aspecto feroz, acordados pelo barulho das rodas, correram, prontos a atacar... Foi precisa toda a força dos escravos da casa para os impedir de despedaçarem Tom e os companheiros.

— Vejam o que os espera — disse Legree, fazendo festas aos cães, com satisfação maldosa. E voltou-se para os escravos: — Vejam o que os espera, se tentarem fugir. Estes cães foram treinados para a caça ao negro. Comiam-nos inteiros... Por isso tenham cuidado! Então, Sambo — disse ele

a um indivíduo todo esfarrapado, com um chapéu já sem abas, que veio logo para junto dele. — Como correram as coisas?

— Muito bem, meu senhor.

— Quimbo! — disse ele para outro negro que se esforçava por chamar a atenção —, não te esqueceste do que te recomendei?

— Não senhor!

Estes dois negros eram as principais personagens da casa; tinham sido treinados sistematicamente por Legree. Tornara-os tão cruéis e selvagens como os cães. Conseguira-o à força de trabalho e exercícios. Eram o símbolo da ferocidade.

Tem-se verificado que os vigilantes negros são muito mais cruéis do que os brancos. Tira-se deste facto uma conclusão desagradável para a raça negra: isto prova que a raça negra está mais aviltada e degradada do que a raça branca, e a verdade é que o escravo, sej a de que raça for, é um tirano em potência!

Legree, como muitos potentados de que fala a História, governava os seus estados por meio do antagonismo de forças. Sambo e Quimbo odiavam-se cordialmente e, na plantação, eram ambos odiados por todos. E este odiava aquele, e odiavam os dois todos os outros, e todos os outros os odiavam! Assim, havia uma vigilância geral e completa, estabelecida em proveito de Legree. Nada lhe escapava.

Legree pernútia aos seus dois satélites uma certa familiaridade com ele, familiaridade essa que podia ser perigosa para eles; porque à menor provocação, ao menor sinal do senhor, cada um deles estava disposto a estrangular o outro. Vendo-os ao pé de Legree, ficava mais que provado que o homem brutal é mais brutal que a fera. As suas caras negras, pesadas e duras, os grandes olhos que se espiavam mutuamente, cheios de inveja, as vozes roucas e bestiais, os trajes em farrapos, flutuando ao vento... tudo estava em harmonia perfeita com o aspecto geral do meio em que se encontravam.

— Tu, Sambo — disse Legree —, leva estes rapazes para as cabanas. Aqui tens uma mulher que comprei para ti — acrescentou ele, mostrando a mulata. — Tinha prometido trazer-te uma, lembras-te?

A mulher deu um salto para trás.

— Ó meu senhor, eu deixei o meu pobre marido em Nova Orleães.

— E depois? Agora ficas com outro. Cala-te e anda para a frente!

Legree pegou no chicote.

Tom não conseguiu ouvir mais nada. Teve de seguir Sambo e dirigir-se para as cabanas.

As cabanas formavam uma espécie de rua, dispostas em fila, a certa distância da casa. Tinham um aspecto lúgubre, triste e sujo. Tom sentia-se desfalecer. Alegrara-se com a ideia de uma pequena cabana, muito simples com certeza, mas onde poderia ter tranquilidade e calma, e até uma prateleira para pôr a sua Bíblia; enfim, um retiro onde pudesse pensar, depois das rudes horas de trabalho. Entrou em várias cabanas. Eram apenas abrigos... Como único mobiliário, um molho de palha cheio de imundícies, espalhada no chão de terra batida, calcada por milhares de pés.

— Qual destas cabanas vai ser a minha? — perguntou a Sambo, em tom submisso.

— Não sei... talvez esta... Parece que ainda há lugar para mais um. Estão todas cheias de negros, não sei como vamos meter ainda mais.

Era já tarde quando o rebanho dos trabalhadores voltou para as suas miseráveis cabanas, homens e mulheres, vestidos de farrapos sujos e miseráveis, pouco dispostos com certeza a ver com bons olhos os recém-chegados. O ruído que faziam era bastante desagradável: vozes guturais e roucas discutiam em volta dos moinhos manuais, onde era preciso moer o mau grão destinado à triste e magra ceia. Tinham estado nos campos desde o amanhecer, dobrados sobre o trabalho duro, sob a ameaça do chicote vigilante do guarda. Era a época mais terrível do ano... a tarefa era urgente... e pretendia tirar-se o máximo rendimento de cada um.

Enquanto o grupo desfilava, Tom procurava com os olhos se não haveria algum rosto sociável. Os homens estavam sombrios, miseráveis, embrutecidos; as mulheres fracas, tristes, desiludidas... Os fortes tiranizavam os fracos. Era o egoísmo brutal e grosseiro, de onde não pode sair nada de bom. Tratados como animais, aqueles desgraçados tinham descido ao nível mais baixo que pode atingir a natureza humana.

O ranger da roda prolongou-se pela noite dentro. Havia poucos moinhos e como os grandes empurravam os pequenos, a vez destes só chegou muito tarde.

— Toma! — disse Sambo avançando para a mulata e pondo na sua frente um saco de milho —, como diabo te chamas?

— Lucy.

— Pois agora, Lucy, és a minha mulher: tens de moer este milho e fazer-me a ceia; ouviste?

— Não sou sua mulher, nem quero ser — disse Lucy, com a súbita e ardente coragem do desespero. — Vá-se embora!

— Nesse caso, apanhas um pontapé — disse Sambo com um gesto ameaçador.

— Mate-me, se quiser... e quanto mais cedo, melhor... Eu prefiro morrer.

— É assim que tu martirizas as pessoas, Sambo. Eu vou contar ao senhor — disse Quimbo, às voltas com o moinho, de onde expulsara duas ou três infelizes mulheres que esperavam a sua vez.

— E eu, velho preto — respondeu Sambo —, vou dizer-lhe que não deixas as mulheres servirem-se do moinho. Devias esperar a tua vez.

Tom estava morto de cansaço e de fome.

— Tu, toma — gritou-lhe Quimbo, atirando-lhe um saco de milho ordinário. — Pega nisso, preto, e trata de o poupar, porque esta semana não te dão outro.

O pai Tomás esperou muito tempo antes de poder servir-se do moinho. Com pena das duas mulheres que tentavam em vão fazer girar a roda, começou a moer para elas, atizou o lume, onde já tinham sido cozidos tantos bolos de milho, e preparou a sua magra ceia. Tom fizera bem pouco por aquelas mulheres; mas uma obra de caridade, por pequena que fosse, era novidade para elas, e essa caridade tocou uma corda sensível naqueles corações. Uma expressão de ternura raiou-lhes no rosto: o instinto feminino acordara... E quiseram ser elas mesmas a preparar-lhe a ceia. Tom sentou-se então ao pé do lume e pegou na Bíblia... Precisava muito de consolo.

## Capítulo XXVIII

### Cassy

Não foi preciso muito tempo para que Tom soubesse o que tinha a esperar ou recear do seu género de vida; em tudo o que fazia, mostrava-se hábil e capaz. Por princípio e por hábito era trabalhador e fiel. Calmo e organizado, contava, à força de insistência, afastar de si, pelo menos em parte, os aborrecimentos normais da sua posição. Assistia a bastantes vexames e injustiças para se sentir triste e infeliz, mas tomara a resolução de suportar tudo com religiosa paciência, entregando-se Àquele cujos julgamentos são conformes com a justiça. Dizia para consigo que talvez houvesse para ele uma esperança de salvação.

Legree reparou nas boas qualidades de Tom; colocou-o imediatamente entre os escravos escolhidos, mas sentia uma espécie de aversão por ele: a antipatia natural dos maus pelos bons. Irritava-se por ver que a sua violência e brutalidade contra os fracos e infelizes era sempre notada por Tom. A opinião dos outros ataca-nos sem palavras, subtil como uma nuvem, e a opinião de um escravo pode incomodar o seu senhor. Legree, por seu turno, tinha inveja dessa comiseração e ternura de alma pela desgraça, desconhecida dos escravos, e que estes adivinhavam em Tom. Ao comprá-lo, pensara fazer dele, mais tarde, uma espécie de vigil ante, a quem, nas suas ausências, confiaria os negócios. Mas, na sua opinião, para esse lugar, a primeira, segunda e terceira condições, eram a dureza. E Tom não era duro. Legree pretendeu endurecê-lo. Após algumas semanas, começou a sua educação.

Certa manhã, quando iam partir para o campo, a atenção de Tom foi atraída por uma recém-chegada, cuja figura e modos o impressionaram.

Era de uma beleza notável, com roupas limpas e decentes. Devia ter entre trinta e quarenta anos. O rosto daqueles que nunca mais se esquecem,

um daqueles rostos que à primeira vista nos levam a adivinhar histórias romanescas, cheias de terrores e lágrimas.

De onde vinha? Quem era? Tom ignorava. Seguia ao seu lado, direita e soberba, sob a luz esbranquiçada da aurora.

Tom vivera sempre entre gente decente, e compreendeu por instinto que era a essa classe da sociedade que a escrava devia pertencer. Como e porquê caíra tão baixo, era o que ele não percebia. A mulher não lhe dirigiu nem um olhar, nem uma palavra, apesar de fazer ao lado dele todo o caminho, desde a aldeia até aos campos.

Tom meteu imediatamente mãos ao trabalho, mas como a mulher não se afastara muito, pôde olhá-la de vez em quando à sucapa. Reparou que a sua habilidade e destreza lhe tornavam a tarefa muito mais fácil do que às outras. Trabalhava bem e depressa, mas com desdém, como se desprezasse, quer o seu trabalho, quer a sua condição actual.

Nesse dia, Tom trabalhou ao lado de Lucy, a mulata comprada ao mesmo tempo que ele. Via-se que a mulher sofria muito: tinha tremuras e parecia que ia desmaiar a cada momento.

Tom ouviu-a rezar.

Aproximou-se sem dizer uma palavra e, tirando do saco alguns punhados de algodão, meteu-os no saco da pobre mulher.

— Não, não faça isso! — dizia a mulher. — Vai arranjar complicações.

Nesse momento, chegou Sambo.

Detestava aquela mulher. Brandiu o chicote e gritou com voz rouca:

— Apanhei-te, Lucy... Fazes batota! — E pregou-lhe um pontapé; calçava grossas botas de cabedal. Quanto ao pobre Tom, marcou-lhe a cara com uma chicotada.

O pai Tomás voltou ao seu trabalho sem dizer uma palavra; mas a mulher, fatigada, e comovida, desmaiou.

— Já a faço acordar! — disse brutalmente Sambo. — Tenho aqui uma coisa muito melhor do que a cânfora. — E tirando um alfinete da manga do

casaco, enterrou-o na carne da desgraçada. Ela soltou um gemido e tentou erguer-se. — De pé, animal! E trabalha!...

A mulher pareceu recobrar por instantes novas energias... Ficou com uma força sobrenatural, e trabalhou com o ardor do desespero...

Tom desafiou mais uma vez o perigo e meteu todo o seu algodão no saco da mulher.

— Não, não! Não deve fazer isso — dizia ela. — Não calcula o que eles lhe fazem.

— Eu aguento melhor do que você.

Tom voltou para o seu lugar. A cena durara uns instantes. De repente, a estranha escrava que durante o trabalho se aproximara de Tom, e que ouviu as últimas palavras, levantou para eles os grandes olhos negros, e fixou-o uns segundos. E passou também a Tom alguns punhados de algodão.

— Não sabe onde está — disse ela —, senão não fazia isso. Daqui a um mês, não terá vontade de ajudar ninguém. Já basta que trate de si.

O vigilante reparou, e correu para ela, brandindo o chicote. A mulher voltou ao trabalho. Trabalhava com uma velocidade prodigiosa. Tom estava espantado. O trabalho aparecia feito como por encanto. Antes de terminar o dia, enchera o cesto até à borda, bem arrumado e calcado. E contudo, viera várias vezes em auxílio de Tom.

Muito depois do pôr do Sol, os escravos, cansados, com o cesto à cabeça e marchando em fila, dirigiram-se ao armazém onde o algodão era pesado e guardado.

Legree conversava animadamente com os seus dois vigilantes.

— Tom vai arranjar-nos sarilhos. Vi-o a meter algodão no cesto da Lucy. Qualquer dia, convence os negros de que são mal tratados, se o senhor não tiver olho nele.

Era Sambo quem falava.

— Diabos levem o maldito negro — exclamou Legree. — Temos de lhe dar uma lição, não é verdade, rapazes? A melhor maneira de lhe fazer



perder essas ideias, é obrigá-lo a ser ele mesmo a chicotear os outros. Tragam-no cá.

— Ah! Aí vem a Lucy, a escrava mais velhaca e atrevida que eu vi na minha vida — continuou Sambo.

— Tem cuidado, Sambo, começo a perceber o motivo do teu rancor contra a Lucy.

— Então, o senhor sabe que ela não quis obedecer, quando o senhor disse que passava a ser a minha mulher?

— O chicote fá-la-á obedecer — disse Legree, cuspiendo para o lado.

— Mas o trabalho é tanto, que não vale a pena bater-lhe agora!... Ela é magra; mas estas mulheres secas são capazes de se deixar matar para levarem a sua avante.

— Lucy é realmente uma grande velhaca — continuou Sambo, uma preguiçosa que não quer fazer nada... Foi o Tom quem trabalhou por ela.

— Ah, sim?... Então vai ter o prazer de a chicotear. Será uma boa lição para ele, e depois, não lhe bate com tanta brutalidade como vocês, diabos malditos!

Os miseráveis tiveram um riso verdadeiramente diabólico. Legree acertara na classificação.

— O peso deve estar certo — disse Sambo. — O Tom e a menina Cassy encheram-lhe o cesto.

— Quem verifica o peso sou eu! — disse Legree com ênfase.

E rogando uma praga, dirigiu-se à casa das pesagens. Lentamente, um a um, esgotados de fadiga, chegavam os trabalhadores, e com hesitação receosa, apresentavam os cestos.

Legree tinha uma ardósia onde estava colada uma lista de nomes; à frente de cada nome, registava o peso.

O cesto de Tom tinha o peso certo; Tom lançou um olhar inquieto à pobre mulher a quem ajudara.

Fraca e cambaleante, Lucy aproximou-se e apresentou o seu cesto. O peso estava certo; Legree viu bem, mas fingindo-se zangado, gritou:

— Minha grande preguiçosa! Outra vez peso a menos!... Vai para ali. Já resolvo o assunto.

— Agora vem cá tu, Tom.

Tom aproximou-se.

— Sabes que não te comprei para fazeres um trabalho qualquer, já te disse. A partir de hoje, passas a ser vigilante. E para te habituares, pega no chicote e castiga aquela mulher. Sabes como é; já deves ter visto!

— Perdão, meu senhor. Peço-lhe que não me obrigue a fazer esse serviço. Nunca o fiz... nunca... E nunca o farei. Não posso... não posso!

— Tens muito que aprender, antes de eu acabar contigo — disse Legree, pegando no chicote e dando com ele violentamente em cheio na cara de Tom, umas poucas de vezes.

— E agora? — perguntou ele quando se cansou de bater —, ainda me vais dizer que não podes?

— Oh, meu senhor — respondeu Tom, limpando com a mão o sangue que lhe escorria da cara. — Sou capaz de trabalhar de dia e de noite, enquanto me restar um sopro de vida; mas isso, acho que não é justo, e nunca o farei, nunca!

Legree pareceu ficar primeiro estupefacto, confuso, mas por fim explodiu.

— O quê, miserável animal? Não achas justo fazer o que eu mando? Por acaso um rebanho de bestas pretas como vocês sabe o que é justo ou não é?... Eu acabo já com isso!... Quem julgas tu que és?... Julgas-te algum cavalheiro, um senhor, o senhor Tom?... Atreves-te a ensinar ao teu dono aquilo que é justo ou não? Pretendes então que esta mulher não deve ser chicoteada?

— Pretendo! A pobre criatura é fraca e doente... Seria uma crueldade chicoteá-la... e nunca o farei... Mate-me, se quiser, mas levantar o braço seja para quem for... não! Antes morrer!

Tom continuava a falar com a sua voz suave e branda; mas era fácil ver até que ponto a sua resolução era inabalável. Legree tremia de fúria; os seus olhos verdes deitavam faíscas; tinha os cabelos das suíças em pé... Mas

como alguns animais ferozes, que brincam com as suas vítimas antes de as devorarem, conteve primeiro a sua violência e troçou de Tom, com um riso amargo:

— Enfim — disse ele —, aqui está um cão devoto caído do céu entre nós, os pecadores... Um santo... um cavalheiro, que nos quer converter. Deve ser um homem com muita força!... Aqui, miserável! Ah, queres fazer-te passar por uma pessoa muito religiosa?... Então deves conhecer a Bíblia, que diz: Servos, obedeci ao vosso senhor! Não sou eu o teu senhor? Não paguei duzentos dólares pela tua velha carcaça preta? Não me pertences agora de corpo e alma?...

E com a pesada bota, deu a Tom um violento pontapé.

— Responde!

Tom estava vencido pelo sofrimento físico: a opressão tirânica deitara-o por terra, e todavia, esta pergunta fez passar pela sua alma uma torrente de alegria. Pôs-se de pé, muito direito, olhou para o céu com nobre entusiasmo e, enquanto do seu rosto corria sangue e lágrimas, gritou:

— Não, não! A minha alma não lhe pertence... O senhor não a comprou... não há dinheiro que a pague... Foi comprada e paga por Alguém que a sabe guardar... Mas, que importa? A essa, o senhor não pode fazer mal.

— Ah, não posso? — disse Legree, com uma ironia infernal. Vamos ver!... Sambo, Quimbo, venham cá!... Dêem a este cão uma sova tão grande que não se possa levantar um mês.

Os dois negros gigantescos apoderaram-se de Tom. Via-se nos seus rostos o triunfo da crueldade. Eram a personificação da força das trevas. A pobre mulata soltou um grito de dor; todos os escravos se levantaram de um salto. Quimbo e Sambo levaram Tom, que não resistiu.

Ia muito avançada a noite. Tom, a sangrar e a gemer, ficara estendido numa divisão abandonada, que fizera parte do armazém, no meio de ferramentas partidas, algodão estragado, enfim, todo o lixo da casa.

Reinava a mais profunda escuridão; na atmosfera pesada zumbiam miríades de mosquitos; uma sede ardente, o maior dos suplícios, agravava ainda mais as angústias de Tom.

— Ó Senhor Deus — murmurava ele —, meu bom Deus, dai-me forças, dai-me forças para suportar!

Ouviu um ruído de passos atrás de si. e uma luz brilhou diante dos seus olhos.

— Quem está aí?... Oh, água, água, pelo amor de Deus!...

Cassy — era ela — pousou a lanterna no chão, encheu um copo com a água que trazia numa garrafa, levantou a cabeça de Tom, e deu-lhe de beber. Na sua febre abrasadora, bebeu uns poucos de copos.

Quando acabou disse:

— Obrigado, minha senhora!

— Não me chame senhora. Sou apenas, como você, uma desgraçada escrava... mais desgraçada do que você próprio poderá ser alguma vez... — E a sua voz encheu-se de amargura. E, dirigindo-se à porta e puxando um pequeno colchão, onde estendera lençóis embebidos em água fresca, disse: — Tente deitar-se aqui, pobre alma.

Coberto de chagas e moído com pancada, Tom teve dificuldade em mover-se. A água fresca acalmou-lhe as dores.

A mulher tratara muitas vezes as pobres vítimas da escravidão. Tinha muita experiência. Tratou as feridas de Tom, que depressa ficou mais aliviado.

Pôs a cabeça do doente sobre um fardo de algodão a fazer de travesseiro.

— Por enquanto é tudo o que posso fazer por si — disse ela. Tom tentou falar, mas ela impôs-lhe silêncio com um gesto imperioso.

— Não fale, pobre homem... Tente dormir, se puder. Deixou a garrafa da água perto dele, fez todos os arranjos necessários a um doente... e saiu.

## Capítulo XXIX

### Penhores da ternura

O salão de Simon Legree era uma divisão larga e comprida, provida de uma grande chaminé; as paredes tinham estado em tempos forradas com um lindo papel. Esse papel, agora húmido, rasgado e sem cor, pendia das paredes em farrapos. Respirava-se ali aquele cheiro nauseabundo e desagradável que se sente nas velhas casas fechadas há muito tempo. O papel estava coberto de manchas de vinho e de cerveja, e nalguns sítios viam-se inscrições a giz. Na chaminé ardia um lume de carvão. O tempo não estava propriamente frio; mas, naquela enorme sala, fazia de noite uma humidade penetrante, e Legree precisava de lume para acender o charuto e aquecer a água para o seu ponche. A luz avermelhada do carvão em brasa permitia ver o espectáculo pouco agradável de selas, escovas, arreios, chicotes, casacos e toda a espécie de artigos de toilette espalhados numa desordem terrível. Os fortes cães de que já falámos tinham ali um abrigo agradável.

Legree preparava um grogue e deitava para uma chávena a água de uma chaleira amachucada, murmurando:

— Esse patife do Sambo foi quem provocou esta disputa entre mim e os meus novos escravos!... E agora Tom está impossibilitado de trabalhar por uma semana, quando o trabalho aperta!

Naquele momento, a porta abriu-se, e entrou Sambo. Avançou fazendo vénias e apresentando qualquer coisa embrulhada num papel.

— Que trazes aí, grande cão?

— É um feitiço.

— Um quê?

— Uma coisa que os pretos pedem às bruxas, e que os impede de sentirem as pancadas quando são castigados... Tom trazia isto pendurado ao pescoço com uma fita preta.

Legree era supersticioso, como a maior parte dos homens cruéis e descrentes. Pegou no papel e desembrulhou-o com dificuldade.

Tirou dele um dólar de prata e uma madeixa de cabelos loiros. Os cabelos, como se estivessem vivos, enrolaram-se sozinhos nos dedos de Legree.

— Maldição! — gritou ele, numa fúria, batendo com o pé, e sacudindo a mão, como se os cabelos o queimassem... — De onde saiu isto? Tirem-me esta porcaria daqui. Atirem-na ao fogo! Ao fogo!

E atirou a madeixa de cabelos às chamas.

— Para que me vieste trazer isto?

Sambo estava parado, com a boca aberta de espanto.

— Nunca mais me tragas estas coisas do diabo! — gritou ele, mostrando o punho fechado a Sambo, que se foi embora imediatamente. A seguir, atirou o dólar pela janela.

Sambo ficou muito contente por se ver livre daquela situação. Quando ele saiu, Legree pareceu um pouco envergonhado por aquele ataque de medo; sentou-se com uma elegância de buldogue, e começou a beber o seu grogue, sem dizer uma palavra.

Que se passará com Legree? Que havia naquela madeixa de cabelo loiro para fazer empalidecer assim um homem familiarizado com todas as formas de crueldade?

Para responder a estas perguntas, temos de conduzir o leitor um pouco mais atrás no tempo.

Por mais duro, réprobo e descrente que esse homem fosse agora, tempos houvera em que fora embalado no regaço da mãe... À sua cabeceira ela murmurara cânticos e orações e a sua fronte fora banhada pela água do baptismo. Durante a primeira infância, uma mulher de cabelos loiros conduziu-o à igreja para adorar e rezar. Lá longe, na Nova Inglaterra, essa mãe educara o filho único com um amor incansável, com cuidados

permanentes. Mas, filho de um pai de coração empedernido, a quem essa terna mulher dera em vão todos os tesouros do seu amor, seguira os seus passos amaldiçoados. Brigão, desbragado, tirânico, desprezara os conselhos da mãe, e nunca mais admitiu as suas censuras. Ainda muito jovem, separou-se dela para procurar fortuna além-mar. Viera apenas uma vez a casa. A mãe, com as aspirações de um coração que precisa de amar e não tem a quem amar, dedicou-se a ele e esforçou-se, com os seus conselhos e súplicas, por o arrancar àquela vida de pecado, condenação da sua alma!

Para Legree foi uma época de felicidade.

Os anjos chamavam-no. Quase se converteu.

Mas o coração resistiu. Houve uma luta, em que o pecado saiu vencedor e voltou todas as forças dessa natureza violenta contra as convicções da sua consciência. Bebeu, praguejou, e tornou-se mais brutal do que nunca.

Certa noite, na agonia do desespero, a mãe ajoelhou-se aos seus pés; mas ele afastou-a com o pé, fazendo-a cair desmaiada no chão, e correu para o navio.

A última vez que Legree ouviu falar da mãe, foi numa noite de orgia. Encontrava-se com outros companheiros embriagados; vieram entregar-lhe uma carta. Abriu-a... e de entre as folhas caiu uma madeixa de cabelo, que também se enrolou em volta dos seus dedos.

A carta dizia que a mãe tinha morrido e que, ao morrer, lhe perdoara e o abençoara.

O mal tem o seu fatídico e sombrio sortilégio, que transforma as coisas mais simples e encantadoras em fantasmas de horror e medo. Aquela pobre mãe tão carinhosa, as suas últimas orações, o seu amor que perdoava, não foram para aquele coração diabólico, cheio de pecados, mais do que uma sentença de condenação. Fazia-o prever, numa terrível perspectiva, o juízo supremo e a indignação de Deus! Legree queimou a carta e a madeixa de cabelos; mas quando os viu contorcerem-se e crepitar nas chamas, estremeceu à ideia do fogo eterno. Então, bebeu para se aturdir e expulsar para sempre de si aquela recordação importuna. Mas muitas vezes, a meio da noite, quando o silêncio solene condena o espírito dos maus a conversarem com a própria consciência, via a mãe erguer-se, muito pálida,

à cabeceira da cama, e em redor dos seus dedos sentia enrolar-se a madeixa de cabelos. Ficava alagado em suores frios. E saltava da cama, cheio de horror.

Grossas gotas de suor perlavam-lhe agora a testa, e o medo fazia-lhe bater o coração vertiginosamente... Julgou ver uma sombra branca que se levantava do chão e deslizava pela sala, e estremeceu, pensando que talvez a alma da mãe fosse aparecer na sua frente.

— Então, pelo menos sei uma coisa — disse para consigo, entrando no salão, onde se sentou. — Por agora é preciso deixar esse homem tranquilo... Ao tocar naquelas coisas, parece-me que fiquei embruxado... Desde esse momento, comecei a sentir suores frios... Onde teria ele ido buscar aquela madeixa de cabelos?... Não pode ser a... Oh, não! Essa, queimei-a... tenho a certeza de que a queimei... Havia de ter que ver se os cabelos saíssem sozinhos da cabeça dos mortos! Vou mandar chamar o Sambo e o Quimbo, para cantarem e dançarem uma daquelas danças infernais... Isso vai distrair-me destas ideias horríveis.

Pôs o chapéu, dirigiu-se à varanda e tocou uma corneta que usava para chamar os dois acólitos.

Legree, quando estava bem disposto, admitia de boa vontade aqueles dois patifes no seu salão e, depois de os ter aquecido com aguardente, mandava-os dançar, cantar ou lutarem um com o outro, conforme o capricho do momento.

Devia ser entre a uma e as duas da manhã: Cassy, que voltava de tratar o pobre Tom, ouviu aqueles gritos e hurros, aquele bater de pés, de mistura com o ladrar dos cães, em resumo, um verdadeiro baile de demónios.

Aproximou-se dajanela e espreitou.

Legree e os dois vigilantes, num estado de embriaguez furiosa, cantavam, ululavam, deitavam as cadeiras ao chão e faziam uns aos outros caretas horrorosas.

Cassy apoiou a pequena não no parapeito dajanela... Podia ler-se nos seus olhos angústia, ira e desprezo, e disse para consigo:

— Seria verdadeiramente pecado livrar o mundo desses miseráveis?



Legree, vencido pelo álcool, caíra a dormir no meio do salão. Quando acordou, não quis que ninguém assistisse à sua conversa com Tomás. Queria, se não conseguisse dominá-lo com ameaças, pelo menos adiar a vingança e esperar uma boa ocasião.

A luz solene da aurora, os raios angélicos da estrela de alva tinham penetrado no humilde abrigo do escravo e, com os seus suaves raios, lançavam sobre ele majestosamente estas palavras: Eu sou o filho de David, a brilhante estrela da manhã. Os avisos e conselhos de Cassy não tinham abatido a sua alma; pelo contrário, fortaleceram-na como um apelo que viesse do alto. Ele pensava que talvez fosse o seu último dia de vida que começava a erguer-se no céu; e o seu coração batia de extrema emoção... Cheio de anseios. Pensava que talvez aquele grande mistério com que sonhara tanta vez, aquele enorme trono de uma brancura luminosa, rodeado de arco-íris radiosos, aquela multidão de anjos vestidos de branco, cuja voz soa como o murmúrio das águas, as coroas, as palmas, as harpas de ouro, tudo ia enfim revelar-se aos seus olhos antes de acabar o dia. Por isso, sem estremecer, ouviu os passos e a voz do seu carrasco.

— Então, meu velho — disse Legree, tocando-lhe desdenhosamente com o pé —, como estás? Não te tinha avisado de que te ensinava uma ou duas coisas?... Que te parece? Ficou-te de lição? Continuas tão teimoso como ontem? Estás disposto a pregar os teus sermões a este pecador?

Tom não respondeu.

— Vá, levanta-te, animal! — gritou Simon, dando-lhe outro pontapé.

Levantar-se era difícil para quem estava, como ele, moído com pancada. Tom esforçou-se em vão por se levantar... Legree deu uma gargalhada brutal.

— Não estás hoje bem-disposto, Tom; talvez tenhas apanhado frio ontem à noite?

Todavia, o pai Tomás tinha conseguido levantar-se, e estava de pé em frente do seu senhor, com expressão calma e serena.

— Ah, já te levantaste! Vejo que não apanhaste o bastante... E agora, de Joelhos, e pede-me perdão pelo que me disseste ontem à noite.

Tom não esboçou o mais pequeno movimento.

— De joelhos, cão! — gritou Legree, dando-lhe uma chicotada.

— Senhor Legree — disse Tom —, eu não posso fazer uma coisa dessas. Fiz o que achei justo; e, de futuro, farei sempre o mesmo. Nunca farei mal a ninguém, suceda o que suceder!

— É porque não sabes o que vai suceder, mestre Tom. Julgas que foi uma grande coisa, o que apanhaste ontem? Não foi nada, absolutamente nada!... Gostavas que te amarrassem a uma árvore e te fizessem uma fogueira à volta? Era agradável, não era, Tom?

— Eu sei que o senhor é capaz de fazer coisas terríveis, mas...

endireitou-se e pôs as mãos. — Mas, depois de me matar, já não me pode fazer mais nada. Porque depois disso só há a ETERNIDADE!

ETERNIDADE! Só esta palavra encheu de forças e de luz a alma do pobre escravo. e o pecador sentiu no coração como a mordedura de um lacrau. Legree rangeu os dentes, mas a própria raiva obrigou-o a calar-se: e Tom, livre de todo o sofrimento, falou com voz clara e satisfeita.

— O senhor comprou-me, e eu serei um escravo bom e fiel; dou-lhe todo o trabalho de que for capaz, todo o meu tempo, a minha força... Mas a minha alma; não a darei a um mortal... porque ela pertence a Deus. E os seus mandamentos estão para mim acima de tudo, acima da vida e da morte. E pode ter a certeza, Senhor Legreee, que eu não tenho medo nenhum da morte... e recebo-a com alegria... quando ela chegar!

Pode chicotear-me... deixar-me morrer de fome... queimar-me vivo... tudo isso fará com que eu chegue mais cedo onde tenho que chegar!

— Por fim, acabarás por ceder — disse Legree, furioso.

— Não, porque terei ajuda — respondeu Tom.

— E quem diabo virá ajudar-te?

— Deus todo-poderoso.

— Maldição!

E com um simples soco Legree atirou Tom por terra.

— Tem cuidado — disse ele —, por agora deixo-te em paz, porque o trabalho é urgente e preciso de todos os meus escravos; mas eu não me

esqueço... Registo na tua conta, e depois pago-me na tua velha carcaça com juros e capital! Ficas avisado!

E Legree foi-se embora.

## Capítulo XXX

### Liberdade

Deixemos por algum tempo o pobre pai Tomás nas mãos dos seus carrascos e vejamos o que aconteceu a Jorge e à mulher, que abandonámos a meio da sua fuga.

Nessa altura, Tom Loker gemia e agitava-se na cama limpa de um quaker, assistido pelos cuidados maternos da velha Dorcas, que o achava tão paciente e tratável como um búfalo.

Imaginem uma mulher alta, amável, digna e reservada. Uma touca de musselina escondia em parte os cabelos brancos e ondulados, divididos ao meio por cima de uma testa alta e lisa. Os seus olhos eram cinzentos e pensativos. Um lenço de crepe liso, branco como a neve, cruzava-se castamente sobre o peito. O vestido de seda, escuro e sedoso, roçagava calmamente cada vez que ela atravessava o quarto.

— Raios partam — exclamou Tom Loker dando um grande soco nos cobertores.

— Tomás, peço-te que não empregues essas expressões — disse Dorcas, arranjando tranquilamente os cobertores.

— Está bem, velhota, vou evitar se puder; mas faz tanto calor, que é capaz de me sair alguma pela boca fora, sem querer!

Dorcas tirou o edredão e levantou a colcha de tal maneira, que Tomás parecia uma crisálida. E enquanto se dedicava a estes pequenos cuidados, disse:

— Meu amigo, gostava que deixasses de praguejar e resmungar constantemente... Esse comportamento fica-te mal.

— Ah, ah! Quero cá saber do comportamento... raios partam!

E Tomás Loker deu um pulo na cama, fazendo cair os cobertores e deixando a roupa na maior desordem.

— Esse homem e essa mulher estão cá? — perguntou ele de repente, após um curto silêncio.

— Estão — respondeu Dorcas.

— Era melhor que atravessassem o lago, e o mais depressa possível.

— É com certeza o que eles vão fazer — disse à parte a velha Dorcas, continuando a fazer malha tranquilamente.

— Nós temos correspondentes no Sandusky, que vigiam os barcos por nossa conta. Agora não me importo de o dizer. Até gostava que eles se salvassem... ainda que mais não fosse para fazer arreliar esse... cobarde do Marks, esse...

— Cuidado, Tomás!

— Está bem, velha. Quando as garrafas estão cheias de mais, rebentam... E a propósito da mulher, diz-lhe que mude de vestido... Em Sandusky têm os sinais dela.

— Trataremos disso — continuou Dorcas com a sua serenidade habitual.

Tom Loker, que não tornaremos a ver, ficou três semanas doente em casa dos quakers. Além de todos os seus outros males, foi atacado de reumatismo. Acabou por sair da cama um pouco triste, mas com mais senso comum. Em vez de se dedicar à caça dos escravos, estabeleceu-se numa região inculta e aplicou os seus talentos, com mais resultado, na caça ao urso, aos lobos e outros habitantes da floresta. Falava sempre dos quakers com respeito:

— São boas pessoas — dizia ele —, boas pessoas; quiseram converter-me, mas não conseguiram. Digo-lhes que para tratar de doentes!... São óptimos! E ninguém faz melhores bolos e uma porção de outras coisas.

Os nossos fugitivos sabiam que iam ser vigiados no Sandusky e dividiram-se. Jim e a velha mãe foram à frente. Uma ou duas noites depois, Jorge, Elisa e o filho foram por sua vez conduzidos a Sandusky, e encontraram asilo e um tecto hospitaleiro, antes de atravessarem o lago.

Terminara a noite; a estrela da manhã, que devia brilhar sobre a sua liberdade, levantava-se radiosa em frente deles. Liberdade, palavra mágica, quem és tu? Não serás mais do que uma palavra, uma flor de retórica? Porquê então, homens e mulheres da América, basta esta palavra para o coração lhes bater mais rapidamente? Que significava a liberdade para Jorge Harris? Para os vossos pais, a liberdade é o direito que qualquer nação tem de ser nação; para ele, era o direito que todo o homem tem de ser um homem, e não um animal. O direito de chamar à mulher que ama sua mulher, de a proteger contra qualquer violência ilegal, o direito de proteger e educar os filhos, o direito de ter a sua casa, a sua religião, os seus princípios, sem depender da vontade de ou trem.

Eram estes os pensamentos que se agitavam e borbulhavam no peito de Jorge, enquanto apoiava a cabeça sonhadora à mão, olhando a mulher, que tentava adaptar roupas de homem à sua figura elegante e esguia. Pareceu-lhes que sob este disfarce seria mais fácil escapar.

— Porque estás tão triste? — perguntou Elisa, curvando o joelho e pondo a mão sobre a mão do marido. — Dizem que não estamos a mais de vinte e quatro horas do Canadá. É um dia e uma noite no lago... e depois. E depois...

— É isso — disse Jorge, puxando-a para si. — É isso mesmo! Vai decidir-se a minha sorte! Estar tão perto da liberdade, tê-la quase, e depois perdê-la! Oh, eu não poderei sobreviver.

— Não tenhas medo. Deus não permitiria que viéssemos tão longe, se não quisesse salvar-nos. Sinto que Deus está connosco, Jorge!

— Quero acreditar-te, Elisa — disse Jorge, levantando-se de repente —, sim, quero acreditar-te... Vamos, na verdade — disse ele afastando-a um pouco com o braço — és um lindo rapaz: essa pasta de caracóis fica-te maravilhosamente. Deixa ver o boné. um pouco mais para o lado. Nunca estiveste tão linda. Mas são horas de chegar o carro... Pergunto se a Senhora Smyth tratou de vestir o Harry.

A porta abriu-se e uma senhora respeitável, de meia-idade, entrou, trazendo pela mão o Harry, disfarçado de menina.

— Que menina tão bonita! — disse Elisa, andando em volta dele.

— Vamos chamar-lhe Hamette. Não lhe fica bem este nome?

O garoto estava calado e tímido. Olhava a mãe sob o seu novo traje.

— Harry, não conheces a mãe? — perguntou ela, estendendo-lhe os braços.

A criança agarrava-se às saias da mulher que o tinha trazido.

— Consta para aí — disse a Senhora Smyth — que uns homens assinalaram aos comandantes de todos os barcos um homem, uma mulher e um rapazinho.

— Ah, sim? — disse Jorge. — Pois bem, se eu os encontrar, dou-lhes notícias deles...

Parou um carro à porta, e a amável família que albergara os fugitivos agrupou-se em volta deles, para as despedidas.

Os disfarces tinham sido escolhidos a conselho de Loker. A Senhora Smyth, respeitável dama do Canadá, voltava nessa altura ao seu país, e consentira em passar por tia de Harry; só ela é que tomara conta dele durante os últimos dias; uma provisão de doces, biscoitos e torrões de açúcar cimentara uma aliança íntima entre ela e o pequeno.

O carro parou no cais. Os dois jovens atravessaram a prancha. Elisa dava galantemente o braço à Senhora Smyth. Jorge vigiava as bagagens.

Enquanto Jorge estava na cabina do comandante, pagando a passagem do seu grupo, ouviu a conversa de dois homens que se encontravam muito perto dele.

— Reparei em toda a gente que subiu para bordo — dizia um — e tenho a certeza de que não vieram.

Quem falava assim era o contabilista de bordo; o outro era o nosso amigo Marks que, com a sua perseverança habitual, fora até ao Sandusky em perseguição da sua presa.

— A mulher — dizia ele — mal se distingue de uma branca; o homem é levemente bronzeado e tem uma queimadura na mão.

A mão que Jorge estendia para receber os bilhetes e o troco tremeu, mas voltou-se lentamente e lançou um olhar calmo e indiferente ao homem que acabava de falar, e depois foi ter com Elisa que o esperava no outro extremo do barco.

A Senhora Smyth e Harry tinham-se retirado para a sala das senhoras, onde a beleza da criança atraiu as carícias das viajantes.

A sineta deu o sinal de partida, Jorge teve a satisfação de ver Marks abandonar o barco e voltar para terra. Deu um suspiro de alívio quando as primeiras voltas da roda puseram entre eles uma distância salvadora.

Estava um dia lindo. As vagas azuis do lago Eric saltavam, luminosas, com raios dourados. Uma fresca brisa soprava da margem, e o navio soberbo ia traçando um sulco por entre as ondas.

Que mundo estranho encerra o coração do homem nas suas profundezas!... Quem, ao ver Jorge passear tranquilamente com o seu tímido companheiro na ponte do barco, poderia adivinhar os pensamentos que lhe assaltavam o peito? A felicidade que se aproximava parecia-lhe demasiado bela para ser verdadeira. Sentia uma certa inquietação; receava que de um momento para o outro lhe arrancassem a sua última esperança.

Mas o navio continuava a sua marcha, as horas passavam e, finalmente, próxima e visível, erguia-se a margem inglesa... margem que tem o nome de uma palavra mágica, e cujo contacto liberta de todas as algemas da escravatura, em qualquer língua que seja pronunciada, seja qual for a lei que a proteja...

Aproximavam-se da pequena cidade de Amherstberg, no Canadá. Jorge deu o braço à mulher... a sua respiração tornou-se curta e irregular... passou-lhe uma nuvem nos olhos; apertou disfarçadamente a pequena mão que tremia agarrada ao seu braço; a sineta tocou, e o barco parou... Jorge nem sabia o que fazia... Juntou as bagagens e reuniu a sua gente. Desembarcaram e esperaram que todos se fossem embora.

Então, marido e mulher, com o filho nos braços, ajoelharam na margem e elevaram o coração para Deus.

Quem poderia descrever o encanto daquele primeiro dia de liberdade?

Oh! Existe um sexto sentido, o sentido da liberdade, mil vezes mais alto e mais nobre do que os outros sentidos! Andar, falar, respirar, sem controlo e sem perigo! Quem poderá jamais descrever esse sonho abençoado de um homem livre, a quem as leis asseguram o gozo dos direitos que Deus lhe deu? Como era sedutor para a mãe aquele rosto adormecido de um filho que a recordação de mil perigos tornara mais



precioso!... Oh, para eles, na exuberância da sua felicidade, não era possível o sono. E todavia, não tinham um palmo de terra que lhes pertencesse; tinham gasto até ao último dólar... Tinham o mesmo que a ave nos céus, a flor nos campos... e não podiam dormir, por excesso de felicidade!

## Capítulo XXXI

### Vitória

Quantos de entre nós, nesta estrada da vida, não pensámos muitas vezes que é mais fácil morrer do que viver?

O mártir, perante a morte cheia de horrores, tormentos e angústias, encontra nos próprios terrores do seu destino um estímulo e um amparo; há uma espécie de ânsia de viver, uma febre, um ardor que nos fazem atravessar corajosamente essa crise de dor — o sentimento da eterna glória.

Mas viver, arrastar consigo dia a dia, o peso, a amargura, a vergonha e a servidão... sentir cada nervo torturado, todas as fibras da sensibilidade quebradas uma após outra... sofrer esse longo martírio do coração. Ver escoar-se gota a gota, o sangue, o melhor sangue da vida. Ah, essa é que é a bitola que mostra verdadeiramente o que existe no interior de um homem ou de uma mulher.

Quando Tom se encontrou frente a frente com o seu algoz, quando ouviu as suas ameaças, quando julgou que tinha chegado a sua última hora, o coração bateu-lhe corajosa e alegremente no peito, sentiu que podia suportar a tortura e o fogo... numa palavra, tudo... levantando os olhos para a imagem abençoada de Jesus e do céu. Mas quando o carrasco partiu, quando a excitação presente acalmou, então voltou-lhe o sentimento da dor, viu como tinha os membros feridos e martirizados, e compreendeu até que ponto estava abandonado, degradado, aviltado e sem esperança.

Foi um dia longo e penoso.

Muito antes de estar curado das feridas, Legree exigiu que ele voltasse ao trabalho no campo. Sofreu tiranias, vexames, injustiças de toda a espécie... tudo quanto pode inventar um homem tão vil como malvado.

A paz da consciência, a confiança em Deus que o ajudara até ali davam agora lugar a sombrios acessos de dúvida e desespero. Tinha

permanentemente diante dos olhos o tenebroso problema do seu destino... as almas torturadas, o mal triunfando, e Deus silencioso!... Havia semanas, meses, que a sua alma dolorida estava cheia de trevas e amargura. Pensava na carta que a Menina Ofélia escrevera aos seus amigos de Kentucky, e pedia ardentemente a Deus que mandasse alguém para o libertar. Todos os dias tinha a vaga esperança de ver chegar quem o resgatasse... Não vinha ninguém, e o coração ficava mais desolado e triste do que nunca!

Uma noite, ao pé de uns pobres tições onde cozia a magra ceia, estava sentado, no maior estado de prostração e abandono. Atirou alguns gravetos ao lume para o avivar e tirou a Bíblia da algibeira; encontrou todas aquelas passagens notáveis que haviam feito tanta vez bater o coração, as palavras dos patriarcas e dos profetas, dos poetas e dos sábios... As palavras sagradas tinham perdido o seu poder? Os olhos turvos e quase cegos não conseguiam compreender-lhes o sentido? Já nada respondia àquela inspiração, outrora tão poderosa?

Tom suspirou profundamente... e tornou a meter o livro no bolso. Soou uma enorme gargalhada junto dele.

Tom levantou os olhos e viu Legree.

— Então, velho, já te convenceste de que a religião não serve para nada? Eu bem sabia que acabava por te tirar essa ideia da cabeça!

Este sarcasmo foi mais cruel para Tom do que a fome, o frio ou a miséria.

Mas não respondeu nada.

— És uma besta! — continuou Legree. — Quando te comprei, tinha boas perspectivas para ti. Ficavas aqui melhor do que o Sambo e o Quimbo; tinhas vida regalada; em vez de seres chicoteado todos os dias ou dia sim, dia não, chicoteavas os outros; andavas à vontade por onde quisesses e, de vez em quando, para aquecer, tinhas um copo de ponche ou de aguardente... Confessa, não tinha sido melhor? Vá, atira para o fogo esse pacote de asneiras, e segue a minha religião.

— Deus me livre! — exclamou Tom.

— Bem vêes que Deus não te protege... Se te protegesse, não tinha permitido que eu te comprasse! A vossa religião é uma mentira pegada. Sei

isso muito bem. Era muito melhor passares-te para o meu lado... Eu sou alguém e tenho algum poder!

— Não, senhor — disse Tom —, não. Quer Deus me ajude ou me abandone, eu seguirei a sua religião e acreditarei n'Ele até ao fim.

— Pior para ti — disse Legree cuspiendo-lhe para cima com desprezo, e empurrando-o com o pé. — Não faz mal, eu hei-de dominar-te, verás!

E Legree afastou-se.

Entretanto, Cassy estabelecera um plano para vingar, numa hora terrível, todas as crueldades de que fora vítima ou testemunha.

Certa noite, todos dormiam na cabana de Tom. O escravo acordou de repente, e viu a cara de Cassy, que espreitava pelo buraco que servia dejanela. Fez um gesto, convidando-o a sair.

Tom saiu.

Devia ser uma ou duas horas da manhã. Fazia um claro luar. Em redor tudo era calma e silêncio. Um raio de luz caiu sobre o rosto de Cassy. Tom viu uma chama ardente passar nos seus olhos pretos e selvagens; já não era um olhar de sombrio desespero.

— Venha cá, pai Tomás — disse ela agarrando-lhe o braço com a pequena mão e puxando-o com tanta força que a mão parecia de aço.

— Venha cá, tenho uma novidade para lhe dar.

— O que é, menina Cassy? — perguntou Tom, espantado.

— Quer ser livre, Tom?

— Hei-de ser, quando Deus quiser!

— Pode ser já esta noite!... — E novo clarão brilhou nos olhos de Cassy. — Venha!

Tom hesitou.

— Venha! — continuou ela em voz baixa e fixando-o com os seus grandes olhos —, venha! Ele está a dormir profundamente... Pus-lhe uma dose na aguardente, para dormir... Se tivesse mais, não precisava de si... Mas venha... A porta das traseiras está aberta. Está lá um machado. Fui eu que lá o pus. A porta do quarto dele também está aberta; eu vou ensinar-lhe

o caminho. Eu própria fazia tudo sozinha, mas não tenho coragem! Ande, venha!

— Não, menina, nem por todo o ouro do mundo! — disse o pai Tomás com firmeza e recuando, apesar de todos os esforços de Cassy para o arrastar.

— Pense em todos estes desgraçados! Damos-lhes a liberdade. Vamos para qualquer parte, para as savanas, para uma ilha... Qualquer outra coisa é melhor do que isto!

— Não — disse Tom —, não. Do mal nunca pode vir o bem; antes queria que me cortassem a mão.

— Está bem, vou fazer tudo sozinha — disse Cassy afastando-se.

— Ó, menina Cassy — E Tom pôs-se de joelhos diante dela. — Em nome do Salvador que morreu por nós, não venda assim a sua preciosa alma ao diabo!... Daí só lhe pode vir mal! O Senhor não nos chama à vingança. É preciso sofrer e esperar a hora marcada por Deus!

— Esperar! — disse Cassy —, esperar! Não esperei já tanto que tenho o coração despedaçado e a razão confusa? O que ele me tem feito sofrer... a mim, e a todas estas pobres criaturas!... E a si, não está a esgotar o sangue da sua vida?... Sim, eu sou chamada... e é a vingança que me chama!... Chegou a vez dele! Quero o seu sangue!

— Não! Não! — exclamou Tom, agarrando-lhe as mãos que se contorciam em movimentos convulsivos. — Não, pobre alma perdida! Não pode ser, não pode ser! O Senhor apenas derramou o seu próprio sangue, e derramou-o pelos próprios inimigos... Senhor, ajudai-nos a seguir o vosso exemplo e a amar os nossos inimigos!

— Ámen! — disse Cassy, com um estranho olhar. — Amar semelhantes inimigos? É superior à carne e ao sangue!

— Não está na nossa natureza, mas está na graça... e isso chama-se vitória!... Enquanto pudermos amar e rezar em qualquer ocasião e apesar de tudo, a vitória está ganha. Glória a Deus. — E com os olhos húmidos e a voz a tremer, Tom olhou para o céu.

Cassy não respondeu nada, mas grossas lágrimas caíam-lhe dos olhos baixos.

Tom contemplou-a um momento em silêncio; depois, com voz hesitante:

— Se pode fugir, aconselho-a a que parta, sem derramar sangue... mas de outra maneira, não!

— Quer tentar comigo, pai Tomás?

— Não. Houve uma altura em que era capaz de o fazer, mas Deus confiou-me uma tarefa junto destes desgraçados. Fico junto deles, e com eles levarei a minha cruz até ao fim! Consigo não se passa o mesmo... está cheia de tentações... e talvez não pudesse resistir... mais vale que fuja, se puder. Tente. Eu rezarei por si com todas as forças da minha alma.

— Vou tentar, pai Tomás.

— Ámen! — disse Tom. — Que Deus a ajude!

## Capítulo XXXII

### O mártir

A maior das viagens tem o seu termo, a noite mais sombria termina com a aurora... A fuga incessante, inexorável das horas, leva o dia do mau para a noite eterna, e a noite do bom para o eterno dia. Acompanhamos durante bastante tempo o nosso pobre amigo no vale de lágrimas da escravatura. Atravessámos os campos em flor da indulgência e da bondade. Assistimos às separações que partem o coração, quando o homem é arrancado a tudo quanto ama. Aportámos com ele a essa ilha cheia de sol, onde mãos generosas enfeitavam as cadeias com grinaldas de flores. Finalmente, sempre com ele, vimos os últimos raios de esperança terrestre diluírem-se na sombra. Vimos como, no horror das trevas mais densas, o firmamento do desconhecido se iluminou de repente com o esplendor profético de novas estrelas.

E agora eis que a estrela da manhã se ergue na montanha! Sentimos brisas e zéfiros que não são deste mundo. Eis que em breve se vão abrir as portas da luz eterna.

A fuga de Cassy irritou ao extremo o carácter já de si terrível de Legree. Conforme era de esperar, a sua cólera caiu sobre Tom, inocente e sem defesa. Quando Legree anunciou a fuga aos escravos, Tom levantou os olhos e as mãos ao céu. Legree deu por isso. A ira há muito acumulada contra o escravo transformou-se em raiva invencível. Não tinha aquele homem desafiado as suas resoluções inabaláveis, desde o primeiro momento em que o comprara?

— Odeio-o! — disse Legree, sentando-se na borda da cama. Odeio-o e ele pertence-me. Não posso fazer dele o que eu quiser? Quem pode impedir-me?... Quimbo — chamou ele —, vai buscar o Tom e traz-mo aqui, depressa!... Esse velho malandro está a par do caso... E vai despejar tudo cá para fora, ou não seja eu quem sou!

Sambo e Quimbo, que se detestavam mutuamente, só estavam de acordo no seu ódio a Tom. Legree dissera-lhes primeiro que comprara Tom para o fazer vigilante geral durante a sua ausência. Foi essa a origem da sua raiva, que aumentou ainda mais naquelas naturezas vis, quando perceberam que o escravo caíra em desgraça.

Compreende-se assim a pressa que teve Quimbo em cumprir as ordens de Simon.

Quando recebeu o recado, Tom teve um pressentimento na alma. Conhecia o carácter terrível do homem com quem ia lutar; conhecia o seu poder despótico; mas sabia também que Deus lhe daria forças para desafiar a morte antes de trair os fracos e desgraçados.

Pôs o cesto no chão, e ergueu os olhos ao alto:

— Senhor — murmurou ele —, entrego a minha alma nas Vossas mãos.

E entregou-se sem resistência às mãos brutais de Quimbo.

— Ah, ah! — exclamou o gigante arrastando-o —, agora vais ajustar contas. O senhor já o devia ter feito há mais tempo. Agora não andarás para trás!... Ajudar!... Com certeza! Ah, ah! Ajudar os pretos do senhor a fugir! Vais ser... Vamos ver!

Nem uma só destas palavras selvagens foi escutada por Tom. Uma voz que vinha do alto segredava-lhe:

— Não temas aqueles que podem matar o teu corpo, mas que depois já não podem mais nada! — E a estas palavras, os ossos e os nervos do pobre escravo vibravam como se tivessem sido tocados pelo dedo divino! Caminhava, e as árvores, os arbustos, as cabanas dos escravos, e toda a natureza em volta, testemunha da sua degradação, passavam confusamente perante os seus olhos, como a paisagem que foge diante de um carro levado por velozes cavalos. Sentia bater o coração... Já via a sua pátria celeste... sentia que se aproximava a sua hora!

Legree avançou para ele e, agarrando-o bruscamente pela gola do casaco, gritou no paroxismo da cólera:

— Sabes que resolvi matar-te?



— É possível, senhor — respondeu Tom, com a maior calma.

— Sim... resolvi... matar-te — continuou Legree, martelando as palavras —, se não me contares tudo o que sabes...

Tom ficou calado.

— Estás a ouvir? — gritou Legree, batendo o pé, com a fúria de um leão. — Fala!

— Não tenho nada a dizer, senhor — continuou Tom, devagar, com voz firme e decidida.

— Atreves-te a falar-me assim, velho negro cristão? Quer dizer que não sabes?

Tom continuou em silêncio.

— Fala! — rugiu Legree, com voz de trovão, e batendo-lhe desalmadamente. — Sabes alguma coisa?

— Sei, mas não posso dizer... Nem que me mate!

Legree respirou com esforço; dominou a sua raiva, agarrou Tom pelo braço e aproximando-se, cara contra cara, disse-lhe com voz terrível:

— Ouve bem. Tu julgas que, porque te deixei ficar para aí uma vez, não estou a falar verdade... Mas agora tomei uma decisão. Calculei a despesa! Resististe-me sempre... Pois bem, vou dominar-te ou matar-te! Das duas, uma! Vou tirar-te o sangue das veias gota a gota, até cederes.

Tom levantou os olhos para o seu algoz, e respondeu:

— Se o meu senhor estivesse doente, a morrer, e eu pudesse salvá-lo... oh, então eu daria todo o meu sangue de boa vontade. Sim, se todo o sangue deste pobre corpo pudesse salvar a sua alma, dava-o como o Salvador deu o seu próprio sangue por mim! Senhor, não queira carregar com esse enorme pecado! Fará mais mal a si do que a mim! Seja o que for que faça, os meus sofrimentos acabarão depressa; mas se não se arrepender, os seus nunca mais terão fim!

As palavras de Tom, no meio das violências de Legree, eram como uma rajada de música celestial no meio da tempestade. Esta expansão de

ternura foi seguida por uns segundos de silêncio. Legree ficou imóvel, com ar espantado. Mas foi apenas um instante.

Sentiu hesitação e incerteza, mas o espírito do mal assaltou-o com mais força e Legree, espumando de raiva, tornou a bater na sua vítima.

Nenhuma tortura lhe anrancou outras palavras senão as da prece e da fé.

— Ele vai morrer, senhor — disse Sambo, emocionado involuntariamente.

— E mais! E mais! Até que ceda — urrou Legree. — Ou confessa, ou mato-o.

Tom abriu os olhos e fixou o seu senhor.

— Desgraçado! — disse ele —, não consegue mais do que isto...

E desmaiou.

— Parece que está pronto — disse Legree aproximando-se para o observar. — Sim, está morto! Pelo menos calou-se... Já é uma vantagem.

O pai Tomás não estava morto. As orações piedosas, e as estranhas palavras que pronunciara fizeram uma profunda impressão nos dois miseráveis transformados em instrumentos do seu suplício. Quando Legree se foi embora, levantaram-no e tentaram reanimá-lo...

— Parece-me que fizemos uma coisa muito má — disse Sambo — mas espero que a culpa seja do senhor, e não nossa!

Lavaram-lhe as feridas e arranjaram-lhe uma cama de desperdícios de algodão. Um deles correu a casa e pediu, como se fosse para ele, um copo de aguardente que lhe deu a beber.

— Tom! Nós fizemos-te muito mal! — disse Quimbo.

— Eu perdoo-lhes do fundo do meu coração — respondeu Tom, quase sem voz.

— Ó Tom, explica-nos como é esse tal Jesus. O Jesus que ficou toda a noite ao pé de ti, quem é?

Estas palavras reanimaram o espírito que desfalecia. Em frases breves explicou quem era esse Jesus. Contou a Sua vida e morte, a Sua presença

em toda a parte, e o Seu poder salvador!

E... aqueles dois homens ferozes, choraram!

— Então porque não ouvimos falar d'Ele há mais tempo? perguntou Sambo. — Mas agora, acredito! Tenho de acreditar!... Senhor Jesus, tem piedadade de nós!

— Pobres criaturas — dizia Tom —, como eu queria sofrer ainda mais para os conduzir no caminho de Cristo! Ó Senhor, concedei-me ainda estas duas almas!

E Deus ouviu esta súplica.

## Capítulo XXXIII

### O jovem senhor

Dois dias mais tarde, um jovem, conduzindo uma leve carruagem, atravessava a avenida bordada de árvores-da-china. Atirou as rédeas sobre o pescoço dos cavalos e perguntou onde estava o dono da casa.

Esse jovem era Jorge Shelby.

Para sabermos como se encontrava ali, temos de voltar um pouco atrás na nossa história.

A carta que a Menina Ofélia escrevera à Senhora Shelby ficou retida um ou dois meses na estação dos correios. Entretanto, o pai Tomás foi vendido e levado, conforme vimos, para as margens do rio Vermelho.

Esta notícia afligiu muito a Senhora Shelby, mas naquele momento nada se podia fazer. Ela estava à cabeceira do marido doente, e por vezes com delírios causados pela febre. Jorge Shelby transformara-se num homem. Ajudava a mãe e tomava conta da administração geral dos negócios da família. Ofélia tivera o cuidado de indicar a direcção do procurador de Saint-Clare. Escreveram-lhe a pedir informações: a situação da família não lhes permitia fazerem mais nada. A morte do Senhor Shelby trouxe outras preocupações.

O Senhor Shelby provou a sua confiança na habilidade da mulher, deixando-lhe a administração da sua fortuna: era dar-lhe mais preocupações.

A Senhora Shelby, com a sua energia habitual, começou a desembaraçar aquela meada. Ela e Jorge preocuparam-se primeiro em examinar e verificar as contas, em vender e pagar as dívidas. A Senhora Shelby queria liquidar as dívidas, fosse como fosse. Foi nessa altura que chegou a resposta do procurador: não sabia nada. Tom tinha sido vendido

em leilão pelo preço que convinha à Senhora Saint-Clare, e não sabia dizer mais nada.

Nem Jorge nem a Senhora Shelby podiam contentar-se com semelhante resposta. Passados seis meses, os negócios da Senhora Shelby obrigaram Jorge a deslocar-se ao Sul do Ohio; resolveu ir também a Nova Orleães e saber notícias do seu pobre Tom.

Após longas e infrutíferas buscas, Jorge encontrou um homem de Nova Orleães que lhe deu todos os pormenores necessários.

Com dinheiro no bolso, partiu para o rio Vermelho, decidido a resgatar o seu velho amigo.

Mandaram-no entrar. Legree estava no salão e recebeu o jovem estrangeiro com uma delicadeza bastante inesperada.

— Soube que comprou em Nova Orleães um escravo chamado Tom — disse Jorge. — Pertencia à casa do meu pai, e venho ver se é possível resgatá-lo.

Legree franziu a testa e teve novo ataque de fúria.

— Sim — disse ele —, comprei com efeito um indivíduo com esse nome... Fiz um péssimo negócio! É um cão sem vergonha, um patife sempre revoltado. Incitava os meus negros a fugirem. Está à beira da morte, não sei se escapará...

— Onde está ele? — perguntou Jorge. — Quero vê-lo!

— Está naquele armazém — disse um rapazinho que segurava o cavalo de Jorge.

Legree rogou uma praga e deu um pontapé no rapaz. Jorge, sem dizer mais nada, correu para o armazém.

Tom ficara deitado dois dias depois daquela noite fatal. Já não sofria... Todos os nervos que o podiam fazer sentir a dor se tinham quebrado... Estava numa espécie de torpor tranquilo. Um organismo robusto e resistente não liberta tão depressa a alma que alberga; de vez em quando, durante a noite, os escravos roubavam alguns instantes ao seu repouso para lhe levarem o consolo do afecto que ele prodigalizara a todos... Coitados!

Tinham tão pouco para lhe dar: a sede de água de que fala o Evangelho! Mas davam-na com todo o coração.

Quando Jorge entrou no velho armazém, sentiu a cabeça andar à roda... Julgou que ia desmaiar.

— É possível? É possível, pai Tomás? Meu pobre e velho amigo! E ajoelhou-se no chão ao lado de Tom.

Havia naquela voz qualquer coisa que penetrava até à alma do moribundo... Voltou a cabeça devagar e disse:

— Deus tornou o meu leito de morte mais suave do que o arminho.

Jorge inclinou-se para o pobre escravo, e deixou cair grossas lágrimas que condiziam com o seu coração viril.

— Pai Tomás, meu querido amigo, acorda! Fala um pouco comigo... Olha para mim! Sou o Jorge, o teu menino... Não me reconheces?

— Menino Jorge — disse Tom, abrindo os olhos e falando com voz quase extinta... E pareceu não acreditar.

Depois, lentamente, as ideias aclararam-se no seu espírito... os olhos errantes fixaram-se e tomaram brilho. Todo o seu rosto se iluminou, as mãos calosas juntaram-se e ao longo das faces deslizaram-lhe duas lágrimas.

— Deus seja louvado! Era tudo, era tudo quanto eu desejava! Não me esqueceram... Alegre a alma! Como sinto o coração feliz! Agora morro satisfeito! Bendito seja Deus!

— Não, tu não vais morrer. Não podes morrer. Eu venho resgatar-te e levo-te para a nossa casa! — disse Jorge, com ímpeto.

— Ah, Menino Jorge, chega tarde de mais! O Salvador já me comprou, e vai levar-me parajunto d'Ele, e eu vou. o céu é melhor do que Kentucky.

— Não morras, pai Tomás! Só de pensar no que sofreste, parte-se-me o coração! E ver-te deitado neste sítio horrível! Pobre, pobre e querido Tom!

— Oh, não, pobre não! — disse Tom solenemente. — Fui pobre, mas esse tempo já passou! Agora estou no limiar da glória... Oh, Menino Jorge, o céu veio ter comigo! Ganhei a batalha: o Senhor deu-me a vitória... Louvado seja o Seu nome!

Jorge estava cheio de respeito e de espanto pela força com que estas frases interrompidas eram pronunciadas por Tom... Sentia admiração e calava-se.

Tom pegou na mão do seu jovem senhor, e apertando-a entre as suas, disse:

— Não conte à Cloé o estado em que me encontrou... Pobre alma... seria para ela um golpe demasiado horrível... Diga-lhe só que me viu a caminho da Glória, e que eu não podia continuar mais tempo neste mundo. Diga-lhe que Deus está comigo, sempre e em toda a parte, e que Ele me tornou tudo fácil de suportar! E os meus pobres filhos, e a mais pequenina... Oh, o meu pobre e velho coração parte-se quando penso neles. Diga-lhes que venham ter comigo... que me sigam! Dê os meus cumprimentos ao meu bom senhor e à minha senhora, e a todos, quando voltar! Sabe, Menino Jorge, parece-me que amo toda a gente, todas as criaturas que existem... Amar... Não há mais nada no mundo! Oh, Menino Jorge, é tão bom ser cristão!

Neste momento apareceu Legree à porta do velho armazém; olhou com ar aborrecido e indiferença afectada, e depois afastou-se.

— O velho criminoso! — disse Jorge com indignação. — É com prazer que penso no dia em que o domínio o levar!

— Oh, não!... Não deve dizer isso — continuou Tom apertando a mão do jovem. — É uma criatura desgraçada!... Se ao menos ele se arrependesse, se o Senhor lhe perdoasse... Mas receio que nunca se arrependa.

— Oxalá que não — disse Jorge —, porque não quero encontrá-lo no céu.

— Ah, Menino Jorge, faz-me sofrer! Não pense assim. Ele não me fez mal... pelo contrário, abriu-me as portas do reino de Deus!

Neste momento, a força febril que a alegria de ver o seu jovem senhor dera ao moribundo desvaneceu-se para nunca mais voltar. uma súbita fraqueza venceu-o... fechou os olhos, e na face deu-se aquela misteriosa e sublime mudança que anuncia a aproximação de outros mundos...

A respiração alterou-se, tornando-se curta e difícil; o peito largo elevava-se e baixava-se com dificuldade, mas o rosto continuava com a mesma expressão serena e triunfante.

— Quem pode, quem pode afastar-nos do amor de Cristo? murmurava ele, com uma voz que lutava contra a última fraqueza... e adormeceu com um sorriso.

Jorge sentou-se, ficou imóvel e em atitude respeitosa... E fechou aqueles olhos para sempre... Quando se levantou, Legree estava de pé por detrás dele, com expressão carrancuda...

Aquela cena de morte acalmara os ímpetos do jovem. Contudo, a presença de Legree desagradava-lhe. Queria afastar-se dele e dizer-lhe o menor número de palavras possível.

Fixou no plantador os olhos negros e penetrantes e, apontando o cadáver, disse:

— Já tirou dele tudo o que era possível tirar. Quanto quer pelo corpo? Desejo levá-lo e dar-lhe uma sepultura decente.

— Não vendo pretos mortos — disse Legree, com ar arrogante. Pode enterrá-lo onde quiser e quando quiser.

— Rapazes — disse Jorge com autoridade a dois ou três negros que ali estavam a olhar para o corpo —, ajudem-me a metê-lo no meu carro. Depois dêem-me uma pá!

Um dos escravos foi a correr buscar a pá. Os outros dois ajudaram Jorge a meter o corpo no carro.

Jorge não dirigiu a Legree uma palavra, nem um olhar. Legree deixou-o dar ordens sem intervir; assobiava com uma indiferença apenas aparente... e seguiu o carro até à porta.

Jorge estendeu o seu capote no carro, e deitou sobre ele o morto, recuando o banco para ter espaço. Depois voltou-se, olhou para Legree



fixamente, e atirou-lhe com forçada calma:

— Ainda não lhe disse o que penso deste acto horroroso: não é sítio nem ocasião para isso. Mas este sangue inocente será vingado. Eu vou denunciar este crime... Irei falar com o magistrado e denunciá-lo!

— Vá, vá! — gritou Legree, encolhendo os ombros com desprezo.

— Gostava de saber o resultado! E as testemunhas? E as provas?

Jorge sentiu demasiado bem a força deste desafio! Não havia um único branco na casa, e nos tribunais do Sul o testemunho de negros não é admitido!...

— O que aí vai por causa de mais um preto morto — disse Legree. Estas palavras foram como a faísca num barril de pólvora. A prudência não era uma das virtudes do jovem de Kentucky. Jorge voltou-se para ele, e deu-lhe uma tremenda chicotada na cara, fazendo-o cair por terra. Depois, calcando-o aos pés, louco de fúria, parecia o seu glorioso homónimo, triunfante do dragão.

Decididamente, há pessoas que precisam de apanhar uma sova; atirem-nas ao chão, e ficam cheias de respeito por quem lhes bate...

Legree era dessas pessoas. Levantou-se, sacudiu o pó da roupa e seguiu com os olhos o carro que se afastava lentamente... Via-se que ficara com respeito por Jorge. E não abriu a boca enquanto ele não desapareceu no caminho.

Para lá dos limites da plantação, Jorge descobriu um pequeno montículo, seco e arenoso, à sombra de algumas árvores.

Foi ali que abriu a sepultura.

Quando tudo ficou pronto, os negros perguntaram:

— Senhor, tiramos-lhe o capote?

— Não, não, enterrem-no com ele. Pobre pai Tomás, agora é tudo quanto posso dar-te.

Tomás foi metido na cova. Os escravos taparam-na em silêncio; alisaram a modesta campa, e cobriram-na de musgo.

— Já se podem ir embora, rapazes — disse Jorge, dando-lhes algumas moedas.

Mas eles não foram.

— Se o jovem senhor nos quisesse comprar — disse um.

— Seríamos tão fiéis! — continuou o outro.

— A vida aqui é dura... Compre-nos, por favor!

— Não posso — disse Jorge, muito comovido —, não posso. — E tentava afastá-los.

Os pobres escravos ficaram muito tristes e afastaram-se em silêncio.

Jorge ajoelhou sobre a campa do seu pobre amigo.

— Deus eterno — disse ele —, Deus eterno. Juro que a partir de hoje farei tudo o que puder para libertar o meu país desta maldição da escravatura!

Nenhum monumento indica o lugar onde repousa o nosso amigo... E para quê? Deus sabe onde ele está, e irá buscá-lo um dia para o levar, imortal, à Sua santa glória.

A partir de então, Legree passou a beber mais do que nunca, tinha sempre o cérebro em brasa e praguejava com mais frequência durante o dia.

De noite, os seus pesadelos eram cada vez mais horríveis. Na noite a seguir à morte de Tom, dirigiu-se à cidade próxima para beber. Voltou tarde e esgotado.

Isso não o impediu de fechar a porta à chave e encostar-lhe uma cadeira. Pôs uma vela à cabeceira da cama e as pistolas ao lado. Examinou os trincos e as fechaduras das janelas, depois berrou que não temia anjos nem demónios.

Adormeceu porque estava cansado, e dormiu profundamente. Mas daí a pouco passou uma sombra no seu sonho, um medo vago de qualquer coisa de terrível. Julgou ver a mortalha da mãe, mas era Cassy quem a arrastava; tinha-a na mão e mostrava-a a Legree... Ele ouviu o barulho confuso de gritos e gemidos. Sabia contudo que sonhava e fazia mil esforços para acordar. Tinha a certeza de que andava qualquer coisa no quarto. Via que a

porta estava aberta. Mas não conseguia mexer os pés nem as mãos... Por fim, acordou completamente... A porta estava aberta; viu a mão de alguém apagar a vela.

A Lua estava encoberta pelas nuvens e pelo nevoeiro e, apesar disso, ele viu qualquer coisa branca que deslizava... Ouviu o roçar das vestes de um fantasma... O fantasma ficou imóvel junto da cama... Uma forte mão tocou-lhe três vezes, e uma voz que falava muito baixo, mas num tom horrível: Vem! Vem! Vem!... Suava de pavor, mas sem perceber como, a coisa desapareceu. Legree saltou da cama e correu para a porta; estava fechada e trancada... Legree desmaiou.

A partir desse dia, Legree passou a beber ainda mais. Já não bebia como antes, com prudência e medida; bebia numa fúria.

Depressa se espalhou na região a notícia de que Legree estava doente, depois, que estava a morrer. Era castigado pelos seus excessos, por aquela doença que parece projectar na vida presente a sombra dos castigos da outra vida.

Ninguém suportava os horrores da sua agonia: gritava, soluçava, praguejava.

No seu leito de morte, sombria, imóvel, inexorável, uma enorme figura de mulher estava de pé e dizia:

— Vem!... Vem!... Vem!...

## Capítulo XXXIV

### Resultados

O resto da história conta-se depressa.

Há cinco anos que Jorge e Elisa são livres. Jorge, constantemente ocupado numa oficina de mecânica, ganha o suficiente para sustentar a família, aumentada com mais uma filha.

Harry é um lindo rapaz que já vai à escola; estuda e faz progressos. Estamos numa linda casinha dos arredores de Montreal. É de noite. O lume arde na lareira. A mesa está posta para o chá sobre uma toalha branca de neve. A um canto da sala vê-se outra mesa coberta por um pano verde. Há canetas, papel, etc. ; na parede por cima da mesa, prateleiras com livros.

Este cantinho é o gabinete de Jorge.

O amor ao progresso, que o fez aprender a ler e escrever, apesar das fadigas e desalentos da sua infância, entusiasma-o a trabalhar e aprender cada vez mais.

— Então, Jorge — diz Elisa —, estiveste fora todo o dia. Larga os livros! Conversa um pouco comigo enquanto preparo o chá...

E a pequena Elisa, secundando os esforços da mãe, corre para o pai e tenta arrancar-lhe o livro das mãos e saltar-lhe para o colo.

— Minha feiticeirinha! — diz Jorge.

E cede... É o melhor que um homem faz em semelhantes casos.

— Agora sim — diz Elisa cortando uma fatia de pão. Elisajá não tem um ar tãojovem. Engordou um pouco. Penteia-se com mais austeridade. Mas parece o mais contente e feliz que uma mulher pode ser.

— Harry, meu filho, como te saiu a soma hoje? — pergunta Jorge, pondo a mão na cabeça do filho.

— Fi-la sozinho, pai; sem a ajuda de ninguém.

Harry já não usa os compridos caracóis, mas continua a ter os mesmos grandes olhos, as longas pestanas e aquela testa alta, cheia de orgulho, o orgulho triunfante com que responde ao pai.

— Está bem! — diz Jorge. — Continua a trabalhar, meu filho. És bem mais feliz do que o teu pai quando tinha a tua idade.

Alguns anos mais tarde, Jorge, a mulher e os filhos embarcaram para África. Ou nos enganamos muito, ou o mundo ainda ouvirá falar deles.

Não há grande coisa a dizer do resto das nossas personagens. Uma palavra, contudo, para a Menina Ofélia e para Topsy, e um capítulo de adeus, que dedicaremos a Jorge Shelby.

A Menina Ofélia levou Topsy consigo para Vermont. Foi grande a surpresa daquela respeitável e decidida gente a que na Nova Inglaterra chamam sempre a nossa gente. A nossa gente pensou portanto, em princípio, que Topsy era uma aquisição tão estranha como inútil para a sua casa, completamente organizada. Mas os esforços da Menina Ofélia para completar a tarefa educativa que tomara a seu cargo tinham sido coroados de tanto êxito, que Topsy ganhou rapidamente as boas graças e os favores da família e de toda a vizinhança. Quando atingiu a adolescência, pediu para se baptizar e tornou-se membro da igreja cristã da cidade. Revelou tanta inteligência, zelo e actividade, e um desejo tão grande de praticar o bem, que a mandaram como missionária para África; e aquele espírito activo e engenhoso, que fizera dela uma criança tão irrequieta, empregou-o, de maneira mais útil e mais nobre, ensinando as crianças do seu país.

## Capítulo XXXV

### O libertador

Jorge Shelby não escrevera à mãe uma única palavra a anunciar o seu regresso. Não tivera coragem de contar a cena da morte a que assistira; tentara várias vezes, mas a penosa recordação sufocava-o. Acabava sempre por rasgar o papel, limpava as lágrimas e saía para se distrair.

Toda a casa se pôs em movimento no dia marcado para a chegada do jovem senhor.

A Senhora Shelby estava sentada no salão. Um bom lume expulsava a humidade dos últimos dias de Outono. Em cima da mesa posta para a ceia brilhava a rica baixela e os cristais lapidados.

A mãe Cloé presidia a todos os arranjos.

Tinha um vestido novo de algodão com um lindo avental branco e um soberbo turbante. A sua cara negra e reluzente irradiava alegria. Demorava-se em toda a espécie de minúcias em volta da mesa, para ter o pretexto de conversar um pouco com a sua senhora.

— Como ele vai ficar contente — disse ela. — Ponho o talher dele onde ele gosta, ao pé da lareira. O Senhor Jorge gosta do quentinho. Mas porque é que a Sally não pôs a chaleira melhor, aquela que o Senhor Jorge ofereceu à senhora pelo Natal?... Vou buscá-la. A senhora teve notícias do Senhor Jorge? — perguntou ela com certa inquietação.

— Tive, Cloé. Apenas umas linhas a dizer-me que conta chegar hoje. Mais nada.

— E não falava no meu pobre homem? — perguntou Cloé, voltando as chávenas.

— Não, nada, Cloé. Diz que nos conta tudo quando chegar.

— É mesmo do Senhor Jorge!... Gosta sempre de ser ele a contar tudo. Foi sempre assim. Cá por mim, não sei como os brancos conseguem escrever tanto... É tão difícil escrever!

A Senhora Shelby sorriu.

— Já estou à espera que o meu pobre homem não conheça os filhos... E então a piquinina! Está forte agora! E é muito boazinha e bonita, muito bonita! Ficou em casa a vigiar o bolo... Fiz-lhe um bolo mesmo como ele gosta... Tal e qual como o daquela manhã em que se foi embora! Meu Deus, o que eu sofri nessa manhã!

A Senhora Shelby suspirou. Tinha um peso no coração. Estava inquieta desde que recebera a carta do filho...

Pressentia qualquer desgraça por detrás daquele silêncio.

— A senhora guardou as notas? — perguntou Cloé, preocupada.

— Guardei, sim, Cloé.

— É porque eu quero mostrar as notas ao meu pobre homem, as mesmas que o fabricante me entregou... Cloé! — disse-me ele — e gostava que ficasses aqui mais tempo — Obrigada, senhor — disse-lhe eu —, mas o meu pobre homem vai voltar e a senhora não me pode dispensar por mais tempo. Foi mesmo assim que eu disse... É um bom homem, o Senhor Jones.

Cloé insistira em conservar as notas com que lhe tinham pago os ordenados, a fim de as mostrar ao marido como prova dos seus talentos. A Senhora Shelby acedera de boa vontade em fazer-lhe esse favor.

— O meu homem ainda não conhece a Polly... Não, não a conhece!... Foi há cinco anos que o levaram!... Ainda ela era bebé... Nem sequer andava. Lembra-se, minha senhora, do medo que ele tinha quando ela queria andar... Pobre homem!

Ouviu-se o ruído de um carro.

— É o Senhor Jorge — E Cloé correu à janela.

A Senhora Shelby correu à porta do vestíbulo; apertou o filho nos braços. Cloé, imóvel, tentava com os olhos atravessar as trevas da noite.

— Pobre mãe Cloé! — disse Jorge, muito emocionado.

Segurou a mão negra entre as suas.

— Daria de boa vontade a minha fortuna para o trazer comigo; mas ele foi para um mundo melhor.

A Senhora Shelby deixou escapar um grito de dor.

Cloé não disse nada.

Entrou na sala de jantar.

O dinheiro de Cloé estava ainda em cima da mesa.

— Agora — disse ela apanhando as notas e estendendo-as à sua senhora com a mão a tremer... -já não é preciso mostrar-lhas, nem falar no assunto... Eu sabia que isto ia acontecer... Vendido e morto nessas velhas plantações!

Cloé voltou-se e saiu da sala, muito direita... A Senhora Shelby seguiu-a, pegou-lhe na mão e fê-la sentar-se numa cadeira ao seu lado.

— Minha pobre e boa Cloé!

Cloé encostou a cabeça ao ombro da sua senhora, e soluçou.

— Desculpe, minha senhora! Parte-se-me o coração... é só isso!

— Compreendo, Cloé — disse a Senhora Shelby, lavada em lágrimas.  
— Não posso consolar-te... Mas Jesus pode: Ele acode aos aflitos e sara todas as feridas...

Houve alguns instantes de silêncio e todos choraram. Finalmente, Jorge sentou-se ao pé da escrava e com uma eloquência cheia de simplicidade, descreveu aquela cena de morte, gloriosa como uma apoteose, e repetiu as palavras de amor e ternura da última mensagem do pai Tomás.

Passado um mês, todos os escravos da casa Shelby estavam reunidos no grande salão, para ouvirem uma comunicação do seu jovem senhor.

Qual não foi a sua surpresa quando o viram aparecer com um maço de papéis. Eram as suas cartas de alforria; leu-as a todos sucessivamente e entregou-as a cada um. Ouviram-se choros, soluços e vivas!

Muitos, todavia, pediram-lhe para não os mandar embora; acotovelavam-se em sua volta e queriam obrigá-lo a receber novamente as cartas.



— Não precisamos de mais liberdade do que já temos; não queremos abandonar a nossa velha casa, nem o senhor, nem a senhora, nem tudo o resto.

— Meus bons amigos — disse Jorge, assim que conseguiu um momento de silêncio —, não precisam de me deixar, a quinta precisa de tantas mãos como antes; mas vocês, homens e mulheres, são todos livres... Pagarei pelo vosso trabalho os ordenados que se combinarem. Se eu morrer ou ficar arruinado, vocês terão pelo menos a vantagem de não poderem ser vendidos. Eu fico à frente da propriedade e ensino-os a usar os vossos direitos de homens livres. Vai levar tempo! Mas espero que sejam bons e estejam dispostos a aprender. E agora, meus amigos, levantem os olhos para o céu, e agradeçam a Deus o dom da liberdade.

Um velho negro, de cabelos brancos, que envelhecera na quinta e que estava cego, levantou-se, estendeu as mãos a tremer e exclamou:

— Agradeçamos ao Senhor! — Todos ajoelharam. Nunca Te Deum mais emocionante e mais sincero se elevou aos céus. É certo que não tinha a acompanhá-lo a música imponente do órgão, nem o toque dos sinos ou o troar do canhão; mas partia de corações puros.

— Só mais uma palavra — disse Jorge terminando com os agradecimentos. — Lembrem-se do nosso bom pai Tomás?

Fez-lhes depois a rápida descrição da sua morte, e transnitiu a despedida que ele enviara a todos os habitantes da quinta.

E acrescentou:

— Foi sobre a sua campa, amigos, que jurei perante Deus nunca mais possuir um só escravo, enquanto pudesse libertá-lo... e que ninguém, por minha causa, correria o risco de ser arrancado ao seu lar e à família, para ir morrer, como ele morreu, numa plantação abandonada... Amigos, todas as vezes que sintam a alegria de serem livres, lembrem-se de que devem a liberdade a essa pobre e boa alma, e paguem a vossa dívida de ternura à mulher e aos filhos dele... Pensem na vossa liberdade cada vez que passarem pela cabana do pai Tomás; que ela vos recorde o exemplo que ele nos deu. Sigam-lhe as pisadas e, como ele, sejam honestos, fiéis e cristãos.

Fim

{} Os quakers tratam toda a gente por tu. (N. do T.)